

# **Inventário e Valorização do Património Arqueológico do Concelho da Chamusca – da época Romana à época Moderna**

**Raquel Maria Sousa Lázaro**

**Relatório de Estágio de Mestrado em Arqueologia**

**Edição revista após prova pública**

**Setembro, 2015**

## DECLARAÇÕES

Declaro que este Relatório é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

---

Lisboa, 29 de setembro de 2015

Declaro que este Relatório se encontra em condições de ser apreciado pelo júri a designar.

O (A) orientador(a),

---

Lisboa, 29 de setembro de 2015



Relatório apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arqueologia, realizado sob a orientação científica da Doutora Catarina Tente





*À minha Família e Amigos,*

*Em memória do meu avô Fernando Lázaro*



## **Agradecimentos**

A realização e concretização deste relatório fecha um ciclo muito determinante e importante da minha vida. Uma etapa que se iniciou na licenciatura e se finaliza, de certo modo, com este trabalho. Não seria possível efetuar o estudo aqui apresentado sem o apoio, o incentivo e a colaboração de várias pessoas e entidades que me acompanharam neste percurso, às quais devo o mais profundo e sincero agradecimento.

À minha orientadora, a Professora Dr.<sup>a</sup> Catarina Tente, agradeço profundamente ter aceite, desde logo, orientar este trabalho. Destaco, também, a confiança que depositou em mim, sapiência, disponibilidade, paciência e encorajamento que partilhou comigo ao longo de toda esta etapa. Obrigada por ter estado sempre a meu lado a apoiar-me incondicionalmente.

Agradeço, igualmente, à Câmara Municipal da Chamusca por ter permitido a realização deste estágio e pelo apoio prestado. Ao Sr.<sup>o</sup> Presidente Paulo Queimado pelo apoio e confiança depositados em mim desde o início, fator determinante para que este projeto passasse do papel para o campo; à Dr.<sup>a</sup> Sílvia Lopes por toda ajuda e disponibilidade concedida ao longo do estágio; à Dr.<sup>a</sup> Margarida Ferreira pela ajuda na elaboração da cartografia; à Dr.<sup>a</sup> Helena Petisca pela ajuda no manuseamento do GPS; às minhas colegas da Biblioteca Municipal da Chamusca que me acompanharam e me apoiaram durante os meses de estágio e a quem deixo um agradecimento especial pela amizade e por me terem feito sentir “em casa” num lugar que não era meu. Agradeço, também, a todos os funcionários da Câmara Municipal, de todos os departamentos, que me ajudaram diretamente ou indiretamente neste trabalho e que tive a oportunidade de conhecer durante o estágio.

Não posso deixar de salientar ainda duas das pessoas responsáveis pelo meu sucesso na realização deste trabalho durante o estágio na Chamusca, a quem agradeço muito sinceramente e deixo a minha palavra de reconhecimento profundo. À Dr.<sup>a</sup> Paula Pinhão Ribeiro, pelo tempo que disponibilizou para partilhar comigo todo o seu conhecimento, por ter estado ao meu lado durante todos os meses de trabalho de gabinete, e especialmente a amizade e carinho que recebi ao longo desse tempo. Ao João Paulo Salvador, pelo companheirismo, amizade, paciência e ensinamentos durante os meses de

prospecção, durante o tempo passado entre cabeços e caminhos de terra batida, a ler e a perceber o terreno.

Agradeço também a todos os Presidentes de Juntas de Freguesia e a todos os habitantes do concelho da Chamusca, que me ajudaram a relocalizar muitos dos sítios arqueológicos. Sem eles não seria possível a realização deste trabalho. Estendo também este agradecimento ao Dr.º Jaime Marques por toda a informação disponibilizada e ajuda sobre a freguesia de Ulme. À minha prima e amiga Alice Lázaro pela ajuda na freguesia de Vale de Cavalos. Aos donos das propriedades e aos seus respetivos caseiros que me autorizaram e ajudaram nos seus terrenos.

Um especial obrigado aos meus colegas de licenciatura e mestrado que estiveram sempre ao meu lado durante esta etapa, nomeadamente, à Catarina Ferreira, à Bé dos Santos, à Ana Filipa Ferreira, à Catarina Meira e à Sofia Pereira pelo suporte moral, a amizade, a interajuda, mas essencialmente pelo incentivo e apoio nos momentos mais desmoralizantes e árduos. À Sara Prata pelas conversas, sugestões e apoio técnico; à Patrícia Castanheira pela amizade e pelo resumo em inglês; ao Filipe Carvalho toda a paciência e ajuda informática; ao João Louro pelas horas passadas a rever os erros ortográficos deste trabalho, pela amizade e apoio que me deu incansavelmente; à minha prima Elisa Lopes, pela amizade e por me ter cedido a casa na Chamusca; ao Luís Ateba, pelo apoio e carinho, por ter estado ao meu lado e por me ter ouvido.

Por último, mas deveras o mais importante, aos meus pais, ao meu irmão, aos meus avós Sousa, à minha avó Tina, à minha tia Quina e à minha prima Andreia, a quem dedico este trabalho. Não tenho palavras para descrever o meu agradecimento. O apoio, a força, o encorajamento e o amor incondicional que me deram foi o mais essencial para que elaborasse e terminasse esta etapa. Sem eles não teria sido possível. Aos meus amigos (eles sabem quem são) que me apoiaram inteiramente nesta jornada e a quem dedico também este trabalho.

Às pessoas que diretamente e indiretamente ajudaram na concretização deste trabalho, deixo aqui expressa a minha mais sincera palavra de reconhecimento e agradecimento. A todos um muito obrigado!

# **Inventário e Valorização do Património Arqueológico do Concelho da Chamusca – Da época Romana à época Moderna**

**Raquel Maria Sousa Lázaro**

## **Resumo**

**PALAVRAS-CHAVE:** Salvaguarda, Proteção Patrimonial, Ribatejo, Lezírias do Tejo, Património Vernacular e Religioso, Toponímia e Prospeção.

O presente relatório resulta do estágio efetuado na Câmara Municipal da Chamusca. O mesmo teve como objetivo a realização de um inventário do património arqueológico do concelho da Chamusca, centrado nos períodos da época Romana à Moderna, elaborando conjuntamente uma observação sobre o respetivo povoamento do território.

O inventário realizado compilou toda a informação identificada nas fontes bibliográficas nos documentos da época já publicados e nas informações orais que se foram recolhendo. Posteriormente, procedeu-se à confirmação dos dados no terreno, através de uma prospeção dirigida aos sítios nos quais havia indícios de ocorrências patrimoniais.

O desenvolvimento deste projeto e deste tipo de investigação possibilitou a identificação/relocalização de um número muito significativo de sítios e potenciais sítios arqueológicos, num total de 136 sítios. O seu inventário foi sistematizado e permitiu, assim, a compilação do conhecimento do património arqueológico deste município, contribuindo diretamente para a sua salvaguarda, preservação e valorização junto da comunidade. A autarquia passou agora a ter um instrumento essencial para a definição das políticas de salvaguarda do património, bem como para a definição das estratégias de desenvolvimento do seu território.

## **Abstract**

**KEYWORDS:** Safeguarding, Heritage Protection, Ribatejo, Lezírias of the Tagus, Vernacular and Religious Heritage, Toponymy and Prospection.

The following dissertation results from the report written on the internship developed by the author in the municipality of Chamusca. The main goal of said internship was to inventory Chamusca's archaeological sites and available materials, from the Roman Age up to the Modern Ages, as well as in loco confirmation of settlement strategies for the period under analysis.

The inventory compiles both the information from bibliographic sources and historical documentation, as well as personal information shared by the locals. All available data was verified resorting to field surveys and in loco confirmation.

The approaches and methodologies used in this project propiciated the (re) identification of a considerable amount of archaeological sites/occurrences, adding to a total of 136 sites. The standardization of terminology and content allowed for the compilation of all known local archaeological heritage, thus contributing for its safeguard, preservation and social valorization. The municipality now has a valuable tool for defining educated heritage policies, as well as development strategies for its territory.

# Índice

1. Introdução.....	1
1.1. Justificação da escolha da temática e estágio e objetivos .....	1
1.2. Enquadramento na instituição.....	2
2. Metodologia .....	5
3. Características físicas e ambientais do Município da Chamusca.....	15
3.1. Enquadramento Político-administrativo .....	15
3.2. Geologia e Geomorfologia.....	16
3.3. Hipsometria.....	17
3.4. Hidrografia.....	17
3.5. Clima.....	18
3.6. Pedologia, Fitogeografia e Flora.....	19
3.7. Fauna.....	20
4. História da Investigação arqueológica no Concelho da Chamusca.....	21
5. Dados arqueológicos: análise quantitativa .....	29
6. O povoamento no concelho da Chamusca ao longo das épocas .....	37
6.1. Época Romana .....	37
6.1.1. Época Tardo-Romana .....	42
6.2. Época Medieval .....	43
6.2.1. Alta Idade Média .....	43
6.2.2. Época Medieval Muçulmana .....	44
6.2.3. Baixa Idade Média.....	45
6.3. Época Moderna .....	49
6.3.1. Edifícios Religiosos.....	51
6.3.2. Edifícios Urbanos .....	53



6.3.3. Engenhos Rurais .....	54
7. Considerações finais.....	59
8. Bibliografia.....	63

## ANEXOS

I - Modelo da Base de Dados e Ficha de Sítio

II - Inventário dos Sítios Arqueológicos

III - Cartografia

IV - Gráfico

## **Lista de Abreviaturas**

CMP – Carta Militar de Portugal

CNS – Código Nacional de Sítio

DGPC – Direção Geral do Património Cultural

EM – Estrada Municipal

EN – Estrada Nacional

IGESPAR - Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico

IHRU - Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana

KM – Quilómetros

N.º IPA – Número do Inventário do Património Arquitetónico

PDM – Plano Diretor Municipal

SÉC.: - Século

SIG – Sistemas de Informação Geográfica

SIPA – Sistema de Informação para o Património

WGS84 – World Geodetic System 1984



# 1. Introdução

## 1.1. Justificação da escolha da temática e estágio e objetivos

Atualmente, o Município da Chamusca não detém um documento síntese sobre o património arqueológico existente no território concelhio que possibilite elaborar uma leitura da ocupação integral do território no que diz respeito à população humana. A sua inexistência impossibilita, igualmente, uma adequada gestão de todo o território em virtude de não existir um conhecimento sistematizado de sítios arqueológicos. Tal inviabiliza a própria monitorização da integridade dos sítios, determinando a não existência de medidas de minimização que promovam a proteção deste património face a possíveis impactos prejudiciais, decorrentes de obras ou alterações de uso do solo.

A realização do estágio teve por objetivo central preencher esta lacuna de conhecimento, que vem desde há muitos anos e que resultou do fraco investimento no conhecimento do património arqueológico, quer por parte da edilidade quer dos investigadores que não se têm interessado, particularmente, por este território. A criação deste instrumento de trabalho nasce de uma tentativa de auxiliar o saber, a divulgação, proteção e gestão do património histórico-arqueológico do Município da Chamusca.

Reconhecendo, desde o início do estágio, que o Concelho da Chamusca tem um elevado potencial arqueológico, procedeu-se à elaboração de um programa de Estágio curricular com vista à obtenção do grau de Mestre em Arqueologia, realizado na Câmara Municipal da Chamusca.

Este trabalho teve como objetivo elaborar o inventário do património arqueológico no atual território pertencente ao concelho da Chamusca, com incidência particular entre as cronologias de época Romana até à época Moderna, terminando no séc.: XVIII. A escolha deste intervalo cronológico prende-se com a familiaridade que a investigadora tem com estes períodos. Ao abordarmos a época Moderna neste trabalho foram considerados, também, os edifícios de cariz religiosos, sociais e económicos. Estes edifícios foram objeto de diversas intervenções ao longo dos tempos, facto que determinou alterações estruturais e funcionais. No entanto, devemos ter em conta que o seu simbolismo histórico e patrimonial encontra-se ainda presente, necessitando de ser

inventariado como elemento a constar do planeamento territorial e da política de proteção do património cultural.

Para complementar o objetivo base de inventariar o património arqueológico concelhio foram ainda estabelecidos outros objetivos suplementares:

1. Contribuir para a salvaguarda, valorização e divulgação do património do concelho através da elaboração de um documento síntese, nomeadamente este relatório;
2. Obter dados sobre os padrões de ocupação e povoamento do território, para viabilizar uma análise interpretativa da ocupação do espaço ao longo dos períodos em que me debrucei;
3. Promover a incorporação do inventário do património arqueológico, recolhido com este trabalho, no Plano Diretor Municipal (PDM) que se encontra atualmente em revisão.

## 1.2. Enquadramento na instituição

O estágio deste relatório foi elaborado na Câmara Municipal da Chamusca, tendo sido orientado pelo Sr.º Presidente da Câmara Municipal da Chamusca, Dr.º Paulo Queimado.

Esta instituição é o órgão executivo municipal concentrando todo um conjunto de departamentos e serviços ligados à administração municipal, enquadrando-se na Administração Pública Portuguesa, neste caso a Entidade Pública da Chamusca perante o Governo Português.

A Câmara Municipal da Chamusca é um órgão autárquico que se rege pela seguinte missão: (...) *regulamentar e gerir os fins de interesse público municipal que estão sob sua responsabilidade, no sentido de prossecução da defesa dos interesses dos cidadãos e da satisfação das suas necessidades. Nesse sentido, cabe-lhe promover o desenvolvimento do município de forma a melhorar as condições de vida, de trabalho e de lazer dos seus habitantes, tendo presente a coesão social e territorial.*

*É determinante para a Câmara Municipal de Chamusca que se mantenham íntegras e coesas as áreas fundamentais para a qualidade de vida dos seus munícipes*

*tais como: a saúde, a educação, a ação social e habitação, o ambiente e saneamento básico, o ordenamento do território e urbanismo, os transportes e as comunicações, o abastecimento público, o desporto e a cultura, a defesa do consumidor e a proteção civil.*

*Pretende-se que o Município seja reconhecido como uma instituição de referência pelo bom desempenho da gestão pública em todas as atividades desenvolvidas, tanto pela sua eficiência, como pela sua eficácia, através da capacidade de dar resposta aos objetivos de desenvolvimento do concelho e às necessidades dos seus munícipes (S.A., 2014, p.7).*

O estudo aqui realizado está de acordo com as linhas acima descritas podendo ser visto como um contributo ao nível do património cultural, criando condições de usufruto para a comunidade (em termos de conhecimento da História local e da promoção turístico-cultural) e promovendo a sua conservação para as gerações futuras.

Este estágio foi inserido na Divisão Municipal de Intervenção Social, no departamento da Biblioteca e Arquivo Histórico.

O enquadramento deste estágio neste departamento prende-se por este ser a unidade responsável pela gestão e promoção do património cultural ao nível concelhio.

O estágio realizado dividiu-se em duas fases: uma primeira fase, de recolha documental e cartográfica que se realizou nas instalações da Biblioteca Municipal Ruy Gomes da Silva; e uma segunda fase, em que se realizaram os trabalhos de campo, contando com o apoio da Câmara Municipal da Chamusca através da cedência de um veículo para me deslocar aos locais e, ainda, um funcionário com vasta experiência em topografia e um sólido conhecimento do terreno em questão, que me acompanhou durante todo o trabalho de campo.



## 2. Metodologia

Um dos pontos essenciais da Arqueologia é sem dúvida o trabalho de campo. Segundo Drewett, quando falamos de trabalho de campo estamos, de certo modo, a referimo-nos ao trabalho que se elabora efetivamente no campo. Trata-se de uma suposição que não é totalmente correta, pois existe o elemento pré-campo (o chamado *trabalho de gabinete*) que tem de ser considerado e, ainda, o elemento pós-campo onde integramos a análise e publicação dos dados recolhidos. Quando mencionamos o trabalho de campo não quer dizer que estejamos diretamente a falar de escavação. Este termo é usado aqui muitas vezes para referir a prospeção arqueológica. Enquanto usado dessa forma, refere-se, essencialmente, a uma série de técnicas de trabalho de campo não intrusivas para se poder proceder à localização de sítios arqueológicos (DREWETT, 1999, p. 3-4).

O planeamento de trabalhos de prospeção arqueológica é tão rigoroso e elaborado como o de uma escavação. Se observamos as etapas principais que são propostas por Shafer, o trabalho de campo passa por sete premissas: formulação da problemática do sítio; implementação do mesmo; aquisição de dados; processamento, análise e interpretação dos dados; e por fim a publicação da toda a informação recolhida e tratada (SHAFER, 1997, p. 22). A prospeção por nós realizada teve por base esses passos, pois todos eles encaixam no planeamento dos objetivos que foram traçados com a respetiva metodologia adequada à problemática de enquadramentos dos locais que foram equacionados de acordo com o plano de trabalho.

Como já foi referido, anteriormente, este tipo de trabalho de campo, uma prospeção no terreno de carácter não intrusivo e não destrutivo, tem vindo a ser cada vez mais praticado. Através dele é possível passarmos à identificação de sítios arqueológicos ou com potencial arqueológico e, por vezes, a única forma de compreendermos o povoamento do território em estudo, bem como a sua cronologia e tipologia. Seguindo esta linha de pensamento, verificamos que a prospeção tem um papel essencial no que diz respeito à proteção, salvaguarda e conservação de sítios arqueológicos. Neste sentido, estamos confrontados com uma arqueologia preventiva que, através da prospeção, identifica, cartografa, inventaria e salvaguarda, muitas das vezes através das cartas arqueológicas ou de património, os vestígios do nosso passado. A prospeção pode ainda



ser vista como essencial para a leitura da paisagem antrópica, contribuindo assim de forma nuclear para o desenvolvimento da Arqueologia da Paisagem e Espacial nas suas abordagens e perspectivas (RENFREW e BANH, 1991, p. 67; ASHMORE e KNAPP, 1999, p. 21).

O panorama ideológico e metodológico em que podemos assentar o trabalho de campo arqueológico, nomeadamente as prospeções, segue o mesmo quadro evolutivo da arqueologia em geral. A prospeção não só se tornou fulcral para o estudo da Arqueologia da Paisagem e Espacial mas, também, é apontada como o grande impulso que levou a uma implementação crescente de estudos regionais, sendo um dos maiores motivos para o desenvolvimento e afirmação científica da prospeção. Este tipo de trabalho de campo foi evoluindo, passando de uma etapa preliminar do processo para começar uma escavação, para uma área independente de pesquisa, onde a produção de conhecimento é diferente daquela que se obtém com uma escavação. Esta investigação responde a questões concretas que no caso de um estudo regional se tornam mais essenciais do que proceder a uma escavação (RENFREW e BANH, 1991, p. 70).

Para que seja realizado um trabalho de prospeção a nível regional, como é o caso que se elaborou para o município da Chamusca, foi preciso efetuar um *trabalho de gabinete* que implicou a demarcação da área a ser abrangida para este estudo. Procedeu-se à recolha de dados sobre a área em causa, elaborando os objetivos que foram alcançados juntamente com a metodologia que foi usada em campo, seguindo a morfologia e características do recinto estudado.

A necessidade da inventariação dos sítios arqueológicos no município da Chamusca não passou apenas por identificar os sítios arqueológicos ou com potencial arqueológico, passou também por análise da paisagem e do espaço através da distribuição, ocupação e exploração do Homem ao longo dos séculos neste território.

Foi com esse objetivo em mente que se traçaram e organizaram todas as etapas necessárias de uma forma coesa, para que nenhum dado ou informação fossem ignorados ao longo de todo o projeto.

Para proceder à prospeção da área correspondente ao concelho da Chamusca, que tem cerca de 746 Km<sup>2</sup>, foi proposta uma abordagem do território organizada e uniformizada seguindo a estrutura dos novos limites administrativos que derivaram da Reorganização Administrativa do Território das Freguesias (2013) do concelho da

Chamusca. Seguindo essa estrutura, o concelho ficou com cinco freguesias, pelo que se optou por usar esses mesmos limites na divisão do território para orientar a prospeção e ajudar a compreender a própria dinâmica geográfica da região (Tabela I):

<b>Freguesias do Município da Chamusca (de Norte para Sul):</b>
<b>Carregueira</b>
<b>União das Freguesias da Chamusca e Pinheiro Grande</b>
<b>Ulme</b>
<b>Vale de Cavalos</b>
<b>União das Freguesias de Parreira e Chouto</b>

Tabela I. Zonas alvo de prospeção no decurso dos trabalhos.

O relatório foi redigido seguindo a divisão administrativa, visto que cada freguesia foi abordada individualmente. A divisão administrativa tem na sua base elementos que são essenciais para o trabalho de campo, tais como, a morfologia, a topografia do terreno e da sua paisagem envolvente, como depressões, elevações, recursos hídricos, etc., bem como os topónimos e micro-tóponimos resultantes da recolha de dados cartográficos.

Com esta delimitação do território que foi alvo das ações de prospeção, foi necessário definir o que nós considerámos como sítio arqueológico: (...) *a classificação de sítio arqueológico é empregue sempre que no terreno se encontrou uma concentração de materiais ou de estruturas que determinassem ocupação humana pretérita. Em algumas situações foram considerados como ocorrências arqueológicas alguns achados avulsos deslocados do seu local original, e despromovidos de contexto arqueológico (nomeadamente mós, marcos miliários, inscrições, entre outros)* (LARANJO, 2014, p. 11). Esta descrição de sítio arqueológico, dada por Rita Laranjo, é a que se enquadra melhor com o que é possível encontrar no município da Chamusca.

A pesquisa efetuada, na variada documentação a que tivemos acesso, permitiu uma recolha de dados essenciais para a preparação dos trabalhos de prospeção.

Primeiramente, a recolha de informação passou por uma pormenorizada e detalhada recolha da documentação bibliográfica sobre o território, com a finalidade de reunir dados que se encontram dispersos na documentação já publicada sobre locais com

potencial arqueológico ou com interesse arqueológico. É de frisar que a prospeção elaborada assentou, maioritariamente, em informações adquiridas através de fontes da historiografia local. Das obras e fontes consultadas, destacamos algumas em particular: os dados mencionados em “*As Grandes Vias da Lusitânia (O Itinerário de Antonino Pio)*” de Mário Saa; obras locais como a “*A História da Chamusca*” de João J. Samouco da Fonseca e “*Vila de Rei com Val de Cavalos – A Charneca*” de Alice Lázaro; entre outras obras e textos publicados em jornais e monografias por outros autores locais, como Jaime Marques nas várias obras elaboradas sobre Ulme; o Portal do Arqueólogo ([arqueologia.igespar.pt](http://arqueologia.igespar.pt)) com a base de dados dos sítios nacionais arqueológicos – *Endovélico*, da Direção-Geral do Património Cultural (DGCP) – (que em 2015 possui para o Concelho da Chamusca a referência a dezasseis sítios); a base de dados *on-line* do SIPA (Sistemas de Informação para o Património Arquitetónico) no site ([www.monumentos.pt](http://www.monumentos.pt)) – (que em 2015 possui para o Concelho da Chamusca a referência a sessenta sítios); e o Plano Diretor Municipal (PDM) que se encontra disponibilizado *on-line* no site da Câmara Municipal da Chamusca ([www.cm-chamusca.pt](http://www.cm-chamusca.pt)) (que atualmente se encontra em fase de revisão, e para o qual este projeto pretendeu contribuir diretamente).

Para além desta recolha e consulta bibliográfica, e de fontes, foi necessário e essencial passar, também, pela leitura de toda a documentação cartográfica disponível que existe sobre o território do concelho em causa. A consulta desta documentação veio dar-nos não só uma leitura das características do terreno (através da orografia, hidrografia, etc.) que nos ajudou a ter uma melhor perceção dos sítios arqueológicos, bem como nos levou a identificar potenciais locais onde se poderiam localizar novos sítios. A consulta cartográfica foi, também, um dos instrumentos mais úteis e indispensáveis para as ações de prospeção. Procedemos à consulta das Cartas Militares à escala 1:25 000 e dos Ortofotomapas à escala 1:10 000. Há ainda que mencionar a consulta do *Geo Portal do Municipal da Chamusca* ([websig.cm-chamusca.pt](http://websig.cm-chamusca.pt)) onde foi possível ter acesso a plantas de localização e mapas estatísticos. Toda a cartografia disponível para o concelho foi indispensável para a compreensão do território e das áreas prospetadas, bem como foram um bom elemento de orientação e localização no terreno e dos sítios.

Outro tipo de fonte que foi valorizada ao longo deste processo e, especialmente, durante a prospeção foram os testemunhos orais que se recolheram em cada uma das freguesias do concelho, quer da população mais rural, quer da população mais idosa. A

compilação deste tipo de informação centrou-se na recolha de depoimentos e dados que nos conduzissem a potenciais sítios arqueológicos ou achados isolados. O conhecimento popular sobre prováveis sítios arqueológicos ou achados arqueológicos liga-se com a transmissão de tradições e costumes, bem como de histórias e lendas que se podem encontrar ligadas a vestígios do passado. Esse conhecimento fica aprisionado na memória das coisas “algo antigas” que surgiram durante um trabalho agrícola ou obras, ou no conhecimento que detêm sobre os locais ou património que outrora existiram mas que já desapareceram. Para estes pontos referidos, os testemunhos orais são para além de essenciais, preciosos, pois por vezes é a única forma de chegar a informações e locais que se vão perdendo na memória do tempo.

Foi tido em consideração que existiram, naturalmente, locais apontados não só pela bibliografia mas, também, através de relatos orais da população, que poderão ter existido e que hoje em dia já não foi possível confirmar no terreno devido às alterações da paisagem ou/e à destruição dos vestígios. No entanto, nestes casos, foi tido em conta a informação recolhida e foram, igualmente, integrados no inventário.

Com a determinação dos objetivos executados, juntamente com a fixação do panorama temporal e geográfico para o estudo aqui apresentado e, simultaneamente, a descrição da recolha documental, passamos, agora, para o estabelecimento da metodologia de prospeção mais adequada para este tipo de estudo aqui exposto.

No que diz respeito ao trabalho de campo podemos distinguir muito sumariamente dois tipos metodológicos de prospeção: a extensiva e a intensiva (RENFREW e BANH, 1991, p. 74-75).

A aplicação destes métodos no campo depende, essencialmente, do objetivo do projeto a desenvolver, a cronologia em que se insere o levantamento, a seleção da área a prospetar, a estrutura da equipa de trabalho e os meios disponíveis para realizar os trabalhos (BICHO, 2006, p.90).

Relativamente à seleção da área que foi prospetada podemos classificá-la como uma unidade de prospeção institucional, por esta se encontrar delimitada através de uma divisão política do espaço (BICHO, 2006, p. 91), ou seja, a área administrativa do concelho da Chamusca. Foi através da pesquisa, anteriormente referida, que se reuniram dados para a identificação e relocalização de sítios arqueológicos ou de locais com potencial arqueológico.

O tamanho da área a prospectar foi determinante para todas as posteriores atividades de campo. Tivemos em consideração o grau de intensidade de prospeção da área estudada, juntamente com o financiamento da mesma atividade. É nesta perspectiva que é possível proceder a dois tipos de prospeção, como já foi referido anteriormente. As prospeções do tipo intensivo são mais intensas e acarretam uma análise da superfície do terreno através de uma malha muito detalhada, em que o espaço entre os prospectores é reduzido. É, por isso, mais dispendiosa em termos de recursos humanos especializados e mais morosa do que uma prospeção de menor intensidade, isto é, de uma prospeção do tipo extensivo (BICHO, 2006, p.97-98).

No trabalho de campo efetuado, o tipo de prospeção utilizado foi, maioritariamente, de tipo extensivo, porque apenas foram percorridos locais previamente selecionados como espaços arqueológicos ou com potencial arqueológico. Este tipo de prospeção tem vindo a ser desenvolvido para a elaboração de várias cartas arqueológicas (LARANJO, 2014, p. 13). É de referir que, em certos momentos do trabalho, se realizou uma mistura dos dois tipos de metodologia de prospeção, sendo que estes foram efetuados dependendo do quadro específico que um ou outro sítio necessitou.

Há que referir que na prospeção efetuada, não foram utilizados sistemas de amostragem, ou critérios probabilísticos; muito menos de uma prospeção “casual”, pois esta foi especificamente orientada de um alvo escolhido através de um trabalho de investigação prévio já descrito (CARNEIRO, 2005, p. 25).

Face às características da área que foi prospectada, tivemos que dar particular atenção à acessibilidade. Foi, por isso, tido em conta o número de estradas, caminhos e vias que levavam aos locais; bem como se o coberto vegetal permitia (ou não) chegar ao ponto pretendido. Teve ainda de ser considerado se os terrenos estavam vedados e que tipo de animal pastava nesses terrenos, pois o gado bovino, principalmente o de tipo taurino, pode dificultar ou impedir acessos. Nos casos dos terrenos vedados foi preciso proceder ao pedido de autorização junto dos proprietários. Nos casos em que a autorização não foi obtida, tivemos que considerar que se tratavam de áreas não visualizadas, ou seja, em que há uma lacuna de conhecimento. Para além destas limitações considerámos as condições climáticas, tais como a precipitação, que condicionou o calendário de trabalhos de campo e o tempo dedicado a cada sítio.

Face ao mencionado, a metodologia escolhida e apresentada está de acordo com os objetivos da investigação, com a linha temporal que foi seguida e com as particularidades do terreno prospetado.

A prospeção decorreu entre abril e junho de 2015, tendo como ponto inicial a realocização dos sítios arqueológicos identificados e inventariados no *Endovélico*, disponível no Portal do Arqueólogo (DGPC)<sup>1</sup>; e também os disponíveis na base de dados do SIPA (do Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, I.P. | IHRU)<sup>2</sup> e no Plano Diretor Municipal datado de 1995. Considerámos, igualmente, os dados referentes ao Património Arquitetónico do município disponíveis no inventário disponibilizado pelo *site* da Câmara Municipal da Chamusca<sup>3</sup>. Nesta primeira fase de realocização tivemos, também, em consideração os dados recolhidos com a pesquisa bibliográfica, cartográfica e fontes locais.

Os trabalhos de campo foram efetuados a pé, prospetando-se os locais onde havia referência à existência de vestígios arqueológicos ou locais com potencial arqueológico. As deslocações até aos mesmos foram feitas através de um veículo cedido pela autarquia exclusivamente para este fim. A equipa foi constituída por duas pessoas quase na sua totalidade do tempo, mas em alguns casos foi feita individualmente.

Todos os locais foram registados fotograficamente, fazendo-se o registo não só do enquadramento paisagístico mas, também, de pormenor, documentando todos os vestígios identificados. Em alguns casos registaram-se, igualmente, outros elementos que se acharam relevantes para o conhecimento do sítio.

Para além deste registo não intrusivo, foram, também, recolhidas as coordenadas geográficas para se proceder à georreferenciação, não só na Carta Militar de Portugal 1: 25 000 para se ter uma visão espacial do sítio, mas também para se proceder à introdução dos dados em *SIG*. Estes dados serão, posteriormente, acrescentados ao PDM do Município da Chamusca que está em revisão. As coordenadas foram recolhidas por um aparelho GPS disponibilizado pela autarquia (modelo *Trimble GeoXT*) e foram retiradas segundo o sistema WGS84 (World Geodetic System de 1984).

---

<sup>1</sup> URL: <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt>

<sup>2</sup> URL: <http://www.monumentos.pt>

<sup>3</sup> URL: [www.cm-chamusca.pt](http://www.cm-chamusca.pt)

Para o registo do inventário dos sítios foram elaborados, previamente, critérios para a composição de uma ficha de sítio. Os formulários elaborados têm por base as fichas de sítio do IGESPAR, tendo sido modificados e ajustados alguns campos para este estudo específico. A acompanhar esta ficha de sítio existe sempre a localização cartográfica e o registo fotográfico.

Após o trabalho de campo, retomou-se o *trabalho de gabinete*. Procedeu-se à informatização de toda a informação recolhida com o trabalho de campo, reunindo todos os elementos na base de dados, sendo depois elaborado o cruzamento de dados no *SIG*, no programa *ArcGIS 10*, e identificados através do seu número de inventário (Anexo III, Mapa 7).

O inventário encontra-se organizado primeiramente por freguesias, seguindo o esquema Norte-Sul, começando pelas que se localizam mais a norte do concelho e por fim as que se localizam na área sul do município<sup>4</sup>.

O registo dos resultados da prospeção foram introduzidos nas Fichas de Sítio (Anexo I, Modelo 2), que por sua vez se encontram relacionadas com uma base de dados informatizada criada em Microsoft Office Access 2013 (Anexo I, Modelo 1).

Salientamos que em algumas situações não identificámos ou localizámos os vestígios apontados pela bibliografia, contudo, estes locais foram tidos em conta e referidos na base de dados, com as suas limitações devidamente assinaladas.

Os campos da ficha de sítio são os seguintes:

- Número de ficha – número identificativo dado a cada sítio arqueológico de entrada na base dados e nas fichas de sítio;
- Designação – Nome atribuído ao local pelo qual é mais conhecido ou pelo qual é apelidado pela população local;
- Distrito;
- Concelho;
- Freguesia/Lugar;

---

<sup>4</sup> Freguesias pela seguinte ordem: Carregueira; União das Freguesias da Chamusca e Pinheiro Grande (Pinheiro Grande e Chamusca); Ulme; Vale de Cavalos; União das Freguesias de Parreira e Chouto (Parreira e Chouto)

- Topónimo – lugar onde se localiza, reproduzido pela cartografia ou outros nomes secundários pelo sítio, também referido pela população;
- CNS – se o sítio já se encontrar referenciado na base de dados pertencentes à tutela é indicado o número do Código Nacional de Sítio (CNS);
- IPA - se o sítio já se encontrar referenciado na base de dados pertencentes ao SIPA (Sistema de Informação para o Património Arquitetónico) é indicado o número de inventário já atribuído pelo IPA (Inventário do Património Arquitetónico);
- Altitude (em metros);
- Número da Carta Militar de Portugal (CMP) à escala 1: 25 000;
- Coordenadas geográficas (latitude e longitude) – apresentação destas através do sistema WGS84 (World Geodetic System de 1984);
- Tipo de Sítio – preenchimento deste campo segundo os termos do *thesaurus* do Sistema de Informação Arqueológica (*Endovélico*), para *Tipo de Sítio*, utilizado pelo IGESPAR. Este campo poderá ter mais de que uma possibilidade;
- Período Cronológico - preenchimento deste campo segundo os termos do *thesaurus* do Sistema de Informação Arqueológica (*Endovélico*), para *Período Histórico*, utilizado pelo IGESPAR. Este campo poderá ter mais de que uma possibilidade;
- Descrição – sumária descrição das características do sítio, nomeadamente a sua implementação na paisagem, implementação geográfica e dos vestígios que é possível observar à superfície, bem como alguma informação relevante sobre o sítio;
- Bibliografia – referências bibliográficas principais sobre o sítio;
- Estado de Conservação - preenchimento deste campo segundo os termos do *thesaurus* do Sistema de Informação Arqueológica (*Endovélico*), para *Estado de Conservação*, utilizado pelo IGESPAR;
- Uso do Solo - preenchimento deste campo segundo os termos do *thesaurus* do Sistema de Informação Arqueológica (*Endovélico*), para *Uso do Solo*, utilizado pelo IGESPAR;
- Ameaças - preenchimento deste campo segundo os termos do *thesaurus* do Sistema de Informação Arqueológica (*Endovélico*), para *Ameaças*, utilizado pelo IGESPAR;
- Acessos – vias de acessibilidade ao local inventariado;



→ Observações – outras informações relevantes sobre o sítio que não foi possível colocar nos campos anteriores;

→ Registo Cartográfico;

→ Registo Fotográfico.

### 3. Características físicas e ambientais do Município da Chamusca

#### 3.1. Enquadramento Político-administrativo

Este território é composto por novos limites administrativos que derivaram da Reorganização Administrativa do Território das Freguesias do concelho da Chamusca declarada na Lei n.º 11-A/2013 de 28 de janeiro, passando a deter: uma freguesia semiurbana do concelho – União das freguesias da Chamusca e Pinheiro Grande; e quatro freguesias rurais do concelho – União das freguesias de Parreira e Chouto, freguesia da Carregueira, freguesia de Ulme e a freguesia de Vale de Cavalos (Anexo III, Mapa 1).

O concelho da Chamusca encontra-se cartografado na Carta Militar de Portugal 1: 25 000 da série M888, nas folhas n.º 330 e 331 (freguesia da Carregueira); folhas n.º 341 e 342 (União das freguesias da Chamusca e Pinheiro Grande); folhas n.º 342, 343, 354 e 355 (freguesia de Ulme); folhas n.º 353, 354 e 365 (freguesia de Vale de Cavalos); e nas folhas n.º 355, 365, 366, 367 e 379 (União das freguesias de Parreira e Chouto).

Em termos político-administrativos o Município da Chamusca pertence ao distrito de Santarém. Fazendo parte do subgrupo dos municípios da Lezíria do Tejo através da classificação nacional da Região Estatística da NUT III, que por sua vez pertence à NUT II correspondente ao Alentejo. A área geográfica correspondente a este concelho é, também, conhecida como a Região natural do Ribatejo ou Borda-d'água que correspondia a antigas províncias tradicionais nacionais. Embora já não tenha o significado político-administrativo, continua a ser a denominação com a qual os habitantes desta zona se identificam, apelidando-se de *ribatejanos*. O município da Chamusca encontra-se *no coração do Ribatejo*, onde nos deparamos com uma paisagem natural formada pela Lezíria e pela Charneca.

O concelho da Chamusca estende-se numa área que corresponde a 746 Km<sup>2</sup>, delimitado a Norte e Noroeste pelo rio Tejo, a Nordeste pelo concelho de Constância, a Este pelo concelho de Abrantes, a Sudeste pelo concelho de Ponte de Sor, a Sul pelo concelho de Coruche, a Sudoeste pelo concelho de Almeirim, e a Oeste pelo concelho de Alpiarça.

### 3.2. Geologia e Geomorfologia

Em termos geomorfológicos o município da Chamusca integra-se na unidade da Bacia Terciária do Tejo e Sado (RIBEIRO, ET AL., 1987, p. 193-194). O concelho é atravessado, seguindo a linha do Tejo, por uma falha, uma fratura geológica, chamada de falha do Vale Inferior do Tejo (VIT), que dá origem a sismos classificados como intraplacas que têm origem nas falhas do Vale do Tejo (RÔLO, 2009, p. 3 -5). Os materiais que são possíveis encontrar e identificar no concelho apresentam uma compacta rede de fraturas e diáclases relacionadas diretamente ou indiretamente com o VIT. Estas fraturas visíveis e existentes não revelam atividade sísmica recente (BARROSO, 2004, p. 3).

Encontrando-se o município da Chamusca na Bacia do Tejo e Sado, os terrenos deste concelho são, na sua maioria, compostos por uma cobertura cenoantroposóica, divididos em aluviões modernos; depósitos de terraços fluviais; arenitos; conglomerados pliocénicos; argilas; arenitos do miocénico superior (GOMES, OOSTERBEEK e GRAÇA, 2004, p. 212-213; GONÇALVES, 1974; RIBEIRO, ET AL., 1987, p. 193-194) (Anexo III, Mapa 3). Devido à predominância destas matérias, é possível atribuir a estas formações detríticas continentais uma idade desde a miocénica até à holocénica. É possível encontrar zonas onde existe material de carácter mais argiloso em que prevalece a ocorrência de afloramentos de areia e arenitos. Os terrenos miocénicos e pliocénicos correspondem na sua totalidade à Charneca, com áreas em que atinge os 190 metros de altitude (PDM, 1995, p.60).

No limite Norte do concelho existem afloramentos rochosos do Maciço Hespérico onde predomina o granito e o gnaisse. Os planaltos definidos paisagisticamente são o reflexo dos relevos residuais dos depósitos terciários, que por sua vez se estendem e se prolongam pelo interior do maciço Hespérico (GOMES, OOSTERBEEK e GRAÇA, 2004, p. 212).

Relativamente às rochas do período holocénico é possível encontrá-las nos aluviões, sendo estes, maioritariamente, constituídos por areias e cascalheiras com prováveis intercalações argilosas espessas. Os conglomerados do Plistocénico podem ser observados devido aos depósitos de terraços fluviais, cuja maior dimensão se constata ao longo do vale do Tejo. Encontram-se, também, diversos depósitos mais diminuídos, nos

vales afluentes um pouco por todo o conselho. As matérias mais existentes são areias acastanhadas, saibros de uma granulometria de várias dimensões e cascalheiras, podendo também sofrer infiltrações argilosas. A composição dos vales que é possível encontrar por toda a Charneca é de formação argilo-arenítica do Miocénico que muitas vezes se encontram e misturam com cascalheiras Pliocénicas dos planaltos. Os terrenos Plistocénicos ocupam os pontos mais altos, existe por vezes uma cobertura Pliocénica por cima dos terrenos Miocénicos subjacentes, sendo possível encontrar terrenos constituídos por cascalheiras de planalto, arenitos argilosos avermelhados e acastanhados, areias e conglomerados com algumas intercalações argilosas acinzentadas (GONÇALVES, ET AL., 1979; ZBYSZEWSKI ET, AL., 1979; BARBOSA. e LIMA., 2011) (Anexo III, Mapa 3).

### 3.3. Hipsometria

A Charneca é uma área planáltica com um relevo acidentado onde as maiores altitudes não ultrapassam os 200m. É nesta zona que se encontra o ponto geográfico mais alto do município, que se localiza no lugar das Figueiras possuindo uma altitude máxima de 198m. Nesta zona a hipsometria tem pouca diferenciação altimétrica, variando entre os 100m e os 198 m, o que compõe uma paisagem dominada por declives suaves.

Na zona do Campo ou Lezíria, as altimetrias descem para níveis que variam entre 0m-50m de altitude, constituída na sua maioria por terrenos recentes, resultantes de aluviões trazidos pelo rio. É uma área que facilmente inunda nos períodos de maior pluviosidade (Anexo III, Mapa 4).

### 3.4. Hidrografia

O Município da Chamusca é caracterizado por uma rede hidrográfica constituída por várias linhas de água com origem em várias partes do concelho (Anexo III, Mapa 2). Esta Unidade Hidrogeológica compreende o maior sistema aquífero do território nacional, a Bacia Terciária do Tejo e Sado. Os seus recursos hídricos subterrâneos são

um importantíssimo fator de desenvolvimento, assegurando numerosos abastecimentos urbanos, industriais e agrícolas (BARBOSA e LIMA., 2011).

O município da Chamusca tem muitas outras linhas de água que são afluentes do Tejo com um caudal permanente: as ribeiras da Foz, Lamas, Fontainhas, Chicharro, Tamazim, Vale do Casal Velho, Arraiolos, Ulme, Muge, Almofada, Rosmaninhal, Cortadores, Calha do Grou e Couto entre outras. Existem inumeráveis linhas de água de caudais pouco expressivos e incertos que não são constantes ao longo do ano, variando consoante a intensidade de precipitação ou outros fatores de carácter natural. Destacamos que a zona Norte do concelho tem menos drenagem que a zona Sul pois esta é marcada pelas altitudes mais baixas e pela presença do Tejo alagadiço. A rede hidrográfica é, igualmente, marcada pela presença de várias insurgências (fontes) de água subterrânea que se encontram por todo o concelho, demonstrando a abundância deste recurso no território em questão. Tal facto não ficou despercebido às comunidades que os foram ocupando ao longo dos tempos, tendo este tipo de recursos sido aproveitados como forma de energia que deslocou mecanismos de azenhas e moinhos que se identificam junto das ribeiras concelhias (COELHO, 1995a).

### 3.5. Clima

O município é caracterizado também pelo seu clima húmido e frio de Inverno, quente e seco no Verão. Este fenómeno acontece pelo fato de toda esta zona se encontrar geograficamente entre a transição climática de tipo marítimo, com penetração do ar atlântico e o continental atenuado com características mais específicas nas zonas mais elevadas, sendo o *tipo climático do Ribatejo* (RIBEIRO, ET AL., 1888, p. 456). Encontramo-nos perante um clima tipo mediterrâneo e é temperado ou acentuado com (...) *um Inverno chuvoso, «atlântico», e um estio «mediterrâneo» caracterizado pela estabilidade do tempo quente e seco. (...)* (RIBEIRO, ET AL., 1888, p. 485). As irregularidades do clima são possíveis observar não só a nível anual mas também a nível sazonal devido ao nível de precipitação e à acumulação de água nos solos.

### 3.6. Pedologia, Fitogeografia e Flora

Segundo o Plano Diretor Municipal (1995), do total da área abrangida pelo concelho, cerca de 5273 hectares são considerados solos agrícolas. Estes correspondem à chamada Lezíria, ou Campo, que se caracteriza por campos inundáveis localizados na margem esquerda do rio Tejo e do prolongamento inferior dos seus afluentes nesta zona. Em locais como estes são formados aluviões com o depósito de sedimentos fluviais e clásticos, tornando aquelas planícies propícias a inundações em zonas extremamente férteis e, consequentemente, de elevada produtividade agrícola (Anexo III, Mapa 5 e 6). As culturas predominantes são culturas de regadio, de cereais de sequeiro, citrinos, etc. (COELHO, 1995b).

A Charneca ocupa um total de 68232 hectares no município da Chamusca e encontra-se dominante na paisagem do planalto interior, que por vezes é cortada pelos cursos de água que vão desaguar no Tejo. Os seus solos são considerados *pobres*, de fraca aptidão agrícola por serem ácidos e arenosos. Existe uma vegetação predominante nesta área classificada como xerófila, sendo uma zona florestal composta, maioritariamente, por pinhais (pinheiro manso e pinheiro bravo), eucaliptais e montado de sobreiro. É, também, possível observar ocorrências de oliveiras, vinhas e azinheiras predominando o solo silvícola, podendo ser inserido na zona atlântico-mediterrânica e sub-mediterrânica (COELHO, 1995b; PDM, 1995, p.62). Todas as espécies de vegetação encontradas em toda a Charneca são típicas do clima mediterrâneo e são, facilmente, identificadas nas zonas de mato, destacando-se na paisagem (...) *as plantas perfumadas (alecrim, rosmarinho, tomilhos) que na Primavera, derramam o cheiro inconfundível das charnecas mediterrâneas ou cobertas de resina viscosa e odorante (esteva) (...) as Quercis de folha perene (sobreiro, azinheira, carrasco), o pinheiro manso, o medronheiro, a urze branca, o loureiro, o lentisco ou aroeira, o zambujeiro ou oliveira brava, o aderno, a gilbardeira, o rododendro, o loendro, a cana e uma série de Cistus (...)* (RIBEIRO, ET AL., 1988, p. 580). Nos vales mais largos é possível observar que existem culturas hortícolas e hortofrutícolas, uma prática muito comum da população local (PDM, 1995, p.62). Sublinhamos, ainda, a existência na Charneca, da chamada *charneca rasteira*, designada por Orlando Ribeiro (1988, p. 582-583) para denominar a zona de pasto para gado com a predominância de ervas e arbustos desgastados continuamente. Atualmente representas em algumas zonas grandes áreas da Charneca no território da Chamusca.

### 3.7. Fauna

No que diz respeito à fauna é possível encontrar um vasto combinado de espécies diversificadas. Este facto encontra-se bem demonstrado na vida animal terrestre vertebrada. Nas categorias em que são divididos os animais vertebrados, encontramos tipos de espécies comuns nas áreas rurais com uma forte presença humana marcando assim o ecossistema evolvente. No que toca à restante fauna existente na Charneca, deparamo-nos com um grupo de espécies que se enquadra também com o clima mediterrâneo, como acontece com os restantes lugares em redor da Chamusca (PENA, 1996, p. 43; MARQUES, 2002). Referimos que no Município da Chamusca muita da zona que corresponde à Charneca encontra-se abrangida por Zonas de Caça Associativas, o que determina um ambiente propício para o desenvolvimento das espécies naturais destes ambientes.

Destacam-se animais como o javali, o coelho, a cobra-rateira, o saca-rabos, a raposa, a águia-de-asa-redonda, a cegonha, a perdiz, a andorinha-das-chaminés, o corvo, o pombo e rolas, lagartos e lagartixas, o pintassilgo, o chapim-real, entre outras diversas espécies que habitam no Município da Chamusca.

Evidenciamos neste ponto o Javali, por ser o animal que exerce uma forte ação nos sítios arqueológicos que se encontram pelo território, pois a busca de alimentos efetuada por este mamífero, por vezes torna-se a única maneira visível de se detetar vestígios arqueológicos no campo.

## 4. História da Investigação arqueológica no Concelho da Chamusca

O lugar da Chamusca encontra-se envolto numa História ligada diretamente com as suas terras férteis e verdejantes, desde a Lezíria até à Charneca, outrora *Campo da Trava e Coutada Real*. A História deste lugar cravado no centro do Ribatejo é escrita pela sua gente, pelos seus hábitos ancestrais, idiossincrasias, costumes e lendas. Histórias feitas por figuras que marcaram gerações, que ali se fixaram, viveram e morreram, deixando um legado, isto é, um património cultural e afetivo, particularmente, relevantes. Os acontecimentos históricos em questão marcaram uma população que se reflete diretamente na sociedade, ideologias, religiosidades e políticas que vão ditar o desenvolvimento daquela zona Ribatejana.

No que toca a sítios e a vestígios arqueológicos, a denominada investigação arqueológica neste município nunca foi favorecida através de um projeto ou estudo aprofundado que se dedicasse à investigação e deteção em caso específico dos sítios arqueológicos abrangidos na cronologia que se propõe estudar, do Romano ao Moderno. Não descurando que existem pequenos trabalhos de autores locais, iremos abordar que em todas essas mesmas investigações podemos ver que têm algo em comum. Todos eles pedem o estudo mais aprofundado do património arqueológico que eles foram tendo conhecimento e foram registando podendo chegar, assim, hoje até nós. O que acontece neste caso é que por vezes a informação e certos estudos não são convenientemente propagados no meio da comunidade arqueológica, o que faz que se perca informação e testemunhos. Os poucos estudos de cariz arqueológicos que dispomos foram motivados, de certa forma, por descobertas pontuais, elaboradas por estudiosos locais que através do município procederam a pequenas publicações locais. A História arqueológica da Chamusca é uma espécie de *manta de retalhos*, pois existem várias menções dispersas em múltiplas publicações de variadíssimos autores, mas não existe um estudo aprofundado sobre os locais arqueológicos.

O problema aqui evidenciado não é único nem específico deste local. Observamos muitos casos semelhantes com outros municípios do país, como era o caso de Fronteira antes da carta arqueológica (CARNEIRO, 2005, p. 21-23).



Existem, atualmente, vários vestígios arqueológicos pré-históricos identificados no concelho, através do trabalho elaborado por Ana Graça (2002, 2003) que demonstra uma ocupação do território que remonta ao Paleolítico, reproduzindo o povoamento pré-histórico da Chamusca (GOMES, OOSTERBEEK e GRAÇA, 2004). É importante observar que juntamente com os vestígios arqueológicos pré-históricos encontram-se informações relevantes sobre a existência de vestígios em simultâneo de outras épocas, como é possível observar no *Inventário do Impacte dos Incêndios de 2003* (GRAÇA, 2003). Em 2002 foi elaborada pela mesma autora o *Subsídio para a Carta Arqueológica da Chamusca – Relatório*. Neste trabalho académico observamos não só um inventário de 29 locais arqueológicos pré-históricos do concelho, mas também uma tentativa de inventariação e classificação do património arqueológico (GRAÇA, 2002).

O período romano no atual concelho da Chamusca, do ponto de vista arqueológico, é o período mais bem documentado com várias menções a sítios arqueológicos e com achados isolados que chegam muitos deles através de publicações em monografias e em pequenas notícias no jornal “*Chamusca Nova*” nos anos 20 e 30 que são mais tarde abordadas e descritas por autores locais.

Nos anos 30, Luís Chaves (1936, p. 57) em *Mosaicos Lusitano-Romanos em Portugal* fala sobre o Mosaico do Arripiado (Anexo II, Ficha de Sítio n.º 1). Sabemos através de publicações posteriores (SAMOUCO, 2001, p. 21; MATIAS, 2003, p. 15-16) que o mosaico foi descoberto no dia 27 de fevereiro de 1921, devido a trabalhos de regularização de terras na Quinta do Arripiado e foi descrito nessa mesma altura por José Félix Pereira da seguinte forma:

*“O mosaico ocupava uma superfície que teria cinco metros de comprimento por três de largo, terminando retangularmente num dos extremos e salientando-se em curva no outro. Dividia-se, ao longo do comprimento, em três secções, sendo as dos lados completamente iguais entre si e divergindo a do meio. As secções dos lados eram divididas em quadrados, cada um com a sua composição em separado. A secção do meio e a curva da terminação também cada uma se distinguia pela sua composição peculiar. O conjunto, em todas as suas divisões, era constituído por uns pequenos paralelepípedos [sic], do tamanho de dados de jogar, polícromos, formando entrelaçamentos, delineados estes e executados com inexcusável correção de desenho, e o maior gosto artístico.”* (SAMOUCO, 2001, p. 21; MATIAS, 2003, p. 15).

Este mosaico encontra-se, também, documentado fotograficamente, sendo possível avaliar o bom estado de conservação em que se encontrava o mosaico à data da descoberta.

Nos anos 40, João de Almeida (1946) identifica dois prováveis sítios arqueológicos em Ulme na monografia *Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses*. Um dos dois locais identificado pelo autor é intitulado de “*Castelo de Ulme*” (Anexo II, Ficha de Sítio n.º 70) e outro de Castro da Murta. O autor explica que no século passado (século XIX) era possível observar à superfície vestígios de uma fortificação no local onde atualmente se encontra um depósito de água e antes se encontrava uma ermida. O autor fundamenta a existência de uma fortificação romana naquele local devido à passagem não só da ribeira de Ulme bem como a passagem da via que existia naquele local. Explica, também, que o “*castelo*” foi ocupado durante o período muçulmano e depois na reconquista (ALMEIDA, 1946, p. 275). O local do Castro da Murta encontra-se ligado com a toponímia do local, tendo o autor apontado que se trata de um castro lusitano (ALMEIDA, 1946, p. 275), porém nunca foi possível comprovar a existência deste local.

Nos anos 60, Mário Saa (1964) faz um levantamento do itinerário de Antonino Pio onde nos deparamos com uma série de vias e trajetos principais que atravessavam o concelho, nomeadamente pelas freguesias da Chamusca, Vale de Cavalos, Pinheiro Grande e Ulme. Sendo as vias as seguintes:

- *ITINERARIO XIV - Lisboa (OLISIPO) - Alter do Chão (ABELTERIO) - Mérida (EMERITA) CLIII milhas - 228 km;*
- *VIA XV - Lisboa (OLISIPO) - Alvega (ARITIO VETUS) - Mérida (EMERITA) CCXX milhas - 326 km, que deveria seguir o percurso de Itinerário XVI entre Lisboa e Braga;*
- Uma via secundária que ligava Tomar (*SEILIMUM*) - Évora (*EBORA*), passava pela Carregueira, pelo Pinheiro Grande e pela Chamusca.

Já no séc.: XIX, Vasco Mantas (2012) menciona um troço de via que inflete para SE na direção de Tamazim, passando entre Casalinho e Casal do Relvão, Alto do Relvão, seguindo depois próximo da estação romana, Galega Nova (Anexo II, Ficha de Sítio n.º

3), continuando pelo Alto da Lagoa da Murta até Lagoa Grande (Anexo II, Ficha de Sítio n.º 53).

Um dos lugares a ter em destaque, nestas vias e no cruzamento delas, é o lugar do Semideiro e a Lagoa Grande (Anexo II, Ficha de Sítio n.º 53). No sítio da Lagoa Grande o autor menciona um marco miliário consagrado a César do Ocidente, Flávio Valério Constantino (Anexo II, Ficha de Sítio n.º 54) (SAA, 1964, p. 136). O autor aponta, também, o lugar do Arripiado (Anexo II, Ficha de Sítio n.º 2) como testa da barca (SAA, 1964, p. 136).

Nos anos 80 podemos encontrar referências a sítios ou artefactos arqueológicos da Chamusca em publicações como: o *Roman Portugal* de Jorge de Alarcão (1988, vol. II, p. 114-115), as *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis* de José de Encarnação (1984, p. 499; 700-701; 727; 775) e a introdução de duas inscrições provenientes da Chamusca no *Ficheiro Epigráfico* n.º 33 (1989, n.º 151 e 152). Partindo destas mesmas publicações surgem outras mais detalhadas, com informação a completar as anteriores, elaboradas por autores locais, tais como: *Indícios de uma via Romana no Concelho da Chamusca - contributo para o seu estudo* por Branca Lizardo, João Lizardo e Miguel Lizardo (1987). Nesta publicação estão vários sítios identificados através de recolhas de superfície, para suportar a teoria de uma possível via romana secundária que não se encontrava mencionada no Itinerário de Antonino Pio; *As inscrições romanas do concelho* de Jaime Marques (1987) faz uma síntese de todas as inscrições e marcos miliários encontrados no concelho da Chamusca, expondo e explicando cada um deles numa coleção composta por 9 monumentos desta natureza.

Ainda nos anos 80, fazemos menção à publicação de Amílcar Guerra (1987) *Acerca dos projéteis para Funda da Lomba do Canho (Arganil)*, onde o autor estuda as glandes de chumbo provenientes do Casal da Cascalheira em Ulme (um conjunto de 9 exemplares) (Anexo II, Ficha de Sítio n.º 55). Relativamente aos mesmos objetos bélicos provenientes do Casal da Cascalheira, temos outras publicações que fazem alusão aos objetos como comparação no séc.: XXI (FABIÃO, 2005; PIMENTA, 2012; 2013).

Em 1987 é publicado por A. M. Dias Diogo uma pequena monografia sobre *Estação Romana da Galega Nova, Chamusca. Notícia da sua Identificação*. Esta publicação expõe materiais recolhidos à superfície em 1983, dando origem à estação romana da Galega Nova (Anexo II, Ficha de Sítio n.º 3).

Nos anos 90, partes do Mosaico do Arripiado (Anexo II, Ficha de Sítio n.º 1) são documentadas no acervo do Museu Nacional de Arqueologia, tendo dado entrada em Novembro de 1930, por José Leite Vasconcelos com o n.º 7331, onde se pode ler no *Contributo para a história e inventário dos mosaicos romanos do Museu Nacional de Arqueologia* de Maria de Fátima Abraços (1999, p. 348).

No séc.: XXI deparamo-nos com várias monografias locais que para além de descreverem a história local, fazem todas elas pequenos capítulos dedicados aos vestígios arqueológicos da época romana um pouco por todo o concelho.

Em 2000, numa visita particular ao lugar da Quinta do Meirinho (Anexo II, Ficha de Sítio n.º 115) em Vale Cavalos, o arqueólogo António Faustino Carvalho procedeu à identificação neste local de vestígios romanos.

Em 2001, José J. Samouco da Fonseca começa uma monografia em 4 volumes intitulada *A História da Chamusca*. Nesta divisão cronológica a História do Concelho divide-se em 4 períodos cronológicos (SAMOUÇO, 2001; 2002; 2003; 2007). O primeiro volume *História da Chamusca, das origens a 1643*, é composto por um capítulo sobre o *Passado Romano* do Concelho onde são expostos todos os vestígios romanos até a data (2001) que se tinha conhecimento no concelho, bem como possíveis locais arqueológicos baseados em vestígios de superfície e pela toponímia de alguns lugares.

Em 2002, numa monografia de Jaime Marques, *Ulme – Uma Vila – A História e suas tradições*, no capítulo dedicado ao período romano podemos observar que encontramos na freguesia de Ulme todos os locais onde foram recolhidos vestígios romanos e foram registados. Assinalamos, também, que há achados que hoje já não existem, como é o caso de uma sepultura em pedra que até aos anos 40 servia de bebedouro aos animais (Anexo II, Ficha de Sítio n.º 65) (MARQUES, 2002, p. 48).

No seguimento destas monografias locais segue-se em 2003 uma monografia sobre o Arripiado (MATIAS, 2003). Nesta publicação, no capítulo dedicado à presença romana, é destacado o lugar da Quinta do Arripiado pela presença do mosaico já abordado anteriormente, sendo mencionados topónimos próximos que evidenciam vestígios de superfície (MATIAS, 2003, p. 15-16).

Em 2009 a autora Alice Lázaro elabora uma monografia sobre a freguesia de Vale de Cavalos, onde menciona a existência de uma possível *villa* romana no lugar

denominado de Vila de Rei (LÁZARO, 2009, p. 41-42), não tendo sido até ao momento comprovado por achados arqueológicos.

Na carta arqueológica do concelho de Abrantes disponível *on-line*<sup>5</sup>, elaborada por J. Candeias Silva, Álvaro Baptista e Filomena Gaspar é possível identificar alguns locais e vestígios arqueológicos romanos que se encontram na fronteira administrativa entre este concelho e o concelho da Chamusca, nomeadamente entre a freguesia da Bemposta (Abrantes) e a freguesia de Ulme (Chamusca).

Relativamente à época medieval na Chamusca, através do acompanhamento arqueológico dos trabalhos de instalação da rede de gás natural na zona da Carregueira, no sítio do Alto do Carrinho (Anexo II, Ficha de Sítio n.º 7), foi identificado em 1996, por Nelson Almeida e João Maurício, a presença de material romano rolado inserido em estruturas. As características dos materiais cerâmicos encontrados em duas sondagens situaram este sítio arqueológico com uma ocupação da Alta Idade Média (ALMEIDA e MAURICIO, 1996).

José J. Samouco da Fonseca (2001) demonstra como a freguesia de Pinheiro Grande pertencia a Ordem dos Templários já em 1186. Há registo que em 1230 era fundada a primitiva ermida do Pinheiro Grande (Anexo II, Ficha de Sítio n.º 28) (SAMOUCO, 2001, p. 37). Em 1295 esta povoação passa para a Comenda da Cardiga e mais tarde para a Ordem de Cristo. São erguidos vários marcos em calcário que se encontram espalhados pelo campo para fazer a delimitação das terras correspondentes à Comenda do Pinheiro (SAMOUCO, 2001, p. 38). Na elaboração da Carta Arqueológica de Constância (BAPTISTA, 2004) foram identificados alguns destes marcos delimitando, ainda, o território que pertencia à Comenda do Pinheiro (BAPTISTA, 2004, p. 126-127).

Na monografia *Ulme - Uma Vila - A História E Suas Tradições* (MARQUES, 2002) recolhemos a informação que se encontrou na Chamusca uma moeda muçulmana. O mesmo autor dá-nos a conhecer um lugar com o nome a Quinta da Mesquita (Anexo II, Ficha de Sítio n.º 73) onde se encontram vários artefactos cerâmicos (MARQUES, 2002, p.49). Deste mesmo autor, existe uma monografia sobre as estelas funerárias medievais recolhidas pelo mesmo, que se encontram depositadas na igreja de Ulme e que por ele foram estudadas (MARQUES, 1989a; 2002).

---

<sup>5</sup> Disponível em [http://sic.cm-abrantes.pt/carta\\_arqueologica/carta.html](http://sic.cm-abrantes.pt/carta_arqueologica/carta.html) (consultado 10/12/2014)

A existência de várias ermidas espalhadas por todo o concelho encontram-se referidas nas várias monografias, algumas já destruídas ou requalificadas. Muitos destes lugares situam-se, atualmente, em propriedades privadas. Muitas destas ermidas são atribuídas à época moderna (MARQUES, 2002; SAMOUCO, 2001; LÁZARO, 2009; MATIAS, 2003).

Seguindo para a época moderna, para além das ermidas já referenciadas, existem referências aos vários moinhos e azenhas (COELHO, 1995a) através de um levantamento efetuado nos anos 90.

Temos ainda a informação de que existiu um Solar na Chamusca (Anexo II, Ficha de Sítio n.º 38) que pertencia aos donatários da Chamusca e Ulme, construído no séc.: XV (SAMOUCO, 2001, p. 79) e um convento dedicado a Santo António do Pinheiro, fundado pelo Rei D. Manuel I em 1519 (SAMOUCO, 2001, p. 79).

A existência de monografias locais como a *História da Chamusca* (SAMOUCO, 2001; 2002; 2003; 2007) e *Ulme - Uma Vila - A História E Suas Tradições* (MARQUES, 2002) remetem os vestígios de época moderna, para uma espécie de inventário com a menção de todas as estruturas arquitetónicas que existiram e ainda existentes daquele período. Mesmo admitindo que não tenham existido trabalhos arqueológicos naqueles locais é necessário reter a informação e compreendê-la a nível de possível interesse arqueológico.

Destacamos uma iniciativa da Câmara Municipal da Chamusca em 1987 de abrir um Núcleo de Arqueologia associado ao Museu Municipal da Chamusca. Consistia com a exposição de algumas epígrafes e marcos miliários no Parque Municipal (COELHO, 1987). O núcleo museológico foi desfeito recentemente porque as peças expostas se encontravam degradadas e vandalizadas. Presentemente, existe um pequeno *Núcleo Museológico* anexo à igreja de Santa Maria de Ulme, onde apenas se encontram expostas as estelas funerárias já mencionadas.

Ao longo de toda a pesquisa bibliográfica fomos confrontados com menções e referências genéricas, mas que nada traziam de inovador ou por vezes meras repetições de outras publicações. A falta de informação arqueológica e trabalhos nesta área demonstra uma grande carência de cariz científico em algumas descrições de achados, como por exemplo os achados isolados ou até mesmo toponímia que vão passando de

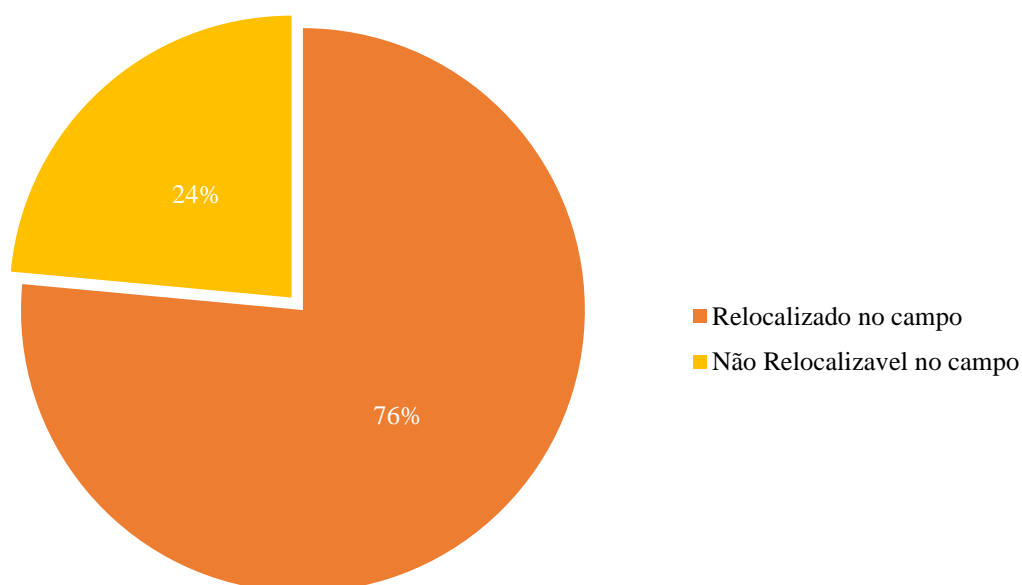
geração em geração e, muitos deles, em tradições orais acabam por se perder com o passar dos anos e com a memória de alguns.

## 5. Dados arqueológicos: análise quantitativa

Os trabalhos de prospeção arqueológica elaborados para este estudo possibilitaram localizar e relocalizar um total de 136 entre sítios e possíveis sítios arqueológicos na área total do concelho da Chamusca.

Este trabalho partiu dos dados recolhidos não só na bibliografia, no PDM e no Portal do Arqueólogo (*Endovélico*), mas também das informações recolhidas junto da população.

No conjunto total dos sítios relocalizamos e localizamos no campo, através de vários vestígios, cerca de 76% dos locais dos quais tínhamos referência e conhecimento. Nos restantes 24% não nos foi possível aceder ao local exato onde se localizavam os vestígios. Tal ocorreu por várias adversidades, nomeadamente a dificuldade de acesso aos sítios em questão que se encontram em propriedade privada, as alterações profundas na paisagem, os acessos vedados, as deficientes condições de visibilidade da superfície do terreno devido ao denso coberto da vegetação, não permitindo a localização de determinadas ocorrências patrimoniais (Gráfico 1).

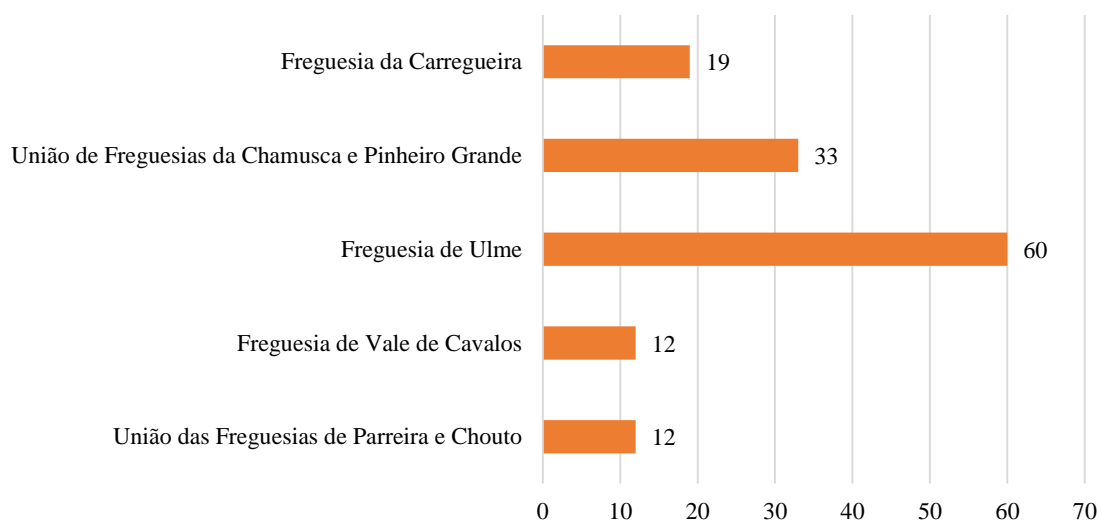


**Gráfico 1** - Reconhecimento dos sítios e possíveis sítios arqueológicos no Concelho da Chamusca.



Houve casos como as epígrafes, de que temos informação da sua existência através de fotografia, desenhos ou decalques, mas que não encontramos o seu paradeiro. Foram inseridas na categoria de Não Relocalizável (Gráfico 1).

A análise da localização das ocorrências e sítios arqueológicos em termos da sua distribuição por freguesia possibilitou verificar que os vestígios não se encontram distribuídos de forma regular (Gráfico 2).



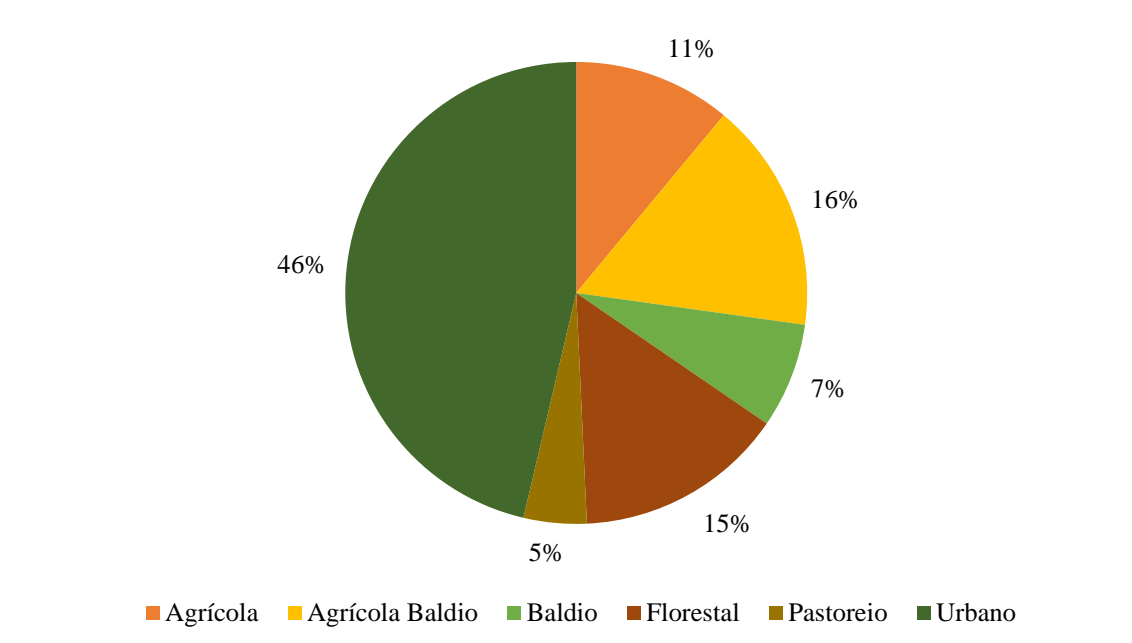
**Gráfico 2** - Distribuição do número de vestígios/sítios arqueológicos pelas freguesias do Concelho da Chamusca

A freguesia de Ulme apresenta o maior número de vestígios assinalados. Nas freguesias de Vale de Cavalos e a União de freguesias de Parreira e Chouto ocorreu um menor número de identificações.

Os números resultam de uma disparidade entre os estudos efetuados nas várias áreas ocupadas pelas freguesias do Concelho da Chamusca. Assim, as que apresentam menor número de ocorrências são as que carecem de investigação e de estudos específicos. Este facto condiciona a compreensão dos vestígios. Efetivamente, estes números menores não significam que não existam vestígios ou sítios arqueológicos nesses locais, apenas não foram ainda identificados e, consequentemente, inventariados.

A grande dimensão do concelho pode ser vista como uma dificuldade, no que toca à complexidade de um trabalho mais profundo sobre os vestígios arqueológicos, não é por acaso que as freguesias com maior dimensão são as que apresentam menor número

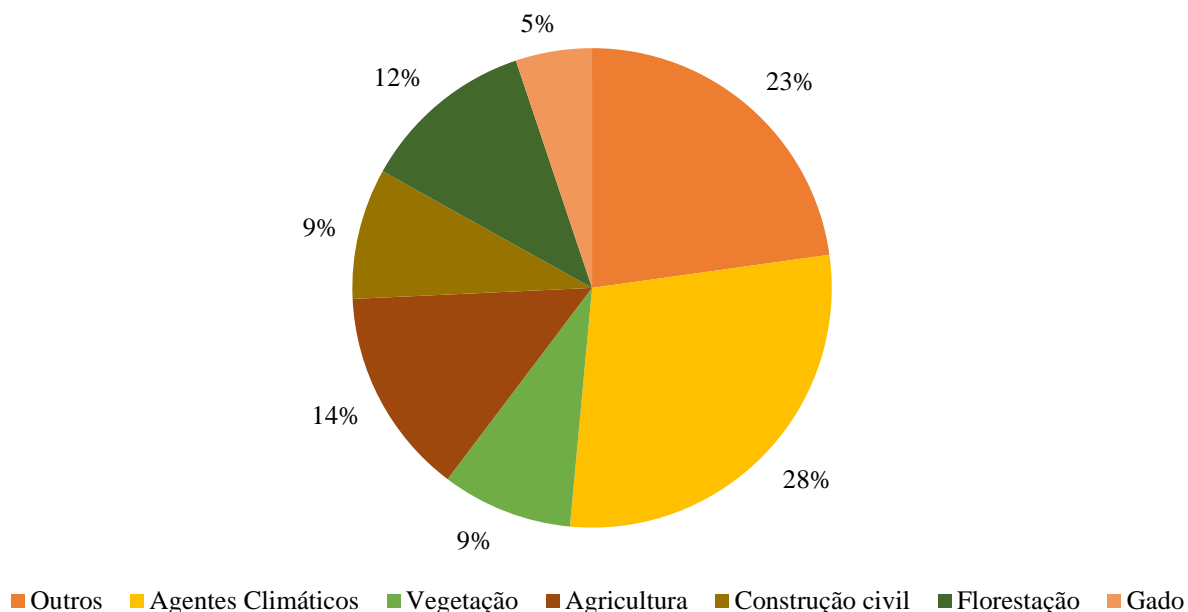
de sítios, como é o caso da União de freguesias de Parreira e Chouto que correspondem a 338,42 km<sup>2</sup>.



**Gráfico 3** – Disposição dos vestígios/sítios arqueológicos pelos vários tipos de solos.

A disposição dos locais identificados varia também com o uso e ocupação do solo. Podemos observar que cerca de 54% dos vestígios/sítios com potencial arqueológico inserem-se dentro do espaço rural e 46% dos vestígios/sítios com potencial arqueológico foram identificados no espaço urbano das cinco freguesias do concelho (Gráfico 3). Quando cruzamos a distribuição dos sítios arqueológicos com a informação do atual uso dos solos constata-se que é nas zonas urbanas que foram crescendo. Nas zonas que são, atualmente, alvo de uma agricultura intensiva e mecanizada existem mais registos de vestígios arqueológicos. Tal ocorre porque estas atividades têm motivado muita remobilização de solo, o que tem permitido dar visibilidade a vestígios antes ocultos na terra, mas que também tem provocado a destruição de muitos vestígios sem o seu prévio estudo. Outra atividade económica que está em crescimento neste território é a florestação, nomeadamente com o plantio de eucaliptos. A presença desta atividade conduz a severas mobilizações de solo que, por vezes, transformam a topografia e a paisagem. Todas estas atividades têm, simultaneamente, permitido a identificação de sítios antes desconhecidos, mas ao mesmo tempo tem levado à sua destruição total ou

parcial e aumenta, por isso, as ameaças para estes vestígios, que urge conhecer e salvaguardar (Gráfico 4).

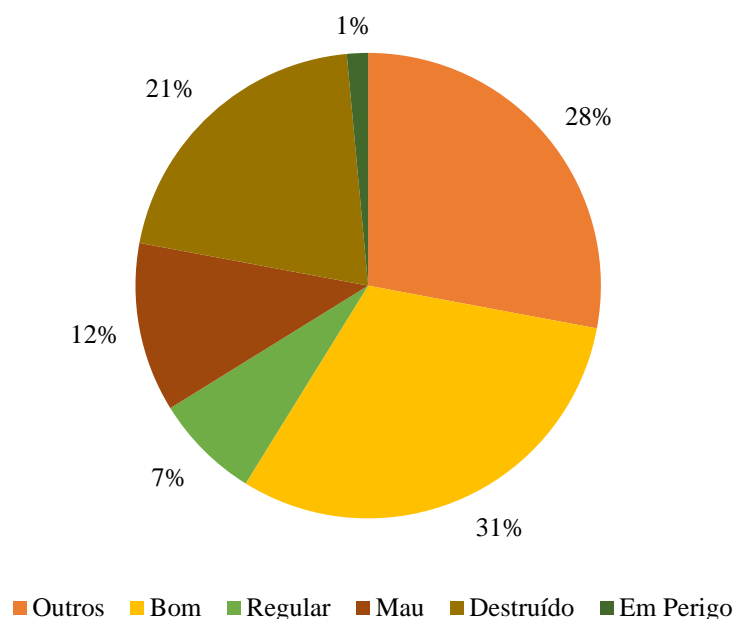


**Gráfico 4** – Tipos de ameaças observadas nos vestígios/sítios arqueológicos identificados.

Cerca de 40% das ameaças verificadas estão diretamente ou indiretamente relacionadas com a ação do Homem (agricultura, construção civil, florestação e gado), sendo que 37 % das ameaças resultam de ação dos diversos agentes climáticos e da erosão dos solos. Muitos dos vestígios que foram encontrados degradados por vegetação autóctone e/ou antrópica já se encontravam de facto abandonados. Preferimos mencionar a vegetação existente atualmente no local como ameaça principal, neste momento, por ser a que se encontra efetivamente a danificar diretamente os vestígios.

Os restantes 28 % de ameaças correspondem ao campo designado como “Outros”. Neste grupo inserem-se os vestígios/sítios e os objetos que não se encontram ameaçados. Em alguns casos não determinámos as ameaças que eventualmente podem pender sobre eles. Em alguns casos não foi possível relocalizar os vestígios ou sequer ter acesso ao sítio onde se pressupõe que se localizem, tal como referido na introdução deste relatório.

Resultando das ameaças de destruição a que estão sujeitos os vestígios arqueológicos identificados é possível aferir o estado de conservação das ocorrências patrimoniais arqueológicas identificadas, tal como se expressa no gráfico 5.

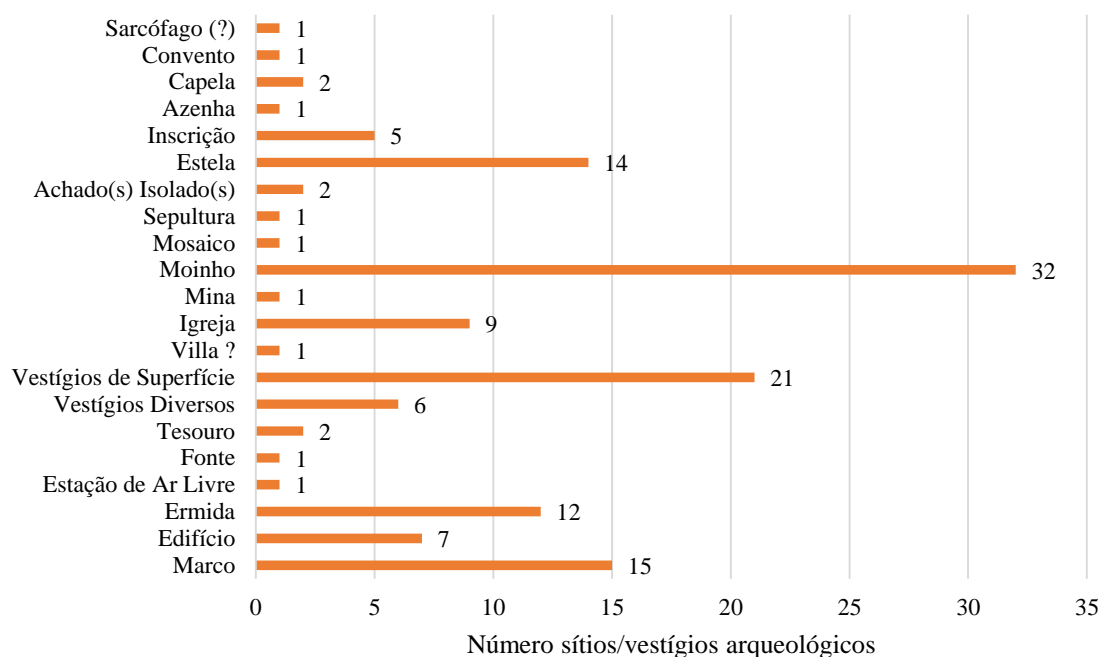


**Gráfico 5** – Estado de Conservação observado nos vestígios/sítios arqueológicos reconhecidos.

Como sucedeu com os dados recolhidos relativamente às Ameaças, o estado de conservação no campo designado como “Outros”, com cerca de 28 %, incorpora as ocorrências arqueológicas para as quais não se determinou a sua localização exata nem o seu estado de conservação.

A análise destes dados ilustra uma realidade muito alarmante respeitante aos vestígios arqueológicos, pois cerca de 34 % correspondem aos campos “Mau”, “Destruído” e “Em Perigo”. Esta elevada percentagem realça a necessidade da definição de uma política de proteção, conservação e salvaguarda do património arqueológico neste território para que seja preservado para o presente e para o futuro. Os restantes 38% correspondem aos vestígios/sítios ou achados arqueológicos que, atualmente, se encontram em “Regular” ou “Bom” estado de conservação.

No seio das 136 ocorrências patrimoniais referenciadas foram reconhecidos cerca de 21 tipos diferentes de sítios, tal como é expresso no gráfico 6.



**Gráfico 6** – Tipologia sítios e possíveis sítios arqueológicos identificados

Dos termos tipológicos apresentados, adaptados do *Thesaurus* do Endovélico, passamos agora a esclarecer alguns dos quais, que poderão suscitar algumas dúvidas sobre os seus critérios.

“Achado (s) Isolados (s)” – trata-se de um artefacto ou conjunto de artefactos que foi identificado sem contexto aparente, o qual não estava associado a quaisquer vestígios junto do mesmo;

“Edifício” – construção reservada para a habitação, atividades comerciais, funções administrativas e políticas, entre outras, que se encontra em meio rural ou urbano;

“Vestígios de Superfície” – neste campo encontram-se todos os sítios nos quais foram possíveis identificar um ou mais artefactos arqueológicos na superfície do solo, mas que não existem dados que permitam proceder a uma identificação específica sobre o tipo de sítio;

“Vestígios Diversos” – englobam-se neste campo os sítios que apresentam vários vestígios de superfície e para os quais foi possível associar vestígios de estruturas, como por exemplo, uma sepultura ou muros. Todavia, os dados disponíveis não possibilitam a identificação específica do tipo de sítio.

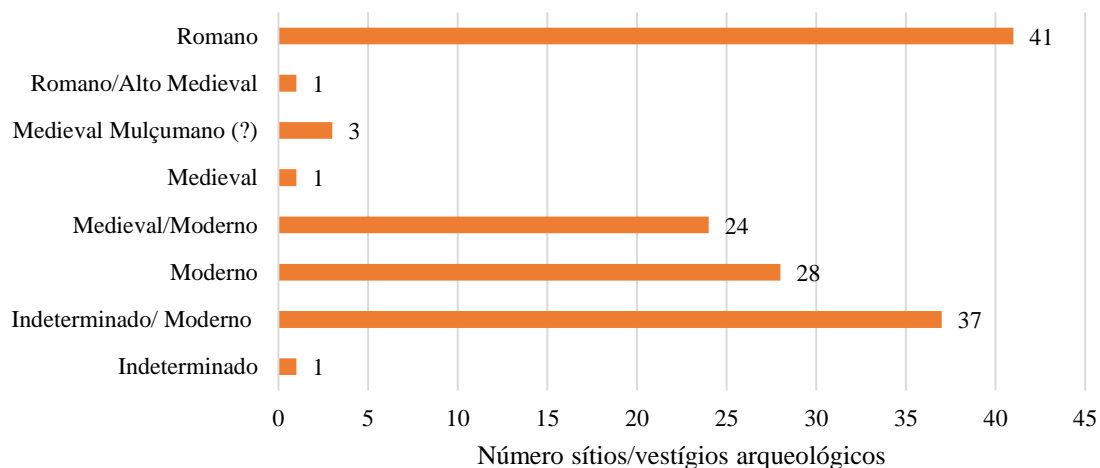
No que diz respeito à tipologia dos sítios observamos que existe uma grande variedade. Existe uma grande predominância de estruturas edificadas com um total de 65 sítios, divididos em “Convento” (1), “Capelas” (2), “Azenha” (1), “Moinho” (32), “Igreja” (9), “Fonte” (1), “Ermida” (12) e “Edifício” (7). Entre estes destacam-se as estruturas com carácter rural, nomeadamente os engenhos com o “Moinho” (32), e as estruturas com carácter religioso como a “Igreja” (9) e a “Ermida” (12).

Outro grupo a destacar é o que engloba as epígrafes, tendo sido identificados 34 sítios divididos em “Inscrições” (5), “Estelas” (14) e “Marcos” (15).

A predominância dos sítios destas tipologias poderá estar relacionada com a sua reutilização e reocupação ao longo dos tempos. No que toca às estruturas edificadas a utilização destes locais ao longo dos séculos é uma possibilidade. As suas funções são específicas para uma atividade como os engenhos rurais, que só recentemente perderam utilidade, os edifícios religiosos que não perderam a sua função e importância dada pela população, prolongando assim a existência e funcionalidade. No que diz respeito às epígrafes, o reaproveitamento destas para outras funções que não aquelas que inicialmente foram produzidas é uma realidade que se encontra presente noutros pontos do país. Tal acaba por permitir a sua preservação física, mas retira-as do seu local original e são desvirtuadas quanto à sua função inicial.

Outra interpretação para estes dados, prende-se com o facto de existir, de certo modo, uma facilidade de proceder no terreno à sua identificação. É mais fácil identificar edifícios religiosos e engenhos rurais, do que outro tipo de vestígios mais perecíveis e fragmentados. Esta interpretação encontra-se condicionada pela cronologia em que foram construídos. Os vestígios de cronologia mais recente encontram-se no geral mais bem conservados em termos de estrutura e mais presentes na própria memória coletiva, contribuindo, assim, para que se recolham junto da população mais dados que levam à sua identificação, localização no terreno e inventariação.

Para completar essa mesma interpretação há que ter uma leitura da distribuição dos sítios arqueológicos pelos vários períodos cronológicos. Note-se que as cronologias atribuídas baseiam-se nos dados que apurámos na bibliografia e no terreno. Este facto não significa que não haja sítios para os quais se possam entretanto averiguar mais dados que lhes venham atribuir cronologias mais dilatadas.



**Gráfico 7** - Número sítios/vestígios arqueológicos segundo o período cronológico atribuído

Tal como se pode observar no gráfico 7, há uma ligação direta dos dados da tipologia de sítio com o período cronológico que lhe é atribuído. Isto sucede no que se refere às estruturas edificadas como as religiosas que facilmente se atribuem à Época Moderna.

Neste ponto destacamos a categoria denominada por “Indeterminado/Moderno” que concentra em si grande parte dos engenhos rurais. Tal ocorre porque estes sítios poderão evidenciar cronologias mais antigas. O estudo efetuado não permitiu recuar a sua fundação para além do período moderno deixando a questão da data de fundação em aberto. Para tal ter-se-ia que fazer um outro tipo de pesquisa exaustiva da documentação escrita, que não foi realizada por manifesta falta de tempo e por não ser esse o objetivo inicial. É de referir, ainda, que são mais abundantes as ocorrências assinaladas como pertencendo às Épocas Medieval e Moderna. Tais dados explicam-se com o facto de nestes períodos existir uma maior disponibilidade de informação, nos dados da bibliografia e fontes consultadas para este estudo.

Os registos efetuados para a Época Romana destacam-se porque neles existiam, igualmente, muitos relatos e informações que se adquiriram não só através das fontes e bibliografia mas, também, junto da população local, que durante vários anos recolheu vestígios e informações que possibilitaram a identificação de sítios e artefactos deste período. Há que realçar o interesse da população local pelos vestígios romanos, que sempre suscitam interesse e curiosidade. Se não fosse este interesse, muito provavelmente, uma parte substancial desta informação ter-se-ia perdido nas terras remexidas com a grade de discos ou com a plantação de eucaliptos.

## 6. O povoamento no concelho da Chamusca ao longo das épocas

Os dados aqui analisados e abordados resultam dos elementos recolhidos na bibliografia e nos dados obtidos nas prospeções de superfície realizadas.<sup>6</sup>

A análise dos dados tem por objetivo conseguir compreender as características da ocupação antrópica dum determinado território. Todavia, as considerações aqui feitas são muito limitadas e inexatas, na medida em que se baseiam em dados de prospeção e por isso suscitam muitas dúvidas. Para se poder elaborar um estudo mais claro e mais expressivo é necessário proceder à elaboração de escavações arqueológicas e de outros vários tipos de estudos que não se enquadram com os objetivos do estudo presente.

Como já foi mencionado nos objetivos deste relatório, o estudo aqui apresentado encontra-se dividido pelas várias épocas Históricas. Iniciamos a nossa análise com a época Romana e terminamos na época Moderna. Como já referido, os períodos pré-romanos não foram aqui abordados, por não existirem estudos que possibilitassem a recolha de informação indicativa de localização de sítios desses períodos.

### 6.1. Época Romana

Um pouco por todo o território atual da Chamusca é possível encontrar vestígios de ocupação Romana. À semelhança de toda aquela região que foi alvo de uma forte romanização após as campanhas de Décimo Júnio Bruto no séc.: I a.C. que visaram a romanização de todo o Vale do Tejo (ALARCÃO, 2002).

Através das informações recolhidas e devido às prospeções efetuadas é possível demonstrar um número significativo de vestígios, sítios e possíveis sítios arqueológicos atribuíveis à época Romana (Anexo III, Mapa 8).

Este estudo foi organizado tendo como base os resultados obtidos através de trabalhos de prospeção. É importante explicar antes de mais, os conceitos base usados para proceder-se à atribuição de um determinado sítio ou possível sítio arqueológico à

---

<sup>6</sup> Lista dos sítios arqueológicos por número de sítio (ANEXO II).



época Romana. O principal fator norteador para a atribuição desta cronologia foi o uso dos denominados “fósseis diretor”. Para o caso romano são vários os objetos (tais como, como moedas, epígrafes, estruturas ou cerâmica de importação) que podem ser assim considerados, pelo que a tarefa foi mais fácil. Ainda assim, nos sítios ou possíveis sítios arqueológicos atribuídos à época Romana, e nos quais não se identificou objetos arqueológicos claramente inseríveis na ocupação Romana foi tido em consideração a identificação doutros tipos de materiais, destacando entre estes a *tegula* e o *imbrex*. Foi igualmente tido em conta a implantação geográfica e estratégica do sítio. Principalmente no que toca à localização perto das antigas *vias romanas*, junto a cursos e linhas de água, em solos com boa aptidão agrícola e o domínio da paisagem envolvente do local. Este tipo de metodologia foi aplicado noutros estudos deste tipo (LARANJO, 2014, p. 62-63), sendo possível ir ao encontro da intensificação da romanização desta região durante os séc.: I e V d.C.

O território atual do Concelho da Chamusca encontra-se dentro da *civitas* de *Scallabis* (ALARCÃO, 2002, p. 45). No norte deste concelho localiza-se o possível limite desta *civita* representado pela Ribeira da Foz e o seu vale. No seu seguimento encontra-se a atual fronteira administrativa entre o concelho da Chamusca e o de Constância. Esta zona do norte do concelho da Chamusca seria então uma zona de fronteira entre as *civitas* de *Scallabis* e de *Aritium Vetus*, isto admitindo que *Aritium Vetus* era de facto capital de *civitas* (ALARCÃO, 2002, p. 45; 2004, p. 4). Não obstante, na Carta Arqueológica de Constância (BAPTISTA, 2004, p. 173-174) é proposto outro limite de fronteira entre as *civitas* de *Scallabis* e de *Aritium Vetus*, colocando assim (...), *a Ocidente, ao longo do Zêzere até ao Tejo continuando pelo Arripiado, à Chamusca. Prosseguiria a fronteira a Sul subindo a ribeira de Ulme até ao Semideiro* (BAPTISTA, 2004, p. 173-174). Esta teoria encontra-se apoiada com os dados provenientes da Quinta da Arrezima e referentes à lápide funerária (Anexo II, Ficha de Sítio n.º 21), devido ao antropónimo que poderá ter relação com o topónimo antigo “*Aritium*” (ALARCÃO, 1987, p. 115). Com os dados disponíveis, não foi possível chegar a uma conclusão sobre este assunto, pelo que ficamos apenas por uma proposta de limite. No futuro o desenvolvimento dos estudos sobre a ocupação romana da Chamusca, que hoje são praticamente inexistentes, poderão trazer novos dados e novas propostas de organização territorial.

Perto deste mesmo limite norte, destacamos o lugar do Arripiado (Anexo II, Ficha de Sítio n.º 1 e 2), situado perto de 5 Km de distância do limite da *civita* de *Scallabis*, da

foz da Ribeira da Foz. A descoberta de um mosaico romano naquele sítio (CHAVES, 1937, p. 57; SAA, 1956, p. 240-241) indicia estarmos perante uma *villa*. Efetivamente é um *elemento urbano de paisagem rural. Incorporando elementos de luxo e ostentação* (...) (CARNEIRO, 2005, p. 49) e que está sempre relacionado com as *villae*. Este é o único vestígio que nos permite relacionar com a presença de uma *villa* no Concelho da Chamusca. Àquele mosaico associam-se, também, alicerces de estruturas pétreas e cerâmica de construção (ALARCÃO, 1988, p. 114). Não sabendo as dimensões das construções ali existentes, nem o modelo arquitetónico rural aplicado, sugerimos que esta *villa* seguisse o modelo mais comum no território, aquele que articula a *pars urbana* e a *pars rustica*, sendo que poderia também conter uma *pars fructuaria* (CARVALHO, 1993, p. 274-275). Tal justificava-se face à sua localização geográfica e à forte aptidão agrícola dos campos na sua envolvência. Segundo esta hipótese é possível que esta *villa* estivesse associada a um porto, sendo este local apontado como *testa da barca* (SAA, 1964, p. 136). Talvez nesse sítio se fizesse a ligação da margem esquerda do Tejo com a margem direita, materializando no território desta *villa* a travessia para Tancos, percurso esse que foi sempre utilizado ao longo de vários séculos (MANTAS, 2012, p. 166).

O povoamento rural romano no território da Chamusca teve, certamente, influência direta das vias. Os vários vestígios de superfície identificados como pertencentes ao período Romano encontram-se na sua grande maioria associados ao traçado destas, sendo, assim, a única forma de comunicação existente entre as várias zonas remotas da Charneca. Neste território é possível identificar duas vias mencionadas no Itinerário de Antonino que ligavam a capital *Emerita Augusta* a *Olisipo*, as vias XIV e XV (MANTAS, 2002, 109-110; 2012, p. 146). Destacamos sítios como a Lagoa Grande (Anexo II, Ficha de Sítio n.º 53) e Meirinho (Anexo II, Ficha de Sítio n.º 115), em que os vestígios de superfície são evidentes e onde associamos alguns marcos miliários que se localizavam perto destes locais (Anexo II, Ficha de Sítio n.º 116 até à 118), destacando o marco miliário encontrado por Mário Saa perto da Lagoa Grande (Anexo II, Ficha de Sítio n.º 54). Ainda que não saibamos hoje a funcionalidade daqueles sítios, a sua existência está indubitavelmente relacionada com as principais vias de comunicação (MANTAS, 2012, p. 166).

Devemos ter em conta a possibilidade da existência de outras vias e caminhos para além destas *vias publicae*. É verosímil que existissem vias secundárias que tinham como principais objetivos cumprir funções de carácter regional ou local (MANTAS, 2012, p.

265). Dentro dessas vias secundárias destacamos as vias alternativas de ligação de entre as várias *civitates* e a ligação destas às grandes vias imperiais. Para além disso deveriam existir caminhos mais modestos como as *viae vicinales*, cuja denominação deriva de *vicus* (pequeno povoado rural). Estes constituíram a parte mais numerosa, e pior conhecida, da rede viária, (...) o conceito de *viae vicinales* indiscriminadamente os caminhos destinados a desencavar pequenas povoações à margem das estradas principais e simples caminhos rurais (MANTAS, 2012, p. 281).

A rede de caminhos servia, ainda, os espaços rurais e as várias explorações agrícolas espalhadas um pouco por todo o território e que certamente se implantariam nos vales das principais ribeiras, como a de Ulme (ou Alpiarça), de Arraiolos, etc..

Ligado aos recursos naturais que poderiam ser explorados neste território, destacamos a presença em grande número de escórias de ferro em diversas zonas (MARQUES, 2002, p. 30; MATIAS, 2003, p. 12-13; SAMOUCO, 2001, p. 20), o que atesta, também, a exploração de minérios na região (ALARCÃO, 1997).

Estes possíveis *vici* ou casais agrícolas seguem um padrão de implantação no território que acarreta claramente um carácter agropecuário, procurando não só abundância dos recursos hídricos mas também os solos férteis de todas aquelas zonas. Destes locais sublinhamos os vários vestígios que foram identificados na margem direita da Ribeira de Ulme até ao lugar do Tamazim (Bemposta, Abrantes) (Anexo II, Ficha de sítio n.º 55 até à 63), estes locais são zonas de terrenos férteis, onde existem várias linhas de água secundárias e onde a acessibilidade deveria ser fácil. A proximidade das vias principais deveria ser um possível fator para a implantação de população nestes locais, sendo que o território terá tido através dessas mesmas vias o rumo da romanização daquela zona.

Estes elementos do povoamento rural romano, nomeadamente o *casal*, são caracterizados como *unidades de exploração de média dimensão (...) onde a vocação rural é evidente, com grande percentagem de materiais vocacionados para atividades rusticas (pesos de tear, mós, dolia ...)*. A sua repartição espacial também está longe de ser homogénea, observando-se maior concentração em torno de terrenos agrícolas favoráveis ou a lugar de passagem (CARNEIRO, 2005, p. 49-50). Observando este modelo, apresentado por André Carneiro, é possível verificar o mesmo padrão no território do município da Chamusca devido às suas características geográficas.

Dentro deste tipo de povoamento destacamos o sítio da Galega Nova (Anexo II, Ficha de Sítio n.º 3), onde foi possível recolher uma amostra considerável de materiais que foram estudados (DIOGO, 1987). Apesar de Dias Diogo apontar a possibilidade deste local como sendo uma possível *villa*, os dados que dispomos não nos permitem tirar o mesmo tipo de conclusões. Pelo contrário, os materiais que foram publicados indiciam antes a presença de um *casal*.

Outro sítio que suscita interesse é, sem dúvida, o lugar que foi mencionado como sendo o *Castelo de Ulme* (Anexo II, Ficha de Sítio n.º 70), neste local não só temos a indicação de terem existido vestígios de uma fortificação (ALMEIDA, 1946, p. 275) bem como foram identificados vários vestígios de cerâmicas romanas (MARQUES, 2002, p. 28-29), e numismas cuja cronologia aponta para os séc.: III/IV. Este sítio pode ser encarado de várias formas sendo possível apontar várias teorias e hipóteses. Não possuímos qualquer cronologia para a suposta fortificação e, atualmente, não é possível observar qualquer vestígio de fortificação ou até mesmo de vestígios romanos. Tal ocorre porque além de ter existido uma ermida naquele local, atualmente, encontra-se implantado um reservatório de água, tendo estas construções afetado este sítio. Este local, na nossa perspetiva, merece, que no futuro, se desenvolva ali um estudo mais aprofundado.

Foi possível, também, identificar várias referências a achados de numismas de época Romana. Estas referências mencionam descobertas de moedas um pouco por todo o território, sendo de destacar os tesouros, ou seja, os conjuntos de moedas encontradas juntas. Há referência ao achado de dois tesouros: um tesouro no Pinhão e outro no Freixo (ou Murta), ambos localizados na freguesia de Ulme (Anexo, Ficha de Sítio n.º 69 e 71). O tesouro do Freixo é atribuído aos sécs.: III/IV e o do Pinhão não foi possível atribuir uma cronologia concreta através das informações recolhidas.

No que diz respeito aos espaços funerários de época romana, destacamos a existência de várias menções à descoberta de sepulturas de tipologia romana, que foram sendo destruídas no séc.: XX em virtude das atividades agrícolas, como aquela mencionada no sítio do Casal do Outeiro, Quinta das Trevas e Meirinho (Anexo, Ficha de Sítio n.º 20, 35 e 115). A existência de espaços funerários demonstra claramente a ocupação romana deste território, uma vez que todos eles foram identificados junto a vias, nomeadamente, ao longo do percurso da EN 118. Um padrão que é visível noutros locais no que diz respeito a necrópoles de época romana (CARNEIRO, 2005, p. 51).

São igualmente conhecidas algumas epígrafes romanas, nomeadamente três inscrições funerárias (Anexo II, Ficha de Sítio n.º 21, 64 e 66) e uma inscrição honorífica (Anexo II, Ficha de Sítio n.º 68).

O conhecimento da paisagem rural romana, neste caso mais específico, à que existiria no período Imperial é ainda muito desconhecida. Não existem sítios escavados que nos permitem conhecer as funções, economias e cronologias específicas de cada ocorrência hoje conhecida. Há um vasto território para o qual não temos sequer qualquer informação sobre a localização de vestígios. Na região onde se insere o concelho da Chamusca conhecem-se vários sítios romanos importantes, nomeadamente, nos concelhos vizinhos de Abrantes<sup>7</sup> e de Constância (BAPTISTA, 2004). É possível que o mesmo modelo de ocupação observado nesses concelhos possa ser semelhante ao que existe no concelho da Chamusca, mas tem de se aprofundar o conhecimento para poder confirmar ou infirmar esta hipótese.

#### 6.1.1. Época Tardo-Romana

O conhecimento disponível para o povoamento e organização rural romana no concelho da Chamusca é, como foi exposto anteriormente, muito deficitário, sendo por isso difícil de entender o que sucede durante e depois da queda do Império Romano.

Não foi possível identificar ou recolher qualquer informação concreta relativamente aos séculos subsequentes ao séc.: IV. Em termos genéricos, a transformação do povoamento rural romano começa a ser notória a partir do séc.: III, com a crise económica que se abateu no Império. Nos séculos subsequentes com a incorporação do cristianismo no modo de vida destas sociedades rurais, a inclusão destes novos modelos socioculturais é descrito como um processo progressivo e é notório um pouco por todo o território pertencente à Lusitânia (DE MAN, 2012, p. 101-102).

O desconhecimento deste período neste território deve-se ao facto de não existirem até ao momento escavações, nos sítios já conhecidos, que nos permitam ter uma baliza cronológica mais fina que possibilite saber se os locais romanos continuaram a ser ocupados e que funções foram assumindo neste período. Apenas um sítio aparenta ter tido

---

<sup>7</sup> Disponível em [http://sic.cm-abrantes.pt/carta\\_arqueologica/carta.html](http://sic.cm-abrantes.pt/carta_arqueologica/carta.html) (consultado 10/12/2014)

continuidade ocupacional. Trata-se da estação do Alto do Carrinho (Anexo II, Fichas de Sítio n.º 7), onde se efetuaram há alguns anos sondagens arqueológicas, onde foram identificados vestígios pertencente ao período Alto Medieval e que abordaremos mais à frente neste trabalho. Não obstante à falta de dados, o território terá continuado a ser ocupado nos séculos que se seguem à queda do Estado Romano. Não é verosímil que as comunidades tenham desaparecido, o que mudou foi o enquadramento político e as estratégias socioeconómicas.

A inexistência de dados não nos permite ir além desta linha de pensamento. Todavia existe a expectativa que num futuro próximo surjam novos dados arqueológicos que possibilitem corroborar e demonstrar esta continuidade de ocupação do território no concelho da Chamusca.

## 6.2. Época Medieval

### 6.2.1. Alta Idade Média

A crise do séc.: III é apontada como o início do desmoronamento do mundo Romano, começando gradualmente a ser notada em vários aspetos na civilização Romana.

Como já referimos anteriormente, não podemos olhar para estas mudanças sociopolíticas e administrativas do território como o fator que teria levado a um eventual abandono integral do território. Retomamos os únicos dados disponíveis para este período e que já referimos, o sítio do Alto do Carrinho (Anexo II, Fichas de Sítio n.º 7). Em duas das três sondagens ali realizadas, aparentemente, identificaram-se contextos aos quais foi atribuída a cronologia Alto-Medieval. *A presença de material de construção romano rolado, inserido na estrutura, e as características do material cerâmico encontrado, levam-nos a inserir cronologicamente a estação na Alta Idade Média* (ALMEIDA e MAURICIO, 1996, p. 9).

Contudo, este período, a par do Tardo-Romano, continuam a ser uma incógnita no vasto território aqui abordado, determinando uma incompreensão do povoamento rural no terreno associado a estas épocas.

O estudo elaborado no estágio não permitiu a identificação de novas ocorrências desta cronologia. Neste caso a situação não é muito diferente do resto do país, onde continuam a existir dificuldades em identificar ocorrências destas cronologias. Os fatores apontados por alguns autores para explicar a “inexistência” destes estratos cronológicos, no registo arqueológico, remetem à diminuição da densidade populacional, à reutilização e reaproveitamento de materiais Romanos, bem como o uso de materiais de construção perecíveis. Por outro lado, o desmoronamento das redes comerciais levou ao aumento das produções locais de cerâmicas (BARKER, 1991, p.3).

Ao abordamos estes locais, percebemos que eles não são “inexistentes”, simplesmente são menos perceptíveis e, muitas das vezes, encontram-se mal interpretados por serem na sua maioria atribuídos à época romana. No caso do concelho da Chamusca, apenas uma prospeção superficial não é suficiente para os diferenciar. Faltam alguns elementos que noutras regiões ajudam a nortear quer a prospeção quer a interpretação dos vestígios de superfície, como é o caso das sepulturas medievais escavadas na rocha, possíveis de encontrar em várias zonas do território português (TENTE, 2007; PRATA, 2014).

Aludindo aos fatores descritos, os dados arqueológicos inseríveis no fim do Império Romano e na época Alto-Medieval, são de facto incertos e praticamente “inexistentes” no registo até hoje estudado e identificado. Podemos presumir que o território teve continuidade de ocupação, apesar dos dados disponíveis não permitirem corroborar essa mesma continuidade.

#### 6.2.2. Época Medieval Muçulmana

Em relação ao período de ocupação muçulmana no concelho da Chamusca, a ausência de vestígios no terreno e, de certo modo até nas fontes, torna este espaço de tempo desconhecido na História deste território (Anexo III, Mapa 9). Ainda, assim, foi possível recolher algumas informações na bibliografia e na toponímia que indiciavam uma possível presença islâmica nesta região. Todavia, as ações de prospeção não permitiram a identificação de qualquer indício material.

Há menções na bibliografia a referências arqueológicas a esta cronologia. Destacamos dois locais identificados nos anos 40 do século XX: a Quinta da Mesquita

(Anexo II, Ficha de Sítio n.º 73); e o Casal do Enxofre (Anexo II, Ficha de Sítio n.º 74). Contudo, no local nada se observa.

No restante território recolhemos na tradição oral as habituais lendas populares sobre mouros e *mouras encantadas*. Existe uma diversidade de topónimos que remetem para a antiguidade do tempo dos *mouros* ou etimologicamente têm uma origem árabe ou berbere: Vale Mouro (Carregueira), Arraiolos (Chamusca), Cova da Moura (Chamusca), Mesquita (Ulme), Enxofre (Ulme), Gruta dos Mouros (Ulme), Anafe (Chouto) etc. (MARQUES, 2002, p.55-57). Outro topónimo que pode ser atribuído a este período é o de “Atalaia”. No território do concelho da Chamusca existe um lugar com o nome de Vale da Atalaia (Pinheiro Grande). Este topónimo normalmente encontra-se associado a zonas altas, em posição estratégica e dominante na paisagem e que, em alguns casos, é possível até identificar algum tipo de estrutura defensiva. Todavia, até ao momento não foi possível identificar qualquer tipo de vestígio material, o que não inviabiliza a sua utilização como espaço de vigia. A Chamusca situava-se na área de influência da cidade de Santarém, ou *Santarín* (FERNANDES, 2002, p. 50). Esta assumia-se como um centro importante, particularmente, após o séc.: XI, quando a conquista cristã chega a Coimbra. A sua posição geográfica dentro do *Garb al- Andalus*, a proximidade à linha de fronteira e as funções militares que desempenhavam neste panorama e o protagonismo económico que possuía (uma das regiões mais férteis do espaço islâmico), tornavam *Santarín* um núcleo urbano importante e central, que, para além de tudo o mais, organizava uma rede de habitats rurais (FERNANDES, 2002, p. 52-55).

A dificuldade da identificação de vestígios do período muçulmano no concelho da Chamusca encontra-se ligado à dificuldade de se identificar no terreno os habitats de carácter rural. Não é impossível que em alguns casos se tenha optado pela continuação de ocupação dos locais já anteriormente habitados. Mas, uma vez mais, apenas as escavações podem infirmar ou confirmar esta hipótese.

### 6.2.3. Baixa Idade Média

Como vimos são poucos os sítios arqueológicos que se podem inserir nos períodos anteriores à Conquista Cristã. A *História* neste território só começa a ganhar forma e contornos após a conquista por Afonso Henriques da linha do Tejo em 1147, com a



conquista de Lisboa e Santarém (BEIRANTE, 1980, p. 29; MARQUES, 1996, p. 29). A partir desse momento, os vários lugares que fazem parte do vasto território do concelho da Chamusca começam a ter visibilidade documental, sendo então registados nas doações, vendas e contratos de arrendamentos, realizados, numa primeira fase as Ordens Militares e, depois, já na viragem da Época Medieval para a Época Moderna, a privados. Tal é o caso ocorrido no séc.: XV com a doação do lugar de Ulme a Ruy Gomes da Silva, cavaleiro do Infante D. Henrique. (MARQUES, 2002, p. 81) (Anexo III, Mapa 9).

Com a conquista de Santarém, a Ordem do Templo fixa-se em Santarém (1147-1159) e procedeu à consolidação de um vasto território em redor de Santarém, passando para a sua posse (...) *Abrantes e Alpiarça recuperadas em 1150 e doadas ao Templo para edificarem castelo, repovoarem e defenderem o respetivo território. Ulme foi doado igualmente àqueles cavaleiros com encargos semelhantes. Cardiga foi doada em 1156 ao Templo viu reconstruir o seu castelo* (FURTADO, 1996, p. 43-44).

Neste contexto há que mencionar o *Castelo de Ulme* (Anexo II, Ficha de Sítio n.º 70). Ainda que não seja possível aferir a data da sua edificação, não deixamos de supor que poderá ter tido um papel importante na defesa daquela zona neste período mais conturbado. O processo de conquista e reconquista medieval foi responsável pelo aparecimento de muitos dos castelos medievais na Península Ibérica (TENTE, 2007, p. 36) e tem lógica que este seja mais um desses casos.

Com a doação de Ceras e os seus termos, em 1159, por D. Afonso Henriques à Ordem do Templo, em permutação do direito eclesiástico de Santarém, a Ordem passa, assim, em 1160 para Tomar, pela mão do Mestre Gualdim Pais. Este funda o Castelo de Tomar em substituição do Castelo de Ceras que não detinha as condições de defesa e de estrutura para a organização social, política e religiosa, que estava a decorrer naquele território que ia até à foz do rio Zêzere, sendo que a sede da Ordem do Templo passa assim de Ceras (1159-1160) para Tomar (1160-1312) (FURTADO, 1996, p. 33).

Com a instalação em Tomar, os Templários expandem-se até ao rio Tejo e assumem a defesa da linha do Tejo. Nesse contexto reerguem, em 1170, do Castelo de Almourol e fundam lugares como Golegã e Casével (FURTADO, 1996, p. 33-34). É exatamente nesta fase que nos aparecem as primeiras menções ao lugar de Pinheiro Grande, inicialmente com o topónimo de *Pinheira*, doada assim à Ordem do Templo em 1186, por D. Sancho I (SAMOUCO, 2001, p. 37).

O lugar de *Pinheira* obterá o estatuto de freguesia com 10 fogos no ano de 1230 (SAMOUCO, 2001, p. 37), sendo que podemos ligar este acontecimento com os progressos do povoamento no Ribatejo no séc.: XIII, bem como com o avanço para a reconquista do Alentejo nesta mesma altura (MATTOSO, 2002, 56-57). Com a extinção da Ordem do Templo em 1312, por decreto do Papa Clemente V, iniciaram-se entre o papado e a coroa portuguesa longas negociações (1312-1319) sobre todos os bens da extinta Ordem do Templo. Em 1319, é assim fundada uma nova Ordem, a Ordem Militar de Cristo pela bula *Ad ea ex equibus* de João XXII e que herda todos os bens da Ordem do Templo (OLIVEIRA, 2005, p. 495). Em 1320 é elaborada uma bula em Avignon pelo Papa João XXII, que concede a D. Dinis a décima de todas as rendas eclesiásticas pertencentes ao Reino de Portugal (menos a Ordem de Malta). É a partir da lista elaborada para esse efeito que temos a informação que a Comenda do Pinheiro estava avaliada em 390 libras e teria assim que pagar uma décima parte desse valor à coroa (DIAS, 1991, p. 104). Nesta altura o topónimo já mudara de *Pinheira* para *Pinheiro*. Esta comenda encontrava-se sobre a alçada do Arcebispado de Lisboa, juntamente com as restantes comendas ao longo do Tejo (FURTADO, 1998, p. 26). Os seus limites encontram-se documentados através dos vários Marcos<sup>8</sup> de pedra espalhados por vários pontos do território da Chamusca ou que foram recolhidos. Tal é possível verificar num outro caso referente à Comenda da Cardiga (BAPTISTA, 2007, p. 83-96). A esta última pertenceria a zona do Arripiado (MATIAS, 2003). Já a zona da Carregueira seria pertença da Comenda do Almourol, visto que, possivelmente, uma primitiva ermida terá pertencido a um desses comendadores (SAMOUCO, 2001, p. 223), mas não temos informações mais claras e precisas sobre essa temática. No que se refere à Comenda do Pinheiro, não é possível ainda delimitar completamente e precisamente o seu território, trabalho que necessita de um estudo mais detalhado e aprofundado.

Outra freguesia do concelho da Chamusca mencionada nesta época é Ulme. Neste lugar existia já uma *quinta* no séc.: XIII, que em 1343 é adquirida por D. Afonso IV (SAMOUCO, 2001, p. 42-43). A documentação do tempo de D. Fernando I refere ainda que em 1378 (...) *as rendas e moinhos de Ulme foram emprazadas a uma Maria Pires* (MARQUES, 2002, p. 123). Isto demonstra como aquela área tinha na Baixa Idade Média uma grande atividade agrícola. Nesta freguesia podemos encontrar uma coleção de

---

<sup>8</sup> Anexo II, Ficha de Sítio n° 9, 10, 11, 12, 14, 24, 25, 26 e 27.

Estelas Funerárias Medievais<sup>9</sup> (MARQUES, 1989a) encontradas durante os anos 50 do séc.: XIX aquando a substituição da antiga igreja de Santa Maria de Ulme. Demonstrando a possibilidade de um primitivo lugar de culto naquele local anterior à época Moderna.

O lugar da Chamusca é também neste período mencionado como *lugar*. Numa primeira fase através de uma carta de privilégios datada de 22 de abril de 1386, dada a Afonso Vasques Correia, vassalo de D. João I e cavaleiro da casa do infante D. Henrique. No ano seguinte é descrita numa carta de restrições à anterior como *aldeia* (SAMOUCO, 2001, p. 61-62). Afonso Vasques Correia possuía também Ulme que a 27/06/1386 lhe foi concedido por D. João I, entre outros bens (MARQUES, 2002, p. 79). Já durante o reinado de D. Afonso V, ambos os locais, Chamusca e Ulme, são confiscados como consequência do seu proprietário ter combatido ao lado de D. Pedro (MARQUES, 2002, p. 79).

Relativamente a este período, as zonas do concelho que se encontram bem documentadas individualmente são: o *Paul da Trava*, Vila de Rei e a freguesia de Vale de Cavalos (LÁZARO, 2009, p. 193-197; 2013). Destacamos apenas que os lugares de Vale de Cavalos e *Trava* diferem um do outro tanto no Tempo como no Espaço, colocando a existência da *Trava* anterior a Vale de Cavalos. A primeira menção ao lugar de Vale de Cavalos data de 1379. Em 1399 este lugar encontrava-se arrendado à parte de Vila de Rei que já era mencionada, nas fontes, como quinta em 1368 (LÁZARO, 2009, p. 112-113; 193). No séc.: XIV temos o conhecimento que tanto Vila de Rei como Vale de Cavalos pertenciam a Pero Esteves do Cazal (LÁZARO, 2009, p. 55). Sendo que o *Paul da Trava* foi alvo de várias doações, permutas e aforramentos ao longo dos séculos, devido às férteis planícies que o compunham e tendo sido mencionado pela primeira vez no séc.: XIII. (LÁZARO, 2013; SAMOUCO, 2001, p. 46).

Todo o território pertencente ao concelho, situado a sul do Tejo, tem boas condições para a agricultura e foram uma importante fonte de rendimento. Tratou-se de um espaço mais ocupado e explorado durante esta fase da História. Santarém continuaria a ter um papel económico e administrativo preponderante e influenciava diretamente esta zona durante toda a Idade Média (BEIRANTE, 1980, p. 172-177).

Com a viragem do séc.: XIV para o XV, e com o começo da Idade Moderna, o território em causa começa a sofrer alterações a todos os níveis sociais, económicos e

---

<sup>9</sup> Ficha de Sítio nº 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90 e 91.

administrativos, começando assim um período de grande desenvolvimento, não só neste território mas por todo o país (SOUSA, 2002).

### 6.3. Época Moderna

É a partir do séc.: XV, que é possível notar um crescimento do povoamento por todo o território do concelho da Chamusca, prolongando-se assim até ao séc.: XVIII. Este desenvolvimento está bem expresso nas fontes escritas mas, também, é visível através de várias estruturas edificadas e que são possíveis de encontrar espalhadas pelo concelho. Destas edificações destacamos a presença de três grandes grupos: edifícios urbanos e rurais, edifícios religiosos e engenhos rurais. Iremos, assim, de um modo genérico, fazer um apanhado dos marcos mais relevantes, atendendo aos sítios arqueológicos e edifícios, relacionando o património histórico-arqueológico com a História dos lugares que pertencem ao concelho da Chamusca (Anexo III, Mapa 10).

Grande parte do território atual da Chamusca encontrava-se em época moderna, integrado no termo de Santarém. Com a doação do lugar de Ulme a Ruy Gomes da Silva, em 1449, por D. Afonso V, toda aquela zona começa a ganhar uma maior expressão a nível do povoamento. As terras doadas a Ruy Gomes da Silva faziam então parte do termo de Santarém e da Coutada Real (MARQUES, 2002, p. 79; SAMOUCO, 2001, p. 155-162).

É a partir deste momento que a aldeia da Chamusca começa o seu grande desenvolvimento, conjuntamente com a aldeia de Ulme, sobre o protetorado dos *Silvas*. A Chamusca fazia parte do limite da aldeia de Ulme até à elevação a vila dos dois lugares, ocorrida em 18 de fevereiro de 1561. A elevação das aldeias a vilas foi feita pela Rainha D. Catarina, viúva de D. João III e regente do Reino na menoridade de D. Sebastião, a pedido de Rui Gomes da Silva, 4º Donatário e Senhor da Chamusca e Ulme (MARQUES, 2002, p. 84-86; SAMOUCO, 2002, p. 11).

A vila da Chamusca e a vila de Ulme faziam parte dos territórios que os *Silvas* detinham em Portugal, até 1643. Nessa data são doados a D. Luísa de Gusmão, integrando assim a Casa das Rainhas à qual pertenceram até à sua extinção no séc.: XIX (SAMOUCO, 2002, p.12-28).

No séc.: XV, Vila de Rei juntamente com Vale de Cavalos, encontrava-se na posse de Rui Gomes de Alvarenga, conde palatino e chanceler-mor de D. Afonso V (LÁZARO, 2009, p. 199). No séc.: XVI, Vila de Rei juntamente com Vale de Cavalos passa para a família Alarcão Soares (LÁZARO, 2009, p. 194) sendo depois arrestadas, em 1658, com a ida para Espanha do seu proprietário. Nessa fase passaram para a posse do Conde de Avintes que, em 1719, assina contrato de sub-rogação com André Lopes de Lavre. Na posse da família Lavre-Meneses mantêm-se até ao séc.: XIX (LÁZARO, 2009, p. 195-196). A aldeia de Vale de Cavalos pertenceu ao termo de Santarém, dentro da freguesia de Marvila, tal como é referido em 1527. No séc.: XVII, Vale de Cavalos passa a integrar outra freguesia, a do Divino Espirito Santo (LÁZARO, 2009, p. 111-112). Vale de Cavalos passa a integrar-se no concelho da Chamusca no séc.: XIX.

A par destas vilas, destacamos que a aldeia do Chouto foi doado aos Condes de Castanheira em 1537 (LÁZARO, 2009, p. 189). Existe pouca informação relacionada com este lugar nas fontes consultadas, contudo sabe-se que no séc.: XVIII neste lugar existiu a freguesia de Nossa Senhora da Conceição e que esta foi integrada juntamente com os bens dos Condes de Castanheira na Sereníssima Casa dos Infantes no séc.: XVIII (SAMOUCO, 2002, p. 65).

A Comenda do Pinheiro Grande é referida nas fontes até ao séc.: XIX, possuindo a aldeia do Pinheiro Grande a freguesia de Santa Maria do Pinheiro Grande e a partir de 1758, passa a fazer parte do seu território a aldeia da Carregueira (SAMOUCO, 2002, p. 55-60).

O lugar do Arripiado encontra-se descrito nas fontes durante a época Moderna como sendo um quinta que pertencia então à freguesia de Tancos e, só no séc.: XIX, irá integrar o concelho da Chamusca (MATIAS, 2003, p. 41-42).

Durante a época Moderna, os territórios localizados a noroeste do concelho da Chamusca, nomeadamente as aldeias da Carregueira e Pinheiro Grande, viram no séc.: XVI os seus territórios agrícolas junto ao rio Tejo aumentarem devido ao desvio do curso do Tejo (MATIAS, 2003, p. 57-59).

No censo de 1527 são mencionadas todos os lugares, agora freguesias da Chamusca. Neste documento percebe-se que aquela zona rural tinha um número considerável de habitantes: a aldeia de Vale de Cavalos e Vila de Rei com 44 habitantes; aldeia do Chouto com 63 habitantes; aldeia da Chamusca e sua freguesia com 156

habitantes; aldeia de Ulme e “seu limite” com 139 habitantes; aldeia do Pinheiro Grande com 27 habitantes e a aldeia da Carregueira com 50 habitantes (BEIRANTE, 1981, p. 201-207).

Todo este território, fundamentalmente agrícola, prospera em torno de culturas agrícolas desenvolvidas nos *pauis*, nomeadamente no da Trava e nos casais rurais que então começam a desenvolver-se com maior intensidade.

### 6.3.1. Edifícios Religiosos

Em todo o espaço concelhio da Chamusca é possível encontrar um vasto número de espaços religiosos divididos em igrejas, capelas e ermidas (de carácter público ou privado) que representam a religiosidade e a crença deste povo, refletindo uma sociedade rural católica que mesmo vivendo do campo e para o campo não deixava de expressar a sua religião.

Entre este património religioso permitimo-nos, numa primeira abordagem, destacar os principais aglomerados urbanos que compõem o concelho da Chamusca e que possuem igrejas cuja construção remonta à época moderna: Carregueira, igreja de Santa Bárbara (Anexo II, Ficha n.º 15); Pinheiro Grande, igreja de Santa Maria do Pinheiro Grande (Anexo II, Ficha n.º 29); Ulme, igreja de Santa Maria de Ulme (Anexo II, Ficha de Sítio n.º 77); Vale de Cavalos, igreja do Divino Espírito Santo (Anexo II, Ficha de Sítio n.º 119); Chouto, igreja de Nossa Senhora da Conceição (Anexo II, Ficha de Sítio n.º 125); e a Chamusca, onde se encontra o maior número de edifícios religiosos. Aqui destacamos as seguintes igrejas: a igreja Matriz, que possui dois portais manuelinos (Anexo II, Ficha de Sítio n.º 39); a igreja da Nossa Senhora da Misericórdia (Anexo II, Ficha de Sítio n.º 40) e a igreja de São Pedro, classificada como monumento de interesse municipal (Anexo II, Ficha de Sítio n.º 43).

Só a partir dos sécs.: XV/XVI começamos a possuir informação documental exata que nos indica a existência de lugares de culto neste território. Na maioria dos casos não é possível atribuir uma data concreta de construção aos edifícios, pois a documentação não nos dá dados claros sobre a cronologia da fundação. Contudo, existem locais onde poderão estar lugares de culto, anteriores aos sécs.: XV/XVI, como é o caso da existência de uma possível ermida de Santa Maria do Pinheiro Grande (Anexo II, Ficha de Sítio n.º

28), mas as informações nas fontes sobre este tema não são consistentes, nem se encontram comprovadas, acusando assim a falta de estudos e investigação sobre o assunto.

A construção destes edifícios e as remodelações que foram sofrendo enquadram-se nos sécs.: XVII e XVIII, tendo sido motivadas pelo enriquecimento geral do país, devido aos rendimentos vindos do Brasil. Observamos que os edifícios religiosos seguem o mesmo padrão da planta arquitetónica com uma só nave, variando o comprimento e a largura. O traçado do edifício demonstra uma arquitetura ruralista, com influências de estilos artísticos mais eruditos, contemporâneo à sua construção, com a aplicação de alvenaria rebocada, com fachadas e portais simples, possuindo uma cobertura composta por uma cúpula ou abóboda. Destacamos ainda que as igrejas paroquiais possuem capelas-mor de planta retangulares e, normalmente, coros altos e altares laterais a par do altar-mor. Estes altares são decorados, na sua maioria, por talha dourada. A arquitetura rural e popular, aqui evidenciada, encontra paralelos um pouco por todo território a norte do Tejo, durante a época Moderna (REIS e CHICÓ, 1983).

Regista-se, assim, uma ascensão a certos padrões arquitetónicos que é possível observar não só nas igrejas mas, também, nas ermidas e nas capelas (FONTES e RORIZ, 2007, p. 24). Estas perderam alguns dos seus traços mais populares no séc.: XVIII, quando são remodeladas e adquirem traços artísticos mais em voga na época (LARANJO, 2014, p. 94). Neste panorama, destacam-se a ermida do Senhor do Bonfim (Anexo II, Ficha de Sítio n.º 41) e a ermida de Nossa Senhora do Pranto (Anexo II, Ficha de Sítio n.º 42), ambas possuindo painéis de azulejos datados do séc.: XVIII (LIZARDO, 1992).

Neste território existiu também um convento, o único no concelho, o convento de Santo António do Pinheiro Grande (Anexo II, Ficha de Sítio n.º 31), que remonta ao séc. XVI.

Os edifícios religiosos do município elucidam assim a fé cristã dos seus habitantes, um vestígio precioso da cultura e da sociedade chamusquense, que se preserva e perdura até aos nossos dias. Esta parte da memória da História local é um ótimo exemplo do património arquitetónico e arqueológico que é preciso proteger, salvaguardar e valorizar para as gerações atuais e futuras.

### 6.3.2. Edifícios Urbanos

Num território maioritariamente rural são abundantes os vestígios ligados à prática agrícola. No entanto, há habitação de pequena e média dimensão, onde vivem os agricultores, que proliferam durante a época moderna nas vilas. (RODRIGUES, 2002, p. 245-250; MAGALHÃES, 2002, p. 263-299). Neste ponto considerámos apenas edifícios que se inseriam nas vilas da Chamusca e de Ulme. A par das igrejas, destacamos a construção do *Solar dos Silvas* (Anexo II, Ficha de Sítio n.º 38) que foi mandado edificar por João da Silva (1487 - 1520), segundo donatário e Senhor da Chamusca e Ulme. Este edifício sofreu no séc.: XVIII, durante a regência da Rainha D. Mariana Vitória (1750 – 1777), remodelações e foi transformado em *Paços do Concelho* (Anexo II, Ficha de Sítio n.º 51). Aí se instalou a Câmara Municipal e o tribunal (SAMOUCO, 2002, p. 35-37).

Foi também edificado no séc.: XVIII, no centro da vila da Chamusca, um Hospital da Santa Casa da Misericórdia (Anexo II, Ficha de Sítio n.º 49).

Na vila de Ulme, também, existe a menção à existência de um *paço* mas apenas se regista na toponímia (MARQUES, 2002, p. 91). No séc.: XVI, quando Ulme é elevado a Vila, foi feita uma nova construção para albergar a Câmara Municipal, hoje apontado como o *Edifício da Antiga Câmara* ou *Casa da Força* (Anexo II, Ficha de Sítio n.º 94).

Assinalamos, também, a existência de celeiros em ambas as vilas (Anexo II, Ficha de Sítio n.º 50 e 93). É provável que os edifícios datem do séc.: XVII, altura em que as vilas são integradas no património da Casa das Rainhas.

Atualmente, nenhum dos edifícios descritos mantem a sua função original, encontrando-se já descaracterizados quer arquitetonicamente quer em termos urbanísticos. Contudo, estes edifícios deveriam originalmente seguir as linhas arquitetónicas comuns a este tipo de edifícios, construídos em época moderna e que podem ser visto em várias regiões do país (FONTES e RORIZ, 2007, p. 24-25). Estes edifícios variavam nos materiais de construção usados e no estilo popular e rural mais característico de cada região.



### 6.3.3. Engenhos Rurais

O território da Chamusca é dominado pela economia agrária, encontrando-se muitos vestígios de tecnologia de transformação dos produtos agrícolas. Os mais comuns são os que transformavam os grãos de cereais em farinha. Esta transformação era feita através de moinhos de rodízio e de azenhas, movidos a água, que marcavam a paisagem ribeirinha. Ao longo dos tempos, estes vestígios têm vindo a sucumbir a um ritmo acelerado, naturalmente, consequência da perda de função, sentenciando-os ao esquecimento e ao abandono.

Estes vestígios são uma importante marca do passado e da identidade da Chamusca, por isso ser tão importante inventariá-los e preservá-los. Nesse sentido foram, igualmente, registados e integrados no inventário do património do concelho da Chamusca que aqui se apresenta.

O município da Chamusca possui uma vasta rede hidrográfica, composta por várias ribeiras e cursos de água que atravessam o território concelhio. Desses destacamos a Ribeira da Foz<sup>10</sup> (Arripiado, Carregueira), Ribeira das Fontainhas/Ferrarias<sup>11</sup> (Arripiado, Carregueira), Ribeira de Ulme<sup>12</sup> (Ulme), Ribeira do Couto<sup>13</sup> (Vale de Cavalos), Ribeira de Muge<sup>14</sup> (Parreira e Chouto), Ribeira do Gavião<sup>15</sup> (Parreira e Chouto) e Ribeira do Chouto<sup>16</sup> (Parreira e Chouto). Existe, no entanto, um número expressivo de linhas de água secundárias, com caudais menores e temporários.

A energia hidráulica destas ribeiras foi aproveitada durante várias épocas e até há bem pouco tempo, para dar força e movimento à vasta rede de moinhos de água e azenhas que se encontram junto às margens das ribeiras, destinadas para a moagem de cereais. Estes engenhos são, na generalidade, pequenos ou de média dimensão e pertenciam a um proprietário privado ou a uma coletividade, o que ilustra uma economia de subsistência local levada a cabo pelas populações (MARQUES, 2002, p. 124-125).

---

<sup>10</sup> Anexo II, Ficha de Sítio n.º 16 e 17.

<sup>11</sup> Anexo II, Ficha de Sítio n.º 18.

<sup>12</sup> Anexo II, Ficha de Sítio n.º 107 até à 112.

<sup>13</sup> Anexo II, Ficha de Sítio n.º 121 até à 124.

<sup>14</sup> Anexo II, Ficha de Sítio n.º 127 até à 132.

<sup>15</sup> Anexo II, Ficha de Sítio n.º 133.

<sup>16</sup> Anexo II, Ficha de Sítio n.º 134 até à 136.

No território do concelho da Chamusca os engenhos hidráulicos encontram-se classificados em duas tipologias: o moinho de rodízio (roda horizontal) e a azenha (roda vertical). O que diferem entre si é a parte estrutural, pois ambos possuíam a mesma finalidade, a moagem dos cereais (GALHANO, 1978, p. 41).

Os moinhos de rodízio chamusquenses possuem um sistema motor de queda de água (DIAS, ET AL., 1959, p. 9). A água encontra-se desviada da ribeira para um açude no nível superior do edifício, onde é retida até ser vazada por um jato de água violento, despejado por cima do rodízio. O jato de água é levado ao rodízio através do *cubo*<sup>17</sup>, que a leva para o *cabouco*<sup>18</sup>, saindo depois pela extremidade do *cubo*, pela *seteira*<sup>19</sup>, direcionando a água para onde se encontra colocado o *rodízio com penas*<sup>20</sup>. A água cai, sobre o rodízio que se encontra no eixo vertical, que faz com o rodízio gire com a força da água, e ative a *péla*<sup>21</sup>. O rodízio gira com o seu eixo vertical sobre o *espigão*<sup>22</sup> e a *rela*<sup>23</sup>, que se encontram colocados no *urreiro*<sup>24</sup>. A *péla* encaixa na parte mais superior, ainda no interior do *cabouco*, primeiro no *lobete*<sup>25</sup> e depois no *veio*<sup>26</sup>. Esta peça encaixa na *bucha*<sup>27</sup> levando o *veio* até à *segurelha*<sup>28</sup>, o que faz efetivamente girar o aparelho destinado à moenda do cereal, a *andadeira*<sup>29</sup>, que se encontra na parte superior, o

---

<sup>17</sup> Cubo – tubo que faz a descida da água até ao rodízio, colocado numa posição inclinada desde o açude até ao cabouco, este podia ser construído em várias matérias-primas (DIAS, ET AL., 1959, p. 29-30; GALHANO, 1978, p. 41-42).

<sup>18</sup> Cabouco – cavidade de arco de volta perfeita onde se encontra o mecanismo motor, isto é, o rodízio, na parte inferior do sobrado (DIAS, ET AL., 1959, p. 11; GALHANO, 1978, p. 42).

<sup>19</sup> Seteira – janela de saída da água do cabouco, que pode ou não conter uma peça para regular a quantidade de água (DIAS, ET AL., 1959, p. 32; GALHANO, 1978, p. 42).

<sup>20</sup> Rodízio com penas – roda horizontal composta de palhetas nas quais embate a água, sendo que o movimento rotativo contínuo faz girar a péla, e por consequente a as mós (DIAS, ET AL., 1959, p. 36-41).

<sup>21</sup> Péla ou Pela – eixo vertical que o rodízio ativa, com comprimento variável, mais grossas na extremidade inferior que liga com rodízio (DIAS, ET AL., 1959, p. 42-43; GALHANO, 1978, p. 42).

<sup>22</sup> Espigão ou Aguilhão – cravado na extremidade inferior da péla depois do rodízio, normalmente uma ponta de metal (DIAS, ET AL., 1959, p. 44-45; GALHANO, 1978, p. 42).

<sup>23</sup> Relá – encaixe onde gira o espigão (DIAS, ET AL., 1959, p. 44-45; GALHANO, 1978, p. 42).

<sup>24</sup> Ureio – peça em madeira onde se encontra fixada a rela. Apoiado numa das pontas e suspenso na outra que termina no sobrado (DIAS, ET AL., 1959, p. 45-46; GALHANO, 1978, p. 42).

<sup>25</sup> Lobete – parte superior da péla, entre esta e o veio, peça que permite a montagem e desmontagem do engenho no cabouco (DIAS, ET AL., 1959, p. 43; GALHANO, 1978, p. 42).

<sup>26</sup> Veio – ferro redondo que na parte inferior termina num *palhetão* ou *pá achatada*, encaixando no lobete, sendo que a parte superior em forma de espigão encaixa na segurelha da mó (DIAS, ET AL., 1959, p. 43; GALHANO, 1978, p. 42-43).

<sup>27</sup> Bucha – peça cilíndrica de madeira, com um orifício no centro onde gira o veio, e que esta encaixada no olho da mó fixa e que faz sustentar e mover a andadeira (DIAS, ET AL., 1959, p. 78-80; GALHANO, 1978, p. 42).

<sup>28</sup> Segurelha – última peça do sistema motor que o liga ao aparelho de moagem (DIAS, ET AL., 1959, p. 43 e 75)

<sup>29</sup> Andeira – mó superior e móvel. (DIAS, ET AL., 1959, p. 74; GALHANO, 1978, p. 43).

*sobrado*<sup>30</sup> (DIAS, ET AL., 1959, p. 28-48; GALHANO, 1978, p. 41-43) (Anexo IV, Figura 1).

No denominado *sobrado*, encontramos o conjunto de mecanismo onde é efetuada a moagem. Composto por duas mós de pedra, sendo apelidadas de *casal*<sup>31</sup>, que está protegido por *cambeiros*<sup>32</sup>. Os grãos do cereal encontram-se depositados na *moega*<sup>33</sup>, caindo depois para a *quelha*<sup>34</sup> em direção do olho da mó, cavidade circular no centro da mó. Para o grão cair da *quelha* é usado um *chamadouro*<sup>35</sup>, que se coloca num dos lados da *quelha*, tornando a queda do grão constante e certa através da vibração. O intervalo de espaço entre a *andeira* e o *pouso* (mó fixa) é, regulado e ajustado através do *aliviadouro*<sup>36</sup> que se encontra normalmente junto ao *casal*. Quando o grão está dentro da *moega* é acionado o *chocalho*<sup>37</sup>, caindo a farinha, ao longo do processo, diante do *casal*, sendo depositada no *termonhado*<sup>38</sup>. Depois é reservada em sacas ou outros equipamentos de armazenamento. O sistema de moagem é parado através do *pejadouro*<sup>39</sup>, dando por concluído o processo de transformação do grão em farinha (DIAS ET AL., 1959, p. 74-93) (Anexo IV, Figura 2).

Comparativamente às azenhas, o mecanismo onde se efetua a moagem era utilizado, igualmente, nos dois tipos de engenhos (DIAS, ET AL., 1959, p. 74), a única diferença eram as características da parte motora movida a água. Este tipo de engenho apenas foi identificado na Ribeira das Fontainhas/Ferrarias (Arripiado, Carregueira)

---

<sup>30</sup> Sobrado – parte superior do edifício onde se encontram as mós e as moegas e o restante equipamento de moagem (DIAS, ET AL., 1959, p. 74).

<sup>31</sup> Casal – conjunto da mó inferior e mais delgada, apelidada de *pouso* por se encontrar fixa; sendo que mó em sentido restrito se refere à *andadeira* (DIAS, ET AL., 1959, p. 74-75; GALHANO, 1978, p. 43).

<sup>32</sup> Cambeiros – dois arcos de madeira circulares que envolvem o casal que assenta no *franjão* ou *pedal* que rodeia o pouso, impedindo que a farinha se espalhe (DIAS, ET AL., 1959, p. 78).

<sup>33</sup> Moega – caixa de madeira piramidal sem tampa suspensa de uma ou duas tábuas que atravessam e se cravam num vão de madeira por detrás da mó por cima da mó, com o vértice para baixo aberto em direção da *quelha* (DIAS, ET AL., 1959, p. 80-86).

<sup>34</sup> Quelha – caleira alongada de madeira por onde escorre o grão vindo da *moega* para a mó, que possuiu um regulador para alterar a sua inclinação (DIAS, ET AL., 1959, p. 82-83; 86-87).

<sup>35</sup> Chamadouro – peça ou conjunto de peças de madeira que provoca a vibração da *quelha* e a consequente queda do grão. Normalmente um pau curvo, que fixo à *quelha*, a outra extremidade roça na superfície em movimento da *andeira* provocando a vibração (DIAS, ET AL., 1959, p. 88-89).

<sup>36</sup> Aliviadouro – peça de madeira com uma secção ou vara destacada colocada no chão junto ao *casal*, que regula a altura da *andeira* para obter uma moagem mais ou menos fina (DIAS, ET AL., 1959, p. 47).

<sup>37</sup> Chocalho – assessorio que antecipa o moleiro que o grão na *moega* esta a acabar (DIAS, ET AL., 1959, p. 92).

<sup>38</sup> Termonhado – espaço diante do *casal* onde fica depositado a farinha (DIAS, ET AL., 1959, p. 78).

<sup>39</sup> Pejadouro – peça que faz o desvio ou regulamento da água, evitando que bate nas penas para o rodizio girar (DIAS, ET AL., 1959, p. 34-36).

(Anexo II, Ficha de Sítio n.º18). Já nada resta desses engenhos, a não ser a base fundacional do edifício onde se encontram.

As azenhas eram compostas por uma roda matriz que se encontrava na posição vertical, localizada fora do edifício, tratando-se de *rodas de azenhas de copos* (DIAS, ET AL., 1959, p. 49; COELHO, 1995a, p. 35). A roda era acionada com a corrente da ribeira desviada para o açude, onde a água era levada por um canal estreito onde deitavam a água nos copos da roda, ou seja, propulsão superior (COELHO, 1995a, p. 35). Este movimento de queda de água faz com que os copos se vão enchendo e com a força da gravidade é acionado um movimento descendente fazendo rodar a roda. Este movimento fazia acionar a roda vertical que transmitia a rotação para o *veio*, e este movimentava a *andeira*, por uma endentação composta por uma *entrosga*<sup>40</sup> e um *carreto*<sup>41</sup>, que convertiam a rotação vertical da roda ou roda de água, para uma rotação horizontal (DIAS, ET AL., 1959, p. 49; GALHANO, 1978, p. 65-69) (Anexo IV, Figura 3).

A existência destes engenhos no espaço concelhio da Chamusca remontam, segundo a documentação histórica, a finais do séc.: XIV ou inícios do séc.: XV. Aparecendo descritos em doações e arrendamentos das terras que rodeiam as ribeiras (LÁZARO, 2009, p. 49-50; MARQUES, 2002, p. 123). Todavia, nem sempre a informação é muito precisa pois indica que num determinado terreno existiria um engenho, mas não fornece dados sobre a sua localização mais concreta ou o tipo de tecnologia do engenho. A persistência deste tipo de engenhos em toda aquela zona faz-nos supor que algumas das estruturas que ainda hoje perduram reaproveitadas, abandonadas ou mesmo em ruínas, poderão remontar aos locais primitivos mencionados na documentação moderna. No entanto, não passa de um hipótese, pois a falta de estudos e informação específica relativamente a cada um dos engenhos identificados é praticamente nula. Neste aspeto o papel da arqueologia é fundamental para tentar perceber o funcionamento dos engenhos hidráulicos e tentar aferir mais dados sobre a cronologia de fundação e de utilização.

Com o progresso industrial, os moinhos e azenhas que tinham como fonte de energia a água, foram lentamente adaptando-se (VITERBO, 1896). Numa primeira fase

---

<sup>40</sup> Entrosga – pequena roda de madeira, dentada em posição vertical e cujos dentes entalam nos *fúseis do carreto* (DIAS, ET AL., 1959, p. 49).

<sup>41</sup> Carreto – pequena roda de madeira, dentada em posição horizontal e cujos *fúseis* entalam com os dentes da entrosga, sendo o eixo do carreto vertical é o mesmo que o veio da andeira (DIAS, ET AL., 1959, p. 49).

datada dos finais do séc.: XIX/ inícios do séc.: XX, introduziram-se motores que faziam com que o engenho fosse mais produtivo durante todo o ano, não dependendo apenas do caudal da ribeira. Tal transformação foi possível de observar no Moinho da Parreira (Anexo II, Ficha de Sítio n.º 135).

No decorrer do séc.: XX os engenhos rurais hidráulicos vão reduzindo a sua atividade. Os processos de moagem industriais introduzidos acabam, assim, por neutralizar esta atividade, extinguindo-se atualmente no concelho da Chamusca que levou ao abandono progressivo das estruturas ou reaproveitamento destas para habitação. Como exemplos: o Moinho da Rainha (Anexo II, Ficha de Sítio n.º 100), o Moinho da Estação (Anexo II, Ficha de Sítio n.º 107), o Moinho do Casalinho II (Anexo II, Ficha de Sítio n.º 109) e o Moinho do Semideiro (Anexo II, Ficha de Sítio n.º 110).

Os moinhos e azenhas no concelho da Chamusca enquadram-se num panorama de economia de subsistência local. Em alguns casos foi possível registar um melhoramento tecnológico. Os engenhos hidráulicos da Chamusca não diferem em termos arquitetónicos dos restantes engenhos deste tipo nesta zona (DIAS, ET AL., 1959).

## 7. Considerações finais

O relatório aqui apresentado foi concebido com o intuito de facultar um documento onde conste o registo dos vestígios arqueológicos e arquitetónicos do município, contribuindo para a o seu conhecimento, conservação e proteção. O inventário do concelho proporciona uma ferramenta essencial para o ordenamento e organização do território podendo, assim, facilitar a elaboração de políticas de salvaguarda e valorização do património cultural no território concelhio.

Com a elaboração deste trabalho foi possível observar que o concelho da Chamusca possui um património histórico e arqueológico considerável que, contudo, até esta data, não foi reconhecido nem valorizado pelos próprios munícipes e pelas entidades locais. Tal surge como consequência direta do facto de ser um património maioritariamente “invisível”, sendo em grande medida desconhecido. No decorrer do séc.: XX e até ao presente não houve por parte da autarquia um investimento no conhecimento desse património que sustentasse uma política efetiva de proteção, salvaguarda e valorização do património arqueológico do concelho da Chamusca.

Os trabalhos efetuados, quer na recolha de informação quer nas ações de prospeção levadas a cabo, apenas demonstram uma parte muito ínfima do património arqueológico deste território concelhio. Num concelho com uma área territorial com aproximadamente 746 Km<sup>2</sup>, que corresponde ao segundo maior concelho do distrito de Santarém, os 136 sítios relocalizados são apenas uma amostra do potencial patrimonial deste território. Para além das dificuldades que se enfrentaram para a relocalização dos sítios, foram progressivamente surgindo grandes complexidades com a leitura dos mesmos individualmente. Ainda assim, os dados recolhidos permitiram ter uma ideia de como o território era ocupado e explorado nas diversas épocas históricas, mas muito está ainda por fazer. É necessário continuar a identificar os restantes vestígios que ainda são desconhecidos, como é fundamental dar início a um aprofundamento do conhecimento que atualmente detemos.

No que diz respeito ao território, encontramos grandes disparidades em termos de distribuição das ocorrências no espaço. Tal advém do desequilíbrio da informação facultada pela pesquisa bibliográfica e documental que valorizou determinadas áreas em detrimento de outras.

A ocupação do território em época Romana, com a análise realizada através dos sítios, indicia que o território foi ocupado de forma sistemática, ainda que seja difícil, pelos dados disponíveis, perceber o tipo de povoamento e a sua organização.

Para o período da Tardo-Antiguidade não há praticamente dados. Contudo, a possibilidade de durante este período se terem continuado a ocupar os sítios romanos, pelo que, sem escavações, é impossível precisar melhor as diacronias de ocupação de cada sítio. Na época Medieval podemos observar que a ocupação do espaço começa a ser mais expressiva, nomeadamente, após a reconquista cristã com as primeiras menções escritas a lugares que compõem o atual espaço concelhio da Chamusca. Aparentemente, o povoamento intensifica-se com o início da Modernidade e prolonga-se ao longo de todo esse período, através de um povoamento rural centrado nas vilas da Chamusca e Ulme, dispersando-se depois por todo o campo e charneca, através de casais, quintas e explorações agrícolas de pequena e média dimensão. Os lugares que conhecemos hoje como as sedes das várias freguesias, começam a ganhar expressividade e relevo com o aumento do crescimento da população e da economia, sendo a produção e exploração agrícola o principal fator impulsionador do crescimento deste território.

As atividades agrícolas marcam claramente a organização do território. Os sítios modernos e contemporâneos relacionados com estas atividades estão bem representados no inventário aqui apresentado. Trata-se de azenhas e moinhos que se encontram um pouco por todas as ribeiras principais e que expressam a intensidade da exploração dos recursos agrários, principalmente a partir dos séculos XVII/XVIII. Acompanhando esse crescimento, assiste-se, igualmente, a um aumento das construções religiosas (igrejas e ermidas) e de edifícios de maior investimento arquitetónico, de carácter particular como a construção do Hospital da Misericórdia. Cada sítio arqueológico mencionado neste inventário contém um interesse científico associado, não só é importante para a História local, mas também revela um interesse cultural, nomeadamente, para as identidades das comunidades locais. É com essa base que se pretende o envolvimento das comunidades na proteção, conservação e salvaguarda do património e, igualmente, do seu passado como comunidade. A valorização do património efetuado pela população local, nomeadamente o arqueológico, é uma ação que deve ser fomentada junto dos habitantes locais pois são eles que lidam com este tipo de vestígios, diariamente, devido às características rurais e agrícolas deste território. A informação deve ser transmitida através das autoridades dos poderes locais, através de programas de divulgação para um

público não especializado, demonstrando que a arqueologia é para todos. O papel de todos e de cada um é fundamental para a conservação do nosso passado e garante que os seus vestígios chegarão às gerações futuras. Nesse sentido, a intervenção junto da comunidade escolar local é, também, uma ação que deve ser implementada, sensibilizando as gerações mais novas para a defesa de um património comunitário que se encontra em perigo.

Acresce a estas ações de sensibilização da comunidade, a necessidade de criar um museu ou um centro interpretativo, onde se possam apresentar e explicar os vestígios do passado. A preparação de uma estrutura terá de passar pelo diálogo com muitos municípios que detêm em sua posse artefactos e elementos arquitetónicos que foram recolhendo. Isto implica que a autarquia transmita a ideia que o património é de todos e que ela, como representante de todos os municípios, está disponível para valorizar esse mesmo património e para o transmitir descodificando os seus significados para o tornar perceptível aos olhos de todos. Este novo espaço poderia garantir, por exemplo, a realização de exposições dos espólios que estão em posse de privados, bem como constituir-se como um depósito onde possam ser recolhidos e armazenados os espólios, para que se encontrem bem conservados. Criando, igualmente, condições físicas para o desenvolvimento do trabalho de investigação por parte de investigadores diversos, nomeadamente alunos do ensino superior a desenvolverem teses. A estrutura cultural deveria ainda possibilitar o desenvolvimento de atividades lúdicas e pedagógicas para toda a comunidade. A par desta estrutura seria, igualmente, interessante e importante que se desenvolvessem roteiros que divulgassem o património. Estes poderiam ser mais genéricos e dirigidos aos turistas locais e exógenos mas, também, poderiam existir propostas para roteiros mais desenvolvidos em termos científicos ou mais temáticos (p.e. de carácter religioso, agrário ou só arqueológico, etc.), que corresponderem a públicos mais exigentes e especializados. Tais ações implicam a valorização e conservação dos vestígios, principalmente do edificado. As ações de recuperação e restauro dos mesmos devem ser encarados como um investimento futuro que trará, a longo prazo, benefícios culturais para a população e para todo o território em si, nomeadamente, a atividade turística.

Os dados apresentados neste trabalho não são definitivos, uma vez que o número de sítios aqui inventariados deverá aumentar, ao ritmo do desenvolvimento deste trabalho de inventariação. Efetivamente há um grande potencial neste território em termos de património arqueológico e histórico, particularmente para os períodos históricos aqui



abordados. Tendo este aspeto presente, o inventário elaborado neste trabalho, esperamos que este seja o primeiro de muitos trabalhos científicos em prol do conhecimento e salvaguarda do património arqueológico no município da Chamusca. Dessa forma dar-se-ia continuidade ao trabalho de salvaguarda e valorização do passado e dos seus vestígios patrimoniais e, assim, criar as condições para a sua divulgação e promoção junto da comunidade local e turística.

## 8. Bibliografia

- ABRAÇOS, M. F. (1999) – Contributo para a história e inventário dos mosaicos romanos do Museu Nacional de Arqueologia. In *O Arqueólogo Português*. Série IV, Vol. 17. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. P. 345-397;
- ALARCÃO, A. M., ed. (1997) - *Portugal romano: a exploração dos recursos naturais*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia;
- ALARCÃO, J. de (1988) – *Roman Portugal*. Warminster : Ars & Phillips;
- ALARCÃO, J. de (1990) - O Domínio Romano. In SERRÃO, J.; MARQUES, A.H. de O., eds. - *Nova História de Portugal*. I - *Portugal das origens à romanização*. Lisboa: Presença. P. 343-489;
- ALARCÃO, J. de (1995) - *O domínio romano em Portugal*. Mem Martins: Europa-América;
- ALARCÃO, J. de (1998) – Paisagem rural romana e alto-medieval em Portugal. In *Conimbriga*. Vol. XXXVII. Coimbra: Universidade de Coimbra Instituto de Arqueologia. P. 89-119;
- ALARCÃO, J. de (2002) – Scallabis e o Seu Território. In *De Scallabis a Santarém*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Pp. 37-46;
- ALARCÃO, J. de (2004) - Notas de arqueologia, epigrafia e toponímia – II. *Revista Portuguesa De Arqueologia*. Vol. 7. Número 2. Pp. 193-216;
- ALMEIDA, J. de (1946) – *Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses*. Volume II (Distritos de Aveiro, Coimbra, Leiria e Santarém). Lisboa: Edição do Autor;
- ALMEIDA, N. e MAURICIO, J. (1996) – *Relatório dos trabalhos realizados na Estação do Alto do Carrinho*. Texto Policopiado;
- ASHMORE, W.; KNAPP, A. B. (1999) - *Archaeologies of Landscape: Contemporary Perspectives*. New Jersey: Blackwell Publishing;
- BAPTISTA, Á. (2004) – *Carta Arqueológica de Constância*. Constância: ESCORA – Associação de Jovens para a Preservação Cultural e Arqueológica de Montalvo;

- BAPTISTA, L. (2007) - *Cardiga: De Comenda A Quinta Da Ordem De Cristo (1529-1630)*. Tese mestrado em História Regional e Local , Dep. de História, Fac. de Letras, Univ. de Lisboa. [Texto Policopiado];
- BARROSO, D. S. (2004) – *Incêndios Florestais 2003 – Caso da Chamusca*. Universidade de Coimbra – Faculdade de Letras, Instituto de Estudos Geográficos – Riscos Naturais e Proteção do Ambiente. [Texto Policopiado];
- BARKER, G. (1991) - Approches to archaeological survey. In BARKER, G.; LLOYD, J., eds. - *Roman landscapes. Archaeological Survey in the Mediterranean Region*. London: British School at Rome, p. 1-9;
- BEIRANTE, M. Â. (1980) – *Santarém Medieval*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa;
- BEIRANTE, M. Â. (1981) – *Santarém Quinhentista*. Lisboa: Ramos, Afonso & Moita, Lda;
- BEIRANTE, M. Â. (1993) - A ‘Reconquista’ cristã. In SERRÃO, J.; MARQUES, A.H. de O., eds. - *Nova História de Portugal*. Vol. II - *Portugal, das invasões germânicas à ‘Reconquista’*. Lisboa: Presença, p. 253-363;
- BICHO, N. (2006) – *Manual de Arqueologia Pré-Histórica*. Lisboa: Edições 70;
- CARVALHO, A. (1993) – *As villae*. In MEDINA, J. (ed.) – *História de Portugal*. Vol. 2. Lisboa: Ediclube;
- CARNEIRO, A. (2005) – *Carta Arqueológica do Concelho de Fronteira*. Lisboa: Edições Colibri/ Câmara Municipal de Fronteira;
- CHAVES, L. (1937) - Mosaicos Lusitano-Romanos Em Portugal. “Antiquitates”. *Revista de Arqueologia*. Lisboa: [s.n.]. Vol. III;
- COELHO, A. M. (org.) (1967) - *Boletim Bibliográfico – Arquivo Histórico do Pinheiro Grande, Inventário*. Arquivo Municipal da Chamusca, publicação trimestral. Ano II, nº. 7/8, Abril/Julho. Chamusca: Câmara Municipal da Chamusca;
- COELHO, A. M. (1995a) – *Cadernos da Ascensão. A Água*. Chamusca: Câmara Municipal da Chamusca;

COELHO, A. M. (1995b) – *Cadernos da Ascensão. A Terra*. Chamusca: Câmara Municipal da Chamusca;

DE MAN, A. (2012) - Forms of late antique settlement in Lusitania. In *The very beginning of Europe? Cultural and Social Dimensions of Early-Medieval Migration and Colonisation (5th-8th century)*. Relicta Monografieën 7. Brussels: Flanders Heritage Agency. Pp. 101-108;

DIAS DIOGO, A. M. (1987) - *Estação Romana da Galega Nova (Carregueira, Chamusca) - Notícia da sua identificação*. Chamusca: Câmara Municipal da Chamusca;

DIAS, J. (1991) – As Comendas de Almourol e Cardiga, das Ordens do Templo e de Cristo, na Idade Média. In *As Ordens Militares em Portugal – Actas do 1º Encontro sobre as Ordens Militares. Palmela 3, 4, e 5 de Março de 1989*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela. Pp 101-113;

DIAS, J.; OLIVEIRA, E. V. de; GALHANO, F. (1959) – *Sistemas Primitivos de Moagem em Portugal – Moinhos, Azenhas e Atafonas*. I - Moinhos de Água e Azenhas. Porto: Instituto de Alta Cultura;

DREWETT, P. L. (1999) - *Field Archaeology: An Introduction*. London: UCL Press;

ENCARNAÇÃO (d'), J. (1984) – *Inscrições Romanas do Conventous Pacensis*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra;

ENCARNAÇÃO (d'), J. (1995) – “A colecção epigráfica de Mário Saa no Ervedal”. *Humanistas*, vol. 47, pp. 629-645;

ET ALL. (1995) – *Plano Diretor Municipal – Relatório*. GEOIDEIA – Estudos de Organização do Território, Lda. [Texto policopiado];

FABIÃO, C. (2005) - *Arqueologia militar romana da Lusitania: textos e evidências materiais*. Livro do curso sobre Arqueologia Militar Romana na Europa, Segóvia 2001. Segóvia: Junta de Castilla y León, p. 53-73;

FERNANDES, H. (2002) – Em Torno de Santarin: Posição e Funções. In *De Scallabis a Santarém*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Pp. 47-59;

FONTES, L. e RORIZ, A. (2007) – *Património Arqueológico e Arquitetónico de Vieira do Minho*. Vieira do Minho: Município de Vieira do Minho;

FURTADO, T. P. (1996) – *O Castelo de Almourol – Monumento e Imaginário*. Vol. I. Dissertação de Mestrado em História de Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa: Biblioteca Nacional;

GALHANO, F. (1978) – *Moinhos e Azenhas de Portugal*. Lisboa: Associação Portuguesa dos Amigos dos Moinhos;

GOMES, J., OOSTERBEEK, L., GRAÇA, A. (2004) – *Povoamento Pré-histórico da Chamusca*. In Martí, E. A; Martín, J. M. (coord.) – *Actas del 1er Congreso Peninsular de Estudiantes de Prehistoria*, 8, 9, 10 y 11 de abril de 2003. Pp. 212-219 [ISBN 84-609-2207-3];

GONÇALVES, F.; ZBYSZEWSKI, G.; CARAVANHOSA, A. e COELHO, A. P. (1979) – *Carta Geológica de Portugal, Escala 1/50 000. Notícia Explicativa da Folha 27-D*. Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa. P. 75;

GRAÇA, A. (2002) – *Subsídio para a Carta Arqueológica da Chamusca – Relatório*. Trabalho para a disciplina de Estágio no Instituto Politécnico de Tomar, Departamento de Gestão do Território, Licenciatura na Variante de Arqueologia da Paisagem – Curso de Tecnologia em Conservação e Restauro;

GRAÇA, A. (2003) - *Inventário do Impacte dos Incêndios de 2003*. Arquivo Municipal da Chamusca. [Texto Policopiado];

GUERRA, A. (1987) – *Acerca dos projectos para Funda da Lomba do Canho (Argnil)*. In *O Arqueólogo Português*. Série IV, Vol. 5. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. P. 161-177;

LARANJO, R. X. (2014) – *Carta Arqueológica do Concelho de Estremoz: da época romana à época moderna*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Texto Policopiado;

LÁZARO, A. (2009) – *Vila de Rei com Val de Cavalos – A Charneca*. Lisboa: Edições Cosmos;

LÁZARO, A. (2013) – *O Campo da Trava no Termo de Santarém - A borda-d'água*. Lisboa: Edições Cosmos;

LIZARDO, B. ET AL. (1987) - *Indícios de uma via Romana no Concelho da Chamusca - contributo para o seu estudo*. Chamusca: C.M. Chamusca;

- LIZARDO, B. (1992) - *Azulejos na vila da Chamusca*. Chamusca: Câmara Municipal da Chamusca;
- LOPES, F. (2012) – *Património Arquitetónico e Arqueológico – Noção e normas de proteção*. Casal de Câmara: Caleidoscópio;
- MAGALHÃES, J. R. (2002) – 6. As estruturas da produção agrícola e pastoril. In *História de Portugal*. (dir. José Mattoso). Vol. V. Lisboa: LexiCultural. P. 263-301;
- MANTAS, V. G. (2002) – A Rede Viária de Scallabis. In *De Scallabis a Santarém*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Pp. 107-112;
- MANTAS, V. G. (2012) - *As vias romanas da Lusitânia*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano;
- MARQUES, J. J. (1987) – *As inscrições romanas do concelho*. Chamusca: C.M. Chamusca;
- MARQUES, J. J. (1989a) - *Estelas Funerárias da Vila de Ulme – Chamusca*. Chamusca: C.M. Chamusca;
- MARQUES, J. J. (1989b) - *Ulme Nos Meados Do Séc. XVIII Ou O Relatório Dos Párocos De 1758*. Chamusca: C.M. Chamusca;
- MARQUES, J. J. (2002) - *Ulme: Uma Vila: A História E Suas Tradições: Monografia*. Ulme: Junta de Freguesia do Ulme;
- MARQUES, M. A. F. (1996) - A viabilização de um reino. In *Nova História de Portugal*. Vol. 3 - Portugal em definição de fronteiras. Do Condado Portucalense à Crise do Século XIV. Dir. A. H. Oliveira Marques e Joel Serrão; Coord. Maria Helena da Cruz Coelho e Armando L. de Carvalho Homem. Lisboa: Presença. Pp. 23-37;
- MATIAS, J. C. C. (2003) – *Arripiado, Aldeia do Tejo*. Chamusca: Câmara Municipal da Chamusca;
- MATTOSO, J. (2002) – III. A Crise de 1245. In *Obras Completas José Mattoso. Vol. 8.: Portugal Medieval: Novas interpretações*. Lisboa: Círculo de Leitores;

OLIVEIRA, L.F. (2005) – Ordens Militares. In *Ordens Religiosas em Portugal. Das Origens a Trento - Guia Histórico*. (dir.) SOUSA, Bernardo Vasconcelos de,. Lisboa: Livro Horizonte;

PENA, A. (1996) - *Santarém: Um Roteiro Natural Do Concelho*. Linda-a-Velha: A. Pena Consultoria e Divulgação dos Recursos Naturais;

PEREIRA, J.; NETO, N.; REBELO, P. (2007) - *Relatório Final dos Trabalhos Arqueológicos da Construção do Centro Integrado de Recuperação, Valorização e Eliminação de Resíduos Industriais (CIRVER) – Carregueira*. [Texto Policopiado];

PIMENTA, J.; HENRIQUES, E.; MENDES, H. (2012) – *O Acampamento Romano do Alto dos Cacos, Almeirim*. Almeirim: Associação de Defesa do Património Histórico e Cultural do Concelho de Almeirim;

PIMENTA, J. (2013) - *Monte dos Castelinhos - Vila Franca de Xira e a conquista romana do Vale do Tejo*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia [catálogo de exposição no MNA];

PRATA, S. (2014) - Espaço, rituais e morte na Alta Idade Média: o caso das necrópoles da Serra de São Mamede (Concelhos de Castelo de Vide e Marvão). In *Paisagens e Poderes no Medievo Iberico* Actas do I Encontro Ibérico de Jovens Investigadores em Estudos Medievais – Arqueologia, História e Património. Braga: CITCEM. Pp. 43 – 60;

RENFREW, C.; BAHN, P. (1991) - *Archaeology: theories, methods and practice*. London: Thames and Hudson;

REIS, H. e CHICÓ, M. T. (1983) - *A Arquitectura Religiosa do Alto Alentejo na segunda metade do século XVI e nos séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda;

RESENDE, A. de (1593) - *Libri quatuor De antiquitatibus Lusitaniae*. [Disponível em [http://purl.pt/15210/4/res-3068-v\\_PDF/res-3068-v\\_PDF\\_24-C-R0150/res-3068-v\\_0000\\_Obra%20Completa\\_t24-C-R0150.pdf](http://purl.pt/15210/4/res-3068-v_PDF/res-3068-v_PDF_24-C-R0150/res-3068-v_0000_Obra%20Completa_t24-C-R0150.pdf) - Consultado a 08/05/2015];

RIBEIRO, O.; LAUTENSACH, H.; DAVEAU, S. (1987) – *Geografia de Portugal. I – A Posição Geográfica e o Território*. Vol. I. Lisboa: Edições João Sá da Costa, LDA;

- RIBEIRO, O.; LAUTENSACH, H.; DAVEAU, S. (1988) – *Geografia de Portugal. II – O Ritmo Climático e a Paisagem*. Vol. II. Lisboa: Edições João Sá da Costa, LDA.;
- RODRIGUES, T. F. (2002) – 5. As estruturas populacionais. In *História de Portugal*. (dir. José Mattoso). Vol. V. Lisboa: LexiCultural. Pp. 210-257;
- RÔLO, R. A. G. (2009) - *Geração De Pares De Sismos. Compatíveis Com Um Espectro De Resposta*. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Engenharia Civil no Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa;
- S. A. (2014) – *Plano de Gestão de Riscos de Corrupção e Infrações Conexas - 2015*. Câmara Municipal da Chamusca. [Texto Policopiado];
- SAA, M. (1956) – *As Grandes Vias da Lusitânia (O Itinerário de Antonino Pio)*. Vol. I. Lisboa: Ed, dos Autos;
- SAA, M. (1963) – *As Grandes Vias da Lusitânia (O Itinerário de Antonino Pio)*. Vol. IV. Lisboa: Ed, dos Autos;
- SAA, M. (1964) – *As Grandes Vias da Lusitânia (O Itinerário de Antonino Pio)*. Vol. V. Lisboa: Ed, dos Autos;
- SAMOUÇO DA FONSECA J.J. (2001) - *História da Chamusca, das origens a 1643*. Volume I. Chamusca: C.M. Chamusca;
- SAMOUÇO DA FONSECA J.J. (2002) - *História da Chamusca, 1643 a 1855*. Volume II. Chamusca: C.M. Chamusca;
- SAMOUÇO DA FONSECA J.J. (2003) - *História da Chamusca, 1855 a 1919*. Volume III. Chamusca: C.M. Chamusca;
- SAMOUÇO DA FONSECA J.J. (2007) - *História da Chamusca, 1919 a 1950*. Volume IV. Chamusca: C.M. Chamusca;
- SEQUEIRA, G. (1949) - *Inventário Artístico de Portugal - Distrito de Santarém*. Vol. III. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes;
- SHAFFER, H. (1997) – *Research design and sampling techniques*. In *Field methods in Archaeology*. 7th Edition. Mountain Views: Mayfield Publishing Company;



- SILVA, J. C. (1989) – 151 - Placa funerária do Casalinho, Chamusca. In *FICHEIRO EPIGRÁFICO* 33 (Suplemento da Revista Conimbriga);
- SILVA, J. C. (1989) – 152 - Miliário de Constantino Magno. In *FICHEIRO EPIGRÁFICO* 33 (Suplemento da Revista Conimbriga);
- SOUSA, A. de (2002) – A Monarquia Feudal (1096-1480). In *História de Portugal*. (dir. José Mattoso). Vol. IV. Lisboa: LexiCultural;
- SOUSA (dir.), B. V. de (2005) - *Ordens Religiosas em Portugal. Das Origens a Trento - Guia Histórico*. Lisboa: Livro Horizonte;
- TECEDEIRO, L. A. V. (1999) – *A Religião pelo Concelho da Chamusca – Igrejas e Capelas*. Vol. III. Alpiarça: GARRIDO artes gráficas;
- TENTE, C. (2007) – *A ocupação alto-medieval da Encosta Noroeste da Serra da Estrela*. Lisboa. IPA. Trabalhos de Arqueologia: 47;
- VITERBO, S. (1896) - Archeologia industrial portuguesa: os moinhos. In *O Arqueólogo Português*. 1.<sup>a</sup> Série, Vol. II, N.º 8 e 9. Lisboa: Museu Etnográfico Português. P. 193-204;
- ZBYSZEWSKI, G. e FERREIRA, O. V. (1979) - *Carta Geológica de Portugal, Escala 1/50 000. Notícia Explicativa da Folha 31-B*. Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa. 27 p.

ANEXOS



# **ANEXO I**

**Modelo da Base de Dados e Ficha de Sítio**



Database\_INICIAL : Base de Dados- C:\Users\Raquel Sousa\Documents\Inventário e Va...

FERRAMENTAS DE TABELA

FICHEIRO BASE CRIAR DADOS EXTERNOS FERRAMENTAS DA BASE DE DADOS CAMPOS TABELA

Vista Colar Cortar Copiar Pincel de Formatação

Filtro Ascendente Descendente Remover Ordenação

Seleção Avançadas Ativar/Desativar Filtro

Atualizar Tudo Novo Guardar Ortografia Localizar

Registos Eliminar Mais

Localizar Ir Para Selecionar

Calibri 11

Formatação de Texto

Painel de Navegação

Ficha Nº	Designação	Distrito	Concelho	Freguesia/Lugar	Topónimo	CNS	IPA	CMP 1:25 00	Altitude (m)	Coordenada (N)	Coordenada (W)
1	Mosaico do Arripiado	Santarém	Chamusca	Carregueira				330	43m	39°27'13.42"N	8°23'56.58"W
2	Arripiado	Santarém	Chamusca	Carregueira				330	43m	39°27'12.23"N	8°23'56.11"W
3	Galega Nova	Santarém	Chamusca	Carregueira		873		342	180m	39°23'19.23"N	8°21'44.04"W
4	Vale da Chã Grande	Santarém	Chamusca	Carregueira				330	110m	39°26'54.74"N	8°23'40.41"W
5	Pinhal dos Três Marcos	Santarém	Chamusca	Carregueira				330	145m	39°26'47.81"N	8°22'58.36"W
6	Chã das Lamas	Santarém	Chamusca	Carregueira				330	90m	39°27'18.13"N	8°21'50.38"W
7	Alto do Carrinho	Santarém	Chamusca	Carregueira		14656		330	34m	39°26'33.12"N	8°24'10.91"W
8	Casal da Corticeira	Santarém	Chamusca	Carregueira				330	48m	39°25'55.67"N	8°23'46.18"W
9	Marco da Comenda Nº95	Santarém	Chamusca	Carregueira	Arrepiado			330	18m	39°27'23.02"N	8°23'51.37"W
10	Marco Cruz 1	Santarém	Chamusca	Carregueira	Carqueijeira			330	145m	39°25'36.23"N	8°23'51.86"W
11	Marco Cruz 2	Santarém	Chamusca	Carregueira				330	27m	39°26'9.16"N	8°24'32.49"W
12	Marco Cruz 3	Santarém	Chamusca	Carregueira				330	49m	39°25'11.89"N	8°24'54.59"W
13	Ermida de São Marcos	Santarém	Chamusca	Carregueira	Arrepiado			330	18m	39°27'24.51"N	8°23'47.61"W
14	Marco da Coroa	Santarém	Chamusca	Carregueira				330	49m	39°25'10.66"N	8°24'53.26"W
15	Igreja de Santa Barbará	Santarém	Chamusca	Carregueira				330	48m	39°25'12.39"N	8°24'54.42"W
16	Moinho 1 da Ribeira da Foz	Santarém	Chamusca	Carregueira	Ribeira da Foz			330	35m	39°27'25.52"N	8°20'30.85"W
17	Moinho 2 da Ribeira da Foz	Santarém	Chamusca	Carregueira	Ribeira da Foz			330	35m	39°27'14.93"N	8°20'25.57"W
18	Azanhas da Ribeira das Ferrarias	Santarém	Chamusca	Carregueira	Ribeira das Fontainhas			330	48m	39°26'29.54"N	8°23'49.51"W
19	Ribeira das Fontainhas	Santarém	Chamusca	Carregueira	Ribeira das Ferrarias	19278		330	67m	39°26'18.35"N	8°23'43.20"W
20	Casal do Outeiro	Santarém	Chamusca	Pinheiro Grande				342	25m	39°23'29.45"N	8°26'27.22"W
21	Lápide da Arrezima	Santarém	Chamusca	Pinheiro Grande	Arrezima			342	59m	39°22'59.20"N	8°26'56.46"W
22	Vale da Arrezima	Santarém	Chamusca	Pinheiro Grande				342	100m	39°22'47.66"N	8°26'49.91"W
23	Casal da Feia	Santarém	Chamusca	Pinheiro Grande				342	50m	39°22'15.97"N	8°27'41.97"W
24	Marco da Comenda Nº.78	Santarém	Chamusca	Pinheiro Grande				342	29m	39°23'37.84"N	8°26'14.92"W
25	Marco da Comenda Nº. 87	Santarém	Chamusca	Pinheiro Grande				342	20m	39°23'42.29"N	8°26'16.97"W
26	Marco Cruz 4	Santarém	Chamusca	Pinheiro Grande				342	29m	39°23'37.97"N	8°26'14.98"W
27	Marco Cruz 5	Santarém	Chamusca	Pinheiro Grande				342	72m	39°23'33.34"N	8°26'15.55"W

Registos: 1 de 136

Vista de folha de dados

Database\_INICIAL : Base de Dados- C:\Users\Raquel Sousa\Documents\Inventário e Valorização\FICHAS\_DE\_SITIO\Database\_INICIAL.accd (Formato de ficheiro do Access 2007 - 2013) ...

FICHEIRO BASE CRIAR DADOS EXTERNOS FERRAMENTAS DA BASE DE DADOS

Vista Colar Cortar Copiar Pincel de Formatação

Filtro Ascendente Descendente Remover Ordenação

Seleção Avançadas Ativar/Desativar Filtro

Atualizar Tudo Novo Guardar Ortografia Localizar

Registos Eliminar Mais

Localizar Ir Para Selecionar

Calibri 11

Formatação de Texto

Todos os Obj...

Procurar...

Tabelas

Consultas

Formulários

Ficha de Sítio

Ficha de Sítio

Ficha Nº	1				
Designação	Mosaico do Ampiado				
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca		
Freguesia/Lugar	Carregueira	Topónimo			
CNS		IPA		Altitude (m)	43m
CMP 1:25 000 folha nº	330	P Cronológico	Romano		
Coordenada (N)	39°27'13.42"N	Coordenada (W)	8°23'56.58"W		
Tipo de Sítio	Mosaico	Estado de Conservação	Outros		
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Construção civil		
Acessos	EN 118 direção: (Chamusca-Abraantes), Ampiado, Quinta do Ampiado de Baixo				
Descrição	O mosaico foi descoberto em 1921 durante umas obras de regularização de alguns terrenos com vista à implantação de uma eira na Quinta do Ampiado de Baixo. O achado foi documentado através de uma fotografia e da seguinte descrição que passo a citar: "O mosaico ocupava uma superfície que teria cinco metros de comprimento por três de largo, terminando retangularmente num dos extremos e salientando-se em curva no outro. Dividia-se, ao longo do comprimento, em três secções, sendo as dos lados completamente iguais entre si e divergindo a do meio. As secções dos lados eram divididas em quadrados, cada um com sua composição em separado. A secção do meio e a curva da terminação também cada uma se distinguia pela sua composição peculiar. O conjunto, em todas as suas divisões, era construído por uns pequenos paralelepípedos, (...), policrómicos, formando entrelaçamentos, delimitados estes e executados com inextinguível correção de desenho, e o maior gosto artístico". (SAMOUCO, 2001, pág.: 12) Atualmente parte do mosaico encontra-se na Coleção de Mosaicos do Museu Nacional de				

Registos: 1 de 136

Vista de formulário

**Modelo 1** – Tabela de recolha de dados dos Sítios Arqueológicos – Base de Dados com a elaboração de um formulário próprio

Ficha N°					
Designação					
Distrito		Concelho			
Freguesia/Lugar		Topónimo			
CNS		IPA		Altitude (m)	
CMP 1:25 000 folha n°			P Cronológico		
Coordenada (N)			Coordenada (W)		
Tipo de Sítio			Estado de Conservação		
Uso do Solo			Ameaças		
Acessos					

Descrição	
-----------	--

Bibliografia	
--------------	--

Observações	
-------------	--

Registo Cartográfico	
Registo Fotográfico	

**Modelo 2** – Modelo da Ficha de Sítio adaptada do formulário elaborado no Access 2013





# ANEXO II

## Inventário dos Sítios Arqueológicos



## Índice dos sítios arqueológicos por número de sítio:

<b>Ficha Nº</b>	<b>Designação</b>	<b>Página</b>
1	Mosaico do Arripiado	87
2	Arripiado	89
3	Galega Nova	91
4	Vale da Chã Grande	93
5	Pinhal dos Três Marcos	95
6	Chã das Lamas	97
7	Alto do Carrinho	99
8	Casal da Corticeira	101
9	Marco da Comenda Nº95	103
10	Marco Cruz 1	105
11	Marco Cruz 2	107
12	Marco Cruz 3	109
13	Ermida de São Marcos	111
14	Marco da Coroa	113
15	Igreja de Santa Barbará	115
16	Moinho 1 da Ribeira da Foz	117
17	Moinho 2 da Ribeira da Foz	119
18	Azenhas da Ribeira das Ferrarias	121
19	Ribeira das Fontainhas	123
20	Casal do Outeiro	127
21	Lápide da Arrezima	129
22	Vale da Arrezima	131
23	Casal da Feia	133
24	Marco da Comenda Nº.78	135
25	Marco da Comenda Nº. 87	137
26	Marco Cruz 4	139
27	Marco Cruz 5	141
28	Ermida de Santa Maria do Pinheiro Grande	143
29	Igreja de Santa Maria do Pinheiro Grande	145
30	Casa do Pároco	147
31	Convento de Santo António do Pinheiro Grande	149
32	S. Sebastião	151
33	Arraiolos de Baixo	153
34	Bonfim	155
35	Quinta das Trevas	157

36	Marcos da Comenda do Pinheiro	159
37	Ermida do Outeiro de São Pedro da Chamusca	161
38	Solar dos Silvas	163
39	Igreja Matriz da Chamusca	165
40	Igreja da Misericórdia	167
41	Ermida do Senhor do Bonfim	169
42	Ermida de Nossa Senhora do Pranto	171
43	Igreja de São Pedro	173
44	Capela de Nossa Senhora da Piedade e das Sete Dores	175
45	Ermida de São Sebastião do Mato	177
46	Ermida da Nossa Senhora das Trevas	179
47	Ermida de Santa Maria das Eyras	181
48	Igreja Terceira da Ordem de São Francisco	183
49	Hospital da Santa Casa da Misericórdia da Chamusca	185
50	Celeiro da Rainha	187
51	Paços do Concelho	189
52	Cova da Moura	191
53	Lagoa Grande	195
54	Miliário de Flávio Valério Constantino	197
55	Casal da Cascalheira	199
56	Casalinho	201
57	Balsas	203
58	Vale do Inferno	205
59	Pai Poldro	207
60	Valeira	209
61	Casal de Paires	211
62	Famão	213
63	Figueiras	215
64	Inscrição Funerária de Ulme	217
65	Sepultura I	219
66	Placa funerária do Casalinho	221
67	Miliário de Constantino Magno	223
68	Ara do Pinhão	225
69	Tesouro do Pinhão	227
70	Castelo de Ulme	229
71	Casal do Freixo	231
72	Vale da Murta	233
73	Quinta da Mesquita	235

74	Casal do Enxofre	237
75	Ermida de Nossa Senhora da Conceição	239
76	Ermida de Santa Marta	241
77	Igreja de Santa Maria de Ulme	243
78	Estela Funerária Nº1	245
79	Estela Funerária nº2	247
80	Estela Funerária nº3	249
81	Estela Funerária nº4	251
82	Estela Funerária nº5	253
83	Estela Funerária nº6	255
84	Estela Funerária nº7	257
85	Estela Funerária nº8	259
86	Estela Funerária nº9	261
87	Estela Funerária nº10	263
88	Estela Funerária nº11	265
89	Estela Funerária nº12	267
90	Estela Funerária nº13	269
91	Estela Funerária nº14	271
92	Inscrição Moderna	273
93	Celeiro Paroquial	275
94	Casa da Forca	277
95	Ermida das Balsas	279
96	Ermida de Santa Margarida	281
97	Moinho do Carregal	283
98	Moinho da Laranjeira de Baixo	285
99	Moinho do Pinhão	287
100	Moinho da Rainha	289
101	Moinho do Meio	291
102	Moinho das Figueiras	293
103	Moinho de Famão	295
104	Moinho de Paires	297
105	Moinho das Balsas	299
106	Moinho da Laranjeira de Cima	301
107	Moinho da Estação	303
108	Moinho do Casalinho I	305
109	Moinho do Casalinho II	307
110	Moinho do Semideiro	309
111	Moinho da Fava	311

112	Moinho do Casal Novo	313
113	Alto das Obras	317
114	Casa Silvina Martinho	319
115	Meirinho	321
116	Marco Miliário ao Imperador Tácio I	323
117	Marco Miliário ao Imperador Tácio II	325
118	Marco Miliário ao Imperador Tácio III	327
119	Igreja Matriz de Vale de Cavalos/ Igreja do Divino Espírito Santo	329
120	Nossa Senhora dos Remédios	331
121	Moinho de Vale Carros	333
122	Moinho do Couto	335
123	Moinho da Francisca	337
124	Moinho Encarnado	339
125	Igreja da Nossa Senhora da Conceição	343
126	Capela do Vale da Lama	345
127	Moinho das Folgas	347
128	Moinho de Martingil	349
129	Moinho do Marmeleiro	351
130	Moinho das Talasnas	353
131	Moinho do Pego da Curva	355
132	Moinho de Vale Flores	357
133	Moinho do João Oliveira	359
134	Moinho do Geraldo	361
135	Moinho da Parreira	363
136	Moinho do Salvador	365

# **Freguesia da Carregueira**





Ficha N°	1		
Designação	Mosaico do Arripiado		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Carregueira	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 43m
CMP 1:25 000 folha n°	330	P Cronológico	Romano
Coordenada (N)	39°27'13.42"N	Coordenada (W)	8°23'56.58"W
Tipo de Sítio	Mosaico	Estado de Conservação	Outros
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Construção civil
Acessos	EN 118 direção: (Chamusca-Abrantes), Arripiado, Quinta do Arripiado de Baixo		

Descrição	<p>O mosaico foi descoberto em 1921 durante umas obras de regularização de alguns terrenos com vista à implantação de uma eira na Quinta do Arripiado de Baixo. O achado foi documentado através de uma fotografia e da seguinte descrição que passo a citar:</p> <p><i>“O mosaico ocupava uma superfície que teria cinco metros de comprimento por três de largo, terminando retangularmente num dos extremos e salientando-se em curva no outro. Dividia-se, ao longo do comprimento, em três secções, sendo as dos lados completamente iguais entre si e divergindo a do meio. As secções dos lados eram divididas em quadrados, cada um com sua composição em separado. A secção do meio e a curva da terminação também cada uma se distinguia pela sua composição peculiar. O conjunto, em todas as suas divisões, era construído por uns pequenos paralelepípedos, (...), policrómicos, formando entrelaçamentos, delineados estes e executados com inexcédível correção de desenho, e o maior gosto artístico”</i> (SAMOUCO, 2001, p. 12).</p> <p>Atualmente parte do mosaico encontra-se na Coleção de Mosaicos do Museu Nacional de Arqueologia, nomeadamente 3 tecelas do mosaico (ABRAÇOS, 1999, p.358) sendo que o restante foi tapado com a construção da eira. No que toca ao local atualmente, foi possível observar que no sítio onde foram encontrados os vestígios, persiste, ainda, a eira que foi implantada em 1921, sem sofrer grandes alterações mas que ao seu redor é possível encontrar um pequeno picadeiro.</p>
-----------	---

Bibliografia	<p>ABRAÇOS, Maria de Fátima (1999) – Contributo para a história e inventário dos mosaicos romanos do Museu Nacional de Arqueologia. In <i>O Arqueólogo Português</i>. Série IV. P. 345-397; MATIAS, João Carlos Carrinho (2003) – <i>Arripiado, Aldeia do Tejo</i>. Chamusca: Câmara Municipal da Chamusca; SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2001) - <i>História da Chamusca, das origens a 1643</i>. Volume I. Chamusca: C.M. Chamusca</p>
--------------	---

Observações	
-------------	--

Registo Cartográfico

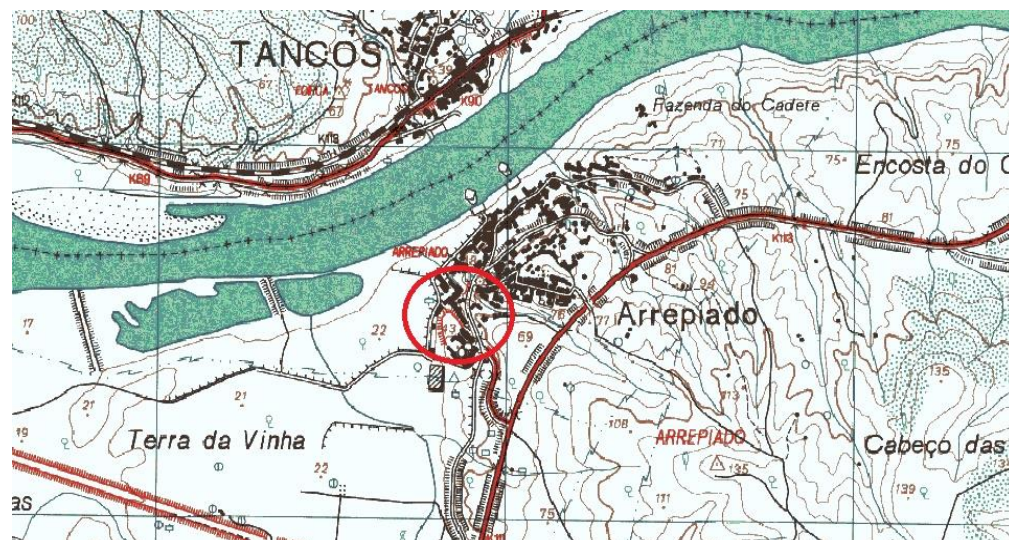


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 330.

Registo Fotográfico



Figura 2 – Fotografia do mosaico tirada em 1921. In SAMOUÇO DA FONSECA J.J. (2001) - História da Chamusca, das origens a 1643. Volume I. Chamusca: C.M. Chamusca. Pp. 11-12

Ficha Nº	2				
Designação	Arripiado				
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca		
Freguesia/Lugar	Carregueira	Topónimo			
CNS		IPA		Altitude (m)	43m
CMP 1:25 000 folha nº	330	P Cronológico	Romano		
Coordenada (N)	39°27'12.23"N	Coordenada (W)	8°23'56.11"W		
Tipo de Sítio	Villa ?	Estado de Conservação	Destruído		
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Construção civil		
Acessos	EN 118 direção: (Chamusca-Abrantes), Arripiado				

Descrição	<p>O sítio tem vindo a ser apontado como uma possível <i>villa</i> romana suportada pela descoberta do mosaico. Mário Saa (1964) menciona o local também como <i>testa da barca</i> em época romana, devido ao porto natural do Arripiado, sendo, assim, efetuada naquele lugar a travessia do Tejo entre Tancos-Arripiado. Este local é apontado como uma passagem com o cruzamento de duas vias romanas que se efetuavam naquele ponto, VIA XV - <i>Lisboa (OLISIPO)</i> - <i>Alvega (ARITIO VETUS)</i> - <i>Mérida (EMERITA)</i> e a via secundária que ligava <i>Tomar (SEILIUM)</i> - <i>Évora (EBORA)</i>. Esta via secundária efetuaria a travessia do Tejo naquele local. São apontados outros vestígios, tais como, alicerces e cerâmica de construção (ALARCÃO, 1988, p. 114).</p> <p>As evidências descritas e os achados arqueológicos neste local, juntamente com a implantação geográfica da atual aldeia que surge na encosta virada para o Tejo, mais os terrenos férteis em volta do local, permitem especular que se pode tratar de uma possível <i>villa</i>. Autores locais (MATIAS, 2003) apontam a existência de uma <i>villa</i> romana naquele local devido à envolvimento do território local e à relação com outras estações arqueológicas romanas em redor, nomeadamente <i>Tubucci</i> (Tramagal), a Herdade do Carvalhal em Santa Margarida (Constância) e a estação romana da Galega Nova.</p>
-----------	--

Bibliografia	<p>ALARCÃO, J. de (1987) - <i>Portugal Romano</i>. [S.l.]: Editorial Verbo; MATIAS, João Carlos Carrinho (2003) – <i>Arripiado, Aldeia do Tejo</i>. Chamusca: Câmara Municipal da Chamusca; SAA, Mário (1964) – <i>As Grandes Vias da Lusitânia (O Itinerário de António Pio)</i>. Vol. V. Lisboa: Ed, dos Autos.</p>
--------------	---

Observações	<p>Este local carece de falta de estudos e, atualmente, não foi possível observar no local qualquer evidência material da ocupação romana, por se tratar de uma zona urbana. Tendo apenas o mosaico como grande referência e a ausência de informação mais sistematizada e concreta, impedem-nos de atribuir não só cronologia bem como outro tipo de classificação mais específica para o local.</p>
-------------	---

Registo Cartográfico

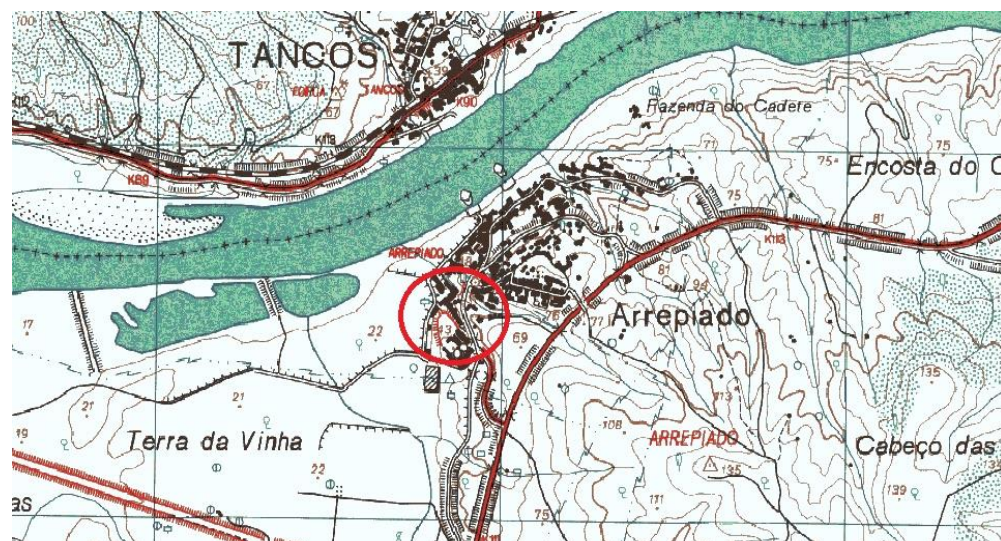


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 330.

Registo Fotográfico

Ficha Nº	3				
Designação	Galega Nova				
Distrito	Santarém		Concelho	Chamusca	
Freguesia/Lugar	Carregueira		Topónimo		
CNS	873	IPA		Altitude (m)	180m
CMP 1:25 000 folha nº	330		P Cronológico	Romano	
Coordenada (N)	39°23'19.23"N		Coordenada (W)	8°21'44.04"W	
Tipo de Sítio	Vestígios de Superfície		Estado de Conservação	Mau	
Uso do Solo	Agrícola Baldio		Ameaças	Florestação	
Acessos	Na Carregueira subir em direção ao EcoParque do Relvão e ir em direção à Herdade da Galega Nova.				
Descrição	<p>O sítio foi identificado através de materiais recolhidos à superfície em 1983, e que em 1987 deram origem a um estudo dos mesmos levado a cabo por A.M. Dias Diogo. Esta investigação apresenta os seguintes materiais: cerâmica comum; 1 peso de tear; <i>terra sigillata</i> hispânica; fragmentos de vidro; um elemento dormente de uma mó em granito, côncavo, de furo central; um bronze de Constantino da 2ª década do séc.: IV. Ante verso: CONSTANTINVS P F AVC. Busto à direita, laureado e couraçado. Reverso: SOLI INVI-C-TO COMITI. Sol de pé à esquerda, com a mão direita estendida e o globo na esquerda; e ainda um disco de lucerna com uma cena erótica, datável de Augustos aos Flávios. Este mesmo autor aponta que estes vestígios correspondam a uma ocupação romana, provavelmente do tipo <i>villa</i>, tratando-se de uma mera hipótese, tendo o autor situado os achados cronologicamente entre meados do séc.: I e o séc.: IV (DIOGO, 1987, p. 5).</p> <p>Neste local foi elaborada uma prospeção em 2005 integrado no projeto EIA - <i>Centro Integrado de Recuperação, Valorização e Eliminação de Resíduos Perigosos - CIRVER-ECODEAL</i>. Com a deslocação ao local foi possível relocalizar o sítio, com a presença de vestígios de superfície, nomeadamente materiais de construção (<i>tegulae</i> e imbrices) e cerâmica comum já bastante rolada. Este local encontra-se numa plataforma que se encontra cruzada com uma pequena linha de água.</p>				
Bibliografia	<p>DIOGO, A.M. Dias (1987) – <i>Estação Romana da Galega Nova, Chamusca. Notícia da sua Identificação</i>. Chamusca: Câmara Municipal da Chamusca; PEREIRA, Joana; NETO, Nuno; REBELO, Paulo (2007) - <i>Relatório Final dos Trabalhos Arqueológicos da Construção do Centro Integrado de Recuperação, Valorização e Eliminação de Resíduos Industriais (CIRVER) – Carregueira</i>. [Texto Policopiado]</p>				
Observações	Processo 2004/1 (602)				



Registo Cartográfico

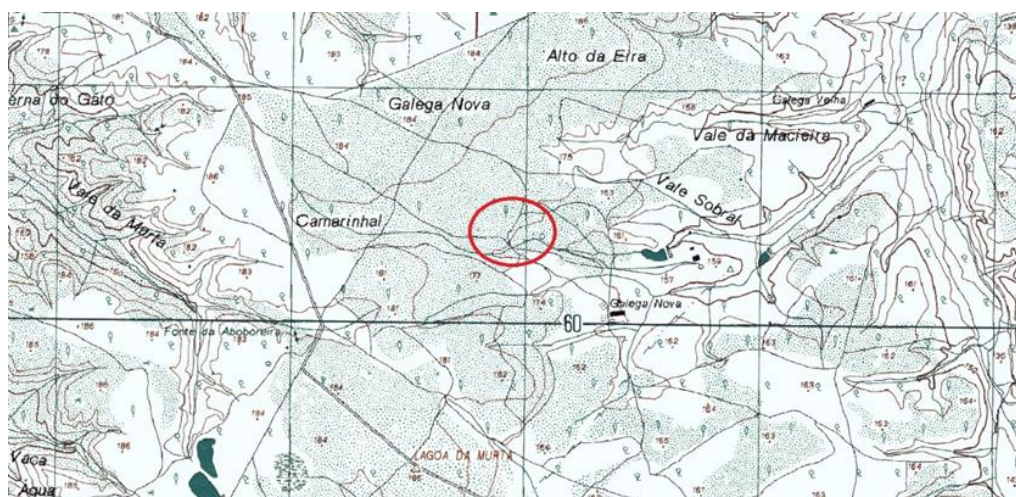


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 330.

Registo Fotográfico



Figura 2 – Vista geral atual do sítio.

Ficha Nº	4			
Designação	Vale da Chã Grande			
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca	
Freguesia/Lugar	Carregueira	Topónimo		
CNS		IPA		Altitude (m)   110m
CMP 1:25 000 folha nº	330	P Cronológico	Romano	
Coordenada (N)	39°26'54.74"N	Coordenada (W)	8°23'40.41"W	
Tipo de Sítio	Vestígios de Superfície	Estado de Conservação	Outros	
Uso do Solo	Pastoreio	Ameaças	Gado	
Acessos	EN 118 direção: (Chamusca-Abrantes), ao chegar ao Km 111			
Descrição	<p>Este local é descrito por Ana Graça (2002) com a indicação de cerâmicas cujas características indicam uma classificação de época Romana. O Vale da Chã Grande é uma pequena encosta com pequenos cursos de água que a atravessam, sendo que no seu terraço mais alto é possível ter uma vista panorâmica sobre a Ribeira das Ferrarias, bem como todo o campo que se encontra defronte desse com o Rio Tejo ao fundo.</p> <p>Com a deslocação ao local, não foi possível proceder à verificação dos vestígios por esta propriedade se encontrar vedada por conter gado bovino.</p>			
Bibliografia	GRAÇA, Ana Cristina Oliveira da (2002) – <i>Subsídio para a Carta Arqueológica da Chamusca – Relatório</i> . Trabalho para a disciplina de Estágio no Instituto Politécnico de Tomar, Departamento de Gestão do Território, Licenciatura na Variante de Arqueologia da Paisagem – Curso de Tecnologia em Conservação e Restauro.			
Observações				



Registo Cartográfico

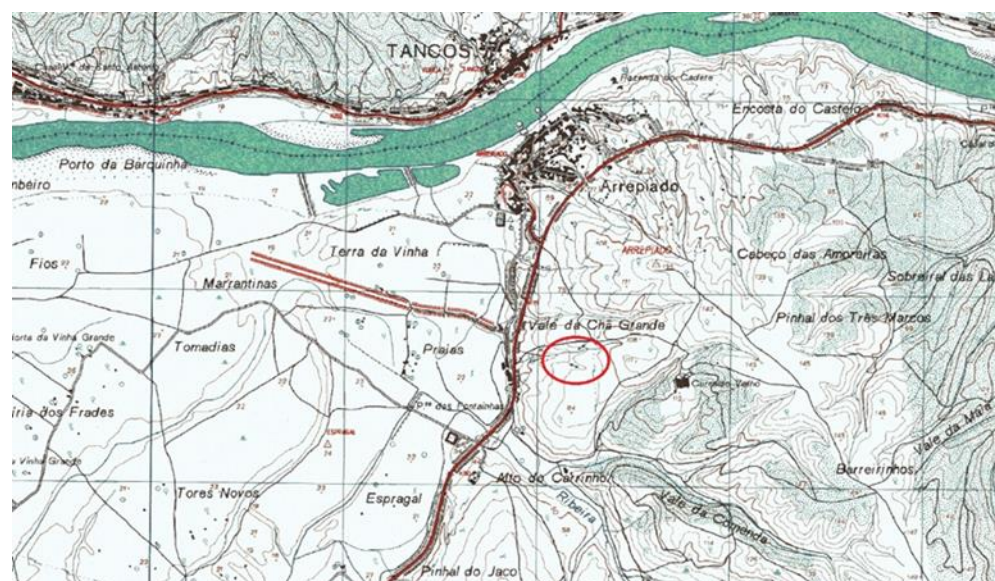


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 330.

Registo Fotográfico

Ficha Nº	5				
Designação	Pinhal dos Três Marcos				
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca		
Freguesia/Lugar	Carregueira	Topónimo			
CNS		IPA		Altitude (m)	145m
CMP 1:25 000 folha nº	330	P Cronológico	Romano		
Coordenada (N)	39°26'47.81"N	Coordenada (W)	8°22'58.36"W		
Tipo de Sítio	Vestígios de Superfície	Estado de Conservação	Regular		
Uso do Solo	Baldio	Ameaças	Gado		
Acessos	EN 118 direção: (Chamusca-Abrantes), ao chegar ao Km 112, virar para EM 1373, caminho de terra batida, difícil acesso.				
Descrição	<p>O local aqui apontado foi identificado por mero acaso, pois este não se encontra mencionado na bibliografia. Este sítio encontra-se adjacente ao Vale da Chã Grande, situado numa plataforma plana com uma dispersão de vestígios num raio de 50m, tendo visibilidade para todo o Vale da Chã Grande.</p> <p>Os vestígios identificados neste local apontam para a presença de materiais de construção romana (<i>tegulae</i> e <i>imbrices</i>) já bastante rolados, e cerâmica comum de possível atribuição à época romana, mas já bastante desgastada.</p> <p>A identificação destes vestígios foi possível por o local se encontrar repleto de buracos realizados por ação animal, nomeadamente por javalis.</p>				
Bibliografia	Local inédito.				
Observações					

Registo Cartográfico



Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 330.

Registo Fotográfico



Figura 2 - Vista geral atual do sítio.



Figura 3 – Vista de um buraco realizado por ação animal.

Ficha N°	6				
Designação	Chã das Lamas				
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca		
Freguesia/Lugar	Carregueira	Topónimo			
CNS		IPA		Altitude (m)	145m
CMP 1:25 000 folha n°	330	P Cronológico	Romano / Moderno		
Coordenada (N)	39°27'18.13"N	Coordenada (W)	8°21'50.38"W		
Tipo de Sítio	Vestígios de Superfície	Estado de Conservação	Mau		
Uso do Solo	Florestal	Ameaças	Florestação		
Acessos	EN 118 direção: (Chamusca-Abrantes), ao Km 115 virando para o Casal das Lamas, seguindo 1Km depois do casal por terra batida por dentro do eucaliptal				
Descrição	<p>A deslocação a este local foi efetuada tendo em conta a existência de revolvimento de terras devido ao corte de eucaliptos. Trata-se de um pequeno cabeço que no lado esquerdo se encontra com o Vale da Ribeira da Lamas.</p> <p>Este sítio não se encontra mencionado na bibliografia, mas foi possível proceder à sua identificação através de vestígios de superfície, correspondentes à época romana como cerâmica comum mas já bastante rolada e fragmentada. O terreno contém uma exploração de eucaliptos que exige que as terras sejam remexidas profundamente. Foi observado que se encontram entre as valas abertas vários fragmentos cerâmicos, possivelmente modernos, mas devido ao mau estado, não foi possível afirmar com precisão a sua cronologia concreta.</p> <p>.</p>				
Bibliografia	Local inédito.				
Observações					



Registo Cartográfico

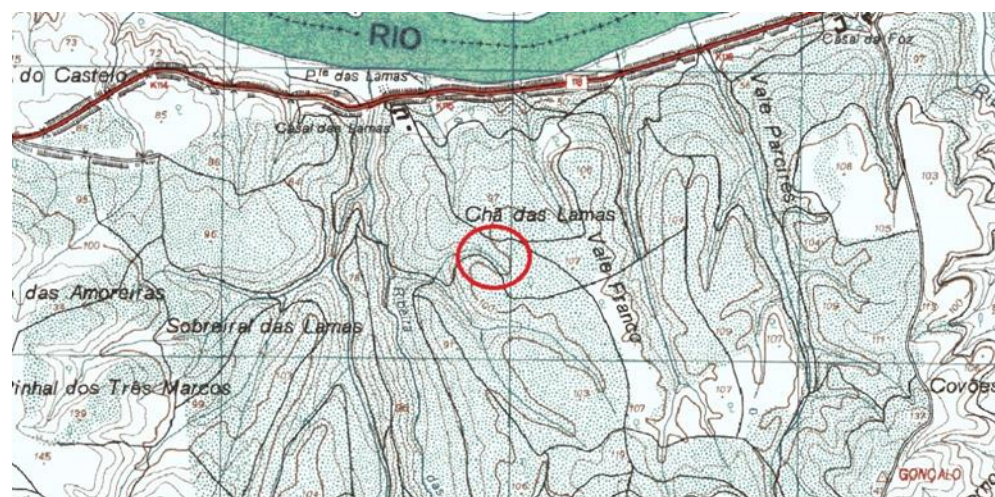


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 330.

Registo Fotográfico



Figura 2 - Vista geral atual do sítio.



Figura 3 – Pormenor de um caminho aberto mecanicamente para a plantação/corte de eucaliptos

Ficha Nº	7				
Designação	Alto do Carrinho				
Distrito	Santarém		Concelho	Chamusca	
Freguesia/Lugar	Carregueira		Topónimo		
CNS	14656	IPA		Altitude (m)	34m
CMP 1:25 000 folha nº	330		P Cronológico	Romano / Alto Medieval	
Coordenada (N)	39°27'18.13"N		Coordenada (W)	8°21'50.38"W	
Tipo de Sítio	Estação ao Ar Livre		Estado de Conservação	Regular	
Uso do Solo	Agrícola Baldio		Ameaças	Agrícola	
Acessos	EN 118 direção: (Chamusca-Abrantes), virando à esquerda antes da Ribeira das Ferrarias.				

Descrição	<p>Este sítio foi identificado nos trabalhos de instalação da rede de gás natural (Protocolo entre o IPPAR e Transgás) em 1996 e foi classificado como sendo uma estação da Idade do Bronze. Foram elaboradas três sondagens para perceber a estratégia do povoado, sendo que destacamos a Sondagem 1 e a Sondagem 2 com a presença de material de construção romano rolado, inserido numa estrutura constituída por calhaus rolados de médias dimensões, e as características do material cerâmico. Estes factos permitiram a classificação destas sondagens cronologicamente na Alta Idade Média (ALMEIDA; MAURICIO, 1996).</p> <p>Com a deslocação efetuada ao local, foi possível constatar que o sítio onde foram efetuados estes trabalhos se encontra vedado.</p>
-----------	--

Bibliografia	ALMEIDA, Nelson e MAURICIO, João (1996) – <i>Relatório dos trabalhos realizados na Estação do Alto do Carrinho</i> . [Texto Policopiado]
--------------	--

Observações	Processo S - 14656 e 90/1 (100)
-------------	---------------------------------

Registo Cartográfico

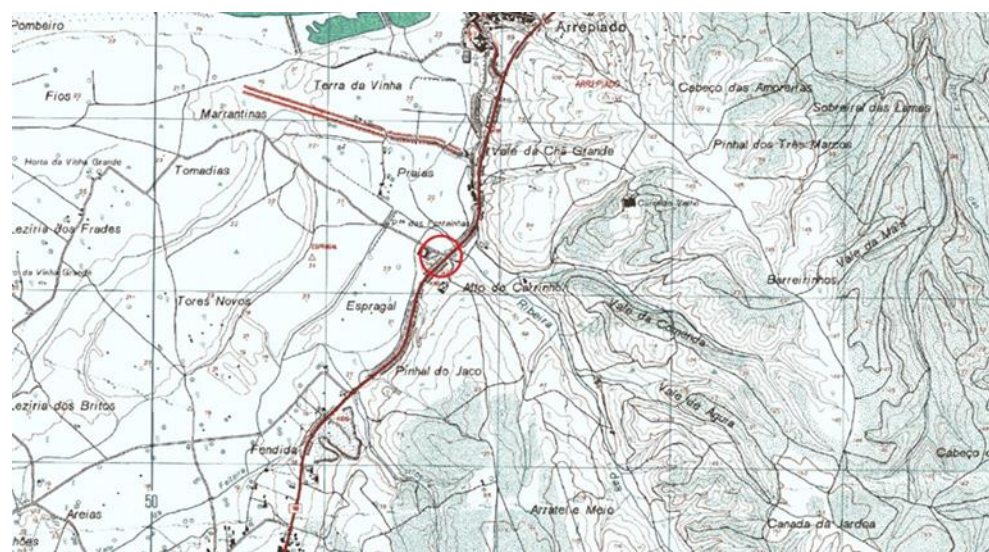


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 330.

Registo Fotográfico



Figura 2 - Vista geral atual do sítio.

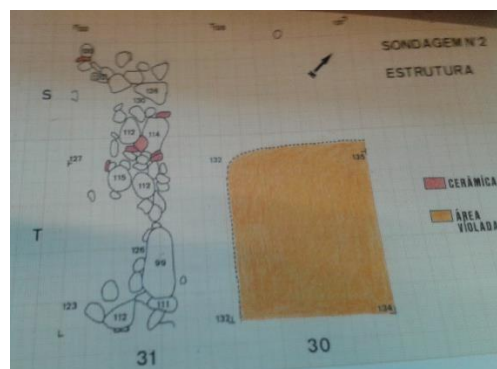


Figura 3 – Desenho da estrutura com as ocorrências cerâmicas inserido no Processo S - 14656 e 90/1 (100)

Ficha N°	8		
Designação	Casal da Corticeira		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Carregueira	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 48m
CMP 1:25 000 folha n°	330	P Cronológico	Romano (?)
Coordenada (N)	39°25'55.67"N	Coordenada (W)	8°23'46.18"W
Tipo de Sítio	Vestígios Diversos	Estado de Conservação	Destruído
Uso do Solo	Florestal	Ameaças	Construção civil
Acessos	EN 118 direção: (Chamusca-Abrantes), ao Km 110, virar à direita em direção ao Cemitério do Arrepiado seguindo pela estrada de terra batida		

Descrição	<p>Este local é apontado na bibliografia estando ligado à fundição de escória e diretamente ligado com a Ribeira das Ferrarias que passa no fundo do vale, onde se encontravam os vestígios de escória. Segundo as fontes, o local é descrito como: "(...) o casal da Curticeira, que lhe fica anexo [Ribeira das Ferrarias], existiam unas ruínas, provavelmente romanas, a que chamam a "Casa do Ferreiro" (...) (SAMOUCO, 2001, p. 20).</p> <p>Não nos foi possível confirmar esta informação por o sítio se localizar em propriedade privada e vedado. É fundamental registar que não tivemos autorização do dono do terreno para entrar dentro da propriedade. Acrescentando que segundo o dono da propriedade as ruínas que lá existiam foram demolidas, sendo que nada delas restam.</p> <p>.</p>
-----------	--

Bibliografia	SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2001) - <i>História da Chamusca, das origens a 1643</i> . Volume I. Chamusca: C.M. Chamusca.
--------------	---

Observações	
-------------	--



Registo Cartográfico

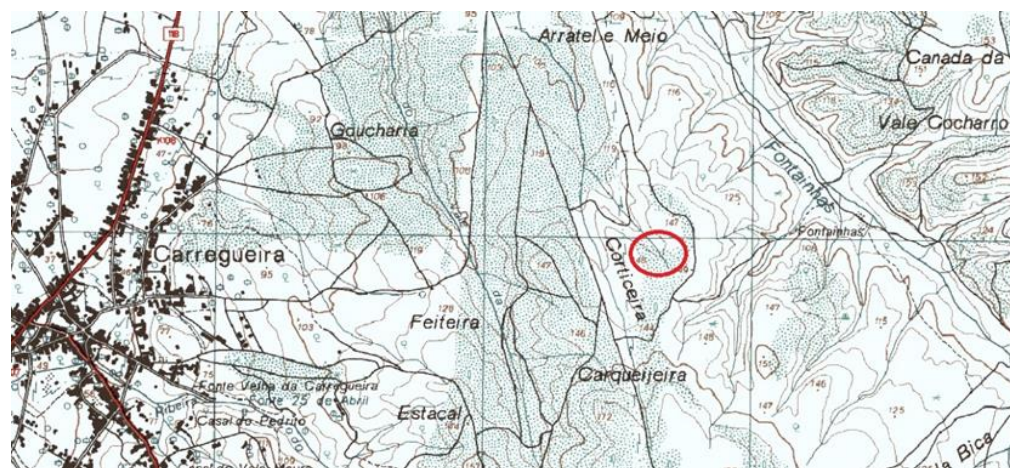


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 330.

Registo Fotográfico

Ficha N°	9		
Designação	Marco da Comenda N°95		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Carregueira	Topónimo	Arrepiado
CNS		IPA	Altitude (m) 18m
CMP 1:25 000 folha n°	330	P Cronológico	Medieval / Moderno
Coordenada (N)	39°27'23.02"N	Coordenada (W)	8°23'51.37"W
Tipo de Sítio	Marco	Estado de Conservação	Bom
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Agentes Climáticos
Acessos	Dentro da povoação do Arrepiado, junto ao Tejo, embutido na parede de uma habitação.		

Descrição	<p>Marco de pedra calcária com a cruz da Ordem de Cristo e a seguinte inscrição:</p> <p style="text-align: center;">C. P. D. Zo N95.</p> <p>Este marco encontra-se apontado na bibliografia mas sem localização exata, tendo assim ser possível relocar-lo com a deslocação à povoação do Arrepiado.</p>
-----------	--

Bibliografia	SAMOUÇO DA FONSECA J.J. (2001) - <i>História da Chamusca, das origens a 1643</i> . Volume I. Chamusca: C.M. Chamusca.
--------------	---

Observações	
-------------	--

Registo Cartográfico

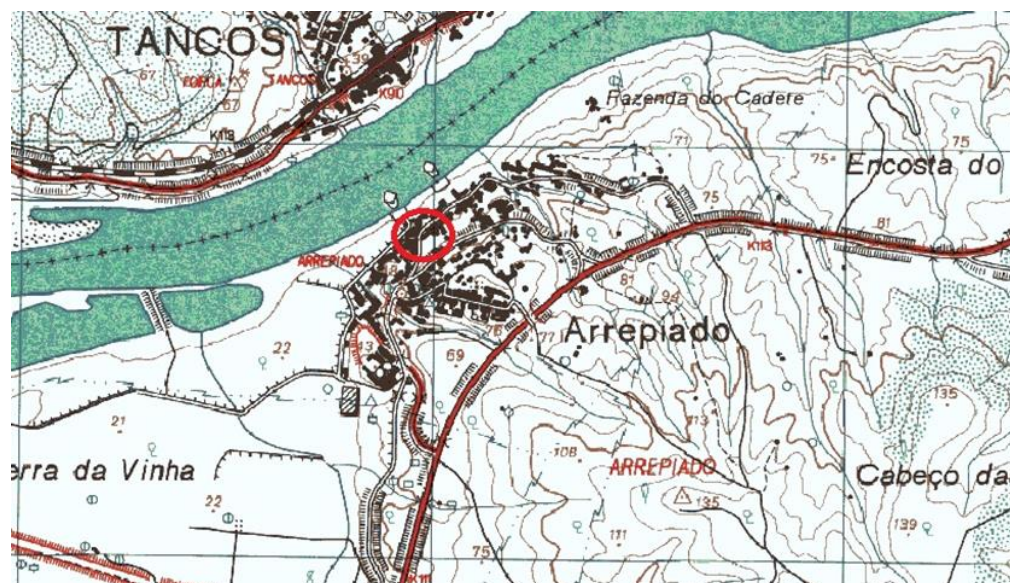


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 330.

Registo Fotográfico



Figura 2 – Vista frontal do marco da Comenda N°95

Ficha N°	10				
Designação	Marco da Cruz 1				
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca		
Freguesia/Lugar	Carregueira	Topónimo	Carqueijeira		
CNS		IPA		Altitude (m)	145m
CMP 1:25 000 folha n°	330	P Cronológico	Medieval / Moderno		
Coordenada (N)	39°25'36.23"N	Coordenada (W)	8°23'51.86"W		
Tipo de Sítio	Marco	Estado de Conservação	Bom		
Uso do Solo	Florestal	Ameaças	Florestação		
Acessos	EN 118 direção: (Chamusca-Abrantes), ao Km 110, virar há direita para a estrada de terra batita em direção ao Casal da Curticeira.				
Descrição	A fazer de marco divisório entre propriedades, foi possível identificar um marco em pedra calcária com a Cruz da Ordem de Cristo gravado. A ocorrência deste marco foi possível registar através das indicações e ajuda do Sr. António Valador.				
Bibliografia	Local inédito.				
Observações	Este marco atualmente encontra-se a ser usado como divisória entre propriedades.				



Registo Cartográfico

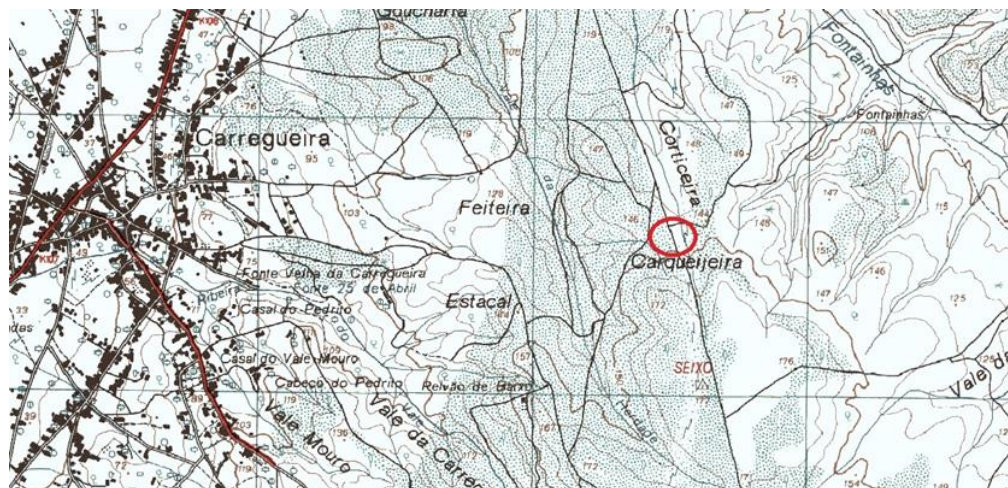


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 330.

Registo Fotográfico



Figura 2 – Vista frontal do marco da Cruz 1.

Ficha N°	11				
Designação	Marco da Cruz 2				
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca		
Freguesia/Lugar	Carregueira	Topónimo			
CNS		IPA		Altitude (m)	27m
CMP 1:25 000 folha n°	330	P Cronológico	Medieval / Moderno		
Coordenada (N)	39°26'9.16"N	Coordenada (W)	8°24'32.49"W		
Tipo de Sítio	Marco	Estado de Conservação	Outros		
Uso do Solo	Agrícola Baldio	Ameaças	Outros		
Acessos	EN 118 direção: (Chamusca-Abrantes), ao Km 109 virar à esquerda em direção de uma estrada de terra batida ao chegar à primeira curva.				
Descrição	Segundo relatos recolhidos junto do Sr. António Valador, tivemos a informação que quando foi efetuada a elevação da estrada o marco que ali existia com a Cruz da Ordem de Cristo foi subterrado, encontrando-se ainda neste local exato.				
Bibliografia	Local inédito.				
Observações					



Registo Cartográfico

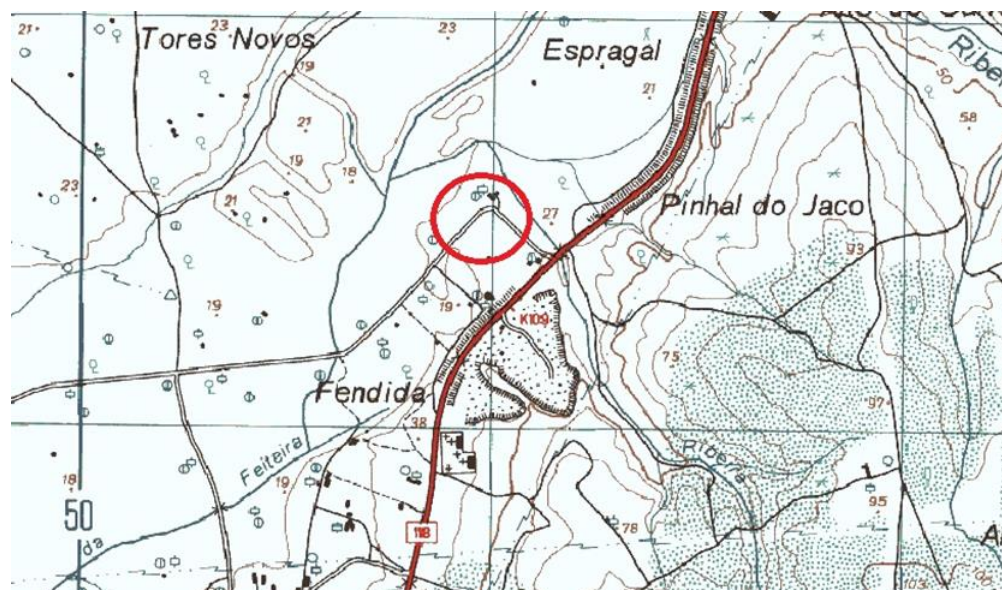


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 330.

Registo Fotográfico



Figura 2 – Vista frontal do marco da Cruz 1.

Ficha N°	12		
Designação	Marco da Cruz 3		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Carregueira	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 49m
CMP 1:25 000 folha n°	330	P Cronológico	Medieval / Moderno
Coordenada (N)	39°25'11.89"N	Coordenada (W)	8°24'54.59"W
Tipo de Sítio	Marco	Estado de Conservação	Bom
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Agentes Climáticos
Acessos	EN 118 direção: (Chamusca-Abrantes), Carregueira, Junta de Freguesia da Carregueira		
Descrição	<p>O presente marco foi recolhido pela Junta de Freguesia da Carregueira a 29 de Outubro de 2012, tendo sido encontrado junto ao Campo de Futebol Eng.º Vaz Gomes pelo Sr. João Godinho Sequeira. Este foi entregue ao cuidado da Junta de Freguesia que o colocou no armazém da Junta.</p> <p>O marco é em pedra calcária e apresenta a Cruz da Ordem de Cristo na parte mais distal do marco, tendo 1, 50m de altura e cerca de 25cm de comprimento.</p>		
Bibliografia	<p>MARQUES, Joel (coord.) (2012) - <i>BIC - Boletim Informa da Junta de Freguesia da Carregueira</i>. N°6, Outubro-Dezembro de 2012. Carregueira: Junta de Freguesia da Carregueira</p>		
Observações	Atualmente o marco encontra-se depositado no armazém da Junta de Freguesia.		



Registo Cartográfico

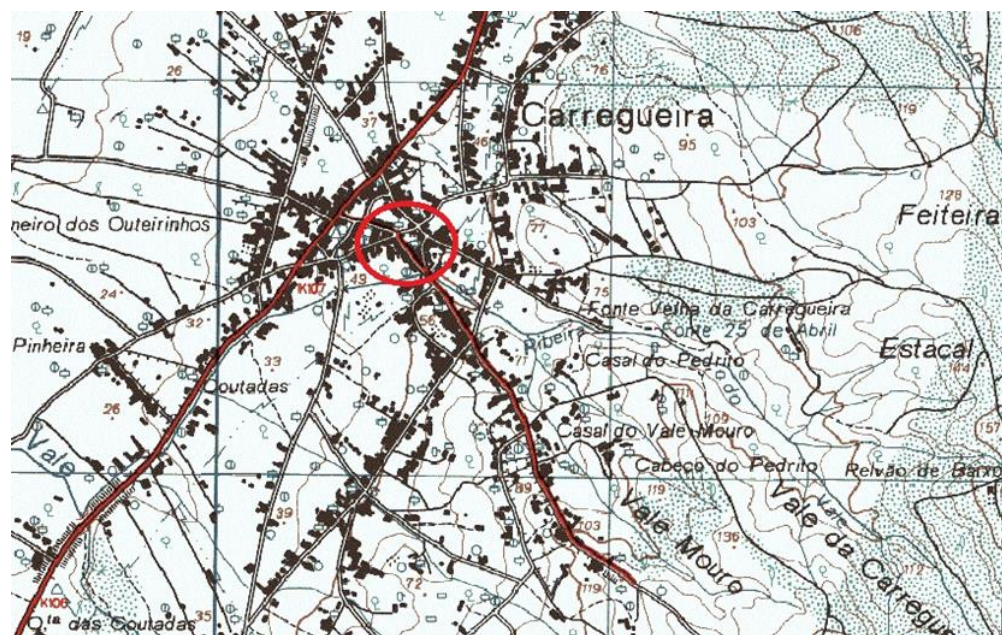


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 330.

Registo Fotográfico



Figura 2 – Vista frontal e total do marco da Cruz 3.



Figura 3 – Pormenor da cruz de cristo deste marco.

Ficha N°	13		
Designação	Ermida de São Marcos		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Carregueira	Topónimo	Arrepiado
CNS		IPA	Altitude (m) 18m
CMP 1:25 000 folha n°	330	P Cronológico	Moderno
Coordenada (N)	39°27'24.51"N	Coordenada (W)	8°23'47.61"W
Tipo de Sítio	Ermida	Estado de Conservação	Destruído
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Construção civil
Acessos	EN 118 direção: (Chamusca-Abrantes), Dentro da povoação do Arrepiado, no Largo de S. Marcos.		

Descrição	<p>A primeira informação relativamente a esta ermida remonta a 1712, altura que o Arrepiado pertencia a povoação de Tancos e correspondendo assim à paróquia Nossa Sr.<sup>a</sup> da Conceição, com a seguinte descrição: “(...) o lugar do Arrepiado, que consta de sessenta vizinhos, tem huma ermida de S. Marcos, com muytas hortas e dilatados campos abundantes de pão, e frutas; fica este lugar do Arrepiado além Tejo à vista de Tancos (...)” (MATIAS, 2003, p. 41-42).</p> <p>Não se tem a indicação da data de construção desta ermida, mas é possível elaborar uma pequena descrição da mesma que foi realizada em 1740 pelo Prior Feliciano Luíz Gonzaga, que ao descrever a Igreja da Nossa Sr.<sup>a</sup> da Conceição da Vila de Tancos, inclui também a descrição desta mesma ermida dizendo que: “No lugar do Arrepiado [sic] tem uma ermida dedicada a S. Marcos evangelista a que se acha muito decente com um retábulo de madeira dourado em um só altar que tem e bem paramentada como todo o preciso para se celebrar o Santo sacrifício da missa (...)” (MATIAS, 2003, p. 175).</p> <p>Esta ermida foi destruída já no séc.: XIX, aquando da construção da atual Igreja de São Marcos. O local onde se encontrava localizada era uma zona que facilmente alagava durante o período de cheias, uma das razões que levou à sua desativação.</p>
-----------	--

Bibliografia	<p>MATIAS, João Carlos Carrinho (2003) – <i>Arrepiado, Aldeia do Tejo</i>. Chamusca: Câmara Municipal da Chamusca; SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2001) - <i>História da Chamusca, das origens a 1643</i>. Volume I. Chamusca: C.M. Chamusca; TECEDDEIRO, Luís António Vaz (1999) – <i>A Religião pelo Concelho da Chamusca – Igrejas e Capelas</i>. Vol. III. Alpiarça: GARRIDO artes gráficas.</p>
--------------	--

Observações	<p>Segundo relatos de habitantes locais, quando se deram as obras de reabilitação do Largo de São Marcos, foi possível observar os restos da ermida nomeadamente os seus alicerces.</p>
-------------	---

Registo Cartográfico

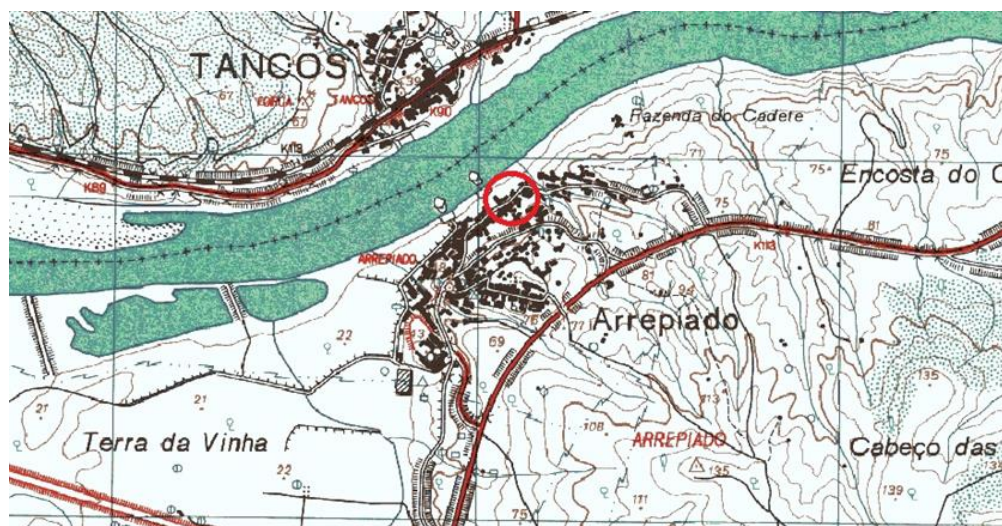


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 330.

Registo Fotográfico

Ficha N°	14		
Designação	Marco da Coroa		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Carregueira	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 49m
CMP 1:25 000 folha n°	330	P Cronológico	Moderno
Coordenada (N)	39°25'10.66"N	Coordenada (W)	8°24'53.26"W
Tipo de Sítio	Marco	Estado de Conservação	Bom
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Agentes Climáticos
Acessos	EN 118 direção: (Chamusca-Abrantes), Carregueira, por de trás da Igreja de St.ª Bárbara no jardim.		

Descrição	<p>No jardim por de trás da Igreja de Santa Bárbara na Carregueira é possível encontrar um marco em pedra calcária e a seguinte inscrição:</p> <p style="text-align: center;">COROA N°10 1776</p> <p>Este marco foi encontrado no meio do campo que pertence ao Arrepiado, tendo sido movido para a Carregueira, e colocado onde se encontra atualmente pela Junta de Freguesia da Carregueira.</p>
-----------	---

Bibliografia	MATIAS, João Carlos Carrinho (2003) – <i>Arrepiado, Aldeia do Tejo</i> . Chamusca: Câmara Municipal da Chamusca.
--------------	--

Observações	
-------------	--



Registo Cartográfico

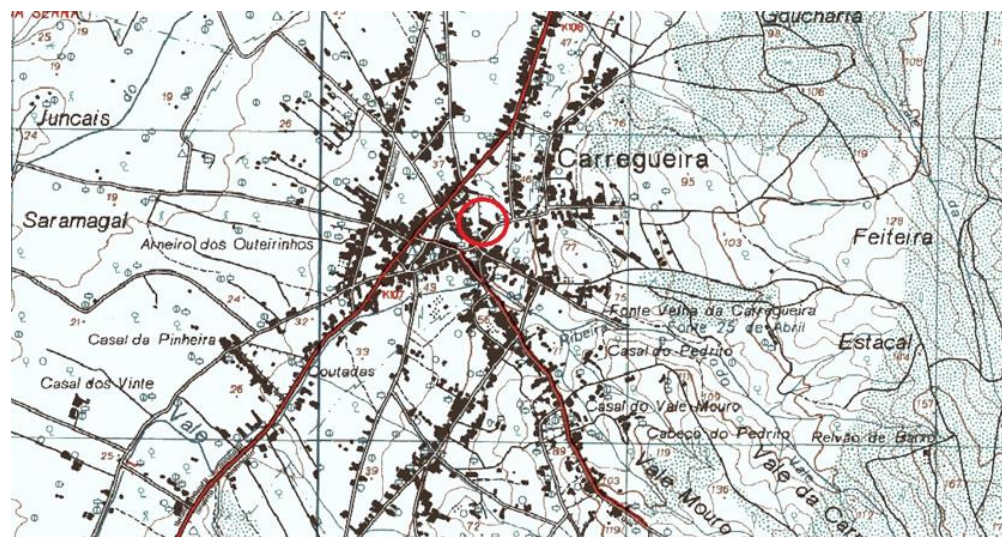


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 330.

Registo Fotográfico



Figura 2 – Vista frontal do marco da Coroa.

Ficha N°	15		
Designação	Igreja de Santa Barbára		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Carregueira	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 48m
CMP 1:25 000 folha n°	330	P Cronológico	Moderno
Coordenada (N)	39°25'12.39"N	Coordenada (W)	8°24'54.42"W
Tipo de Sítio	Igreja	Estado de Conservação	Bom
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Agentes Climáticos
Acessos	EN 118 direção: (Chamusca-Abrantes), Carregueira.		

Descrição	<p>A igreja de Santa Bárbara na Carregueira inicialmente é tida como uma ermida dedicada a Santa Barbara, tendo em consideração o que se encontra descrito no século XVI no censo de 1527 que menciona a aldeia da Carregueira com 50 fogos. (SAMOUCO, 2002, p. 224) Sabe-se que este local de culto pertenceu ao comendador do Almourol. (SAMOUCO, 2001, p. 223)</p> <p>A igreja que hoje existe na Carregueira é já do século XX. Existiu uma outra igreja antes desta, no mesmo local, sendo que a sua cronologia é datada do século XVIII. Destaca-se que este edifício tinha a particularidade de <i>em cada uma das paredes laterais da capela-mor possuir dois arcos de volta perfeita, pelos quais se acedia a dois átrios retangulares que tornavam o templo invulgarmente acolhedor</i> (SAMOUCO, 2002, p. 224)</p>
-----------	---

Bibliografia	<p>PDM da Chamusca (1995) (<a href="http://websig.cm-chamusca.pt/">http://websig.cm-chamusca.pt/</a>)</p> <p>SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2001) - <i>História da Chamusca, das origens a 1643</i>. Volume I. Chamusca: C.M. Chamusca; SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2002) - <i>História da Chamusca, 1643 a 1855. Volume II</i>. Chamusca: C.M. Chamusca; TECEDDEIRO, Luís António Vaz (1999) – <i>A Religião pelo Concelho da Chamusca – Igrejas e Capelas</i>. Vol. III. Alpiarça: GARRIDO artes gráficas.</p>
--------------	---

Observações	
-------------	--

Registo Cartográfico

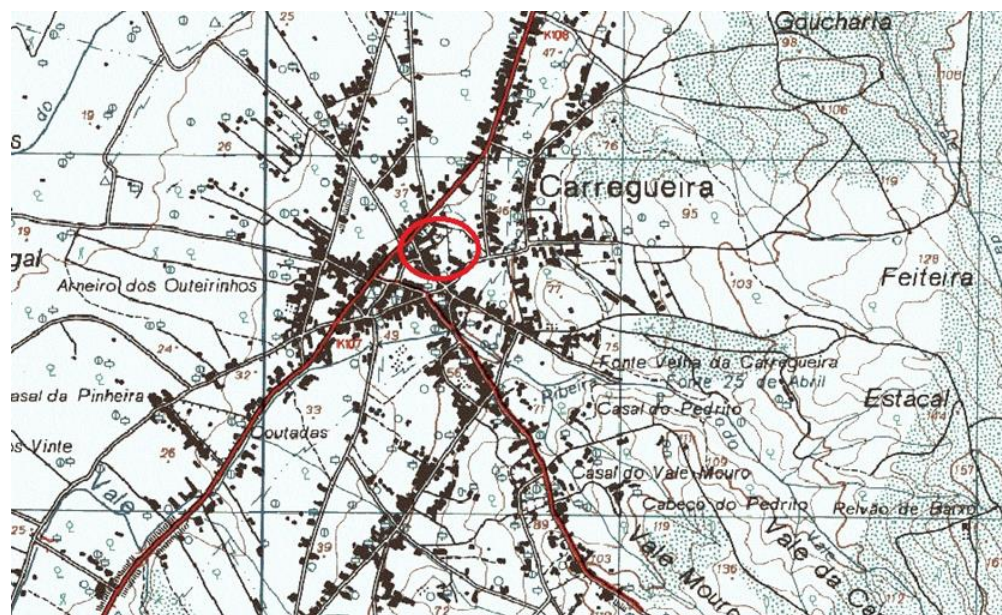


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 330.

Registo Fotográfico



Figura 2 – Igreja do séc.: XX que se encontra por cima da antiga Igreja de Santa Bárbara.

Ficha N°	16		
Designação	Moinho 1 da Ribeira da Foz		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Carregueira	Topónimo	Ribeira da Foz
CNS		IPA	Altitude (m) 48m
CMP 1:25 000 folha n°	330	P Cronológico	Indeterminado/ Moderno (?)
Coordenada (N)	39°27'25.52"N	Coordenada (W)	8°20'30.85"W
Tipo de Sítio	Moinho	Estado de Conservação	Mau
Uso do Solo	Baldio	Ameaças	Vegetação
Acessos	EN 118 direção: (Chamusca-Abrantes), virando à direita na Ponte da Foz, subindo assim a ribeira pelo lado esquerdo da mesma.		

Descrição	<p>Este engenho fazia parte de um conjunto de 6 engenhos hidráulicos localizados ao longo da Ribeira da Foz. Existem fontes que nos indicam o nome dos moinhos de rodízio (COELHO, 1995), mas atualmente não nos foi possível estabelecer ligação entre as ruínas no local e o nome que lhes era atribuído. Devido ao estado avançado da deterioração, a maior parte da população local não se recorda destes engenhos através dos nomes, mas sim, como <i>os moinhos da Ribeira da Foz</i>.</p> <p>Na deslocação ao local foi possível encontrar as ruínas de um moinho de planta retangular, feito de tijolo e pedra. Observámos, também, uma das entradas de água na base do mesmo. A densa vegetação e o estado avançado de ruína não nos permitiu retirar mais informações.</p> <p>Relativamente à atribuição de uma cronologia da fundação do engenho, a partir da documentação consultada, não foi possível chegar a uma conclusão sobre a época em que este foi erguido, porque a documentação existente não é clara nem precisa no que diz respeito a esta matéria.</p>
-----------	--

Bibliografia	COELHO, António Matias (1995) – Cadernos da Ascensão. A Água. Chamusca: Câmara Municipal da Chamusca.
--------------	---

Observações	Difícil acesso aos vestígios devido à alta vegetação existente.
-------------	---



Registo Cartográfico

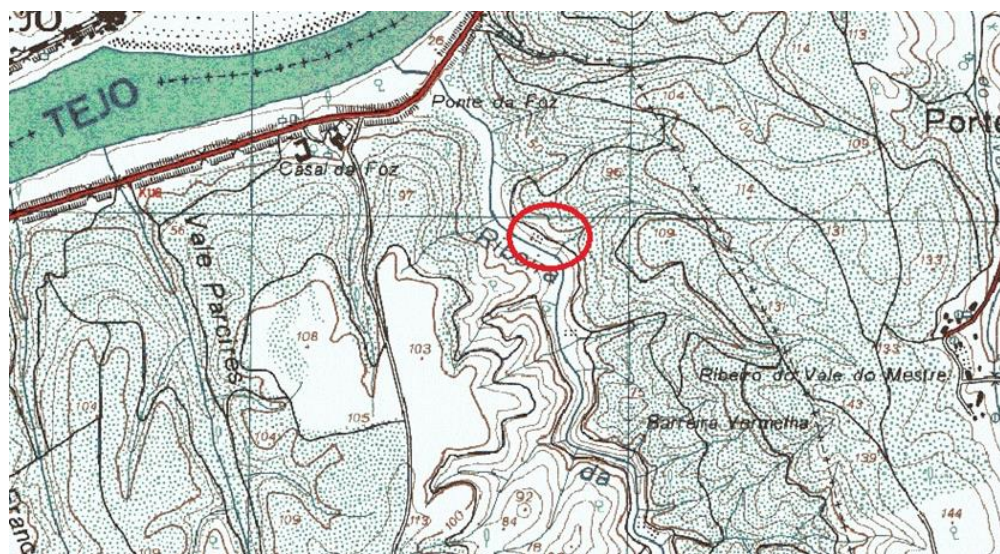


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 330.

Registo Fotográfico



Figura 2 – Vista frontal da parte exterior da estrutura.



Figura 3 – Pormenor da entrada da água.

Ficha N°	17		
Designação	Moinho 2 da Ribeira da Foz		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Carregueira	Topónimo	Ribeira da Foz
CNS		IPA	Altitude (m) 35m
CMP 1:25 000 folha n°	330	P Cronológico	Indeterminado/ Moderno (?)
Coordenada (N)	39°27'14.93"N	Coordenada (W)	8°20'25.57"W
Tipo de Sítio	Moinho	Estado de Conservação	Mau
Uso do Solo	Baldio	Ameaças	Vegetação
Acessos	EN 118 direção: (Chamusca-Abrantes), virando à direita na Ponte da Foz, subindo assim a ribeira pelo lado esquerdo da mesma.		

Descrição	<p>Este engenho fazia parte de um conjunto de 6 engenhos hidráulicos localizados ao longo da Ribeira da Foz. Existem fontes que nos indicam o nome dos moinhos de rodízio (COELHO, 1995), mas atualmente não nos foi possível estabelecer ligação entre as ruínas no local e o nome que lhes era atribuído. Devido ao estado avançado da deterioração, a maior parte da população local não se recorda destes engenhos através dos nomes, mas sim, como <i>os moinhos da Ribeira da Foz</i>.</p> <p>Na deslocação ao local foi possível encontrar as ruínas de um moinho de planta retangular, feito de tijolo e pedra.</p> <p>A densa vegetação e o estado avançado de ruína não nos permitiu retirar mais informações. Relativamente à atribuição de uma cronologia da fundação do engenho, a partir da documentação consultada, não foi possível chegar a uma conclusão sobre a época em que este foi erguido, porque a documentação existente não é clara nem precisa no que diz respeito a esta matéria.</p>
-----------	---

Bibliografia	COELHO, António Matias (1995) – Cadernos da Ascensão. A Água. Chamusca: Câmara Municipal da Chamusca.
--------------	---

Observações	Difícil acesso aos vestígios devido à alta vegetação existente.
-------------	---



Registo Cartográfico

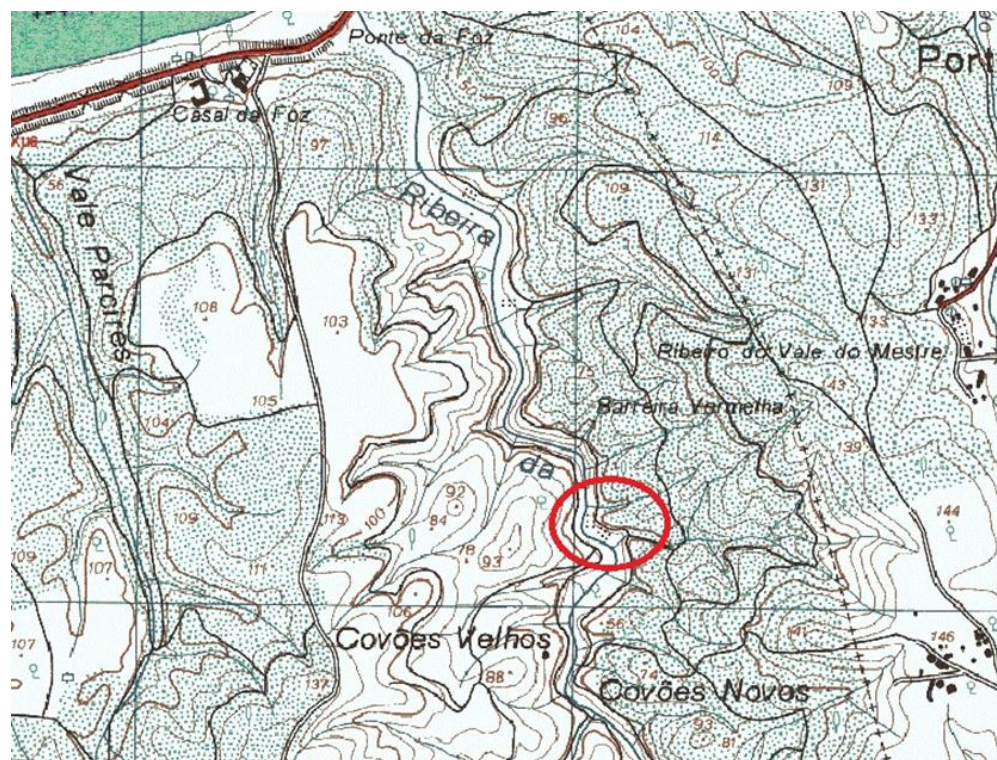


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 330.

Registo Fotográfico



Figura 2 – Vista da vegetação que cobre as ruínas.



Figura 3 – Pormenor das ruínas visíveis do engenho.

Ficha N°	18		
Designação	Azenhas da Ribeira das Ferrarias		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Carregueira	Topónimo	Ribeira das Fontainhas
CNS		IPA	Altitude (m) 48m
CMP 1:25 000 folha n°	330	P Cronológico	Indeterminado/ Moderno (?)
Coordenada (N)	39°26'29.54"N	Coordenada (W)	8°23'49.51"W
Tipo de Sítio	Azenha	Estado de Conservação	Destruído
Uso do Solo	Pastoreio	Ameaças	Gado
Acessos	EN 118 direção: (Chamusca-Abrantes), virando à direita na Ponte das Fontainhas		

Descrição	<p>Este conjunto de engenhos hidráulicos, neste local, eram os únicos deste tipo registados no concelho da Chamusca. O conjunto era composto por 9 azenhas com (...) <i>mecanismos providos de roda exterior de eixo horizontal e propulsão superior</i> (...) (COELHO, 1995, p. 35). Através de uma deslocação ao local acompanhada pelo caseiro da propriedade, o Sr. Mário Marques, foi possível observar que já não restam vestígios das azenhas naquele local, estas foram demolidas, restando apenas vestígios de superfície de tijolos e pedras dispersos nos locais que o Sr. Mário Marques nos indicou, onde se encontravam alguns dos engenhos.</p> <p>No que toca à atribuição de uma cronologia da fundação do engenho, a partir da documentação consultada não chegamos a uma conclusão sobre a época em que este foi erguido, porque a documentação existente não é clara nem precisa nesta matéria.</p>
-----------	--

Bibliografia	COELHO, António Matias (1995) – Cadernos da Ascensão. A Água. Chamusca: Câmara Municipal da Chamusca.
--------------	---

Observações	O sítio localiza-se em propriedade privada e vedado. Difícil acesso pela existência de gado.
-------------	--



Registo Cartográfico

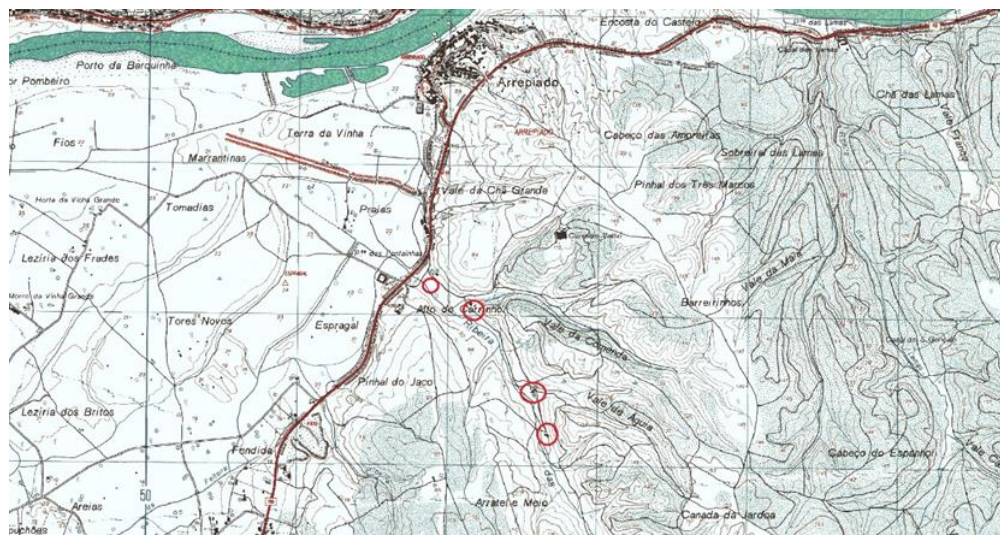


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 330.

Registo Fotográfico



Figura 2 – Restos de vestígios de uma das azenhas.

Ficha N°	19		
Designação	Ribeira das Fontainhas		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Carregueira	Topónimo	Ribeira das Fontainhas
CNS	19278	IPA	Altitude (m) 67m
CMP 1:25 000 folha n°	330	P Cronológico	Moderno
Coordenada (N)	39°26'18.35"N	Coordenada (W)	8°23'43.20"W
Tipo de Sítio	Vestígios de Superfície	Estado de Conservação	Outros
Uso do Solo	Florestal	Ameaças	Outros
Acessos	Atualmente sem acesso por estrada ou caminho.		
Descrição	<p>Neste local foram recolhidos pela população achados numismáticos que se enquadram num período cronológico datado entre os reinados de D. Afonso IV e D. Sebastião.</p> <p>Esta informação foi recolhida através da prospeção e acompanhamento da implantação da linha do gasoduto.</p> <p>Não foi possível chegar ao local indicado, devido à densa vegetação e por não existirem atualmente acessos para o local que se encontra em propriedade privada e vedado.</p>		
Bibliografia	Processo IPA 90/1 (100)		
Observações	O sítio localiza-se em propriedade privada e vedado. Difícil acesso pela existência de gado e vegetação.		



Registo Cartográfico

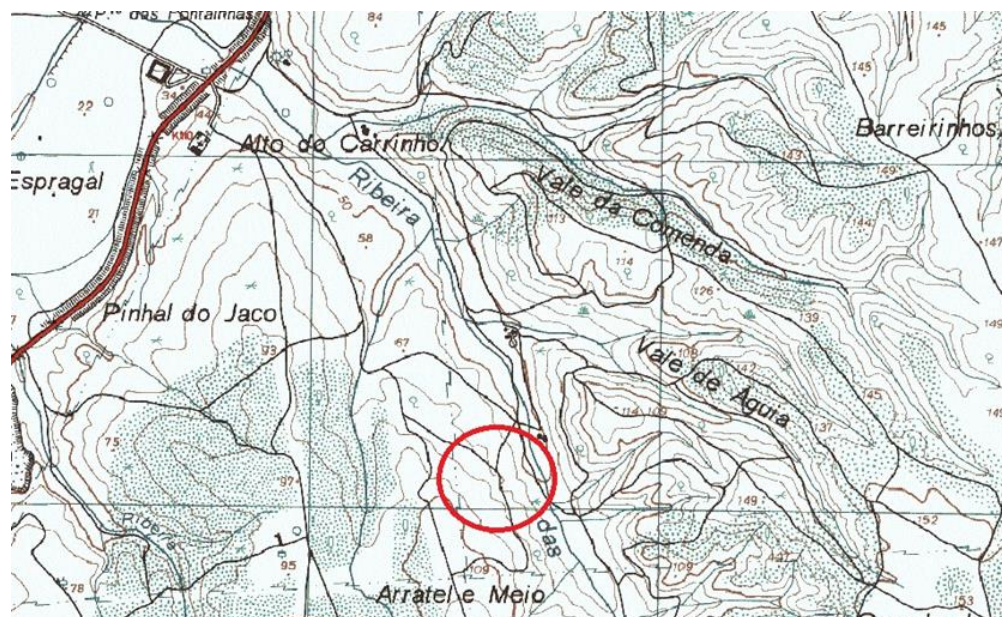


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 330.

Registo Fotográfico

# **União das Freguesias da Chamusca e Pinheiro Grande**





Ficha N°	20		
Designação	Casal do Outeiro		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Pinheiro Grande	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 25m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Romano
Coordenada (N)	39°23'29.45"N	Coordenada (W)	8°26'27.22"W
Tipo de Sítio	Sepultura	Estado de Conservação	Outros
Uso do Solo	Agrícola Baldio	Ameaças	Agricultura
Acessos	EN 118 direção: (Chamusca-Abrantes), Pinheiro Grande, Casal do Outeiro		
Descrição	<p>Não foi possível aceder ao local pois é propriedade privada e vedado, atualmente a propriedade encontra-se para venda.</p> <p>As informações relativas a este local dão-nos a indicação de terem sido descobertas duas sepulturas, atribuídas ao período Romano, devido à sua tipologia e espólio nelas encontradas. Sendo descritas como (...) <i>sepulturas romanas, de tijolo, tendo no interior, mistura com algumas moedas, vasos lacrimatórios</i> (...) (SAMOUÇO, 2001, p. 20).</p> <p>Estas duas sepulturas foram descobertas já no século XX, dado que os relatos são dessa mesma altura. Não foi possível localizar o espólio destas, nem foram encontrados mais vestígios de ocupação Romana naquele local, visto não morar ninguém naquele casal atualmente.</p>		
Bibliografia	SAMOUÇO DA FONSECA J.J. (2001) - História da Chamusca, das origens a 1643. Volume I. Chamusca: C.M. Chamusca		
Observações	Propriedade privada.		

Registo Cartográfico

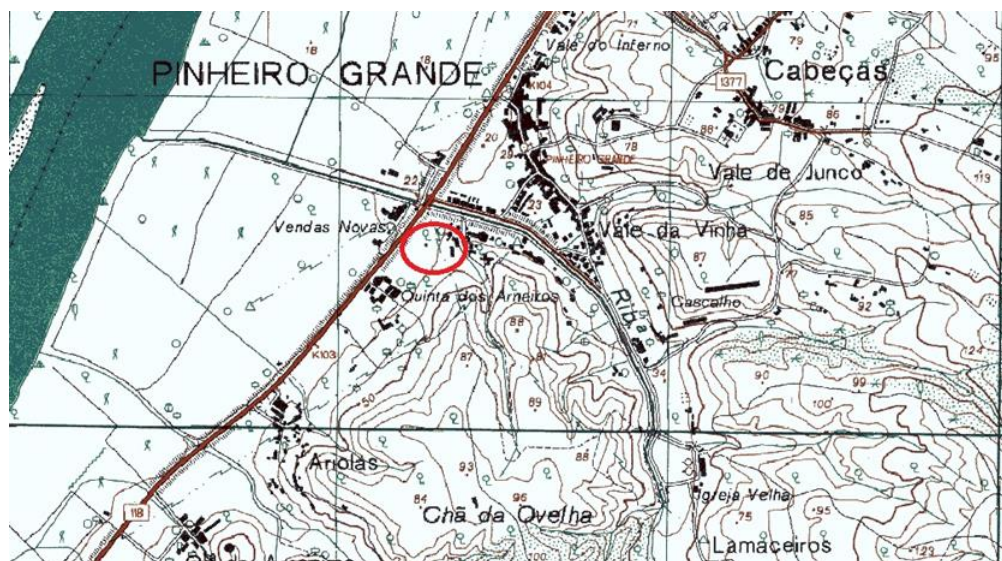


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico

Ficha N°	21		
Designação	Lápide da Arrezima		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Pinheiro Grande	Topónimo	Arrezima
CNS		IPA	Altitude (m) 59m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Romano
Coordenada (N)	39°22'59.20"N	Coordenada (W)	8°26'56.46"W
Tipo de Sítio	Inscrição	Estado de Conservação	Outros
Uso do Solo	Agrícola	Ameaças	Outros
Acessos	EN 118 direção: (Chamusca-Abrantes), Pinheiro Grande, Quinta da Arrezima.		

Descrição	<p>D (is) · M (anibus) · S (acrum) / ARICINAE [?] / HYPOLITVS / ANNO (rum) III (trium) / H (ic) · S (ita) · E (st) · / S (it) · T (ibi) · T (erra) · L (evis)</p> <p>Consagrado aos Deus Manes. Hipólito a Aricima, de três anos. Aqui jaz. Que a Terra te Seja Leve.</p> <p>A inscrição em cima descrita encontra-se referida num manuscrito não publicado, de Manuel José Carvão Cid Guimarães, intitulado de <i>O Concelho da Chamusca no tempo dos Romanos. A Rota do Ferro e a Cultura da Vinha</i> datado de 1969, que segundo Jaime Marques <i>não publica fotografia ou desenho, apenas refere ter sido encontrada em 1870 na Quinta da Arrezima, Freguesia do Pinheiro Grande.</i> (MARQUES, 1987, p. 5).</p> <p>Encarnação (1984) indica que é um termo que não é encontrado em epígrafes no território português e na Península Ibérica, por isso o autor sugere a hipótese ARICINAE, com N e nexa, para fazer um pouco de sentido; de facto, se o primeiro antropónimo fosse um cognome feminino no nominativo, não tinha sentido Hypolitus, masculino e no nominativo também. (ENCARNAÇÃO, 1984, p. 700).</p> <p>O cognome que encontramos nesta epígrafe, segundo Encarnação, seria que Hypolitus estaria por Hippolytus, cognome de origem grega, de que no conventus registámos o feminino com a grafia Epolita. (ENCARNAÇÃO, 1984, p. 701).</p>
-----------	--

Bibliografia	<p>ALARCÃO, J. de (1987) - <i>Portugal Romano</i>. [S.l.]: Editorial Verbo. p. 115; ENCARNAÇÃO (d°), José (1984) – <i>Inscrições Romanas do Conventus Pacensis</i>. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra. P. 700-701; MARQUES, Jaime Jorge (1987) – <i>As inscrições romanas do concelho</i>. Chamusca: C.M. Chamusca;</p>
--------------	---

Observações	<p>O paradeiro desta inscrição é até à data uma incógnita, tendo Jaime Marques unicamente referido que apenas sabemos (pelo manuscrito) que em data posterior a 1870 foi oferecida a um Juiz de Direito nessa data na Comarca da Golegã. (MARQUES, 1987, p. 5).</p>
-------------	---

Registo Cartográfico



Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico

Ficha N°	22				
Designação	Vale da Arrezima				
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca		
Freguesia/Lugar	Pinheiro Grande	Topónimo			
CNS		IPA		Altitude (m)	100m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Romano		
Coordenada (N)	39°22'47.66"N	Coordenada (W)	8°26'49.91"W		
Tipo de Sítio	Vestígios de Superfície	Estado de Conservação	Outros		
Uso do Solo	Florestal	Ameaças	Florestação		
Acessos	EN 118 direção: (Chamusca-Abrantes), Pinheiro Grande, Quinta da Arrezima. Caminho de terra batida a partir da EN 118. Difícil acesso.				
Descrição	<p>A partir de informações inéditas cedidas pelo Sr.º Jaime Marques, que durante os anos 40 procedeu à identificação de vários possíveis locais arqueológicos, através da prospeção de vários locais dispersos pelo concelho da Chamusca, foi possível apontar o Vale da Arrezima com um possível local de período Romano através de vestígios de superfície.</p> <p>Atualmente não nos foi possível confirmar esta informação cedida pelo Sr.º Jaime Marques. O acesso ao local encontra-se vedado por se encontrar em propriedade privada e a vegetação da mesma não permitiu a deslocação ao local. Contudo, menciona-se o local porque se trata de uma informação relevante para quando surgir a oportunidade se proceder à realocização dos vestígios mencionados.</p>				
Bibliografia	Local inédito.				
Observações	O sítio localiza-se em propriedade privada e vedado.				

Registo Cartográfico

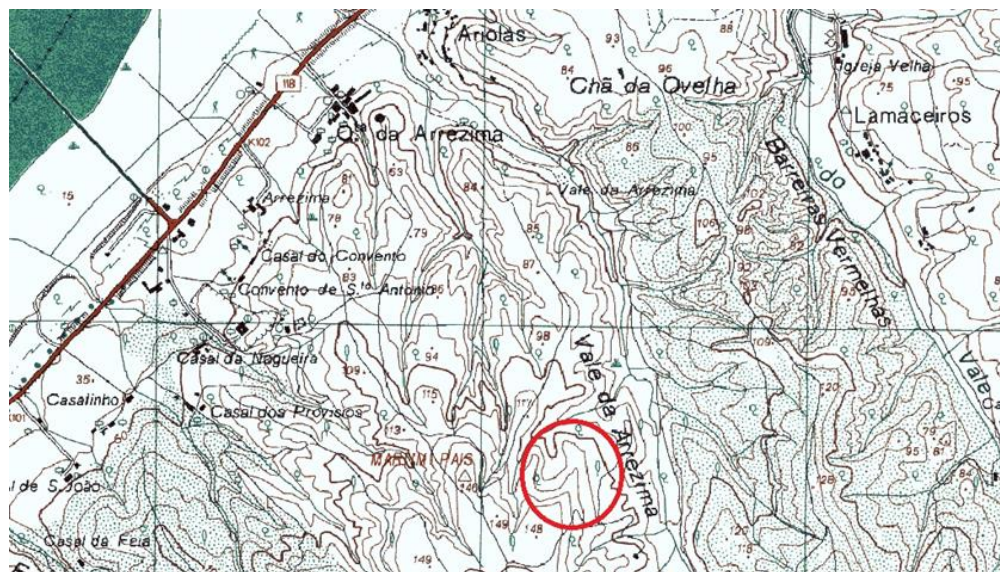


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Ficha N°	23				
Designação	Casal da Feia				
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca		
Freguesia/Lugar	Pinheiro Grande	Topónimo			
CNS		IPA		Altitude (m)	50m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Romano		
Coordenada (N)	39°22'15.97"N	Coordenada (W)	8°27'41.97"W		
Tipo de Sítio	Vestígios de Superfície	Estado de Conservação	Outros		
Uso do Solo	Agrícola	Ameaças	Outros		
Acessos	EN 118 direção: (Chamusca-Abrantes), limite entre a Chamusca e o Pinheiro Grande. Caminho de terra batida a partir da EN 118. Propriedade privada e vedado.				
Descrição	<p>A partir de informações inéditas cedidas pelo Sr.º Jaime Marques, que durante os anos 40 procedeu à identificação de vários possíveis locais arqueológicos, através da prospeção de vários locais dispersos pelo concelho da Chamusca, foi possível apontar o Casal de São João e o Casal da Feia com um possível local de período Romano através de vestígios de superfície. Atualmente não nos foi possível confirmar esta informação cedida pelo Sr.º Jaime Marques. O acesso ao local encontra-se vedado por se encontrar em propriedade privada e a vegetação da mesma não permitiu a deslocação ao local. Contudo, menciona-se o local porque se trata de uma informação relevante para quando surgir a oportunidade se proceder à realocização dos vestígios mencionados.</p>				
Bibliografia	Local inédito.				
Observações	O sítio localiza-se em propriedade privada e vedado.				



Registo Cartográfico

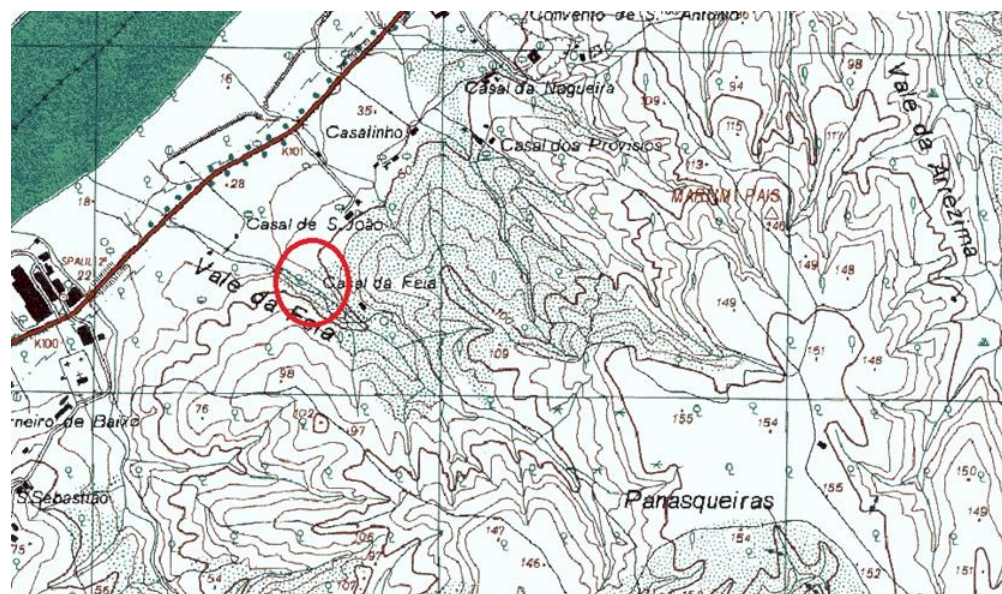


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico

Ficha N°	24		
Designação	Marco da Comenda N°.78		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Pinheiro Grande	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 29m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Medieval/ Moderno
Coordenada (N)	39°23'37.84"N	Coordenada (W)	8°26'14.92"W
Tipo de Sítio	Marco	Estado de Conservação	Bom
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Agentes Climáticos
Acessos	Fachada da Igreja de Santa Maria do Pinheiro Grande, Rua Isidro dos Reis, Pinheiro Grande.		

Descrição	<p>Marco de pedra calcária com a cruz da Ordem de Cristo e a seguinte inscrição:</p> <p style="text-align: center;">C. P. D. Zo N78.</p> <p>Este marco encontra-se no lado direito da porta de entrada para a igreja, tendo sido doado à igreja por um habitante do Pinheiro Grande que o encontrou nos campos pertencentes a este lugar.</p>
-----------	---

Bibliografia	Marco inédito.
--------------	----------------

Observações	
-------------	--

Registo Cartográfico

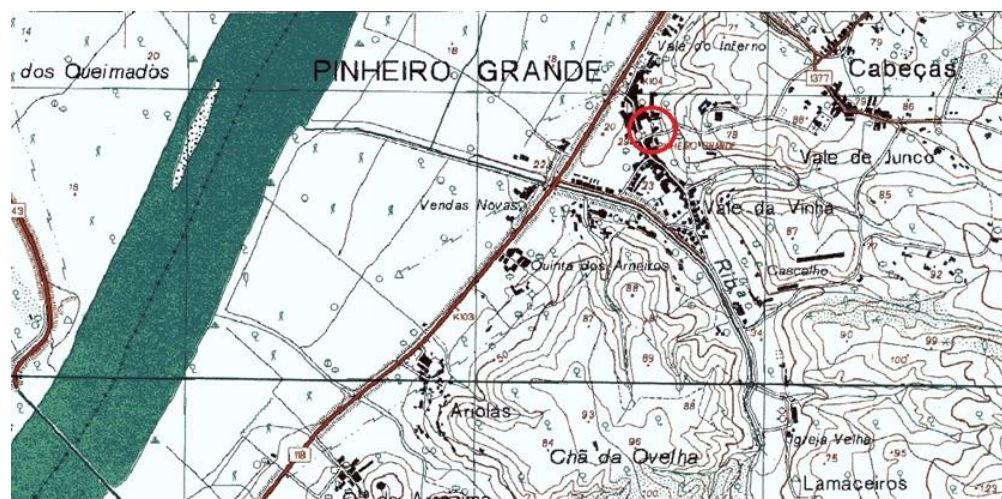


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2 – Vista frontal do marco da Comenda N.º 78

Ficha N°	25		
Designação	Marco da Comenda N°.87		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Pinheiro Grande	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 20m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Medieval/ Moderno
Coordenada (N)	39°23'42.29"N	Coordenada (W)	8°26'16.97"W
Tipo de Sítio	Marco	Estado de Conservação	Bom
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Agentes Climáticos
Acessos	EN 118 (Chamusca-Abrantes), ao Km 104, no estabelecimento A Taberna da Rita, Pinheiro Grande.		

Descrição	<p>Marco de pedra calcária com a cruz da Ordem de Cristo e a seguinte inscrição:</p> <p style="text-align: center;">C. P. D. Zo N87.</p> <p>Este marco encontra-se na extrema-direita que faz esquina com a estrada do estabelecimento A <i>Taberna da Rita</i>, situado junta à entrada do estabelecimento.</p> <p>Este encontrava-se mencionado já na bibliografia mas sem localização associada.</p>
-----------	---

Bibliografia	SAMOUÇO DA FONSECA J.J. (2001) - <i>História da Chamusca, das origens a 1643</i> . Volume I. Chamusca: C.M. Chamusca
--------------	--

Observações	
-------------	--



Registo Cartográfico



Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2 – Vista frontal do marco da Comenda N.º 87

Ficha N°	26				
Designação	Marco Cruz 4				
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca		
Freguesia/Lugar	Pinheiro Grande	Topónimo			
CNS		IPA		Altitude (m)	29m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Medieval/ Moderno		
Coordenada (N)	39°23'37.97"N	Coordenada (W)	8°26'14.98"W		
Tipo de Sítio	Marco	Estado de Conservação	Bom		
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Agentes Climáticos		
Acessos	Junto da Igreja de Santa Maria do Pinheiro Grande, Rua Isidro dos Reis, Pinheiro Grande.				
Descrição	<p>Entre a Casa do Pároco e a Igreja de St.ª Maria do Pinheiro é possível encontrar, colocado no chão, um marco em pedra calcária apresentando a Cruz da Ordem de Cristo.</p> <p>Este foi doado à igreja por um habitante do Pinheiro Grande que o encontrou no campo pertencente a este lugar.</p>				
Bibliografia	Marco inédito.				
Observações					

Registo Cartográfico

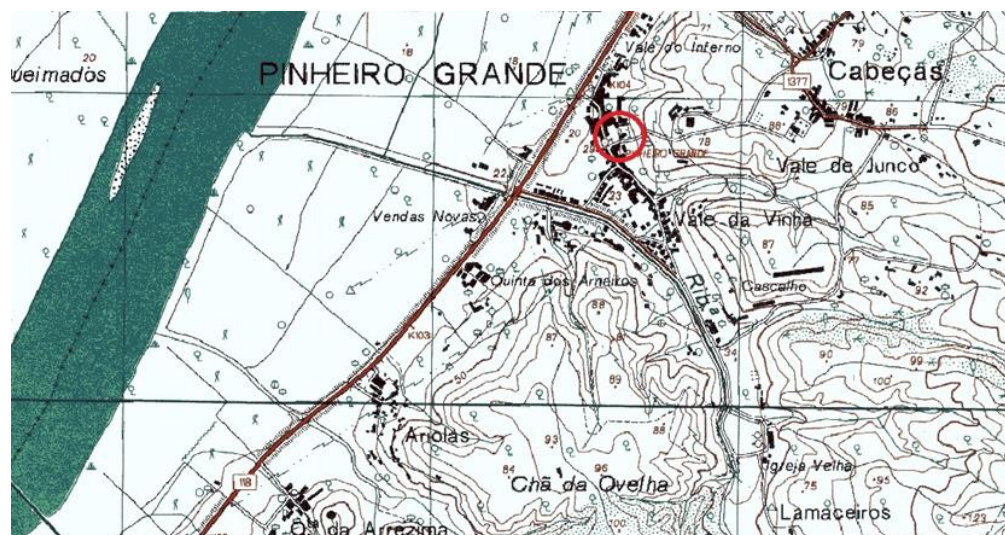


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2 – Vista frontal do marco da Cruz 4.

Ficha N°	27				
Designação	Marco Cruz 5				
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca		
Freguesia/Lugar	Pinheiro Grande	Topónimo			
CNS		IPA		Altitude (m)	23m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Medieval/ Moderno		
Coordenada (N)	39°23'33.34"N	Coordenada (W)	8°26'15.55"W		
Tipo de Sítio	Marco	Estado de Conservação	Bom		
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Agentes Climáticos		
Acessos	Antiga Junta de Freguesia do Pinheiro Grande, Pinheiro Grande.				
Descrição	<p>Este marco foi recolhido por um habitante do Pinheiro Grande que o doou à Junta de Freguesia do Pinheiro Grande, encontrando-se o marco aqui depositado e exposto. É em pedra calcária apresentando a Cruz da Ordem de Cristo na parte distal do marco.</p> <p>Este marco terá sido encontrado nos campos do Pinheiro Grande.</p>				
Bibliografia	Marco inédito.				
Observações					



Registo Cartográfico

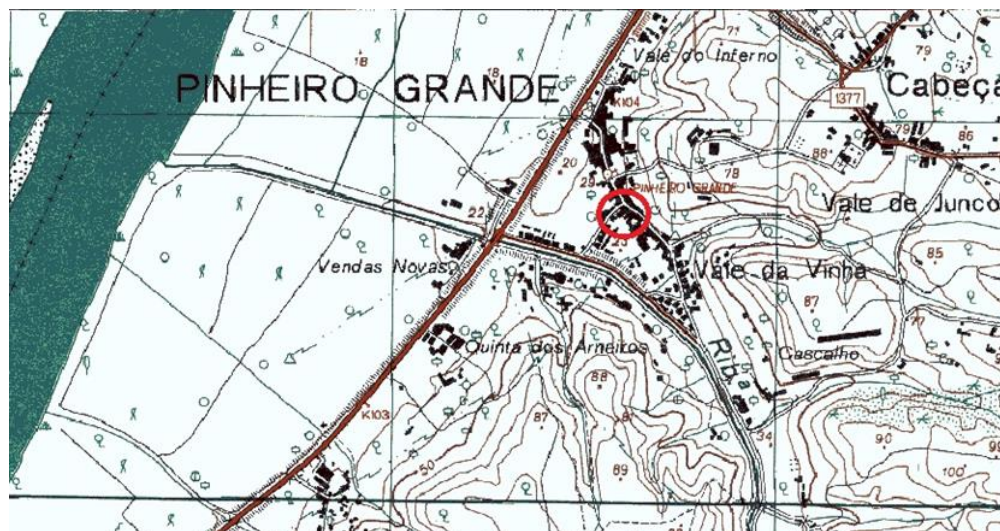


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2 – Vista frontal do marco da Cruz 5.



Figura 3 – Pormenor da cruz neste marco.

Ficha N°	28		
Designação	Ermida de Santa Maria do Pinheiro Grande		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Pinheiro Grande	Topónimo	Igreja Velha
CNS		IPA	Altitude (m) 35m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Medieval
Coordenada (N)	39°23'5.23"N	Coordenada (W)	8°25'53.12"W
Tipo de Sítio	Ermida	Estado de Conservação	Destruído
Uso do Solo	Agrícola	Ameaças	Agricultura
Acessos	EN 118 (Chamusca-Abrantes), ao Km 103,5, no cruzamento virar há direita e seguir sempre em frente até ao fim da estrada de alcatrão, passando depois para terra batita mais 1km.		

Descrição	<p>Segundo a lenda, aponta-se como a primeira ocupação do Pinheiro Grande o lugar da Igreja Velha, onde possivelmente existiu a primitiva ermida, tendo sido mandada erguer pela (...) <i>Ordem dos Templários</i> (...) <i>quando estendeu a sua implantação para a margem esquerda do Tejo. O Pinheiro estava incluído numa doação feita por D. Sancho I, em 1186, àquela ordem monástica e adquiriu a autonomia de freguesia, apenas com dez fogos, em 1230. (...)</i> (SAMOUCO, 2001, p. 222).</p> <p>Este local ficou destruído devido a graves inundações nos finais do século XIV, tendo o edifício religioso e a própria povoação sido deslocados para onde é agora o centro do Pinheiro Grande, onde se situa a atual Igreja de Santa Maria do Pinheiro Grande.</p> <p>No local, onde se encontrava possivelmente a ermida, hoje existem infraestruturas de apoio agrícola e, também, umas pequenas habitações a meia encosta.</p> <p>Nada resta no local, apenas o topónimo ficou.</p>
-----------	--

Bibliografia	<p>SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2001) - <i>História da Chamusca, das origens a 1643</i>. Volume I. Chamusca: C.M. Chamusca; TECEDEIRO, Luís António Vaz (1999) – <i>A Religião pelo Concelho da Chamusca – Igrejas e Capelas</i>. Vol. III. Alpiarça: GARRIDO artes gráficas.</p>
--------------	---

Observações	O sítio localiza-se em propriedade privada e vedado.
-------------	--

Registo Cartográfico

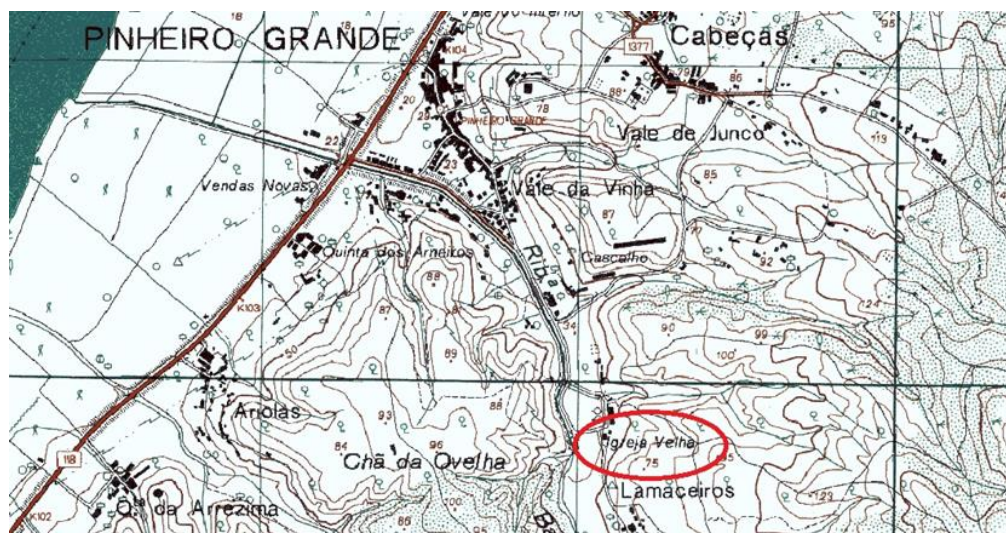


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico

Ficha N°	29		
Designação	Igreja de Santa Maria do Pinheiro Grande		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Pinheiro Grande	Topónimo	
CNS		IPA	23567
			Altitude (m) 29m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Moderno
Coordenada (N)	39°23'37.94"N	Coordenada (W)	8°26'14.23"W
Tipo de Sítio	Igreja	Estado de Conservação	Bom
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Agentes Climáticos
Acessos	Rua Isidro dos Reis, Pinheiro Grande		

Descrição	<p>A construção da Igreja de Santa Maria do Pinheiro Grande é apontada para o século XV/XVI, tendo como autor dessa mesma obra um dos primeiros comendadores da Comenda da Ordem de Cristo devido, também, à destruição da primitiva ermida (SAMOUCO, 2002, p. 222). Até ao século XIX, a estrutura não tinha sofrido grandes alterações no interior (SAMOUCO, 2002, p. 222). Em 1921 este edifício sofreu um grande incêndio, posteriormente foi reconstruído, sendo, ainda, possível observar alguns traços originais no edifício (SAMOUCO, 2003, p. 164).</p> <p>Admitindo que a estrutura primitiva da igreja é aquela que atualmente é possível observar, trata-se assim de um edifício de uma nave retangular, com a capela-mor antecedida por um arco mestre redondo, posteriormente adicionada uma torre sineira do lado direito da igreja.</p> <p>Neste edifício encontram-se sepultados o último comendador do Pinheiro Grande D. João de La Coeva juntamente com a sua esposa. A sua lápide sepulcral está muito degradada em certos pontos. A leitura não é possível na sua totalidade e recentemente foi cortada com o posicionamento do altar por cima da lápide.</p>
-----------	---

Bibliografia	<p>PDM da Chamusca (1995) (<a href="http://websig.cm-chamusca.pt/">http://websig.cm-chamusca.pt/</a>)</p> <p>SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2002) - <i>História da Chamusca, 1643 a 1855. Volume II</i>. Chamusca: C.M. Chamusca; SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2003) - <i>História da Chamusca, 1855 a 1919. Volume III</i>. Chamusca: C.M. Chamusca; TECEDDEIRO, Luís António Vaz (1999) – <i>A Religião pelo Concelho da Chamusca – Igrejas e Capelas</i>. Vol. III. Alpiarça: GARRIDO artes gráficas.</p>
--------------	--

Observações	
-------------	--



Registo Cartográfico

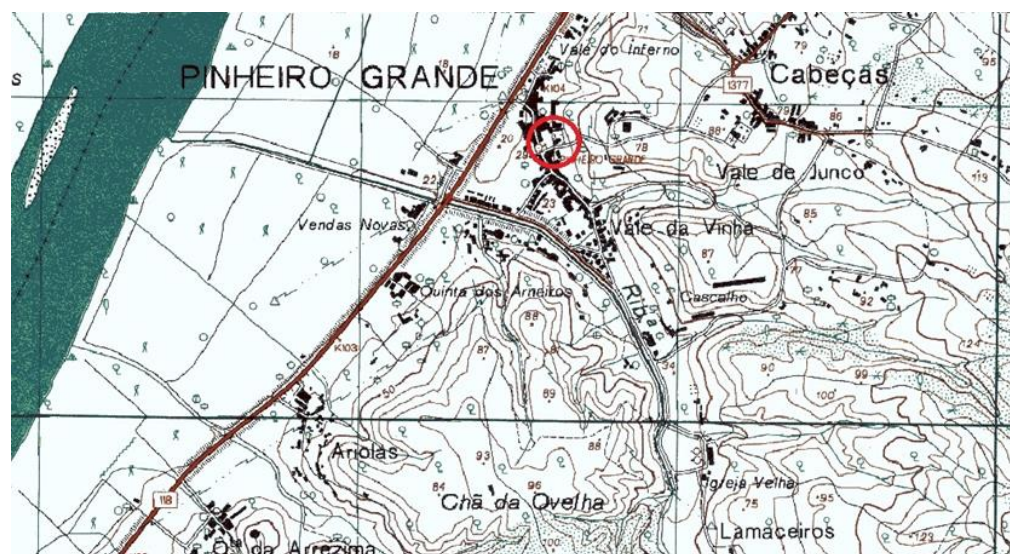


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2 – Vista frontal da Igreja.



Figura 3 – Vista do interior da Igreja,



Figura 4 – Pormenor da lápide sepulcral de D. João de La Coeva

Ficha N°	30		
Designação	Casa do Pároco		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Pinheiro Grande	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 29m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Moderno
Coordenada (N)	39°23'38.27"N	Coordenada (W)	8°26'15.04"W
Tipo de Sítio	Edifício	Estado de Conservação	Bom
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Agentes Climáticos
Acessos	Junto à Igreja de Santa Maria do Pinheiro, Rua Isidro dos Reis, Pinheiro Grande.		

Descrição	<p>Na fachada principal da casa, na ombreira da porta, é possível constar que se encontra inscrito a seguinte data: 1781.</p> <p>Foi possível apurar que é a atual casa de residência do pároco da Igreja da Santa Maria do Pinheiro Grande.</p> <p>Acerca do edifício em si, não foi possível obter mais dados através da bibliografia disponível.</p>
-----------	---

Bibliografia	Edifício inédito.
--------------	-------------------

Observações	
-------------	--

Registo Cartográfico

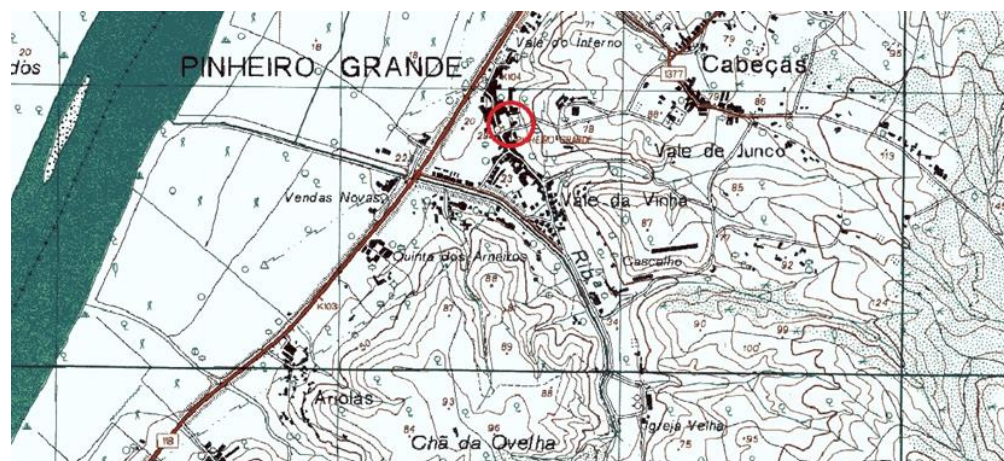


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2 – Vista frontal do edifício.



Figura 3 – Pormenor da data inscrita na ombreira da porta.

Ficha Nº	31				
Designação	Convento de Santo António do Pinheiro Grande				
Distrito	Santarém		Concelho	Chamusca	
Freguesia/Lugar	Pinheiro Grande		Topónimo	Conventinho	
CNS		IPA	23566	Altitude (m)	78m
CMP 1:25 000 folha nº	342		P Cronológico	Moderno	
Coordenada (N)	39°22'37.07"N		Coordenada (W)	8°27'9.87"W	
Tipo de Sítio	Convento		Estado de Conservação	Outros	
Uso do Solo	Urbano		Ameaças	Outros	
Acessos	EN 118 (Chamusca-Abrantes), no cruzamento da Ponte João Joaquim Isidro dos Reis, virar à direita antes da bomba de gasolina para a estrada de terra batida.				

Descrição	<p>Há que ter em conta que este convento se encontra construído por cima de uma ermida que já se conhecia em 1505 (...) <i>uma pequena mas “bem guarneçada” ermida, votiva do franciscano Santo António. Tinha a ermida “... um grande cerrado, que leva 35 hastins e meio de longo a 18 e meio de largo, e está nele um pomar de muitas árvores de fruto, com grandes latadas, tudo bem armado, e dentro um pedaço de vinha e um tanque”</i> (SAMOUCO, 2001, p. 193).</p> <p>Segundo as fontes, o convento de S. António do Pinheiro foi fundado pelo Rei D. Manuel I, em 1519 (SOUSA, 2005, p. 354), e foi extinto em 1834. Neste convento encontram-se sepultados D. Aleixo de Meneses e D. Luísa, na sala do Capítulo (SAMOUCO, 2001, p. 193).</p> <p>Este local sofreu vários incêndios durante o século XVII, sofrendo, assim, várias alterações ao longo do tempo. A arquitetura e a planta do edifício eram comuns aos edifícios da mesma categoria da época. O convento era constituído por uma capela com um altar-mor; sacristia; claustro; refeitório; galeria com arcarias nos dois andares. Sendo estes os locais que se falam na bibliografia, não existindo uma correta descrição deste edifício.</p> <p>O que chegou até aos tempos de hoje, nomeadamente, informação acerca do convento é descrita através da venda do recheio do mesmo no século XX. Destacamos desde já: onze painéis de azulejos do século XVIII; os azulejos da sacristia e do claustro do século XVII; o arco que guarnecia o túmulo de D. Aleixo de Meneses, e a enorme carranca do antigo tanque do convento e as esferas armilares manuelinas, que foram adquiridas em leilão por José Relvas e se encontram expostas na Quinta dos Patudos em Alpiarça. O resto do espólio foi adquirido por vários privados, um pouco por todo o país. Atualmente, este edifício encontra-se na posse da família Amaral Netto e todo ele foi transformado para habitação privada.</p>
-----------	---

Bibliografia	<p>PDM da Chamusca (1995) (<a href="http://websig.cm-chamusca.pt/">http://websig.cm-chamusca.pt/</a>)</p> <p>SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2001) - <i>História da Chamusca, das origens a 1643</i>. Volume I. Chamusca: C.M. Chamusca; SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2002) - <i>História da Chamusca, 1643 a 1855. Volume II</i>. Chamusca: C.M. Chamusca; SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2003) - <i>História da Chamusca, 1855 a 1919. Volume III</i>. Chamusca: C.M. Chamusca; SOUSA (dir.), Bernardo Vasconcelos de (2005) - <i>Ordens Religiosas em Portugal. Das Origens a Trento - Guia Histórico</i>. Lisboa: Livro Horizonte; TECEDIEIRO, Luís António Vaz (1999) – <i>A Religião pelo Concelho da Chamusca – Igrejas e Capelas</i>. Vol. III. Alpiarça: GARRIDO artes gráficas.</p>
--------------	--

Observações	<p>Este local foi recuperado e modificado para habitação, só sendo possível visitar com autorização dos proprietários mas não é permitido fotografar ou fazer registo atual, por ser uma casa de habitação privada.</p>
-------------	---



Registo Cartográfico

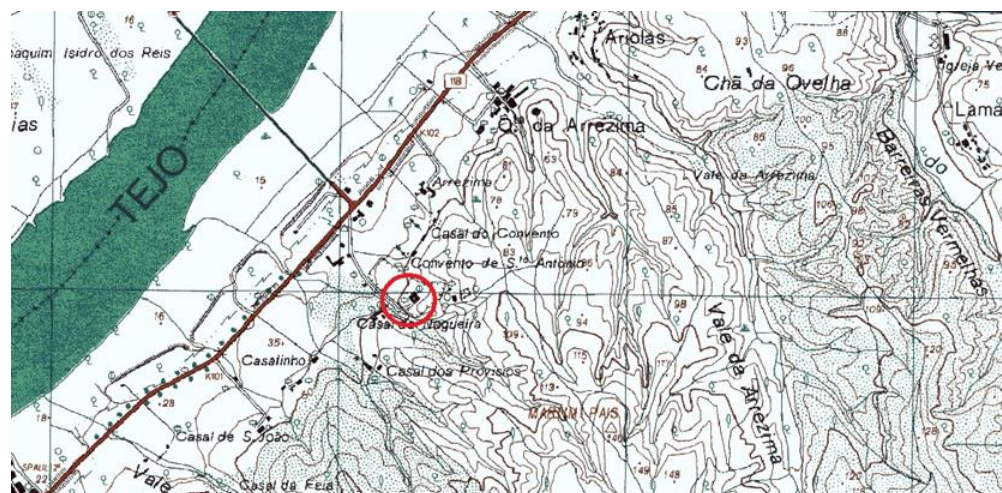


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico

Ficha N°	32		
Designação	S. Sebastião		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Chamusca	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 50m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Romano
Coordenada (N)	39°21'58.24"N	Coordenada (W)	8°28'6.04"W
Tipo de Sítio	Vestígios de Superfície	Estado de Conservação	Outros
Uso do Solo	Pastoreio	Ameaças	Gado
Acessos	EN 118 (Chamusca-Abrantes), ao Km 100, cortar à direita subindo em direção à Capela de S. Sebastião.		

Descrição	<p>Junto da população foi possível recolher dados, os quais nos apontaram que nos campos de S. Sebastião até à ribeira de Arraiolos e do outro lado da ribeira, já perto da foz da mesma ribeira, foram encontrados com a plantação de eucaliptos algumas moedas romanas. Também existiam espalhados pelos campos, o que a população local apelidou, de <i>cerâmica velha</i> ou <i>telhas velhas</i>. Este apareciam quando se fazia buracos na terra para a lavoura.</p> <p>Estas informações recolhidas coincidem com as informações inéditas cedidas pelo Sr.º Jaime Marques, que durante os anos 40 procedeu à identificação de vários possíveis locais arqueológicos, através da prospeção de vários locais dispersos pelo concelho da Chamusca.</p> <p>Os relatos da população daquela zona vão de encontro com o local apontado pelo Sr.º Jaime Marques, sendo possível tratar-se de um local de período Romano através de vestígios de superfície.</p> <p>Atualmente, não foi possível confirmar esta informação cedida pelo Sr.º Jaime Marques e pela população, o acesso ao local encontra-se vedado por se localizar em propriedade privada e neste momento conter gado bravo. Contudo, menciona-se o local porque se trata de uma informação para quando a oportunidade surgir proceder à relocalização dos vestígios mencionados.</p>
-----------	---

Bibliografia	Local inédito.
--------------	----------------

Observações	O sítio localiza-se em propriedade privada e vedado.
-------------	--

Registo Cartográfico

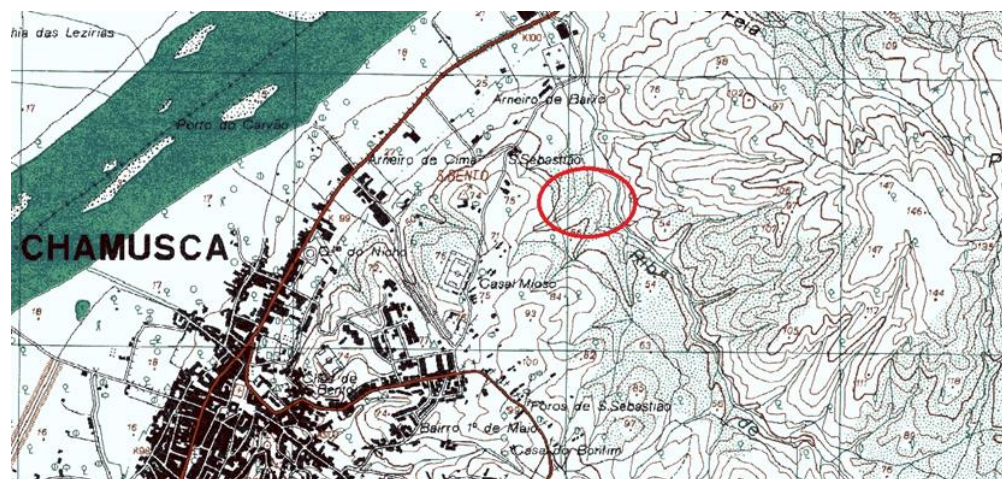


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico

Ficha N°	33		
Designação	Arraiolos de Baixo		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Chamusca	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 95m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Romano
Coordenada (N)	39°21'30.75"N	Coordenada (W)	8°27'47.25"W
Tipo de Sítio	Vestígios de Superfície	Estado de Conservação	Outros
Uso do Solo	Florestal	Ameaças	Florestação
Acessos	Rua da Cabeça Alta, Chamusca, depois seguindo pelo caminho de terra batida. Dificil acesso.		

Descrição	<p>A partir de informações inéditas cedidas pelo Sr.º Jaime Marques, que durante os anos 40 procedeu à identificação de vários possíveis locais arqueológicos, através da prospeção de vários locais dispersos pelo concelho da Chamusca, foi possível indicar o local de Arraiolos de Baixo com um provável local de período Romano através de vestígios de superfície.</p> <p>Atualmente não nos foi possível confirmar esta informação cedida pelo Sr.º Jaime Marques, pois com a deslocação ao local a vegetação muito densa e o revolver de terras para a plantação/corte de eucaliptos não permitiu identificar os vestígios.</p>
-----------	---

Bibliografia	Local inédito.
--------------	----------------

Observações	Quando a vegetação for em menos densa talvez seja possível encontrar alguns dos vestígios de superfície.
-------------	--

Registo Cartográfico

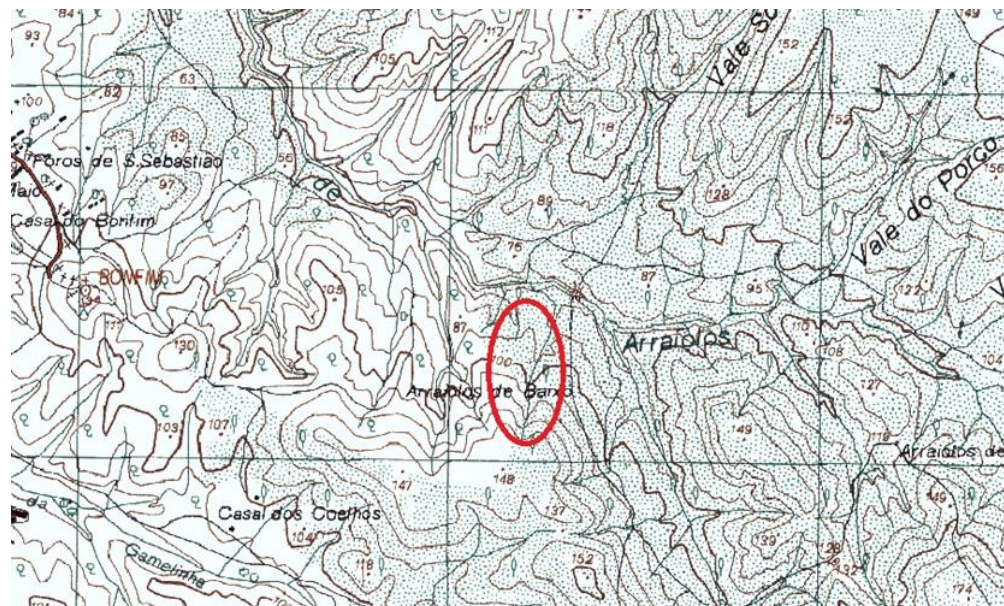


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico

Ficha N°	34				
Designação	Bonfim				
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca		
Freguesia/Lugar	Chamusca	Topónimo			
CNS		IPA		Altitude (m)	134m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Romano		
Coordenada (N)	39°21'14.20"N	Coordenada (W)	8°28'0.49"W		
Tipo de Sítio	Vestígios de Superfície	Estado de Conservação	Outros		
Uso do Solo	Baldio	Ameaças	Vegetação		
Acessos	Rua do Bonfim, Chamusca, nos terrenos em volta da Capela do Senhor do Bonfim.				
Descrição	<p>Encontra-se documentado que nos terrenos envolventes da capela do Senhor do Bonfim (que se situa no topo do cabeço) foram encontrados pelo Sr.º Jaime Marques, que durante os anos 40 quando fazia levantamento da zona três fragmentos de <i>dolium</i>. Estes foram entregues à Faculdade de Letras de Lisboa pelo mesmo juntamente com outros fragmentos cerâmicos de época Romana recolhidos noutros locais do concelho (MARQUES, 2002, p. 31).</p> <p>Contudo não nos foi possível ceder ao local onde foram encontrados os vestígios por a propriedade ser privada e se encontrar vedada e de difícil acesso.</p>				
Bibliografia	<p>MARQUES, Jaime Jorge (2002) - <i>Ulme: Uma Vila: A História E Suas Tradições: Monografia</i>. Ulme: Junta de Freguesia do Ulme.</p>				
Observações	O sítio localiza-se em propriedade privada e vedado.				



Registo Cartográfico

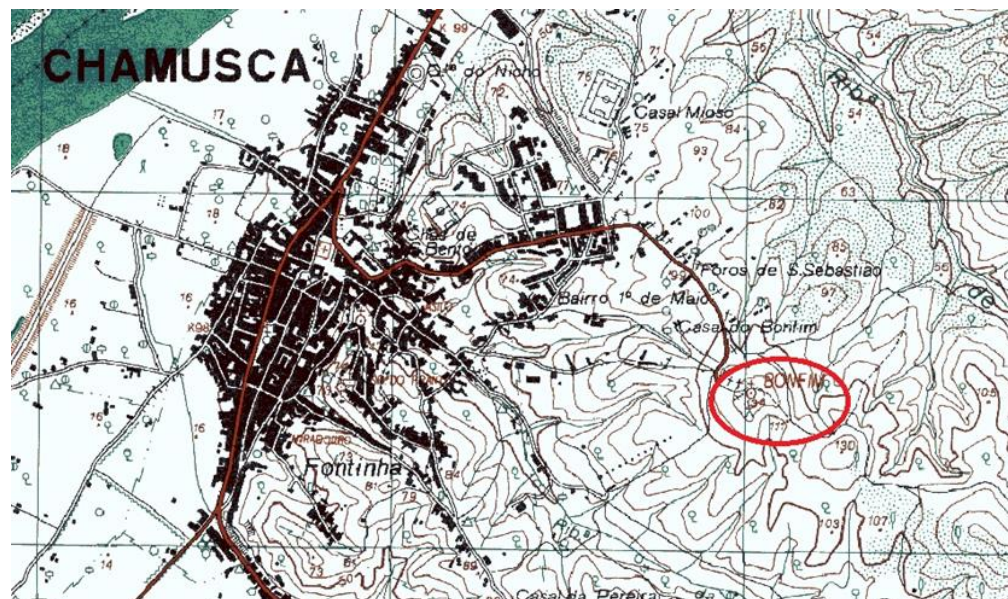


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico

Ficha N°	35		
Designação	Quinta das Trevas		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Chamusca	Topónimo	Trevas
CNS		IPA	Altitude (m) 23m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Romano
Coordenada (N)	39°20'25.58"N	Coordenada (W)	8°28'24.17"W
Tipo de Sítio	Vestígios de Superfície	Estado de Conservação	Outros
Uso do Solo	Baldio	Ameaças	Agentes Climáticos
Acessos	EN 118 (Chamusca-Abrantes), ao Km 96 do lado direito da estrada, caminho de terra batida para dentro do terreno.		

Descrição	<p>Segundo as fontes, o local em que hoje se encontram as ruínas das instalações da Quinta das Trevas, constatou-se que apenas o palheiro não foi demolido pelo dono da propriedade. Este local encontra-se no fundo de vários cabeços, fazendo assim a transição para a zona de Campo que é cortado pela Estrada Nacional. Neste local encontram-se documentado que (...) <i>a cerca de duzentos metros da estrada, apareceram sepulturas de tijolos de barro atribuídos aos romanos, contíguas a uma pequena capela cujos restos existiam nos finais do primeiro quartel do séc.: XX. O Dr. José Pedroso, dono da propriedade, possuía um frasco quadrangular que tinha sido encontrado dentro dessas sepulturas. O seu filho, Eng.º Norberto Pedroso confirmou, haverá mais oito décadas, que ainda existiam algumas dessas sepulturas e em que locais. Em 1931, quando se dava início à abertura de alicerces para um palheiro, apareceram diversos pedaços de objetos de cerâmica entre os quais a asa de uma ânfora. Entretanto, na família Mascarenhas Pedroso havia notícia de diversas ânforas</i> (SAMOUCO, 2001, 20-22).</p> <p>Com a deslocação ao local não foi possível proceder à relocalização de achados, muito, devido à alta e densa vegetação e à existência de grandes quantidades de entulho dos edifícios demolidos.</p>
-----------	---

Bibliografia	SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2001) - <i>História da Chamusca, das origens a 1643</i> . Volume I. Chamusca: C.M. Chamusca.
--------------	---

Observações	O sítio localiza-se em propriedade privada.
-------------	---



Registo Cartográfico

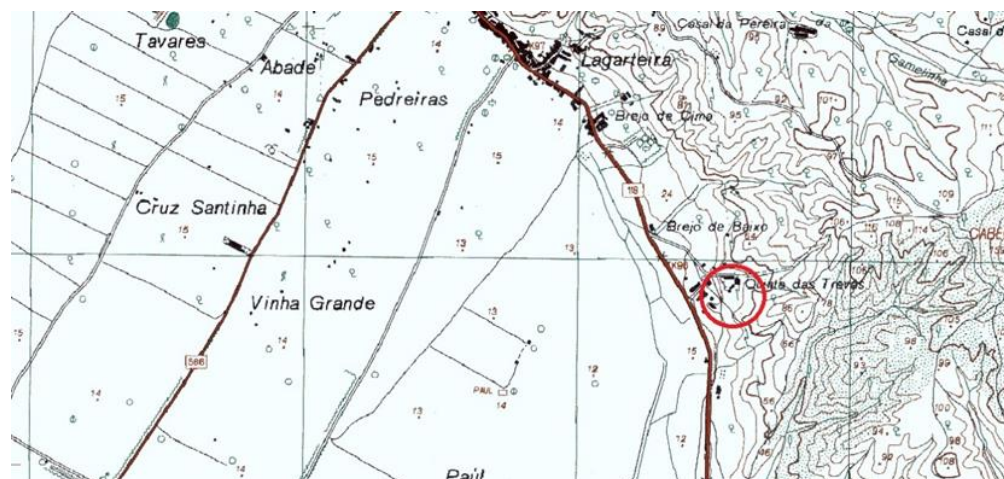


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2 – Vista de uma das zonas onde se encontram depositados grandes quantidades de entulho.

Ficha N°	36		
Designação	Marcos da Comenda do Pinheiro		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Chamusca	Topónimo	Trevas
CNS		IPA	Altitude (m) 16m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Medieval/ Moderno
Coordenada (N)	39°21'35.50"N	Coordenada (W)	8°28'50.74"W
Tipo de Sítio	Marco	Estado de Conservação	Bom
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Agentes Climáticos
Acessos	Centro de Artesanato, Rua Direita de São Pedro, Chamusca.		

Descrição	<p>Estes marcos da Comenda do Pinheiro Grande encontram-se depositados no Centro de Artesanato na Chamusca. Estes foram recolhidos pela Câmara Municipal em vários locais do concelho e concentrados neste local. Passamos a menciona-los, sendo que todos eles são em pedra calcária e com a cruz da Ordem de Cristo:</p> <table><tr><td>C. P.</td><td>C. P.</td><td>C. P.</td><td>C. P.</td></tr><tr><td>D. Zo</td><td>D. Zo</td><td>D. Zo</td><td>D. Zo</td></tr><tr><td>N40</td><td>N43</td><td>N44</td><td>N80</td></tr></table> <p>É possível encontrar ainda três marcos com a mesma inscrição mas sem número, observando que se encontram partidos na parte superior.</p> <p>Nestes marcos é possível encontrar as suas dimensões reais, 1, 60m de comprimento sendo que na extremidade base do marco é possível encontrar a sigla C. P. / D. Zo com a cruz da Ordem de Cristo mas sem número, sendo que na parte superior é possível encontrar o número do marco em questão.</p>	C. P.	C. P.	C. P.	C. P.	D. Zo	D. Zo	D. Zo	D. Zo	N40	N43	N44	N80
C. P.	C. P.	C. P.	C. P.										
D. Zo	D. Zo	D. Zo	D. Zo										
N40	N43	N44	N80										

Bibliografia	SAMOUÇO DA FONSECA J.J. (2001) - <i>História da Chamusca, das origens a 1643</i> . Volume I. Chamusca: C.M. Chamusca.
--------------	---

Observações	<p>O marco com o número 40 encontra-se mencionado na Carta Arqueológica de Constância. (BAPTISTA, 2004, p. 127)</p> <p>Depositados no Centro de Artesanato na Chamusca.</p>
-------------	---

Registo Cartográfico

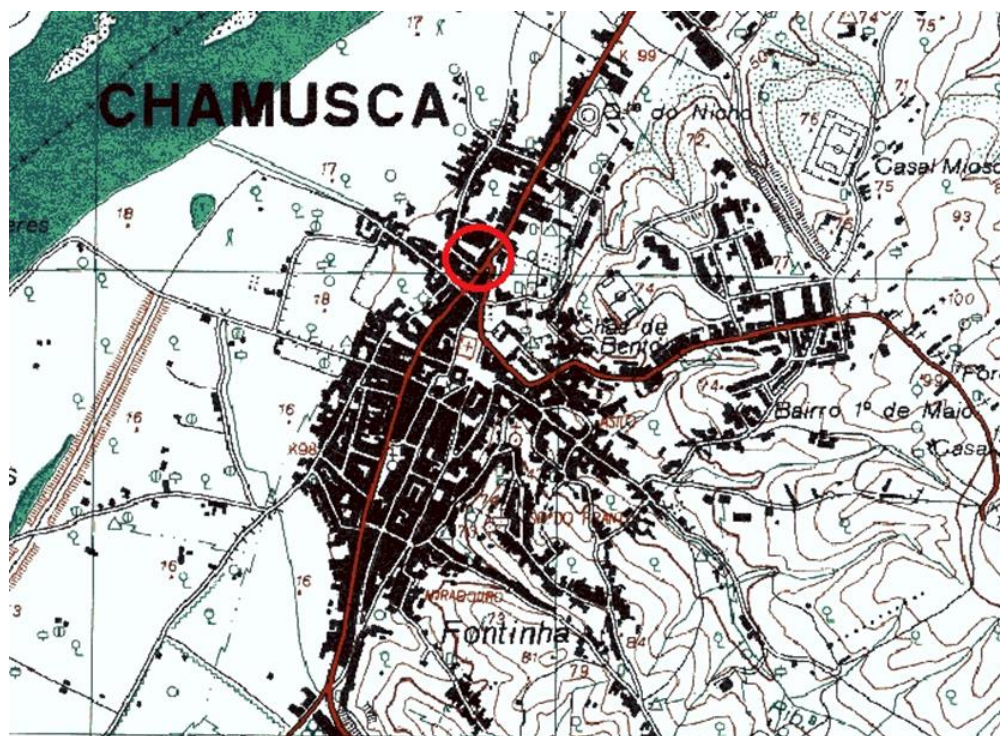


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2 – Vista frontal do marco da Comenda n.º 40.



Figura 2 – Vista frontal do marco da Comenda n.º 43.



Figura 2 – Vista frontal do marco da Comenda n.º 44.



Figura 2 – Vista frontal do marco da Comenda n.º 80.

Ficha N°	37		
Designação	Ermida do Outeiro de São Pedro da Chamusca		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Chamusca	Topónimo	Outeiro de São Pedro
CNS		IPA	Altitude (m) 30m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Medieval (?) /Moderno
Coordenada (N)	39°21'28.86"N	Coordenada (W)	8°28'44.10"W
Tipo de Sítio	Ermida	Estado de Conservação	Destruído
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Construção civil
Acessos	Beco do Outeiro de São Pedro, Chamusca.		

Descrição	<p>Segundo as fontes escritas, em 1505 num documento de aforamentos de terrenos encontra-se mencionado a existência de um Ermida dedicada a São Pedro (SAMOUCO, 2001, p. 222). A data da sua construção não foi possível apurar e o mesmo para a descrição do edifício. É sabido que em 1621 com o início da construção da igreja da Misericórdia, esta foi construída com pedras vindas de um outro edifício religioso em ruínas, tudo leva a querer que se trata da ermida de São Pedro que já se encontrava em ruínas nesta mesma época (SAMOUCO, 2001, p. 223).</p> <p>Atualmente nada resta deste edifício, a não ser a toponímia referida ao Outeiro de São Pedro e que corresponde ao terrenos aforados no documento de 1505, situando-se do lado Este do atual Parque Municipal da Chamusca, numa zona a meia encosta.</p>
-----------	--

Bibliografia	<p>SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2001) - <i>História da Chamusca, das origens a 1643</i>. Volume I. Chamusca: C.M. Chamusca; TECEDEIRO, Luís António Vaz (1999) – <i>A Religião pelo Concelho da Chamusca – Igrejas e Capelas</i>. Vol. III. Alpiarça: GARRIDO artes gráficas.</p>
--------------	---

Observações	
-------------	--



Registo Cartográfico

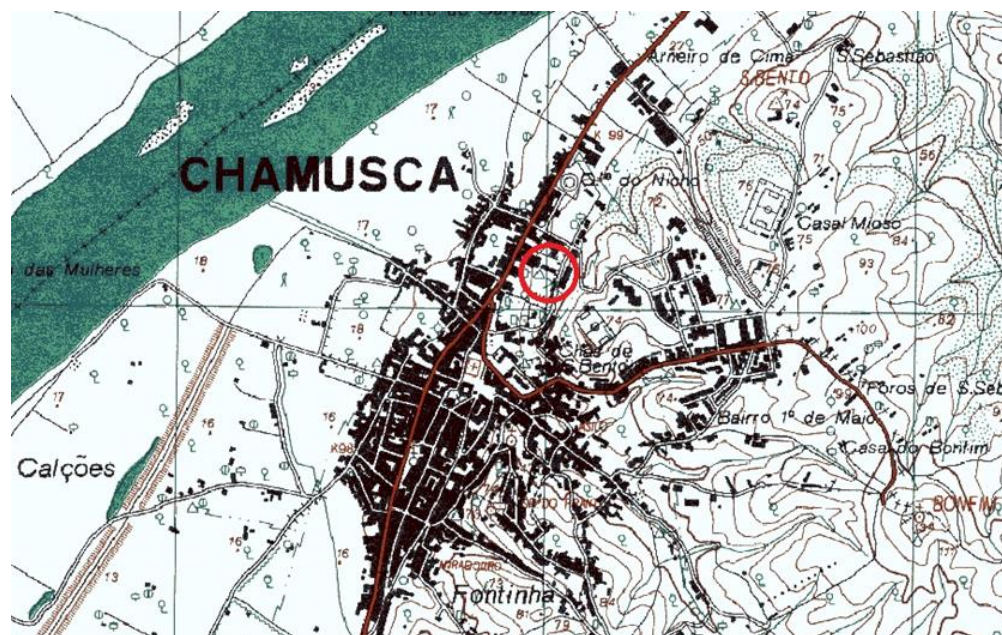


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico

Ficha N°	38		
Designação	Solar dos Silvas		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Chamusca	Topónimo	
CNS		IPA	23561 / 23562
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Moderno
Coordenada (N)	39°21'25.44"N	Coordenada (W)	8°28'51.94"W
Tipo de Sítio	Edifício	Estado de Conservação	Outros
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Agentes Climáticos
Acessos	Rua Ruy Gomes da Silva, Chamusca.		

Descrição	<p>As fontes escritas remetem para que este edifício seja dos finais do séc.: XV, mas não indicam uma data concreta para a sua construção. Segundo a descrição da bibliografia o solar era composto por sete casas de sobrado, oito lojas, lagar e adega; com dois pátios, e duas casas térreas (SAMOUCO, 2001, p. 79).</p> <p>Na segunda metade do séc.: XIX este edifício sofreu alterações da sua construção inicial que o descaracterizaram por completo.</p> <p>Atualmente a ocupação deste edifício destina-se à habitação no primeiro piso e no piso térreo, encontramos uma farmácia e uma loja de comércio, sendo que se encontram mencionadas na base dados do SIPA a junção de duas habitações que correspondiam ao antigo Solar, a Casa Imaginário (onde se localiza a farmácia com o mesmo nome) e a Casa do Engenheiro Rosa Rodrigues, sendo as duas casas já de construção do séc.: XIX.</p>
-----------	---

Bibliografia	<p>SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2001) - <i>História da Chamusca, das origens a 1643</i>. Volume I. Chamusca: C.M. Chamusca.</p>
--------------	---

Observações	
-------------	--

Registo Cartográfico

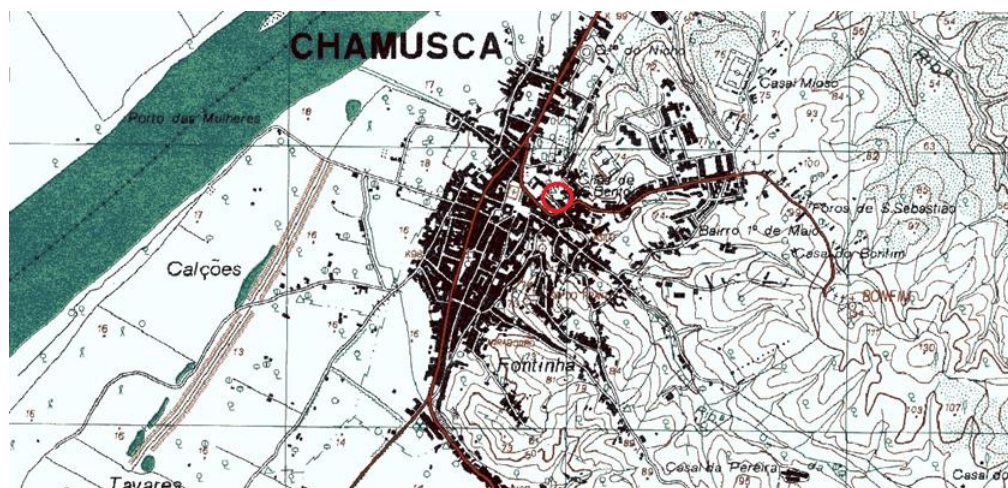


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2 – Edifício atual onde se localizava o Solar dos Silvas.

Ficha N°	39		
Designação	Igreja Matriz da Chamusca		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Chamusca	Topónimo	Igreja de São Brás
CNS		IPA	25340
			Altitude (m) 20m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Moderno
Coordenada (N)	39°21'25.24"N	Coordenada (W)	8°28'55.61"W
Tipo de Sítio	Igreja	Estado de Conservação	Bom
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Agentes Climáticos
Acessos	Largo Vasco da Gama/Travessa do Prior/ Rua Câmara Pestana, Chamusca		

Descrição	<p>O início da construção do templo dedicado a São Brás é atribuída aos finais do séc.: XV tendo sido edificado por João da Sílvia (1487 - 1520), 2º donatário da Chamusca. Este edifício sofreu duas grandes remodelações após a sua construção, a primeira situa-se entre 1602 e 1619 para efetuar reparações no edifício e para a implantação de um painel de azulejos do séc.: XVII. A segunda deu-se nos finais do séc.: XVII/ inícios do séc.: XVIII para uma ampliação frontal da igreja, bem como a adição de duas torres sineiras laterais que terminam o pátio frontal à igreja. (SAMOUCO, 2001, 179-180)</p> <p>A estrutura e arquitetura do edifício longitudinal é constituída por uma só nave, com cobertura interior de três planos na nave abóbada de berço na capela-mor; com quatro altares laterais e duas colaterais. A igreja encontra-se ainda forrada a azulejos enxaquetados em azul, branco e amarelo.</p> <p>Na entrada principal da igreja observamos um portal manuelino de volta redonda com um entrelaçado de pedra sobre dois fustes capitalizados. Existe ainda na fachada lateral virada para o Largo Vasco da Gama um portal recolhido também ele manuelino de verga golpeada adornada de vários botões.</p> <p>Dentro deste edifício encontram-se sepultados desde 1520, na capela-mor, João da Silva, 2º donatário da Chamusca e sua esposa; bem como Francisco da Silva (1520 - 1557), 3º donatário da Chamusca com a sua mulher. É de salientar que os tampos destas campas foram trocados e que no que toca à tampa de João da Silva foi reproduzido novamente o que estava inscrito na lápide, na campa de Francisco da Silva, a leitura da mesma já não foi conseguida nem reproduzida.</p>
-----------	--

Bibliografia	<p>PDM da Chamusca (1995) (<a href="http://websig.cm-chamusca.pt/">http://websig.cm-chamusca.pt/</a>)</p> <p>SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2001) - <i>História da Chamusca, das origens a 1643</i>. Volume I. Chamusca: C.M. Chamusca; SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2002) - <i>História da Chamusca, 1643 a 1855. Volume II</i>. Chamusca: C.M. Chamusca; TECEDIEIRO, Luís António Vaz (1999) – <i>A Religião pelo Concelho da Chamusca – Igrejas e Capelas</i>. Vol. III. Alpiarça: GARRIDO artes gráficas.</p>
--------------	---

Observações	
-------------	--



Registo Cartográfico

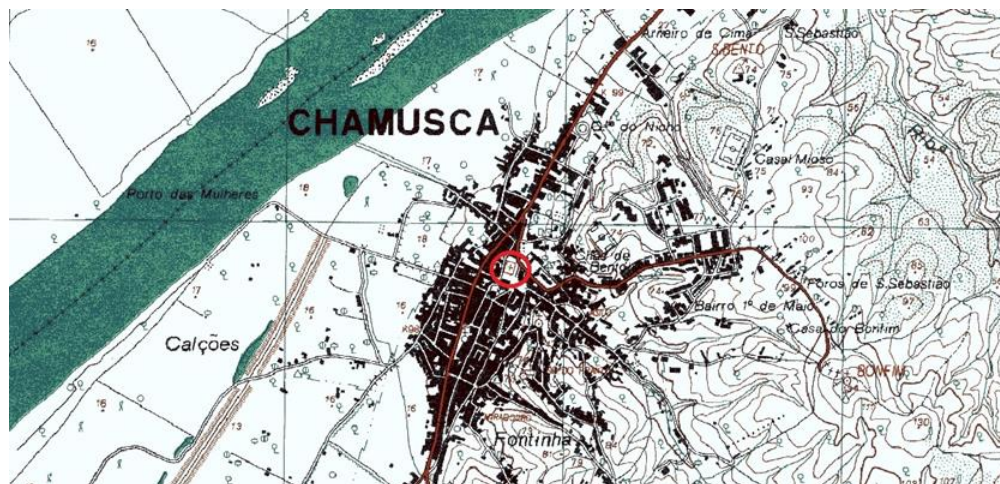


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2 – Vista frontal da Igreja.



Figura 3 – Portal Manuelino.



Figura 4 – Interior da Igreja.



Figura 4 – Pormenor da lápide sepulcral de D. João da Silva.

Ficha N°	40		
Designação	Igreja da Nossa Senhora da Misericórdia		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Chamusca	Topónimo	
CNS		IPA	8557
			Altitude (m) 19m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Moderno
Coordenada (N)	39°21'20.16"N	Coordenada (W)	8°28'59.66"W
Tipo de Sítio	Igreja	Estado de Conservação	Bom
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Agentes Climáticos
Acessos	Rua Direita de São Pedro/ Largo da Misericórdia/ Travessa da Misericórdia, Chamusca.		

Descrição	<p>Edifício religioso começado a erguer em 1622 com a vinda da Instituição da Irmandade de Nossa Senhora da Misericórdia para a Chamusca, foi construído ao longo do séc.: XVII.</p> <p>O edifício de planta longitudinal, de uma nave aglomerando a capela-mor, na fachada principal é englobada por duas torres sineiras com três pequenas janelas retangulares em cada uma de cada lado da fachada com cúpula bolbosa no topo das torres. A fachada principal é possível observar um frontão de volutas com cruz no vértice; a meio da fachada rasga-se o portal de lintel arquitravado, sobrepujado por nicho com frontão circular ladeado de pequenas alas; dos lados do portal 2 janelas com frontões triangulares. Na fachada Norte é possível observar não só a torre desse lado mas também a capela anexa nesse mesmo lado. Do lado sul é observamos a torre correspondente a esse lado, bem como a casa de despacho ou sala da irmandade. Em 1630 a Igreja já se encontrava apta para celebrar missas, mas o lado sul ainda não estava completo tendo sido finalizado em 1667 e 1671 (SAMOUCO, 2001, p. 216).</p> <p>A nave e a capela-mor no interior têm uma cobertura em falsa abóbada de berço redondo sendo estas duas separadas pela altura do pavimento e separadas por uma teia divisória, com uma escadaria para o altar-mor. Em 1773 foram colocadas duas pias de mármore trabalhado em cada um dos lados interiores da porta principal.</p> <p>O espólio artístico este edifício é composto por um grande património, toda ela no interior trabalhada com um retábulo joanino com uma tribuna com trono e maquineta da 2ª metade do séc.: XVIII, enquadra a imagem do orago, Nossa Senhora da Soledade, de finais do séc. XVI, e uma capela do lado norte com azulejos de padrão policromo seiscentista (séc.: XVII) (SEQUIERA, 1949).</p>
-----------	---

Bibliografia	<p>PDM da Chamusca (1995) (<a href="http://websig.cm-chamusca.pt/">http://websig.cm-chamusca.pt/</a>)</p> <p>SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2001) - <i>História da Chamusca, das origens a 1643</i>. Volume I. Chamusca: C.M. Chamusca; SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2002) - <i>História da Chamusca, 1643 a 1855. Volume II</i>. Chamusca: C.M. Chamusca; SEQUEIRA, Gustavo de Matos (1949) - <i>Inventário Artístico de Portugal - Distrito de Santarém</i>. Vol. III. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes; TECEDIEIRO, Luís António Vaz (1999) – <i>A Religião pelo Concelho da Chamusca – Igrejas e Capelas</i>. Vol. III. Alpiarça: GARRIDO artes gráficas.</p>
--------------	---

Observações	
-------------	--

Registo Cartográfico

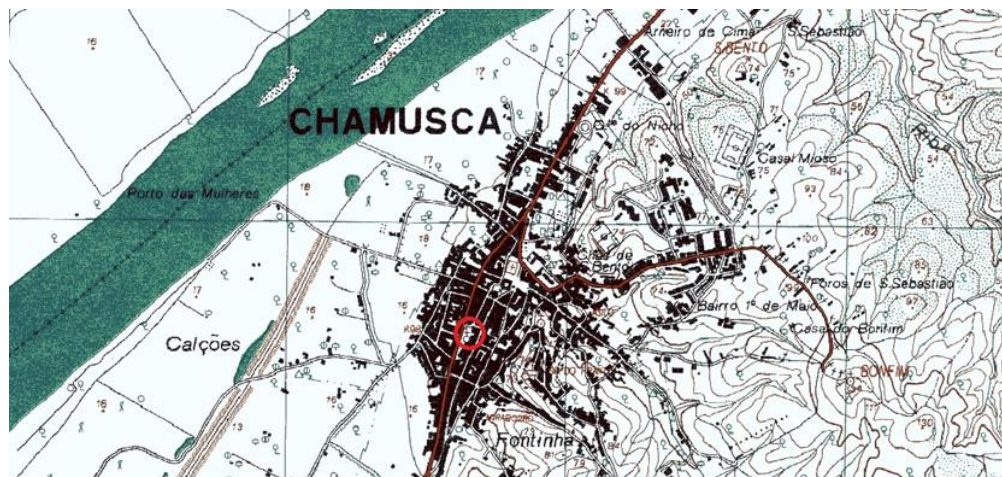


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2 – Vista frontal da Igreja da Misericórdia.

Ficha N°	41		
Designação	Ermida do Senhor do Bonfim		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Chamusca	Topónimo	
CNS		IPA	6252
			Altitude (m) 134m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Moderno
Coordenada (N)	39°21'15.24"N	Coordenada (W)	8°28'1.97"W
Tipo de Sítio	Ermida	Estado de Conservação	Regular
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Agentes Climáticos
Acessos	Rua do Bonfim, Chamusca.		

Descrição	<p>A construção da ermida devota a Senhor Jesus do Bonfim começou em 1746 e terminou em 1749. Localiza-se no ponto mais alto da vila da Chamusca, no lado este tendo, atualmente, um marco geodésico denominado de Bonfim no topo da torre sineira. O acesso à mesma é feito através de uma escadaria. Em 1754 deu-se a construção de um pátio rodeado de um muro, um forno de cozer pão, duas casas e um telheiro. Estas obras foram concluídas em 1761 (SAMOUCO, 2002, p. 197). Atualmente é possível observar que em redor da ermida se encontram ainda estas casas e em 1997 foram elaboradas obras de construção de instalações sanitárias num anexo do lado oeste da capela.</p> <p>Edifício religioso estruturado por uma só nave, com capela-mor, sacristia e um corredor de acesso ao púlpito. Na fachada principal da ermida é possível observar a existência de uma pequena torre sineira no lado esquerdo, com um portal com duas janelas frontais na fachada, uma de cada lado da porta principal. Encontra-se pintado uma cruz a azul por cima da porta principal. No interior da ermida, o teto da nave é composto por 3 planos em madeira; arco triunfal redondo, circundado por volutas com um retábulo do no altar-mor com uma decoração de transição do barroco para o rococó. A capela-mor coberta por abóbada de berço rebaixada; tanto a nave como a sacristia anexa à capela-mor é decorada com painéis de azulejos do séc.: XVIII. Na sacristia encontram-se depositados ex-votos do séc.: XVIII e XIX.</p> <p>Neste local, já no séc.: XIX, foi construído um cemitério, tendo sido encerrado no final do mesmo século por se encontrar lotado.</p>
-----------	--

Bibliografia	<p>PDM da Chamusca (1995) (<a href="http://websig.cm-chamusca.pt/">http://websig.cm-chamusca.pt/</a>)</p> <p>SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2002) - <i>História da Chamusca, 1643 a 1855. Volume II</i>. Chamusca; CÂNCIO, Francisco, Ribatejo Histórico e Monumental, vol. 3, Coimbra, 1939; SEQUEIRA, Gustavo de Matos, Inventário Artístico de Portugal - Distrito de Santarém, vol. 5, Lisboa, 1949; TECEDDEIRO, Luís António Vaz (1999) – <i>A Religião pelo Concelho da Chamusca – Igrejas e Capelas</i>. Vol. III. Alpiarça: GARRIDO artes gráficas.</p>
--------------	---

Observações	
-------------	--



Registo Cartográfico

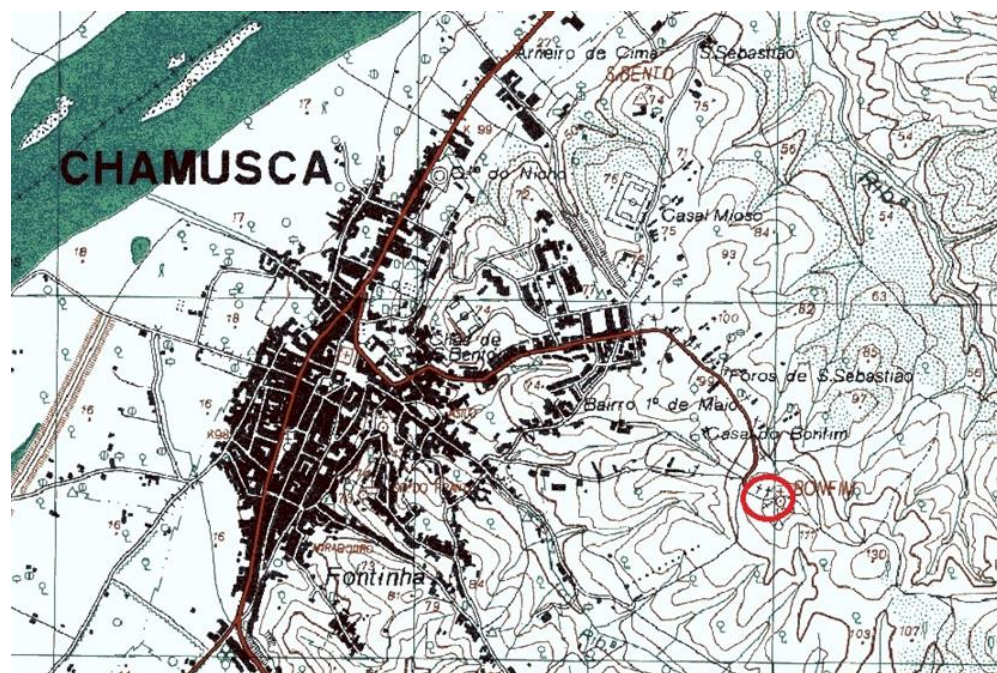


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2 – Vista frontal da Ermida do Sr.º do Bonfim.

Ficha N°	42		
Designação	Ermida de Nossa Senhora do Pranto		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Chamusca	Topónimo	
CNS		IPA	8558
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Moderno
Coordenada (N)	39°21'16.27"N	Coordenada (W)	8°28'49.22"W
Tipo de Sítio	Ermida	Estado de Conservação	Regular
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Agentes Climáticos
Acessos	Largo da Senhora do Pranto, Chamusca.		

Descrição	<p>Ermida localizada no alto da Senhora do Pranto. A sua construção remeto-nos para os finais do séc.: XVII, pois em 1730 é instalada no edifício a Confraria de Sant'Ana que descreve o local como estando em mau estado de conservação, sendo nessa mesma altura que se dão várias reparações no interior do edifício entre 1739/1747 (SAMOUCO, 2002, p. 196).</p> <p>Edifício religioso de planta longitudinal de uma nave com capela-mor separada da nave por arco triunfal redondo sobre pilastras toscanas. Lateralmente é possível encontrar do lado direito ficando a capela de São José e do lado esquerdo a sacristia. O edifício é coberto por uma abóbada de berço. No interior é possível deparar-nos com uma ermida toda revestida a azulejos azuis e brancos, datados do séc.: XVIII, nos quais se encontram representadas várias cenas bíblicas. Sendo as seguintes cenas: Casamento da Virgem; São José adormecido e o anjo; A Sagrada Família na oficina de carpinteiro; Adoração dos pastores; Fuga para o Egipto; Natividade; A Santa Parentela em adoração ao Menino, ao colo da Virgem.</p> <p>No exterior da mesma é possível observar que na fachada principal se encontra no lado esquerdo observamos uma sineira, tendo esta fachada um portal e três janelas a rodear o mesmo, com faixas azuis. Do lado esquerdo do edifício é possível observar um cruzeiro embutido na parede da mesma, tendo sido ali colado em 1940. No pátio fronteiro à capela foi colocado um novo cruzeiro juntamente com a construção de um miradouro na mesma altura.</p> <p>Em 1835 a ermida passa a fazer parte da Santa Casa da Misericórdia, sendo também elaboradas reparações e restauros no interior do edifício.</p>
-----------	--

Bibliografia	<p>PDM da Chamusca (1995) (<a href="http://websig.cm-chamusca.pt/">http://websig.cm-chamusca.pt/</a>)</p> <p>SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2002) - <i>História da Chamusca, 1643 a 1855. Volume II.</i> Chamusca; SEQUEIRA, Gustavo de Matos, Inventário Artístico de Portugal - Distrito de Santarém, vol. 5, Lisboa, 1949; TECEDIEIRO, Luís António Vaz (1999) – <i>A Religião pelo Concelho da Chamusca – Igrejas e Capelas.</i> Vol. III. Alpiarça: GARRIDO artes gráficas.</p>
--------------	--

Observações	
-------------	--

Registo Cartográfico

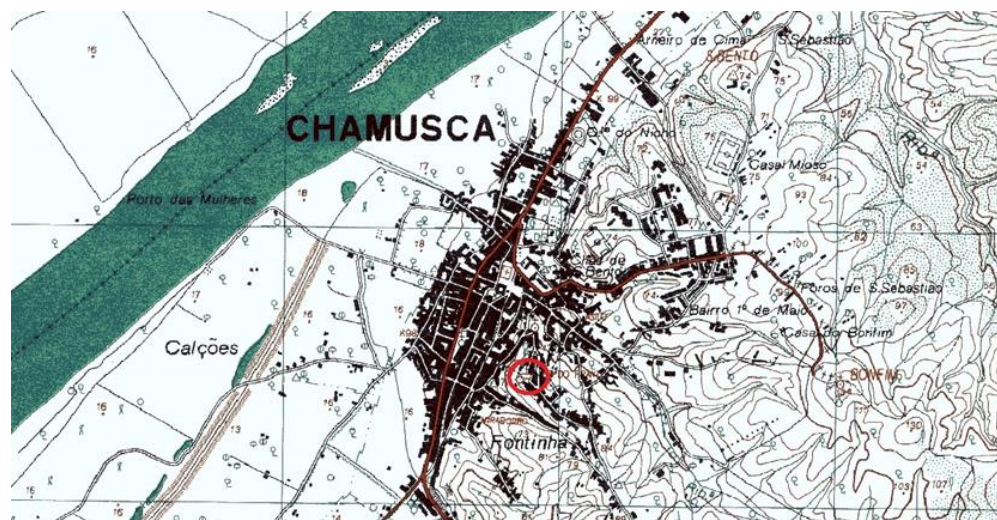


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2 – Vista frontal da Ermida do Pranto.



Figura 3 – Interior da Ermida.

Ficha N°	43		
Designação	Igreja de São Pedro		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Chamusca	Topónimo	
CNS		IPA	6309
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Moderno
Coordenada (N)	39°21'27.88"N	Coordenada (W)	8°28'57.83"W
Tipo de Sítio	Igreja	Estado de Conservação	Bom
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Agentes Climáticos
Acessos	Rua Direita de São Pedro, Chamusca.		

Descrição	<p>Esta igreja foi manda edificar por duas irmãs, Branca Nunes Grandia e sua irmã Leonor Correia, no ano de 1681.</p> <p>Este edifício religioso mantém não só a estrutura mas o traçado primitivo da construção do séc.: XVII.</p> <p>Composto por uma planta longitudinal, com uma fachada principal com um nicho por cima do portal de entrada com a imagem de São Pedro do séc.: XVII com duas janelas de cada lado do portal. O topo do edifício é rematado por contracurvado com cruz no topo.</p> <p>Edifício de uma só nave coberta por abóbada de berço e uma capela-mor com uma abóbada de caixotões pintados, com um altar-mor com retábulo em talha dourada, sendo possível observar outros elementos de decoração maneirista como o arco triunfal e dos altares colaterais. Na capela-mor é possível observar um conjunto de azulejos dos finais do séc.: XVII (SAMOUCO, 2002, pág.: 194).</p> <p>Atualmente este edifício pertence à Santa Casa da Misericórdia, tendo sido doado em testamento das irmãs que mandaram edificar a mesma.</p>
-----------	--

Bibliografia	<p>PDM da Chamusca (1995) (<a href="http://websig.cm-chamusca.pt/">http://websig.cm-chamusca.pt/</a>)</p> <p>SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2002) - <i>História da Chamusca, 1643 a 1855. Volume II.</i> Chamusca; SEQUEIRA, Gustavo de Matos, Inventário Artístico de Portugal - Distrito de Santarém, vol. 5, Lisboa, 1949; TECEDIEIRO, Luís António Vaz (1999) – <i>A Religião pelo Concelho da Chamusca – Igrejas e Capelas.</i> Vol. III. Alpiarça: GARRIDO artes gráficas.</p>
--------------	--

Observações	<p>Classificado com IM - Interesse Municipal</p> <p>Decreto n.º 67/97, DR, 1.ª série-B, n.º 301 de 31 dezembro 1997</p>
-------------	---



Registo Cartográfico

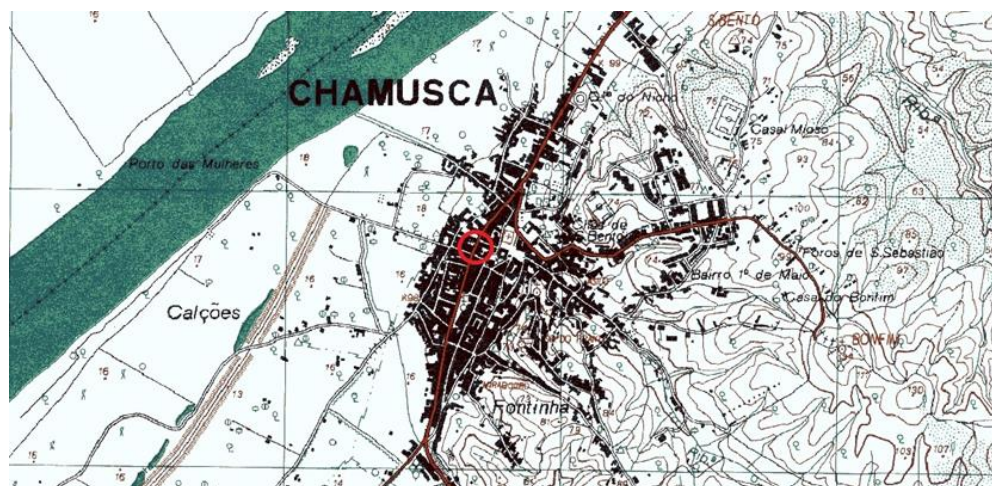


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2 – Vista frontal da Igreja.

Ficha Nº	44				
Designação	Capela de Nossa Senhora da Piedade e das Sete Dores				
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca		
Freguesia/Lugar	Chamusca	Topónimo			
CNS		IPA	6309	Altitude (m)	18m
CMP 1:25 000 folha nº	342	P Cronológico	Moderno		
Coordenada (N)	39°21'33.02"N	Coordenada (W)	8°28'55.18"W		
Tipo de Sítio	Capela	Estado de Conservação	Bom		
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Agentes Climáticos		
Acessos	Largo da Nossa Senhora das Dores, Chamusca.				

Descrição	<p>Esta capela foi mandada erguer por Manuel Roiz Laranjinha. As construções começaram em 1753 e acolheu os primeiros serviços religiosos em 1755, data inscrita no pórtico, apesar de as fontes nos indicarem que ainda não se encontrava concluída. Na capela-mor encontra-se sepultado o seu mandatário que faleceu em 1775 (SAMOUÇO, 2002, p. 221).</p> <p>Edifício religioso longitudinal de planta retangular com uma nave oval e uma capela-mor retangular com os devidos anexos. Toda a nave é coberta por uma cúpula sem tambor sendo a capela-mor abobadada de arestas. Nos respetivos anexos é possível encontrar a sala da irmandade de Nossa Senhora da Piedade e das Sete Dores, que teve ativa naquele lugar desde 1760 a 1836; e o outro anexo corresponde à casa do sacristão.</p> <p>Na fachada principal exterior é possível observar uma sineira e três panos. Observamos dois pisos pela implantação das janelas no exterior nos panos laterais, no pano central é possível observar um por cima do portal moldurado uma inscrição em latim com a data de 1755. Dos lados do portal encontram-se uma janela de cada lado. Por cima da inscrição encontra-se outra janela com uma dimensão maior, também, moldurado com verga e sobre verga em arco segmentar. A fachada termina na parte superior por pequenas frestas molduradas e rematadas por empena angular. O portal é moldurado por uma sobre verga contracurvada e enquadrado por volutas e brincos no topo.</p> <p>Atualmente este edifício pertence à Paróquia da Chamusca.</p>
-----------	--

Bibliografia	<p>PDM da Chamusca (1995) (<a href="http://websig.cm-chamusca.pt/">http://websig.cm-chamusca.pt/</a>)</p> <p>SAMOUÇO DA FONSECA J.J. (2002) - <i>História da Chamusca, 1643 a 1855. Volume II</i>. Chamusca; SEQUEIRA, Gustavo de Matos, Inventário Artístico de Portugal - Distrito de Santarém, vol. 5, Lisboa, 1949; TECEDDEIRO, Luís António Vaz (1999) – <i>A Religião pelo Concelho da Chamusca – Igrejas e Capelas</i>. Vol. III. Alpiarça: GARRIDO artes gráficas.</p>
--------------	--

Observações	
-------------	--

Registo Cartográfico

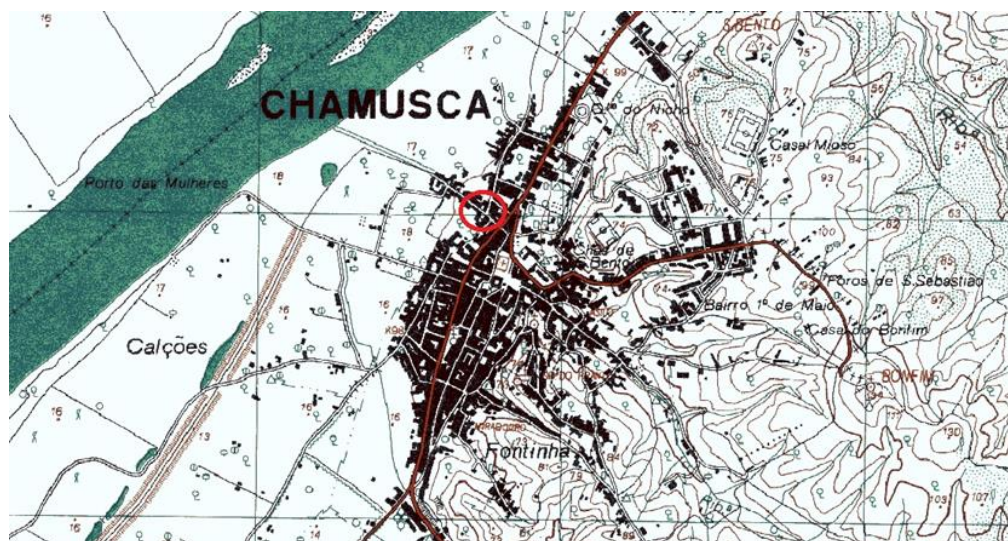


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2 – Vista frontal da Capela



Figura 3 – Pormenor da inscrição por cima da porta principal da Capela.

Ficha N°	45		
Designação	Ermida de São Sebastião do Mato		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Chamusca	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 70m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Moderno
Coordenada (N)	39°21'56.90"N	Coordenada (W)	8°28'10.67"W
Tipo de Sítio	Ermida	Estado de Conservação	Outros
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Agentes Climáticos
Acessos	Rua Arneiro de Cima, Chamusca.		

Descrição	<p>Este edifício religioso situa-se no topo do alto de São Sebastião, sendo que a sua construção remonta ao século XVIII mas pouco se sabe sobre o mesmo.</p> <p>Observamos que se trata de um edifício de planta longitudinal, de uma só nave com uma sineira no lado esquerdo do edifício, com dois anexos um de cada lado.</p> <p>Com um portal na parte frontal e uma pequena janela redonda na parte de cima da fachada superior.</p> <p>Esta ermida foi confinada à administração da Santa Casa da Misericórdia em 1837, sendo que passado onze anos foi entregue à Junta de Paróquia da Chamusca e que foi profanado pouco tempo após essa mesma entrega (SAMOUCO, 2002, p. 221).</p> <p>Atualmente encontra-se como habitação, mas sem perder a sua arquitetura estrutural primitiva.</p>
-----------	---

Bibliografia	<p>SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2002) - <i>História da Chamusca, 1643 a 1855. Volume II.</i> Chamusca; TECEDIEIRO, Luís António Vaz (1999) – <i>A Religião pelo Concelho da Chamusca – Igrejas e Capelas.</i> Vol. III. Alpiarça: GARRIDO artes gráficas.</p>
--------------	---

Observações	Habitação privada.
-------------	--------------------



Registo Cartográfico

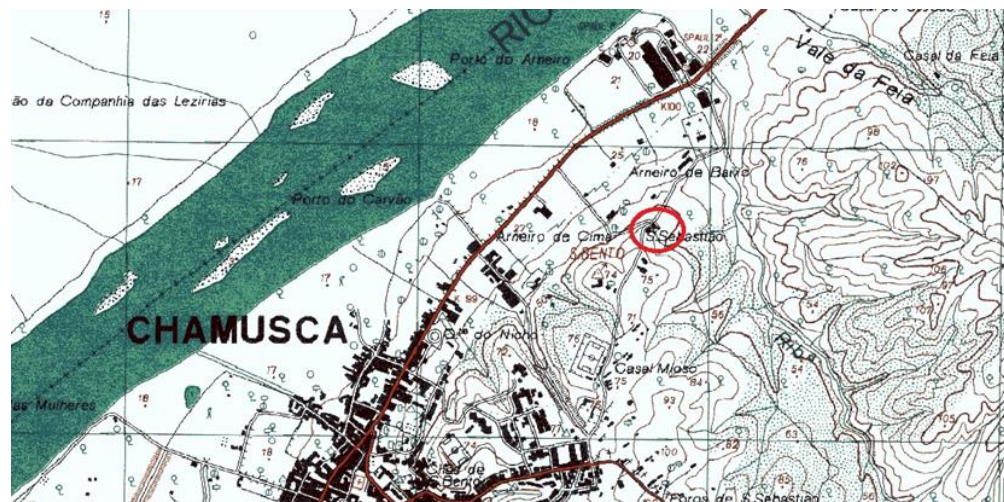


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2 – Vista da fachada da Ermida que já não se encontra aberta ao culto.

Ficha N°	46		
Designação	Ermida da Nossa Senhora das Trevas		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Chamusca	Topónimo	Quinta das Trevas
CNS		IPA	Altitude (m) 23m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Moderno
Coordenada (N)	39°20'23.83"N	Coordenada (W)	8°28'24.43"W
Tipo de Sítio	Ermida	Estado de Conservação	Destruído
Uso do Solo	Baldio	Ameaças	Vegetação
Acessos	EN 118 (Chamusca-Abrantes), ao Km 96 do lado direito da estrada, caminho de terra batida para dentro do terreno.		
Descrição	<p>Relativamente a este edifício sabemos que no séc.: XVII já eram celebradas missas, mas não se sabe a data da sua edificação sendo que as suas características estruturais e arquitetónicas seguem o padrão das restantes ermidas: planta longitudinal, uma nave com uma sineira do lado esquerdo, com uma fachada frontal com um portal. O culto neste edifício foi encerrado já no século XIX e mais tarde destruída.</p> <p>Deste edifício é de salientar que existiu uma tradição de enterramentos em redor do mesmo e era conhecido pela população (SAMOUCO, 2002, p. 218).</p>		
Bibliografia	<p>SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2002) - <i>História da Chamusca, 1643 a 1855. Volume II.</i> Chamusca; TECEDEIRO, Luís António Vaz (1999) – <i>A Religião pelo Concelho da Chamusca – Igrejas e Capelas.</i> Vol. III. Alpiarça: GARRIDO artes gráficas.</p>		
Observações	Propriedade privada.		

Registo Cartográfico

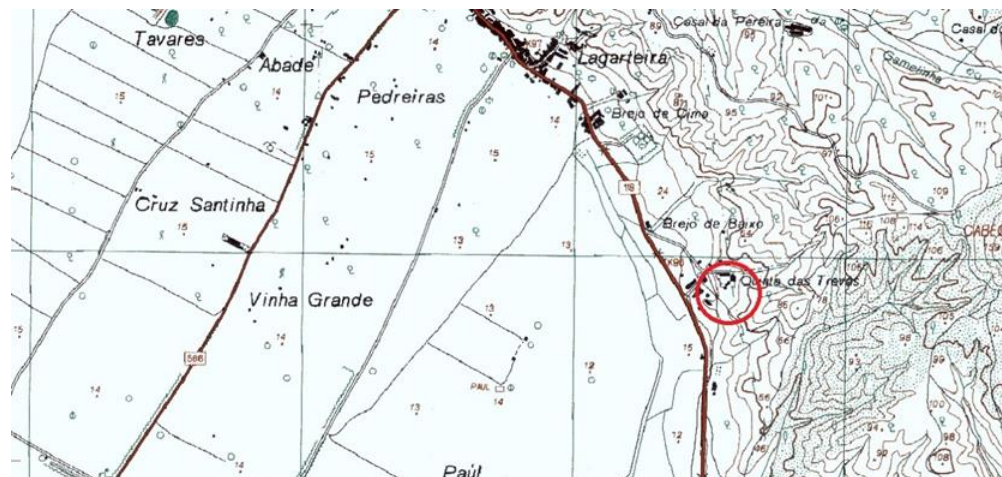


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico

Ficha N°	47		
Designação	Ermida de Santa Maria das Eyras		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Chamusca	Topónimo	Brejo de Cima
CNS		IPA	Altitude (m) 14m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Moderno
Coordenada (N)	39°20'44.70"N	Coordenada (W)	8°28'41.37"W
Tipo de Sítio	Ermida	Estado de Conservação	Destruído
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Agentes Climáticos
Acessos	Não foi possível localizar o local concreto do edifício.		

Descrição	<p>Esta ermida remonta ao séc.: XVIII e fazia parte dos edifícios pertencentes à Casa das Rainhas, que com a extinção desta o edifício entrou em declínio.</p> <p>Segundo o que nos chegou através da bibliografia <i>o edifício ainda existia à entrada sul da vila, nos meados do séc.: XX, mas já então como um simples palheiro</i> (SAMOUCO, 2002, p.: 219). Atualmente não conseguimos obter nenhuma descrição mais concreta do edifício sendo que podemos supor que a construção deveria possuir atributos gerais da estrutura arquitetónica de um edifício desta natureza como: planta longitudinal, uma nave com uma sineira do lado esquerdo, com uma fachada frontal com um portal.</p> <p>A sua localização exata também não foi possível obter. Julgamos que se localiza no lugar de Brejos de Cima, que se situa na entrada sul da vila da Chamusca.</p>
-----------	--

Bibliografia	<p>SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2002) - <i>História da Chamusca, 1643 a 1855. Volume II.</i> Chamusca; TECEDDEIRO, Luís António Vaz (1999) – <i>A Religião pelo Concelho da Chamusca – Igrejas e Capelas.</i> Vol. III. Alpiarça: GARRIDO artes gráficas.</p>
--------------	---

Observações	Propriedade privada.
-------------	----------------------



Registo Cartográfico

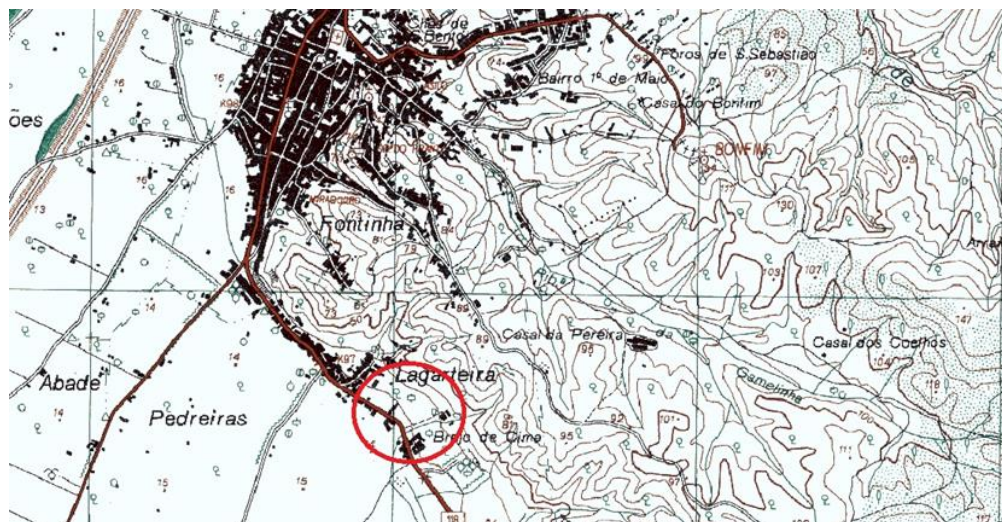


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico

Ficha N°	48		
Designação	Igreja Terceira da Ordem de São Francisco		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Chamusca	Topónimo	Edifício de São Francisco
CNS		IPA	3391
			Altitude (m) 70m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Moderno
Coordenada (N)	39°21'22.21"N	Coordenada (W)	8°28'48.95"W
Tipo de Sítio	Igreja	Estado de Conservação	Outros
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Agentes Climáticos
Acessos	Rua de São Francisco, Chamusca		

Descrição	<p>Edifício religioso que foi fundado em 1741 e terminado no fim do séc.: XVIII, pela Ordem Terceira de São Francisco que se tinha fixado na Chamusca em 1733.</p> <p>Este edifício encontra-se profundamente alterado com as obras efetuadas em 1912, quando o edifício passou a funcionar como asilo. O que resta do séc.: XVIII é essencialmente a fachada da igreja, sendo que as pinturas que se encontram no interior da antiga igreja já são datadas dos inícios do séc.: XIX.</p> <p>É possível analisar a grandiosidade da fachada do edifício e dividi-la em duas: a parte inferior organizado por um galilé de 3 arcos sendo os que encontramos nas pontas mais estreitos e de volta perfeita. O central é em arco abatido, crescendo para a porta de entrada de verga reta. A parte superior é marcada por três grandes janelas gradeadas e com molduras.</p> <p>Em 1929 o edifício passou para a posse da Santa Casa da Misericórdia. Hoje encontra-se sediado no edifício o Lar da 3ª Idade e onde era então a igreja está remodelado para sala de conferências e o segundo piso como habitação.</p>
-----------	--

Bibliografia	<p>PDM da Chamusca (1995) (<a href="http://websig.cm-chamusca.pt/">http://websig.cm-chamusca.pt/</a>)</p> <p>SAMOUÇO DA FONSECA J.J. (2002) - <i>História da Chamusca, 1643 a 1855. Volume II</i>. Chamusca; TECEDEIRO, Luís António Vaz (1999) – <i>A Religião pelo Concelho da Chamusca – Igrejas e Capelas</i>. Vol. III. Alpiarça: GARRIDO artes gráficas.</p>
--------------	--

Observações	<p>Classificado com IM - Interesse Municipal</p> <p>Decreto n.º 95/78, DR, 1.ª série, n.º 210 de 12 setembro 1978</p>
-------------	---

Registo Cartográfico

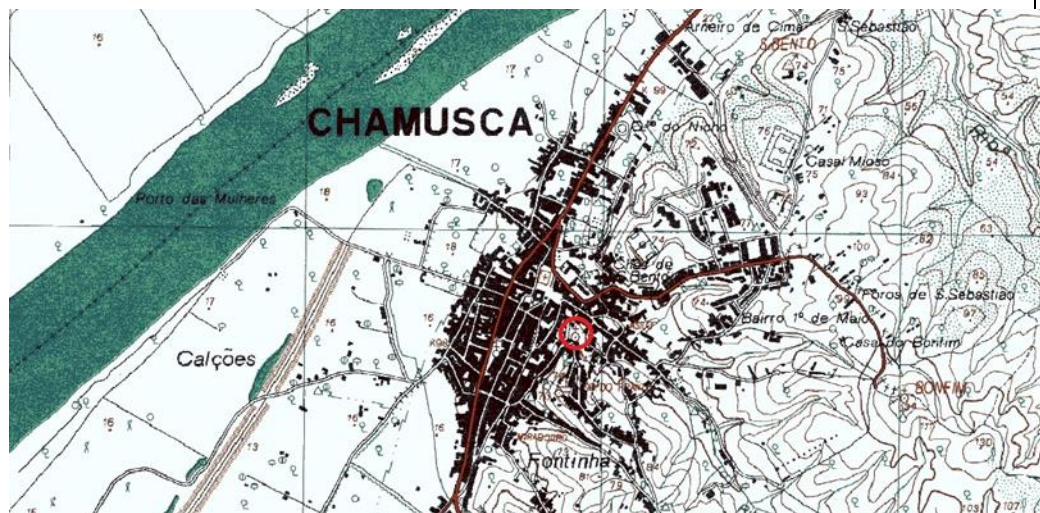


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2 – Vista da fachada do Edifício.

Ficha N°	49		
Designação	Hospital da Santa Casa da Misericórdia da Chamusca		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Chamusca	Topónimo	Hospital de Nossa Senhora da Pobreza
CNS		IPA	8559
			Altitude (m) 20m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Moderno
Coordenada (N)	39°21'27.74"N	Coordenada (W)	8°28'53.00"W
Tipo de Sítio	Edifício	Estado de Conservação	Outros
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Agentes Climáticos
Acessos	Largo Sacadura Cabral, Chamusca		

Descrição	<p>Este foi mandado construir por Francisco Sutil no seu testamento em 1711, legou esse trabalho à Misericórdia. Em 1715 é assim inaugurado o (...) <i>Hospital da Misericórdia da Chamusca, com capacidade para treze pobres</i> (...) (SAMOUCO, 2002, p.: 254). As camas deste hospital foram aumentando ao longo dos anos devido a vários legados testamentais oferecidos ao hospital. Do primitivo não temos qualquer descrição, sabendo que ele era anexo à capela de Nossa Senhora da Pobreza, que deu também nome ao edifício.</p> <p>Deste sabemos que apenas restou a fachada do mesmo tendo sido objeto de alterações por dentro, para se adaptar as funções atuais, que ainda hoje exerce funções ligadas à saúde, sendo o Centro de Saúde da Chamusca, anterior Hospital Regional que originou a demolição total das antigas instalações e da capela.</p> <p>Na fachada destacamos a sineira que ficou da capela, bem como as janelas dos dois pisos e a escadaria que dava acesso ao portal da porta principal no centro da fachada como a parte superior da mesma com uma cruz no topo.</p>
-----------	---

Bibliografia	SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2002) - <i>História da Chamusca, 1643 a 1855. Volume II.</i> Chamusca.
--------------	---

Observações	
-------------	--



Registo Cartográfico

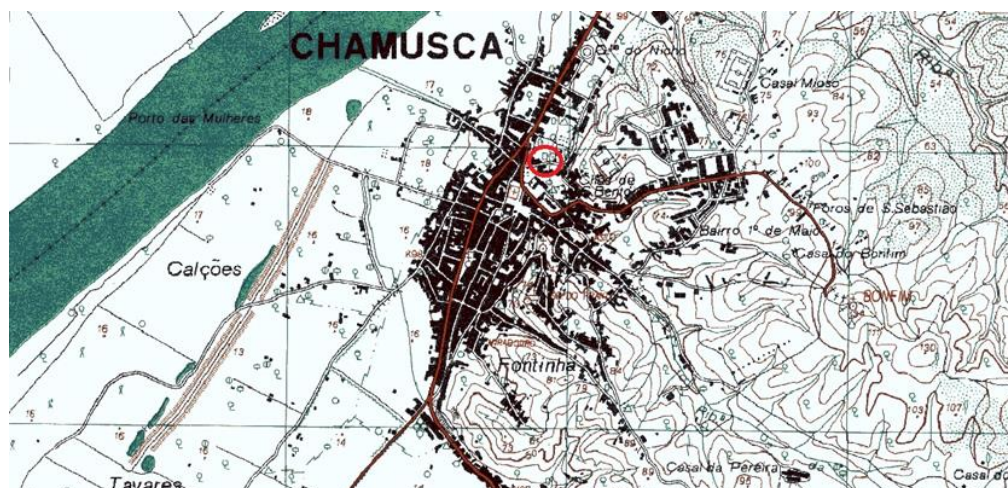


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2- Vista da fachada principal do Hospital.

Ficha N°	50				
Designação	Celeiro da Rainha				
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca		
Freguesia/Lugar	Chamusca	Topónimo			
CNS		IPA		Altitude (m)	16m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Moderno		
Coordenada (N)	39°21'25.15"N	Coordenada (W)	8°28'59.21"W		
Tipo de Sítio	Edifício	Estado de Conservação	Destruído		
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Construção civil		
Acessos	Rua Direita de São Pedro, Chamusca				
Descrição	No que diz respeito a esta infraestrutura, temos, apenas, o apontamento de que existiu no local onde se encontra a Caixa Agrícola da Chamusca atualmente. Datado do séc.: XVII/XVIII, sendo que é nessa altura que a vila da Chamusca passa a integrar a Casa das Rainhas (1683-1883).				
Bibliografia	SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2002) - <i>História da Chamusca, 1643 a 1855. Volume II.</i> Chamusca.				
Observações					

Registo Cartográfico

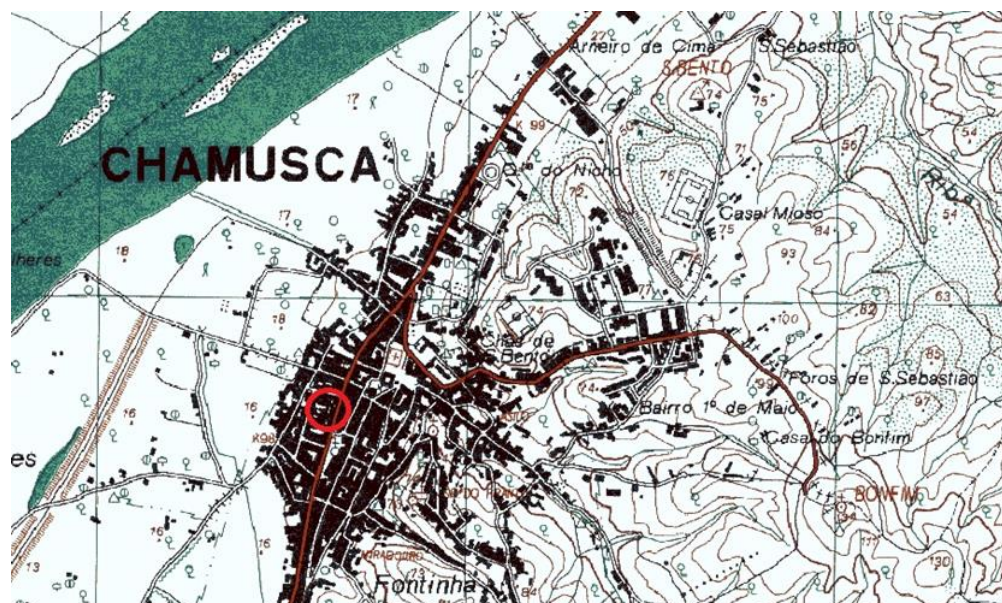


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico

Ficha N°	51		
Designação	Paços do Concelho		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Chamusca	Topónimo	
CNS		IPA	23561 / 23562
			Altitude (m) 20m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Moderno
Coordenada (N)	39°21'25.35"N	Coordenada (W)	8°28'52.08"W
Tipo de Sítio	Edifício	Estado de Conservação	Outros
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Agentes Climáticos
Acessos	Jardim do Coreto, Chamusca		

Descrição	<p>No séc.:XVIII os Paços do Concelho são instalados no edifício pertencente ao Solar dos Silvas. Passo agora a fazer a descrição do espaço: (...) <i>No rés-do-chão: a janela grande que se vê à esquerda, era a da cadeia dos homens, que não era lajeada e para a qual se acedia por um forte alçapão. Supomos que a janela da direita fosse a cadeia das mulheres. As duas portas do lado poente pertenciam ao açougue que, mesmo para a época carecia de condições higiénicas como ventilação, e paredes revestidas de azulejo; os ganchos eram de madeira e tecto, do balcão para dentro, tinha apenas 1,85m. de altura.</i></p> <p><i>No primeiro andar: e por cima da cadeia dos homens, ficava a janela gradeada da “sala forte” que servia de prisão às pessoas graves. Sobre a direita instalado o Tribunal, com uma teia a toda a largura da sala de audiências, na qual, dada a exiguidade do espaço, tinham lugar as reuniões da Câmara Municipal. Na fachada virada à Praça (poente) estava o brasão dos Silvas e na do Largo do Pelourinho (norte), o da rainha D. Mariana Vitória, mulher de D. José (SAMOUCO, 2002, p. 36).</i></p> <p>O tribunal encontrava-se instalado no mesmo edifício cedido pelos Silvas onde estava a prisão. As reuniões da câmara municipal inicialmente realizavam-se na sala de audiências do Tribunal. Tanto a cadeia como o tribunal foram sofrendo obras de requalificação durante o tempo que vigoraram ali.</p> <p>Atualmente a ocupação deste edifício destina-se à habitação no primeiro piso e no piso térreo é possível encontrar uma farmácia e uma loja de comércio, sendo que se encontram mencionadas na base dados do SIPA a junção de duas habitações que correspondiam ao antigo Solar, a Casa Imaginário (onde se localiza a farmácia com o mesmo nome) e a Casa do Engenheiro Rosa Rodrigues, sendo as duas casas já de construção do século XIX.</p>
-----------	---

Bibliografia	SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2002) - <i>História da Chamusca, 1643 a 1855. Volume II.</i> Chamusca.
--------------	---

Observações	
-------------	--



Registo Cartográfico

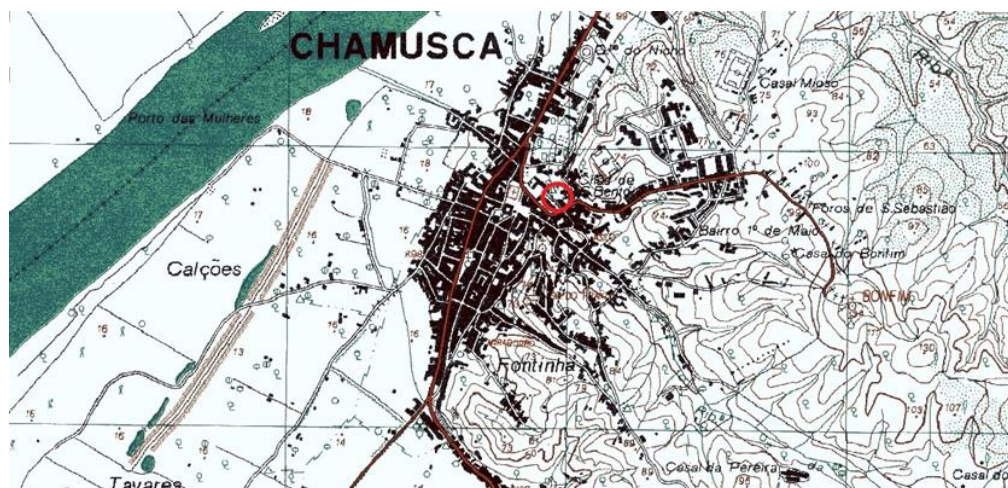


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2- Edifício onde foram localizados os Paços do Concelho, atualmente trata-se de um edifício de habitação e comércio privado.

Ficha N°	52		
Designação	Cova da Moura		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Chamusca	Topónimo	Arraiolos de baixo
CNS		IPA	Altitude (m) 40m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Indeterminado
Coordenada (N)	39°21'43.31"N	Coordenada (W)	8°27'48.44"W
Tipo de Sítio	Mina	Estado de Conservação	Mau
Uso do Solo	Florestal	Ameaças	Vegetação
Acessos	Rua da Cabeça Alta, Chamusca, depois seguindo pelo caminho de terra batida, chegando à "Ponte Romana" na encosta do lado esquerdo. Difícil acesso.		

Descrição	<p>Este lugar é pontado como uma possível mina utilizada para a extração de ferro desde a época romana, mas não existem vestígios concretos que o comprovem. Não é possível determinar uma cronologia ao local. Este lugar encontra-se envolto de lendas ligadas a <i>mouras encantadas</i>. De acordo com testemunhos populares, aquela entrada ligava a Ribeira de Arraiolos à Quinta das Trevas.</p> <p>Atualmente, constatamos que o local encontra-se com muita vegetação, mas que existe esculpidas na rocha umas escadas que dão acesso a uma abertura para dentro do geológico. Essa mesma abertura foi fechada pela autarquia com um portão de ferro que hoje se encontra completamente oxidado.</p> <p>Sabemos também que parte da cavidade natural ou artificial, que abateu com a plantação de eucaliptos que se dão no topo da encosta no final do séc.: XX.</p> <p>Com a deslocação ao local foi possível também observar outras cavidades escavadas na rocha em redor daquele local, mas a densa vegetação não permitiu observar vestígios ligados a qualquer época.</p>
-----------	---

Bibliografia	SAMOUÇO DA FONSECA J.J. (2001) - <i>História da Chamusca, das origens a 1643</i> . Volume I. Chamusca: C.M. Chamusca
--------------	--

Observações	
-------------	--

Registo Cartográfico

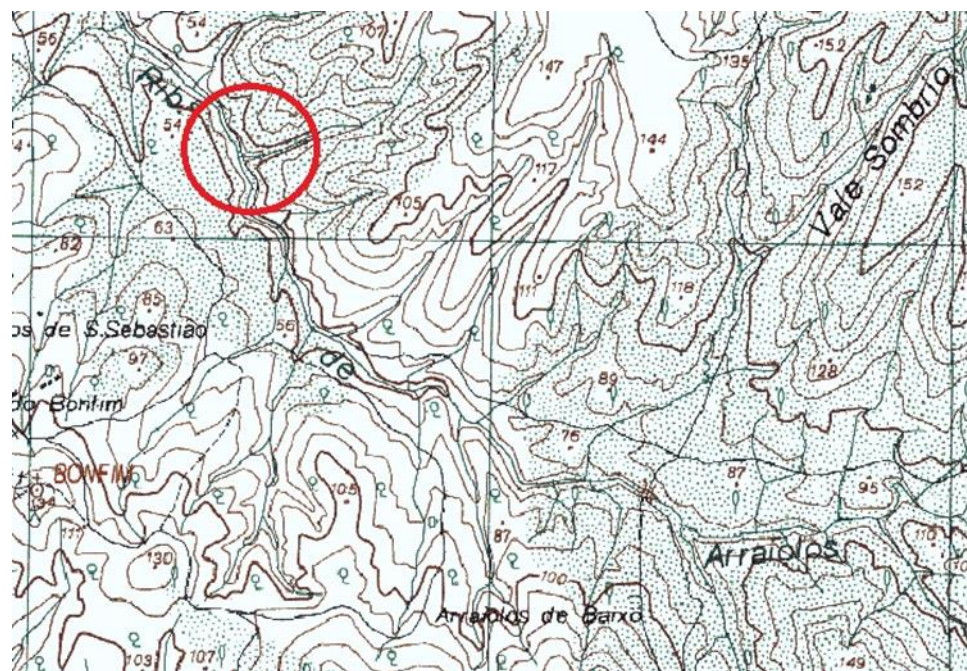


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2 – Entrada da Cova da Moura



Figura 3- Interior da entrada da Cova.

## **Freguesia de Ulme**





Ficha N°	53		
Designação	Lagoa Grande		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	
CNS	30082	IPA	Altitude (m) 170m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Romano
Coordenada (N)	39°21'23.72"N	Coordenada (W)	8°19'35.15"W
Tipo de Sítio	Vestígios de Superfície	Estado de Conservação	Regular
Uso do Solo	Florestal	Ameaças	Florestação
Acessos	EM 574 (Ulme-Semideiro), subindo na Cascalheira de Cima seguindo em direção à Carregueira, junto à estrada municipal antes de chegar à Herdade da Galega Nova.		

Descrição	<p>O local encontra-se identificado com a hipótese de uma estação de muda (LIZARDO ET AL., 1987; SAA, 1964, p. 136). Era possível encontrar uma grande dispersão de vestígios cerâmicos, nomeadamente cerâmica de construção romana (<i>tegulae</i> e imbrices), encontra-se também descrito a identificação de cerâmica comum e <i>sigillata</i> (LIZARDO ET AL., 1987; MARQUES, 2002, p. 28).</p> <p>Temos a indicação da identificação de fragmentos de lucerna neste local, juntamente com moedas de época Romana, mais propriamente do séc.: III/IV da época Imperial em bronze (MARQUES, 2002, p. 29-33).</p> <p>Com a deslocação ao local deparamo-nos com uma plataforma com a plantação de sobreiros no meio de um campo de eucaliptos, sendo possível identificar cerâmica de construção romana (<i>tegulae</i> e imbrices). Constatou-se também que o terreno tinha sido remexido e com uma vegetação média, o que poderá ter condicionado a identificação de outros tipos de materiais de superfície na data da deslocação ao local.</p>
-----------	--

Bibliografia	<p>ALARCÃO, J. de (1988) – <i>Roman Portugal</i>. Warminster : Ars &amp; Phillips; LIZARDO, Branca ET AL. (1987) - <i>Indícios de uma via Romana no Concelho da Chamusca - contributo para o seu estudo</i>. Chamusca: C.M. Chamusca; MARQUES, Jaime Jorge (2002) - <i>Ulme: Uma Vila: A História E Suas Tradições: Monografia</i>. Ulme: Junta de Freguesia do Ulme; SAA, Mário (1964) – <i>As Grandes Vias da Lusitânia (O Itinerário de António Pio)</i>. Vol. V. Lisboa: Ed, dos Autos.</p>
--------------	---

Observações	ALARCÃO, 1988 n.º 5/85 e 5/86 - trata-se do mesmo sítio
-------------	---

Registo Cartográfico



Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2- Vista geral atual do sítio.

Ficha N°	54		
Designação	Miliário de Flávio Valério Constantino		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	Casal da Pucariça/Lagoa Grande
CNS		IPA	Altitude (m) 170m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Romano
Coordenada (N)	39°21'22.89"N	Coordenada (W)	8°19'41.28"W
Tipo de Sítio	Marco	Estado de Conservação	Bom
Uso do Solo	Florestal	Ameaças	Outros
Acessos	EM 574 (Ulme-Semideiro), subindo na Cascalheira de Cima seguindo em direção à Carregueira, junto à estrada municipal antes de chegar à Herdade da Galega Nova.		

Descrição	<p><b>D (omino) N (ostro) / FLA (vio) VAL (erio) CONS / TANTINO NO / BILISIMO [sic] CAES (an) / AC FORTISIMO [sic] / [ . . . ]</b></p> <p>Ao nosso senhor Flávio Valério Constantino, mui nobre César e mui forte...</p> <p>Variante: CAES / ARI Linha 4 e 5, descritas por Mário Saa (1963, IV, p. 244)</p> <p>Este fragmento da parte superior de um marco miliário de granito encontra-se muito bem documentado por Encarnação (1995, pp. 642-43) após proceder ao estudo da coleção epigráfica de Mário Saa que se encontra depositada na Fundação Arquivo Paes Teles, Ervedal. Não possuímos a localização exata deste achado tendo ele sido recolhido (...) <i>perto da Lagoa Grande, freguesia de Ulme, concelho de Chamusca, em terras do Casal da Pucariça.</i> (ENCARNAÇÃO, 1995, p. 643).</p> <p>Este fragmento tem 46 cm de altura e 35 cm de diâmetro, e são apresentadas variantes por Saa <i>com dois SS a leitura dos superlativos; dá todos os nomes por extenso, mesmo quando no texto estão em sigla ou abreviados; omite, na l. 5, o AC inicial e acrescenta, no fim, a palavra CAESARI.</i> (ENCARNAÇÃO, 1995, p. 643).</p> <p>Encarnação sugere ainda que <i>VICTORI possa ser uma hipótese não despicienda, em vez de CAESARI lido por Mário Saa. É provável, porém, que apenas se mencione o nome do imperador Constantino (306-337).</i> (ENCARNAÇÃO, 1995, p. 643).</p> <p>Podemos relacionar este marco com a via romana <i>Olisipo – Emerita</i>, que passava por <i>Scallabis</i> que se encontra referenciada no <i>Itinerarium Antonini Augusti</i>, e com outros marcos encontrados na península relacionados com a Tetrarquia.</p>
-----------	---

Bibliografia	<p>ALARCÃO, J. de (1988) – <i>Roman Portugal</i>. Warminster : Ars &amp; Phillips. P. 114; ENCARNÇÃO (d'), José (1995) – “A coleção epigráfica de Mário Saa no Ervedal”. Humanistas, vol. 47, pp. 629-645; MARQUES, Jaime Jorge (1987) – <i>As inscrições romanas do concelho</i>. Chamusca: C.M. Chamusca; SAA, Mário (1963) – <i>As Grandes Vias da Lusitânia (O Itinerário de António Pio)</i>. Vol. IV. Lisboa: Ed. dos Autos.</p>
--------------	--

Observações	<p>Encontra-se depositado na Fundação Arquivo Paes Teles, Ervedal, pois este marco pertence à Coleção Epigráfica de Mário Saa.</p>
-------------	--



Registo Cartográfico

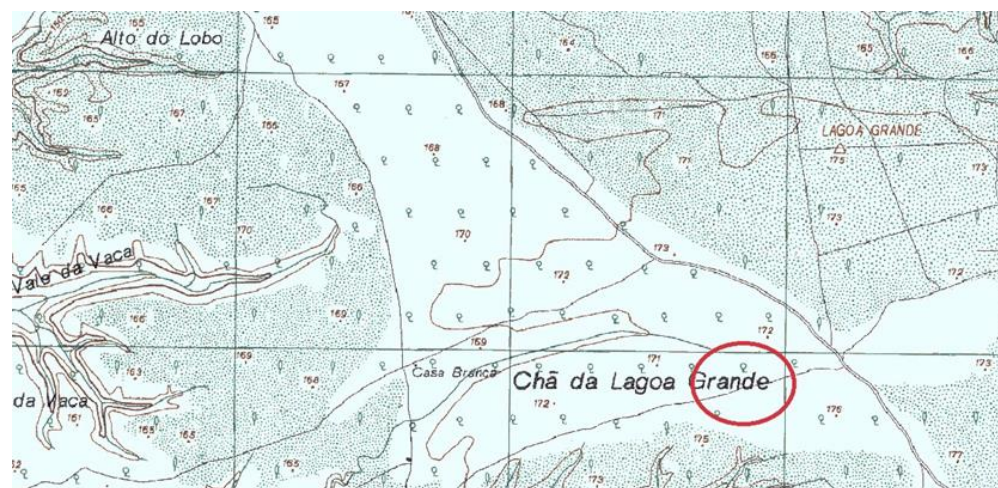


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico

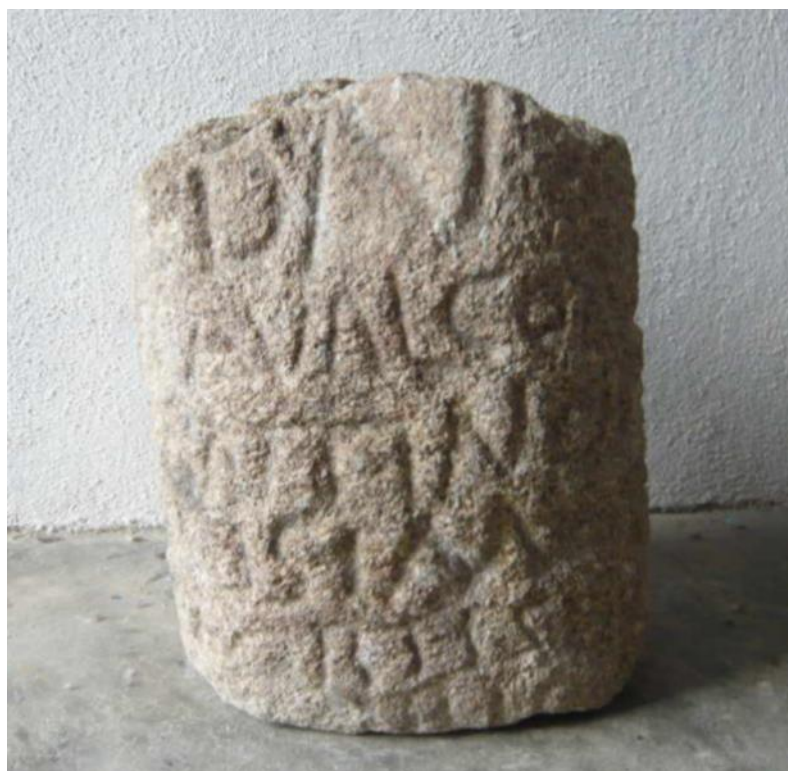


Figura 2- Imagem do marco Miliário de Flávio Valério Constantino. Depositado na Fundação Arquivo Paes Teles. In <http://psoutinho.planetaclix.pt/out/marcodalagoagrande.jpg> (consultado a 10/02/2015)

Ficha Nº	55				
Designação	Casal da Cascalheira				
Distrito	Santarém		Concelho	Chamusca	
Freguesia/Lugar	Ulme		Topónimo	Cascalheira de Cima	
CNS		IPA		Altitude (m)	130m
CMP 1:25 000 folha nº	343		P Cronológico	Romano	
Coordenada (N)	39°19'41.23"N		Coordenada (W)	8°17'34.37"W	
Tipo de Sítio	Achado (s) Isolado (s)		Estado de Conservação	Bom	
Uso do Solo	Agrícola Baldio		Ameaças	Outros	
Acessos	EM 574 (Ulme-Semideiro), subindo na Cascalheira de Cima, sendo o terreno que faz fronteira com o Tamazim (freguesia da Bemposta, Abrantes).				
Descrição	<p>Segundo a bibliografia, em 1920, no Casal da Cascalheira, foram encontrados um grande número de glandes de chumbo tendo sido doados alguns desses objetos por José Félix Pereira a José Leite Vasconcelos (SAMOUCO, 2001, p. 22-23).</p> <p>Destes objetos bélicos chegaram até nós 9 exemplares que se encontram depositados no Museu Nacional de Arqueologia (MNA) (GUERRA, 1987).</p> <p>Este conjunto de <i>glandes plumbeae</i> foram produzidas por um processo de moldagem de forma oliviformes, tendo um peso médio de 38g; e de dimensões médias 33mm de comprimento por 16mm de espessura (GUERRA, 1987, p. 167).</p> <p>Com a deslocação ao local, mesmo não tendo uma localização exata, não conseguimos encontrar nenhuns vestígios de superfície por o terreno se encontrar vedado por se tratar de propriedade privada.</p>				
Bibliografia	GUERRA, A. (1987) – <i>Acerca dos projecteis para Funda da Lomba do Canho (Arganil)</i> . In O Arqueólogo Português. Lisboa. Série 4, 5, p. 161-177; SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2001) - <i>História da Chamusca, das origens a 1643</i> . Volume I. Chamusca: C.M. Chamusca.				
Observações	Este conjunto encontra-se depositado no Museu Nacional de Arqueologia.				

Registo Cartográfico

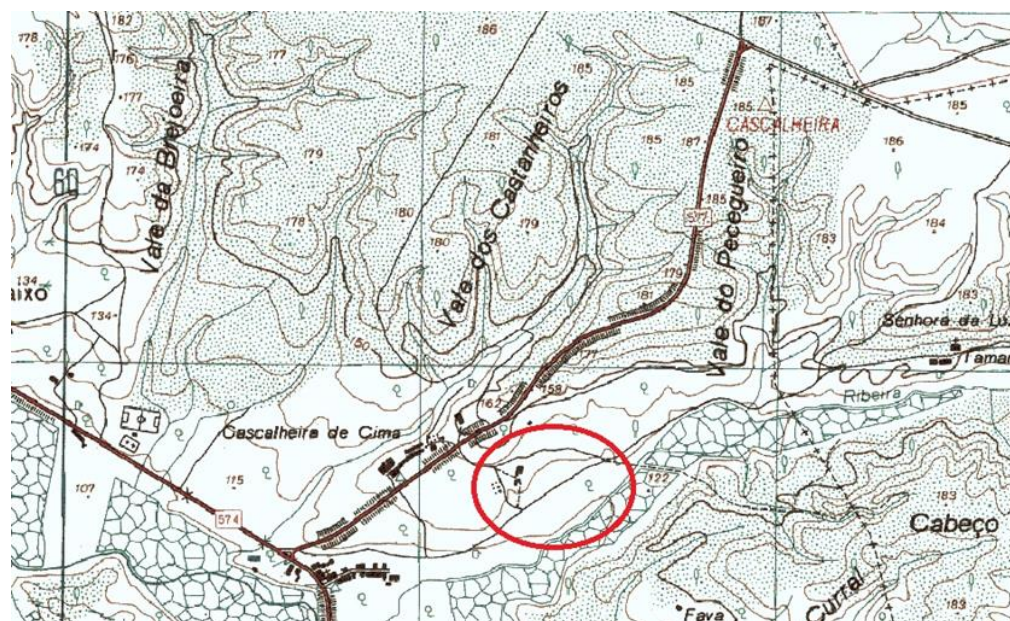


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 343.

Registo Fotográfico

Ficha N°	56		
Designação	Casalinho		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 100m
CMP 1:25 000 folha n°	342/343	P Cronológico	Romano
Coordenada (N)	39°19'42.95"N	Coordenada (W)	8°19'12.06"W
Tipo de Sítio	Vestígios de Superfície	Estado de Conservação	Outros
Uso do Solo	Agrícola	Ameaças	Agricultura
Acessos	EM 574 (Ulme-Semideiro), lugar Casalinho.		

Descrição	<p>Lugar que se localiza do lado esquerdo da Ribeira de Ulme numa pequena encosta, com um pequeno aglomerado urbano, rodeado por pequenas explorações agrícolas bem como por plantações de eucaliptos e sobreiros.</p> <p>Segundo informações recolhidas nas fontes, nos terrenos circundantes à povoação, foi possível verificar a existência nos anos 40 de cerâmica comum, <i>sigillata</i>, fragmentos de ânforas, <i>tegulae</i> e <i>imbrex</i> (MARQUES, 2002, p. 28).</p> <p>Também nos foi cedida a informação pelo Sr. Jaime Marques que as informações relativamente à existência de vestígios no Casalinho foram-lhe transmitidas por um Guarda-Rios que faleceu há alguns anos em acidente na Chamusca.</p> <p>Com a deslocação ao local, não foi possível identificar o local concreto dos vestígios por o terreno se encontrar muito alterado devido às várias explorações agrícolas no local bem como a plantação de eucaliptos.</p>
-----------	--

Bibliografia	<p>MARQUES, Jaime Jorge (2002) - <i>Ulme: Uma Vila: A História E Suas Tradições: Monografia</i>. Ulme: Junta de Freguesia do Ulme.</p>
--------------	--

Observações	
-------------	--



Registo Cartográfico

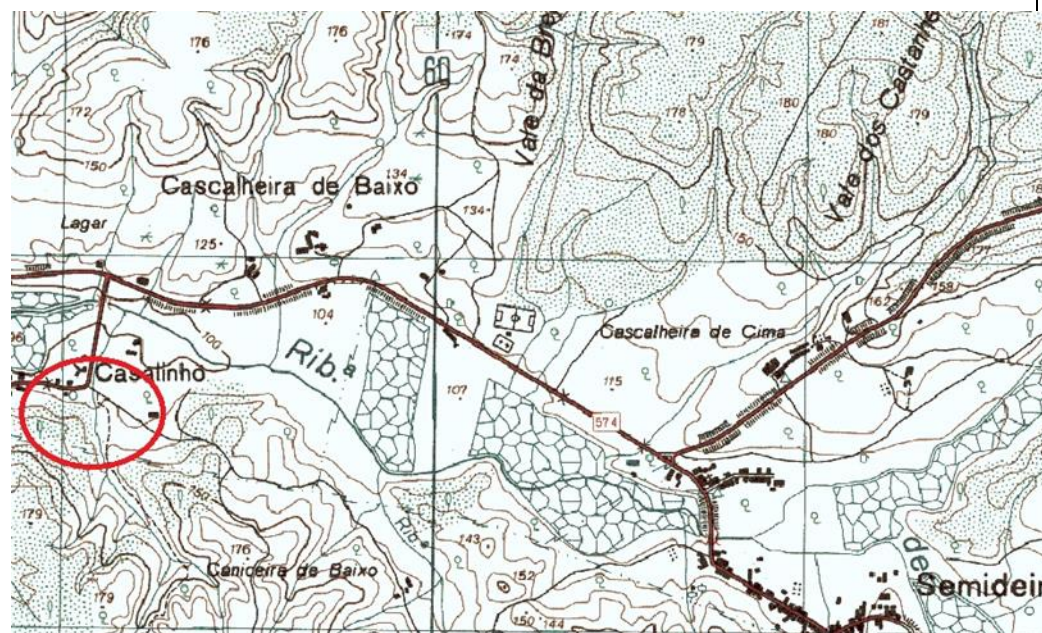


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 343.

Registo Fotográfico

Ficha N°	57		
Designação	Balsas		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 97m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Romano
Coordenada (N)	39°19'30.40"N	Coordenada (W)	8°22'34.36"W
Tipo de Sítio	Vestígios de Superfície	Estado de Conservação	Outros
Uso do Solo	Florestal	Ameaças	Florestação
Acessos	EM 574 (Ulme-Semideiro), lugar Balsas.		

Descrição	<p>Lugar que se localiza do lado direito da Ribeira de Ulme numa pequena encosta, sendo um pequeno casal junto à estrada, que se encontra rodeado por campos de arroz, montados de sobreiros e por pinhais.</p> <p>Segundo informações recolhidas nas fontes, nos terrenos circundantes à povoação, foi possível verificar a existência nos anos 40 de cerâmica comum, <i>sigillata</i>, fragmentos de ânforas, <i>tegulae</i> e <i>imbrex</i> (MARQUES, 2002, p. 28).</p> <p>Foram também neste local recolhidas moedas de época Romana, mais propriamente do séc.: III/IV da época Imperial em bronze (MARQUES, 2002, p. 33).</p> <p>O Sr. Jaime Marques também nos informou que nas Balsas há relatos de terem sido encontradas moedas de cronologia romana bem como fragmentos de <i>dolium</i>.</p> <p>Com a deslocação ao local, não foi possível identificar o local concreto dos vestígios por o terreno se encontrar muito alterado devido às várias explorações que se encontram no sítio, pois as terras são constantemente remexidas por equipamentos agrícolas.</p>
-----------	--

Bibliografia	<p>MARQUES, Jaime Jorge (2002) - <i>Ulme: Uma Vila: A História E Suas Tradições: Monografia</i>. Ulme: Junta de Freguesia do Ulme.</p>
--------------	--

Observações	
-------------	--

Registo Cartográfico

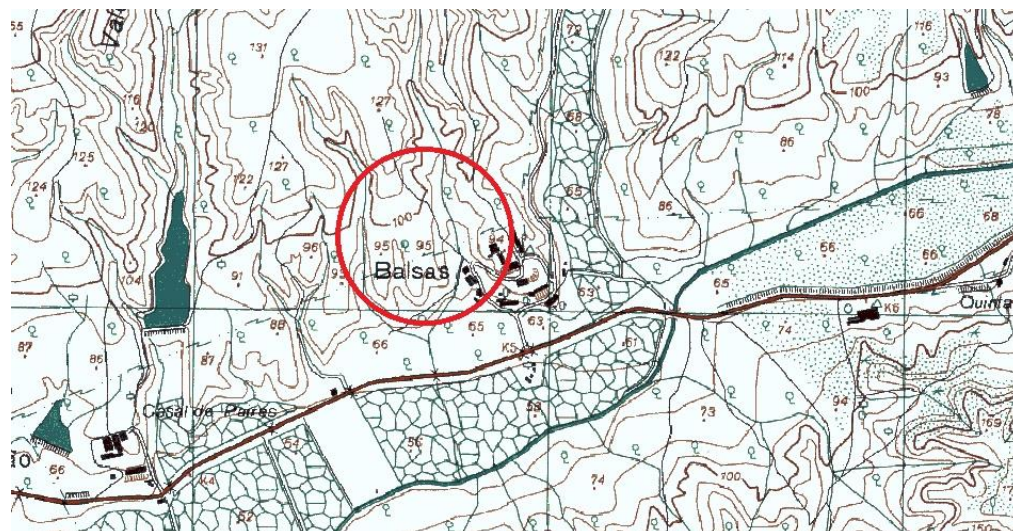


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico

Ficha N°	58				
Designação	Vale do Inferno				
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca		
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo			
CNS		IPA		Altitude (m)	95m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Romano		
Coordenada (N)	39°20'12.38"N	Coordenada (W)	8°22'33.39"W		
Tipo de Sítio	Vestígios de Superfície	Estado de Conservação	Outros		
Uso do Solo	Florestal	Ameaças	Florestação		
Acessos	EM 574 (Ulme-Semideiro), cortando nas Balsas subindo em caminho de terra batita em direção à barragem de Pai Poldro. Difícil acesso.				
Descrição	<p>A partir de informações inéditas cedidas pelo Sr.º Jaime Marques, que durante os anos 40 procedeu à identificação de vários possíveis locais arqueológicos, através da prospeção de vários locais dispersos pelo concelho da Chamusca, foi possível indicar o local de Vale do Inferno com um possível local de período Romano através de vestígios de superfície. Este localiza-se em meia encosta do Vale do Inferno, abaixo do marco geodésico das Balsas.</p> <p>Atualmente não nos foi possível confirmar esta informação cedida pelo Sr.º Jaime Marques, porque na deslocação ao local deparamo-nos com vegetação muito densa e com o revolvimento de terras para a plantação/corte de sobreiros e pinheiros.</p>				
Bibliografia	Local inédito.				
Observações					



Registo Cartográfico

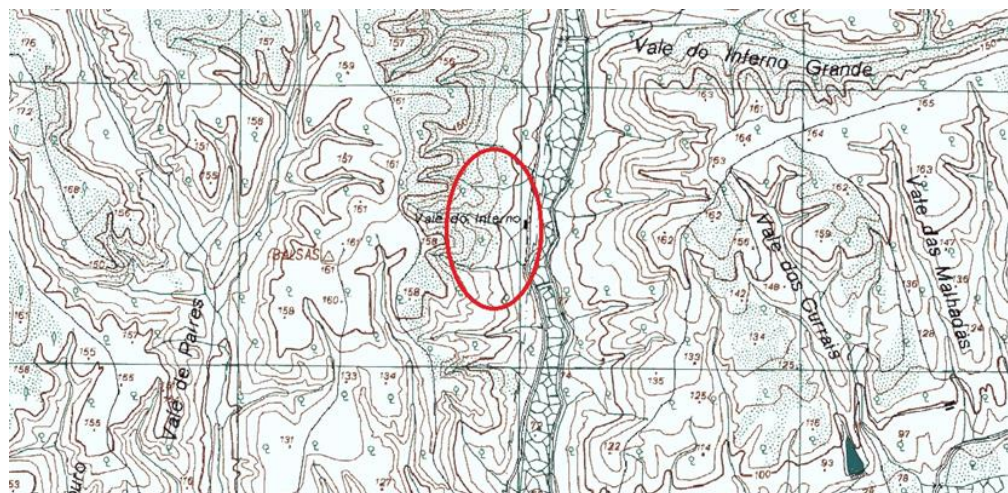


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico

Ficha N°	59		
Designação	Pai Poldro		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 150m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Romano
Coordenada (N)	39°21'5.78"N	Coordenada (W)	8°22'30.21"W
Tipo de Sítio	Vestígios de Superfície	Estado de Conservação	Outros
Uso do Solo	Florestal	Ameaças	Florestação
Acessos	EM 574 (Ulme-Semideiro), cortando nas Balsas subindo em caminho de terra batita em direção à barragem de Pai Poldro. Difícil acesso.		

Descrição	<p>Lugar que se localiza na área que representa o Vale de Pai Poldro e o Casal de Pai Poldro, caracterizado por várias plataformas planas com plantações de eucaliptos.</p> <p>Segundo informações recolhidas nas fontes, nos terrenos onde se encontram plantados atualmente os eucaliptos, foi possível verificar a existência nos anos 40 de cerâmica comum, <i>sigillata</i>, fragmentos de ânforas, <i>tegulae e imbrex</i>. (MARQUES, 2002, p. 28)</p> <p>Foram também neste local recolhidas moedas de época Romana, mais propriamente do séc.: III/IV da época Imperial. (MARQUES, 2002, p. 33)</p> <p>Também nos foi dada a informação, pelo Sr. Jaime Marques, que em Pai Poldro há relatos de terem sido encontradas moedas de cronologia romana bem como fragmentos de <i>dolium</i>.</p> <p>Na deslocação ao local, não foi possível identificar o local concreto dos vestígios por o terreno se encontrar muito alterado, devido às várias explorações que se encontram no sítio, pois as terras são constantemente remexidas por equipamentos agrícolas devido à plantação/corte de eucaliptos.</p>
-----------	--

Bibliografia	MARQUES, Jaime Jorge (2002) - <i>Ulme: Uma Vila: A História E Suas Tradições: Monografia</i> . Ulme: Junta de Freguesia do Ulme.
--------------	--

Observações	
-------------	--

Registo Cartográfico

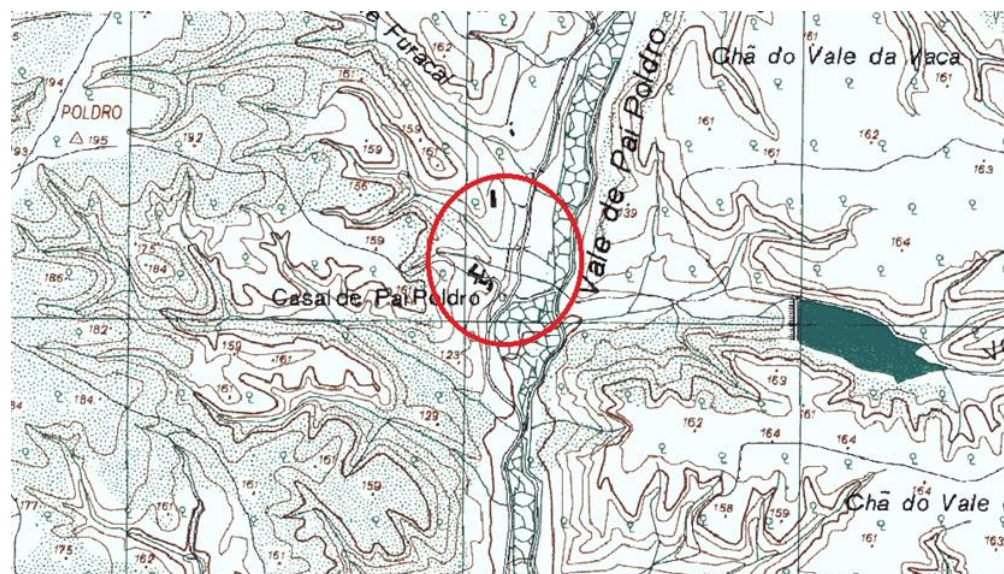


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico

Ficha N°	60				
Designação	Valeira				
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca		
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo			
CNS		IPA		Altitude (m)	170m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Romano		
Coordenada (N)	39°22'38.26"N	Coordenada (W)	8°22'24.28"W		
Tipo de Sítio	Vestígios de Superfície	Estado de Conservação	Mau		
Uso do Solo	Pastoreio	Ameaças	Gado		
Acessos	EM 574 (Ulme-Semideiro), cortando nas Balsas subindo em caminho de terra batita em direção à barragem de Pai Poldro. Difícil acesso.				
Descrição	Com uma deslocação ao Casal da Valeira que se localiza já na fronteira entre a freguesias da Carregueira e Ulme, numa grande plataforma no topo da charneca, foi possível observar que um dos terrenos em volta do casal, usado para o pasto de ovinos e caprinos, apresentava a existência de fragmentos muito rolados de cerâmica de construção de época Romana, nomeadamente <i>tegulae</i> e imbrices, tendo sido, também, localizada cerâmica comum, mas muito rolada e fragmentada devido ao revolvimento das terras.				
Bibliografia	Local inédito.				
Observações	Existência de gado ovino permanente no local. Propriedade privada.				



Registo Cartográfico

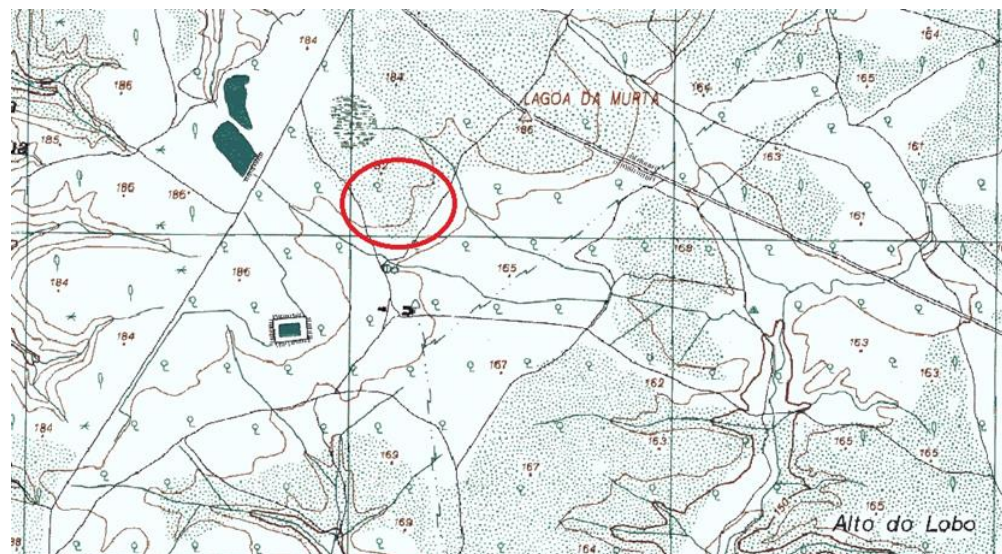


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2- Vista geral atual do sítio com a presença de gado ovino no local.

Ficha N°	61		
Designação	Casal de Paires		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	Casal de Payres
CNS		IPA	Altitude (m) 87m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Romano
Coordenada (N)	39°19'16.68"N	Coordenada (W)	8°23'15.61"W
Tipo de Sítio	Vestígios de Superfície	Estado de Conservação	Mau
Uso do Solo	Baldio	Ameaças	Florestação
Acessos	EM 574 (Ulme-Semideiro), cortando no Casal de Paires por uma estrada de terra batida em direção à represa de água de Paires.		
Descrição	<p>Lugar que se localiza nas plataformas por cima do Casal de Paires, sendo estas planas e viradas de O-E e cortadas pela estrada de terra batida que faz ligação com a represa de água localizada na zona mais norte do casal. Neste local só é possível observar a existência de sobreiros.</p> <p>Segundo informações recolhidas nas fontes, nos terrenos onde se encontram plantados atualmente os eucaliptos, foi possível verificar a existência nos anos 40 de cerâmica comum, <i>sigillata</i>, fragmentos de ânforas, <i>tegulae e imbrex</i>. Também foram identificados fragmentos de lucernas neste mesmo local, juntamente com os outros fragmentos cerâmicos (MARQUES, 2002, p. 28-29).</p> <p>Neste local foram recolhidas moedas de época Romana, mais propriamente do séc.: III/IV da época Imperial (MARQUES, 2002, p. 33).</p> <p>Com a deslocação ao local, na plataforma mais a Sul, foi possível verificar a existência de fragmentos muito rolados de cerâmica de construção de época Romana, nomeadamente <i>tegulae</i> e imbrices. Devido à fragmentação destes, pode-se observar que o terreno é remexido, e foi revolvido profundamente por equipamentos agrícolas.</p>		
Bibliografia	MARQUES, Jaime Jorge (2002) - <i>Ulme: Uma Vila: A História E Suas Tradições: Monografia</i> . Ulme: Junta de Freguesia do Ulme.		
Observações	Propriedade privada.		

Registo Cartográfico

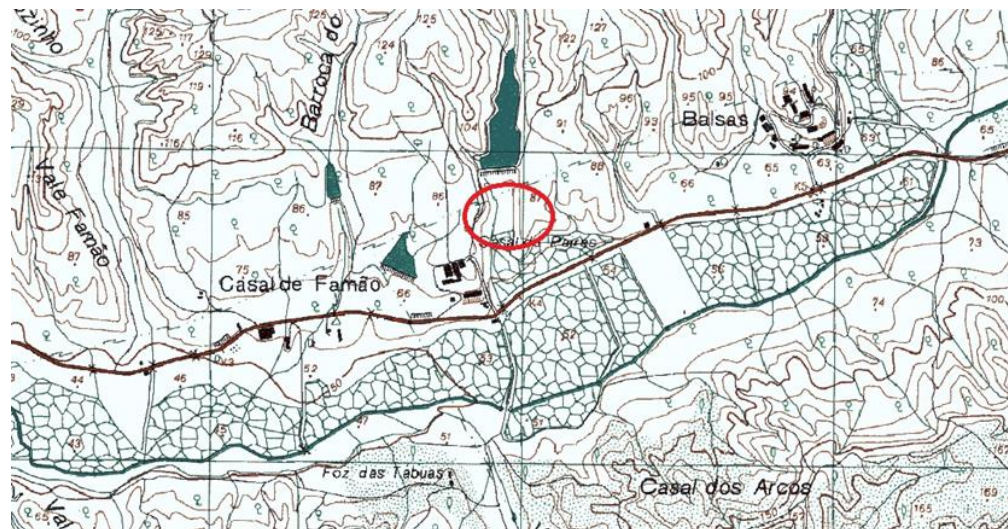


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2- Vista geral atual do sítio.



Ficha N°	62				
Designação	Famão				
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca		
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo			
CNS		IPA		Altitude (m)	161m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Romano		
Coordenada (N)	39°19'56.01"N	Coordenada (W)	8°24'20.24"W		
Tipo de Sítio	Vestígios de Superfície	Estado de Conservação	Outros		
Uso do Solo	Florestal	Ameaças	Florestação		
Acessos	EM 574 (Ulme-Semideiro), cortando no Casal de Famão por uma estrada de terra batida em direção à represa de água de Famão, entre os dois vales. Difícil Acesso				
Descrição	<p>A partir de informações inéditas cedidas pelo Sr.º Jaime Marques, que durante os anos 40 procedeu à identificação de vários possíveis locais arqueológicos, através da prospeção de vários locais dispersos pelo concelho da Chamusca, foi possível indicar o local de Famão, junto à represa de mesmo nome, como um provável local de período Romano através de vestígios de superfície.</p> <p>Este mesmo local localiza-se no topo de um cabeço entre o Vale de Famãozinho e o Vale de Cerejo.</p> <p>Atualmente, não nos foi possível confirmar esta informação, cedida pelo Sr.º Jaime Marques. Na deslocação ao local verificou-se uma vegetação muito densa e o revolvimento de terras para a plantação/corte de eucaliptos, não permitindo identificar os vestígios.</p>				
Bibliografia	Local inédito.				
Observações	Propriedade privada.				

Registo Cartográfico

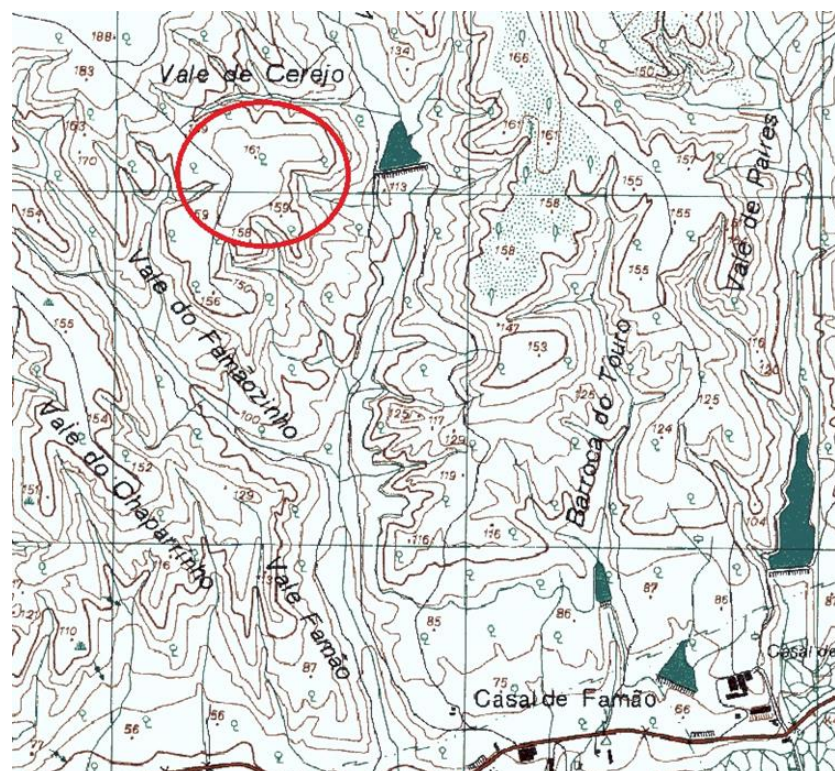


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico

Ficha N°	63		
Designação	Figueiras		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	Vale de Oleiros
CNS		IPA	Altitude (m) 163m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Romano
Coordenada (N)	39°19'21.16"N	Coordenada (W)	8°24'54.21"W
Tipo de Sítio	Vestígios de Superfície	Estado de Conservação	Outros
Uso do Solo	Florestal	Ameaças	Florestação
Acessos	EM 574 (Ulme-Semideiro), cortando no Casal das Mesquitas por uma estrada de terra batida em direção ao marco geodésico das Figueiras. Dificil Acesso.		

Descrição	<p>Lugar que se localiza numa extensão que representa o Vale de Oleiros até chegar à Figueiras, atualmente neste local encontram-se várias plantações de eucaliptos com vários socacos no vale abaixo executados mecanicamente.</p> <p>Segundo informações recolhidas nas fontes, nos terrenos onde se encontram plantados atualmente os eucaliptos, foi possível verificar a existência nos anos 40 de cerâmica comum, <i>sigillata</i>, fragmentos de ânforas, <i>tegulae e imbrex</i> (MARQUES, 2002, p. 28).</p> <p>Foram, também, recolhidas neste local, moedas de época Romana, mais propriamente do séc.: III/IV da época Imperial (MARQUES, 2002, p. 33).</p> <p>O Sr. Jaime Marques cedeu-nos uma informação relativamente a este local, que lhe tinha sido transmitida por um pastor, que dizia terem sido evidenciados vestígios por uma lavra, e posteriormente mostrados ao Sr. Jaime Marques, não só moedas encontradas naquele local mas também fragmentos de <i>terra sigillata</i>.</p> <p>Com a deslocação ao local não foi possível identificar o local concreto dos vestígios. O terreno encontrava-se muito alterado devido às várias explorações que se encontram a decorrer no sítio, pois as terras são constantemente remexidas por equipamentos agrícolas devido à plantação/corte de eucaliptos.</p>
-----------	--

Bibliografia	MARQUES, Jaime Jorge (2002) - <i>Ulme: Uma Vila: A História E Suas Tradições: Monografia</i> . Ulme: Junta de Freguesia do Ulme.
--------------	--

Observações	Propriedade privada.
-------------	----------------------

Registo Cartográfico

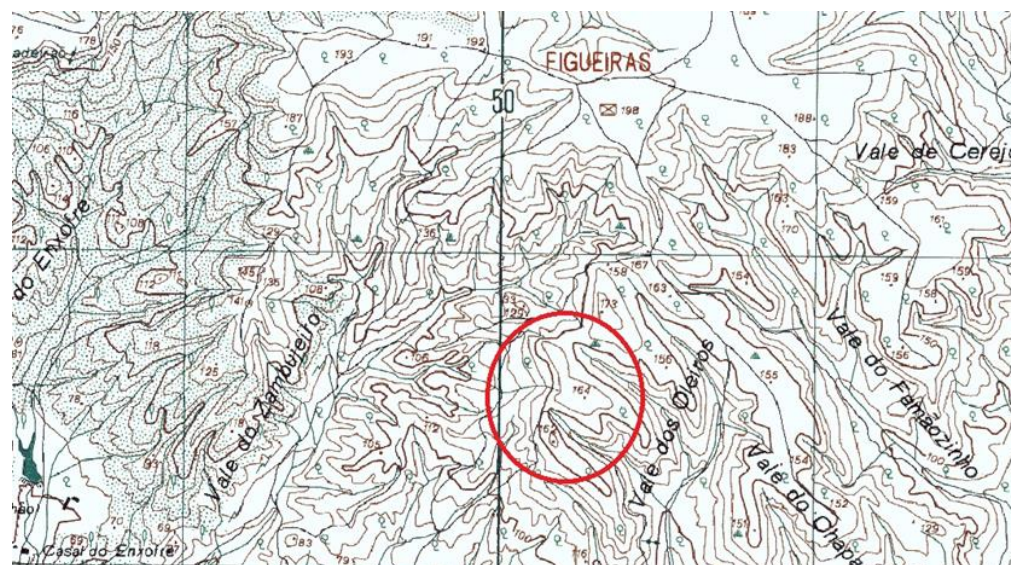


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico

Ficha N°	64		
Designação	Inscrição Funerária de Ulme		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 35m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Romano
Coordenada (N)	39°18'54.92"N	Coordenada (W)	8°25'46.39"W
Tipo de Sítio	Inscrição	Estado de Conservação	Outros
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Outros
Acessos	Igreja de Santa Maria de Ulme, Ulme.		

Descrição	<p><b>D</b> (is) · <b>M</b> (anibus) / <b>FORTVNA</b> / <b>TA</b> / <b>AN</b> (orum). <b>XXI</b> (viginti:unus) / <b>S</b> (it) · <b>T</b> (ibi) · <b>T</b> (erra) · <b>L</b> (evis)</p> <p>Aos Deuses Manes, Fortunata de 21 anos, que a terra te seja leve.</p> <p>Esta inscrição também ela se encontra apenas mencionada no manuscrito de Manuel José C.C. Guimarães e segundo Jaime Marques <i>desconhece-se o seu paradeiro, não temos medidas, apenas conseguimos o desenho cedido por um familiar do achador</i> (MARQUES, 1987, p. 6). Esta inscrição foi descoberta a quando se deram os trabalhos da construção na atual Igreja no séc.: XX, nos anos 50, sendo encontrada nos alicerces da mesma.</p> <p>Relativamente à inscrição, tanto o material pétreo, como medidas e data do seu achamento, são também desconhecidas apesar de que <i>dado a data do manuscrito 1969 e a que nos indica o desenho, o seu aparecimento terá sido anterior ao ano de 1970</i> (MARQUES, 1987, p. 6).</p> <p>A partir do desenho Jaime Marques concluiu que <i>o campo epigráfico está um pouco encostado à esquerda. O tipo de letra pode atribuir-se à época Imperial, com maiúsculas escritas livremente, não sabemos se por imperícia ou maneira como o desenhador as viu, sendo por isso impossível de atribuir uma data</i> (MARQUES, 1987, p. 7).</p> <p>No que toca ao cognome Fortunata, segundo Encarnação só existe uma inscrição funerária no <i>conventos</i> que foi encontrada na Herdade da Fonte do Pior em Montemor-o-Novo (ENCARNAÇÃO, 1984, p. 499). Com a existência desta inscrição, aqui assinalada, passamos assim a ter o conhecimento de duas no <i>conventos</i>.</p> <p>Encarnação afirma que o termo Fortunata <i>indentificará decerto uma escrava, (...), pois é um nome típico deste grupo social, nomeadamente em África</i> (ENCARNAÇÃO, 1987, p. 499).</p>
Bibliografia	<p>ENCARNAÇÃO (d'), José (1984) – <i>Inscrições Romanas do Conventous Pacensis</i>. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra; MARQUES, Jaime Jorge (1987) – <i>As inscrições romanas do concelho</i>. Chamusca: C.M. Chamusca,</p>
Observações	Desconhece-se o paradeiro desta inscrição.



Registo Cartográfico

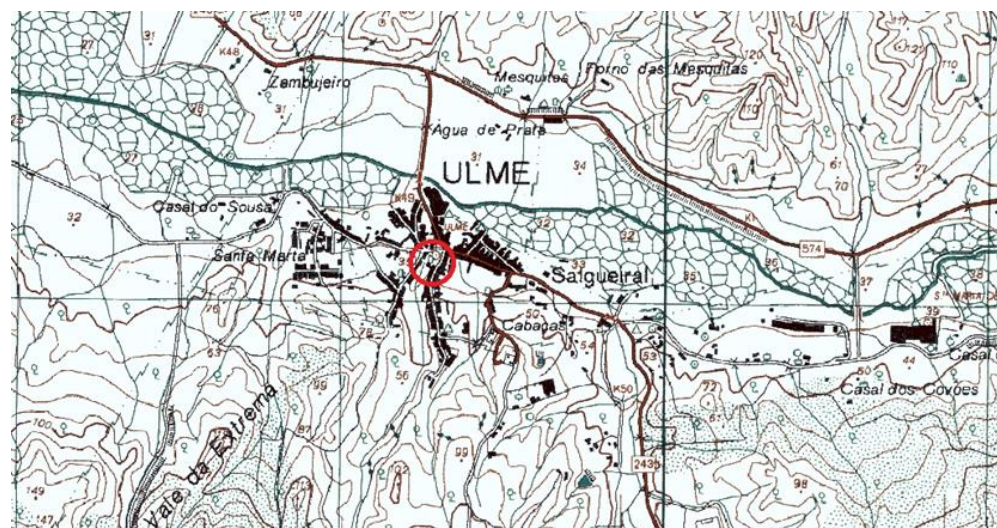


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2- Representação da inscrição. In MARQUES, Jaime Jorge (1987) – *As inscrições romanas do concelho*. Chamusca: C.M. Chamusca,

Ficha N°	65		
Designação	Sepultura I		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 35m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Romano
Coordenada (N)	39°18'54.71"N	Coordenada (W)	8°25'47.32"W
Tipo de Sítio	Sarcófago (?)	Estado de Conservação	Outros
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Outros
Acessos	Igreja de Santa Maria de Ulme, Ulme.		

Descrição	<p>Segundo uma informação recolhida nas fontes escritas, foi possível proceder ao reconhecimento de uma sepultura em pedra que se encontrou durante muitos anos junto à sacristia da Igreja de Ulme. Provavelmente terá aparecido na construção da nova Igreja de Ulme já no séc.: XX, nos anos 50.</p> <p>Atualmente não temos qualquer descrição da mesma, nem onde é possível encontrá-la e nenhuma reprodução fotográfica ou gráfica da sepultura.</p> <p>Nas fontes escritas é descrito que era nesse local que os animais bebiam, sendo apontada uma cronologia de época romana para o séc.: IV (MARQUES, 2002, p. 48).</p>
-----------	---

Bibliografia	MARQUES, Jaime Jorge (2002) - <i>Ulme: Uma Vila: A História E Suas Tradições: Monografia</i> . Ulme: Junta de Freguesia do Ulme.
--------------	--

Observações	Desconhece-se o paradeiro desta estrutura.
-------------	--



Registo Cartográfico

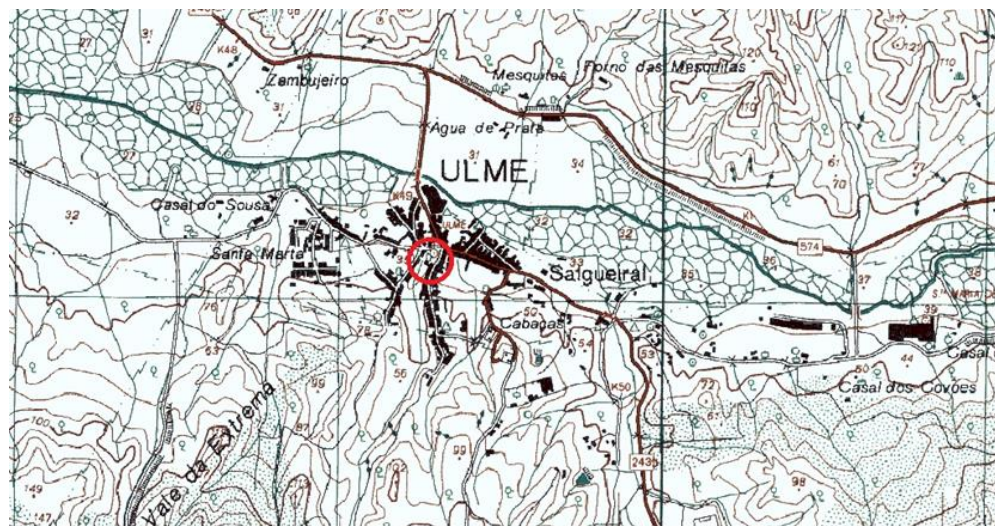


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico

Ficha N°	66		
Designação	Placa funerária do Casalinho		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 100m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Romano
Coordenada (N)	39°19'42.44"N	Coordenada (W)	8°19'20.65"W
Tipo de Sítio	Inscrição	Estado de Conservação	Bom
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Outros
Acessos	EM 574 (Ulme-Semideiro), lugar Casalinho		

Descrição	<p style="text-align: center;"><b>CAENO · BOVI (i) · F (ilius) / H (ic) · S (itus) · E (st)</b></p> <p style="text-align: center;">Aqui jaz Cenão, filho de Bóvio</p> <p>Em 1989 esta inscrição é publicada, por Joaquim Candeias Silva, no <i>Ficheiro Epigráfico</i> (FE 151), ficando assim registada informação mais detalhada sobre a peça. A mesma tinha sido encontrada a fazer de degrau para a entrada de uma habitação, no lugar do Casalinho em Ulme. Este autor descreve as características físicas da peça, tratando-se de <i>uma placa pouco espessa, de contornos irregulares, definindo um ângulo recto no canto superior direito e uma espécie de sector circular à esquerda. Campo epigráfico polido, sem moldura</i> (SILVA, 1989). É possível observar que se trata de um epitáfio muito simples, sendo que <i>Tanto Caeno como Bovius são antropónimos pré-romanos já conhecidos na Península</i> (SILVA, 1989). Este mesmo autor acrescenta a possível data para esta inscrição, através da sua <i>tipologia, paleografia, formulário e antroponímia (indígena filho de indígena), é monumento datável da primeira parte do séc. I da nossa era</i> (SILVA, 1989).</p>
Bibliografia	<p>SILVA, Joaquim Candeias (1989) – 151 - Placa funerária do Casalinho, Chamusca. In FICHEIRO EPIGRÁFICO 33 (Suplemento da <i>Revista Conimbriga</i>).</p>
Observações	<p>Foi recolhida pela Câmara Municipal da Chamusca.</p>

Registo Cartográfico

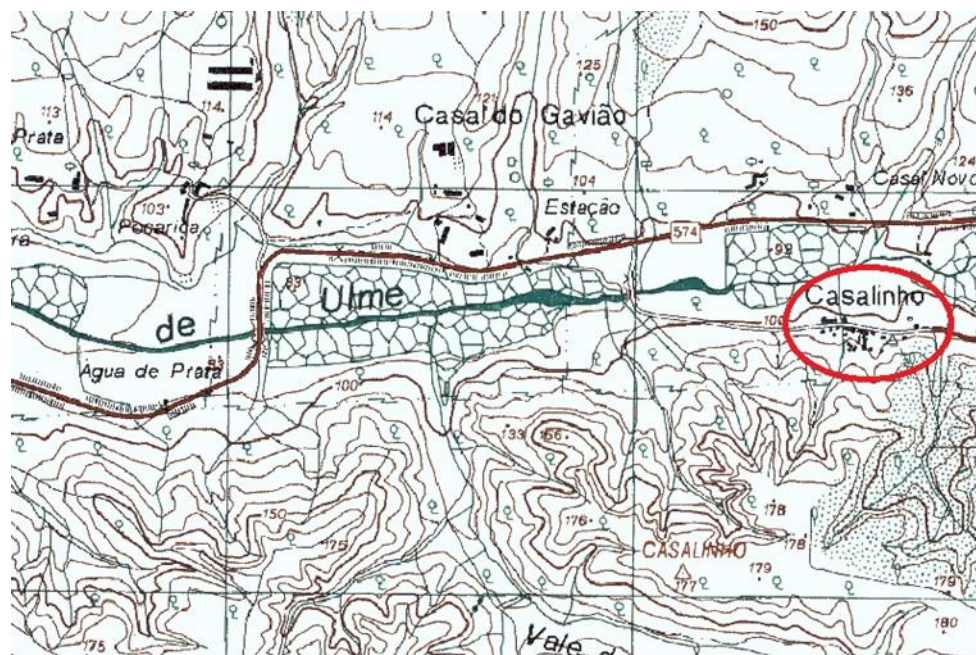


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico

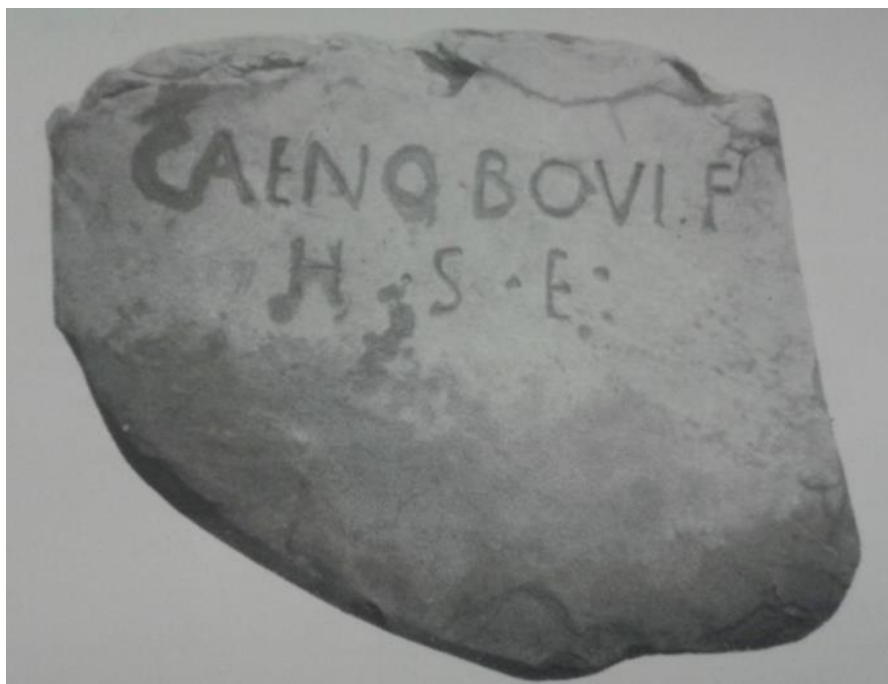


Figura 2- Fotografia da placa. In SILVA, Joaquim Candeias (1989) – 151 - Placa funerária do Casalinho, Chamusca. In FICHEIRO EPIGRÁFICO 33 (Suplemento da *Revista Conimbriga*).

Ficha N°	67		
Designação	Miliário de Constantino Magno		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	Arranhas de Baixo
CNS		IPA	Altitude (m) 181m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Romano
Coordenada (N)	39°19'18.78"N	Coordenada (W)	8°16'38.68"W
Tipo de Sítio	Marco	Estado de Conservação	Bom
Uso do Solo	Florestal	Ameaças	Outros
Acessos	EM 574 (Ulme-Semideiro), saindo no Semideiro seguindo em terra batida em direção ao Casal das Aranhas de Baixo.		

Descrição	<p>[... FOR] / <b>TISSIMO</b> / <b>O CAESA</b> / <b>RE</b> / <b>DIVI</b> / <b>CONST</b> (<i>anti</i>) <b>I</b> / <b>PII</b> · <b>FI</b> / <b>LIO</b></p> <p>Sendo (imperador ...) o fortíssimo César, filho do divino Constâncio Pio.</p> <p>Mencionado por Branca Lizardo ET AL. (1987), explicando que se tratava de um marco miliário incompleto que tinha sido encontrado entre Vale da Lama (Bemposta, Abrantes) e Arranhas de Baixo (Ulme, Chamusca) como um marco divisório entre um concelho e o outro.</p> <p>Este marco encontra-se estudado nos <i>Ficheiros Epigráficos</i> de 1989 por Joaquim Candeias Silva (FE 152), onde o autor afirma que este marco <i>tenha sido levado da zona do Tamazim, situado um pouco acima e adentro da já referida freguesia de Bemposta, por onde passa e se presume que já passaria no tempos da dominação romana um troço de via</i> (SILVA, 1989).</p> <p>Este mesmo autor passa a uma descrição detalhada do miliário, demonstrando que se trata de <i>uma coluna cónico-cilíndrica de granito bastante grosseiro. Na base apresenta um suave afunilamento, que não parece primitivo, destinado a melhor a cravar no solo, até à profundidade de cerca de 10 cm; o topo, embora mais parecendo desgastado por acção erosiva, deve ter sido fortemente mutilado de longa data, pois lhe falta a primeira parte do texto</i> (SILVA, 1989).</p> <p>Através da sua análise o autor acredita tratar-se de um miliário da época de Constantino (306-337 d.C). E para suportar a sua afirmação demonstra que <i>só este imperador, que governou no período citado, tendo sido César em 21 de Julho de 306 pela morte do psi (Constâncio Cloro, imperador entre 292-306 e divinizado), se poderia afirmar filho do divino Constâncio; pelos que ficam excluídos à partida todos os outros Constantinos, Constâncios ou Constantes</i> (SILVA, 1989).</p>
Bibliografia	<p>LIZARDO, Branca ET AL. (1987) - <i>Indícios de uma via Romana no Concelho da Chamusca - contributo para o seu estudo</i>. Chamusca: C.M. Chamusca; MARQUES, Jaime Jorge (1987) – <i>As inscrições romanas do concelho</i>. Chamusca: C.M. Chamusca; SILVA, Joaquim Candeias (1989) – 152 - Miliário de Constantino Magno. In FICHEIRO EPIGRÁFICO 33 (Suplemento da Revista Conimbriga).</p>
Observações	<p>Encontra-se depositado no Centro de Artesanato na Chamusca. Estando exposto desde que foi tirada a fotografia ao objeto. Infelizmente este marco encontrava-se exposto ao contrário (com a base para cima e o topo para baixo).</p>



Registo Cartográfico



Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2- Marco exposto no Centro de Artesanato.

Ficha N°	68		
Designação	Ara da Junqueira		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	Casal do Pinhão
CNS		IPA	Altitude (m) 50m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Romano
Coordenada (N)	39°19'25.80"N	Coordenada (W)	8°26'43.49"W
Tipo de Sítio	Inscrição	Estado de Conservação	Mau
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Agentes Climáticos
Acessos	EN 243 (Chamusca-Ulme), ao km 47 virar para o Casal do Pinhão, subindo até às habitações.		

Descrição	<p style="text-align: center;"><b>BONO / REI</b> [P [ublicae) ?] / [NATO?] / [ . . . ]</p> <p style="text-align: center;">Nascido para o bem da República.</p> <p>Esta inscrição é mencionada por José d' Encarnação (1984) sendo uma ara de um caracter honorífico <i>completando, assim, uma fórmula de homenagem corrente no Baixo-império</i> (ENCARNAÇÃO, 1984, p.700).</p> <p>A descrição elaborada é a seguinte: <i>Danificada, do lado direito, no capitel e na aresta do fuste. Tinha moldura: no capitel, parece um toro; na base, um bocel reverso seguido de ranhura. A superfície epigrafada está muito erodida e cheia de líquenes. O canto superior esquerdo é o mais bem conservado. (...) Caracteres irregulares, de diferentes duetos, sendo irregulares também os espaços interliterais. B assimétrico, N largo, R feito a partir do P com perna rectilínea. Supomos que NIACO poderá estar por NATO, (...) (ENCARNAÇÃO, 1984, p. 700).</i></p> <p>A discrição elaborada por Jaime Marques coincide com a de Encarnação na sua maior parte, acrescentando que <i>apresenta uma cavidade em cima com as medidas de – 24,5 x 15,5 cm, esta possivelmente para uma eventual reutilização (...), no lado oposto ao Campo Epigráfico encontramos uma cavidade retangular, possivelmente para colocar uma chapa de ferro</i> (MARQUES, 1987, pp. 3-4).</p> <p>Foi possível proceder à visualização da mesma, na qual se constatou que a erosão por agentes climáticos está a degradar muito a ara. Confirmam-se, também, todas as informações anteriores, encontrando-se a ara, atualmente, junto a uma das habitações do casal, junto ao canil dos cães.</p>
Bibliografia	ENCARNAÇÃO (d'), José (1984) – <i>Inscrições Romanas do Conventous Pacensis</i> . Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra; MARQUES, Jaime Jorge (1987) – <i>As inscrições romanas do concelho</i> . Chamusca: C.M. Chamusca
Observações	Propriedade privada.

Registo Cartográfico

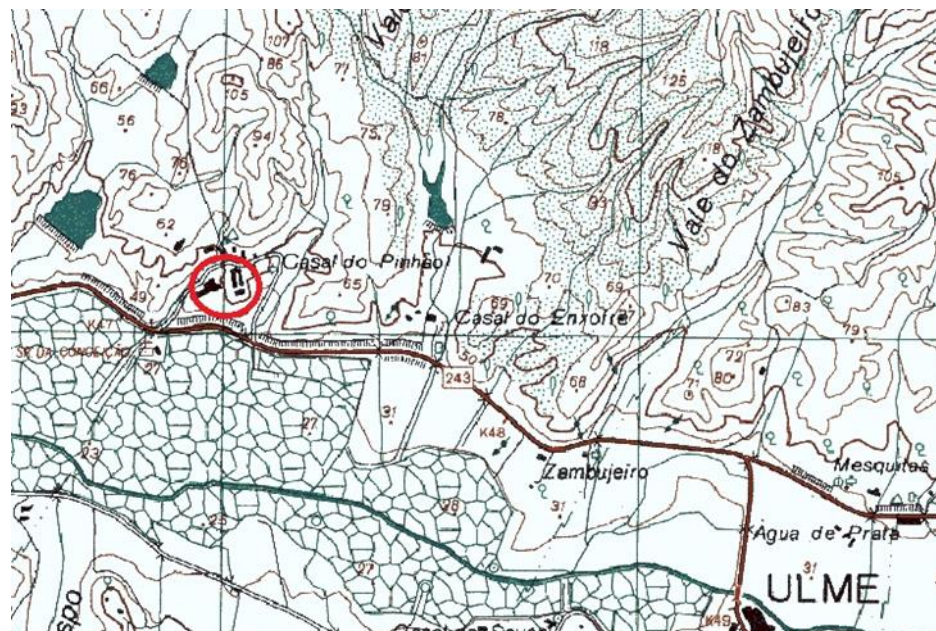


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2- Marco exposto no Centro de Artesanato.



Ficha N°	69		
Designação	Tesouro do Pinhão		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	Casal do Pinhão
CNS		IPA	Altitude (m) 107m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Romano
Coordenada (N)	39°19'54.58"N	Coordenada (W)	8°26'48.33"W
Tipo de Sítio	Tesouro	Estado de Conservação	Outros
Uso do Solo	Florestal	Ameaças	Outros
Acessos	EN 243 (Chamusca-Ulme), ao km 47 virar para o Casal do Pinhão, subindo até às habitações, seguindo por estrada de terra batida em direção ao vale. Difícil acesso.		
Descrição	<p>Atualmente, não se sabe o local exato onde foi encontrado, mas segundo as fontes foi no ano de 1973, durante uma plantação de eucaliptos nos terrenos circundantes ao Casal do Pinhão que foi encontrado um grande conjunto de moedas atribuídas à época Romana (SAMOUCO, 2001, p. 18).</p> <p>A informação foi-nos cedida pelo Sr. Jaime Marques relativamente a este achado, podendo-se apurar que as moedas encontradas nesse local eram todas de prata.</p> <p>Com alguma informação recolhida junto da população, sabe-se que estas se encontram, ou encontravam-se, quase todas na posse do dono da propriedade do Pinhão, Sr. Lopes da Costa. Algumas ficaram com alguns dos trabalhadores que plantaram na altura os eucaliptos. No entanto, não nos foi possível visualizar nenhuma das moedas correspondentes a este achado.</p>		
Bibliografia	SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2001) - <i>História da Chamusca, das origens a 1643</i> . Volume I. Chamusca: C.M. Chamusca.		
Observações	Propriedade privada.		

Registo Cartográfico

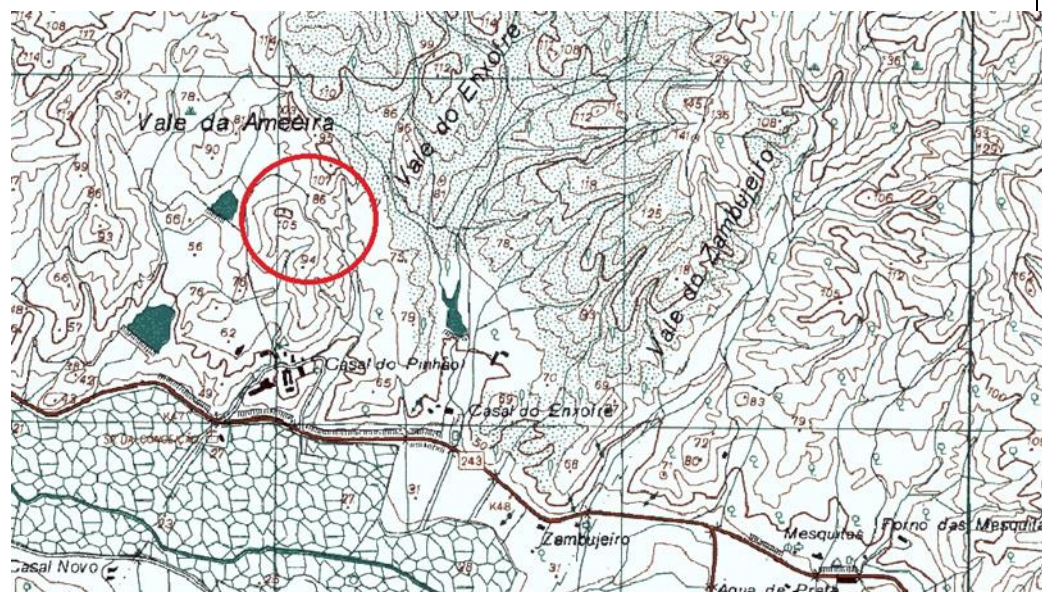


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico

Ficha N°	70		
Designação	Castelo de Ulme		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	Santa Marta
CNS		IPA	Altitude (m) 73m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Romano
Coordenada (N)	39°18'47.97"N	Coordenada (W)	8°25'55.89"W
Tipo de Sítio	Vestígios Diversos	Estado de Conservação	Em Perigo
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Construção civil
Acessos	Santa Marta, Ulme (atual local onde se encontra o depósito da água).		

Descrição	<p>(...) No cimo do outeiro, 71 m., que se levanta na orla sul da povoação, dominando a travessia da ribeira de Alpiarça, no sítio onde está a capela de S.ta Marta, existiam ainda em princípios do século passado os vestígios de uma antiga fortaleza (ALMEIDA, 1946, p. 275).</p> <p>A partir desta informação recolhida nas fontes foi possível estabelecer uma ligação entre esta estrutura, que atualmente já não existe, com os vestígios de época que foram encontrados quando se procederam aos trabalhos de construção de um depósito de água naquele mesmo local.</p> <p>O autor João de Almeida (1946) atribuiu cronologia de época romana à estrutura que visualizou. Quando se iniciaram os trabalhos para a construção do depósito de água, foi possível proceder à identificação de materiais de cronologia romana, como cerâmica de construção (<i>tegulae e imbrex</i>), cerâmica comum, <i>terra sigillata</i>, fragmentos de lucernas, e fragmentos de <i>dolium</i> (MARQUES, 2002, p. 28-29).</p> <p>Também temos a informação de terem sido recolhidas moedas de época Romana, mais propriamente do séc.: III/IV da época Imperial (MARQUES, 2002, p. 33).</p> <p>Na deslocação ao local percebeu-se que a implantação do sítio tem uma visão estratégica, não só sobre a Ribeira de Ulme mas, também, sobre a atual EN 243. Este cabeço encontra-se descaracterizado comparado com outros, o que lhe dá uma posição estratégica bastante boa sendo possível observar o seu redor sem ser visto.</p> <p>Salienta-se, ainda, que segundo relatos da população local, aquele lugar era conhecido, também, como o <i>Castelo de Areia</i>, um topónimo muito interessante, por ser o único sítio apelidado de <i>Castelo</i> naquela zona.</p>
-----------	---

Bibliografia	<p>ALMEIDA, João de (1946) – <i>Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses</i>. Volume II (Distritos de Aveiro, Coimbra, Leiria e Santarém). Lisboa: Edição do Autor; MARQUES, Jaime Jorge (2002) - <i>Ulme: Uma Vila: A História E Suas Tradições: Monografia</i>. Ulme: Junta de Freguesia do Ulme.</p>
--------------	---

Observações	<p>Atualmente não se encontram vestígios de superfície devido à existência do depósito de água, mas é possível que ainda existem vestígios por baixo dessa mesma construção.</p>
-------------	--

Registo Cartográfico

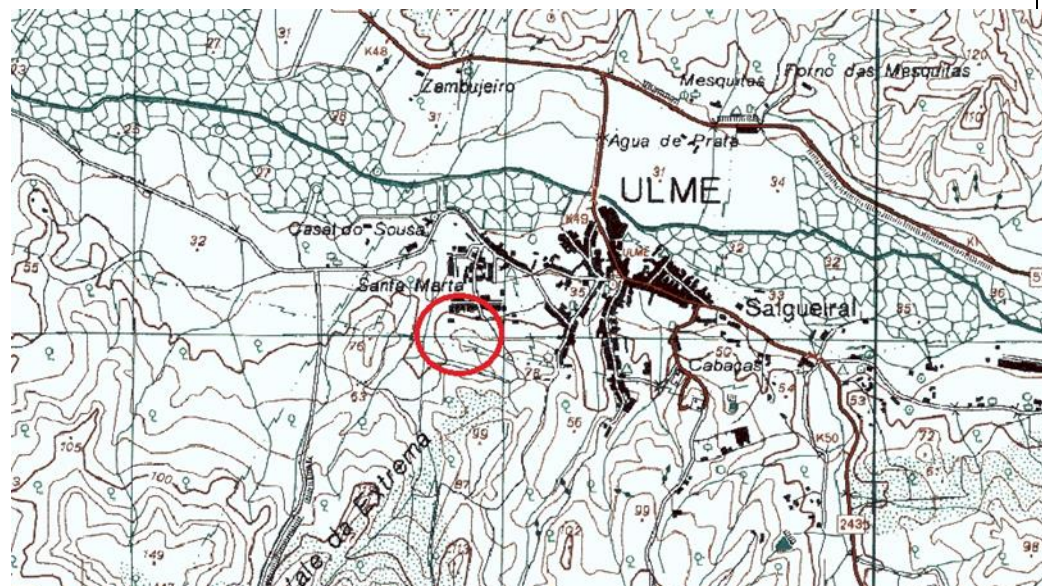


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2- Deposito de água implantado no local atualmente.

Ficha N°	71		
Designação	Casal do Freixo		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	Quinta da Murta
CNS		IPA	Altitude (m) 14m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Romano
Coordenada (N)	39°18'34.77"N	Coordenada (W)	8°29'43.08"W
Tipo de Sítio	Tesouro	Estado de Conservação	Outros
Uso do Solo	Agrícola	Ameaças	Outros
Acessos	EN 118 (Alpiarça-Chamusca), um pouco depois do km 91, do lado esquerdo umas habitações hoje utilizadas para o gado ovino.		
Descrição	<p>Temos a indicação de que no ano de 1894, quando se procedeu ao revolvimento das terras para a plantação de uma vinha, foi encontrado no Casal do Freixo, pertencente à Quinta da Murta, um vaso cerâmico com um conjunto avultado de moedas de época Romana (SAMOUCO, 2002, p. 16-18).</p> <p>As moedas foram descritas pelo dono da Quinta da Murta, Sr. José Félix Pereira, que procedeu à transcrição dos nomes dos imperadores de época romana que apareciam na maioria das moedas. Assim, foi possível saber que as moedas datavam do séc: III e IV d. C.</p> <p>Atualmente não se sabe do paradeiro deste conjunto monetário, mas é considerado o achado mais importante, deste tipo, na Chamusca.</p>		
Bibliografia	SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2001) - <i>História da Chamusca, das origens a 1643</i> . Volume I. Chamusca: C.M. Chamusca.		
Observações			



Registo Cartográfico

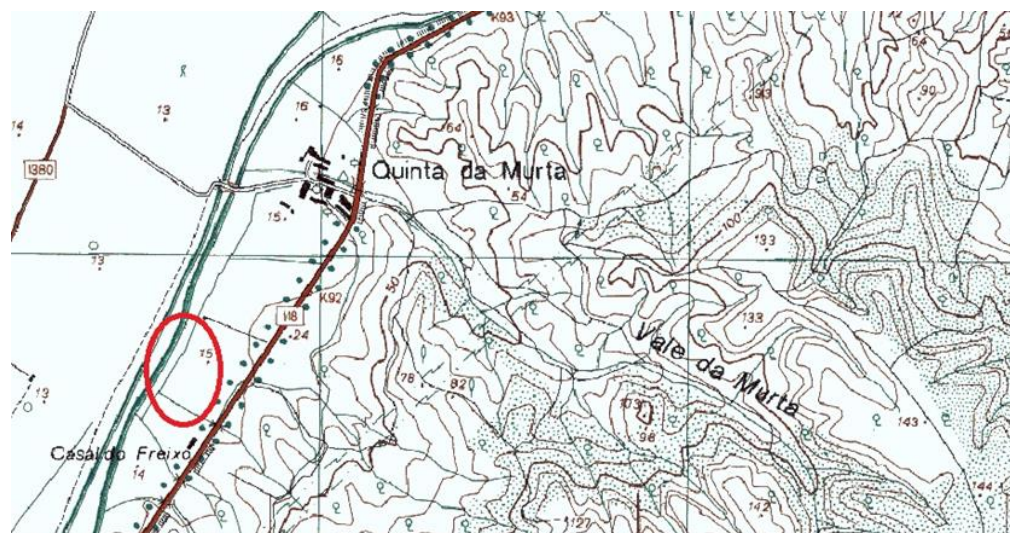


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico

Ficha N°	72		
Designação	Vale da Murta		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 98m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Romano
Coordenada (N)	39°18'39.55"N	Coordenada (W)	8°28'51.11"W
Tipo de Sítio	Vestígios de Superfície	Estado de Conservação	Outros
Uso do Solo	Florestal	Ameaças	Florestação
Acessos	EN 118 (Alpiarça-Chamusca), depois do km 92 em frente à da Quinta da Murta do lado esquerdo entrada por terra batida. Difícil acesso		

Descrição	<p>A partir de informações inéditas cedidas pelo Sr.º Jaime Marques, que durante os anos 40 procedeu à identificação de vários possíveis locais arqueológicos, através da prospeção de vários locais dispersos pelo concelho da Chamusca, foi possível indicar o local Vale da Murta como um provável local do período Romano, através de vestígios de superfície. Salienta-se também que neste local foram encontradas moedas de época Romana.</p> <p>Atualmente, não nos foi possível confirmar esta informação cedida pelo Sr.º Jaime Marques, pois a alteração do terreno através de máquinas agrícolas para a plantação de sobreiros naquela zona não permitiu identificar os vestígios.</p>
-----------	---

Bibliografia	Local inédito.
--------------	----------------

Observações	Propriedade privada com os acessos vedados.
-------------	---



Registo Cartográfico

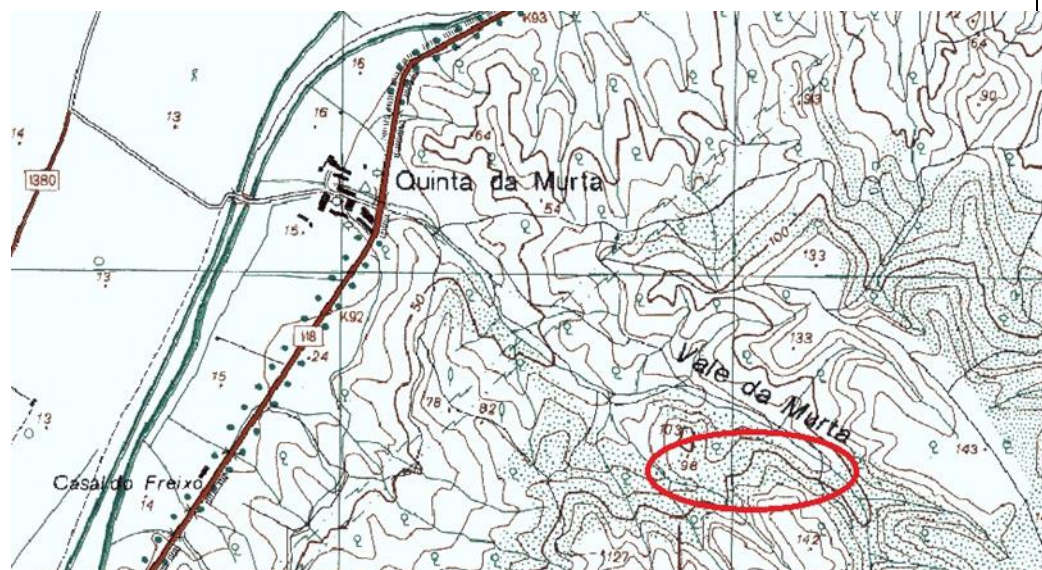


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico

Ficha N°	73		
Designação	Quinta da Mesquita		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 34m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Medieval Muçulmano (?)
Coordenada (N)	39°19'7.78"N	Coordenada (W)	8°25'36.51"W
Tipo de Sítio	Vestígios Diversos	Estado de Conservação	Outros
Uso do Solo	Agrícola	Ameaças	Agricultura
Acessos	EM 574 (Ulme-Semideiro), a meio do 1km da estrada, depois da Quinta da Mesquita no lado direito, zona de arrozal atualmente agricultado.		

Descrição	<p>Através da toponímia do local, podemos observar que <i>Mesquita</i> é um nome de origem árabe, dado aos edifícios de oração da religião muçulmana, demonstrando que (...) <i>as pessoas mais antigas diziam ter encontrado nas terras de arroz o que restava de uma igreja. Não seria esta igreja os restos da mesquita?</i> (...) (MARQUES, 2002, p. 49).</p> <p>A informação recolhida e cedida pelo Sr. Jaime Marques, relativamente a este local, diz-nos que era possível encontrar no local vários restos cerâmicos, que foram identificados como restos de telha atribuídas à época Medieval Muçulmana.</p> <p>Atualmente, com deslocação ao local foi possível constatar que o terreno se encontra agricultado com uma plantação de arroz e que é explorado intensivamente para esse propósito, o que não nos permitiu averiguar a existência de vestígios.</p>
-----------	--

Bibliografia	MARQUES, Jaime Jorge (2002) - Ulme: Uma Vila: A História E Suas Tradições: Monografia. Ulme: Junta de Freguesia do Ulme.
--------------	--

Observações	Propriedade privada.
-------------	----------------------

Registo Cartográfico

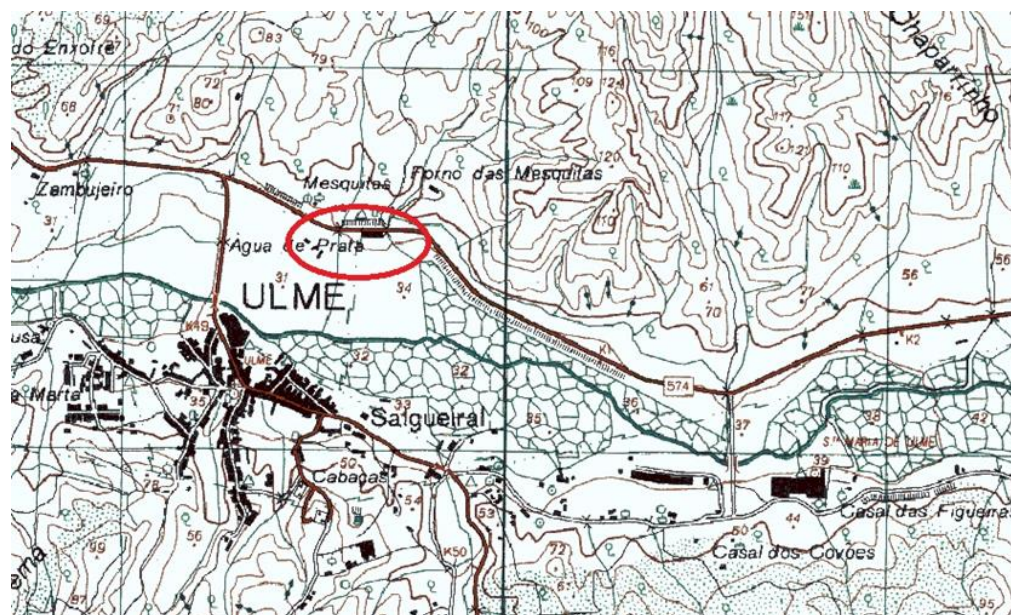


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico

Ficha N°	74		
Designação	Casal do Enxofre		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 50m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Medieval Muçulmano (?)
Coordenada (N)	39°19'30.75"N	Coordenada (W)	8°26'15.46"W
Tipo de Sítio	Achado (s) Isolado (s)	Estado de Conservação	Outros
Uso do Solo	Florestal	Ameaças	Florestação
Acessos	EN 243 (Chamusca-Ulme), antes do Km 48 do lado esquerdo da estrada por um caminho de terra batida.		

Descrição	<p>Nos terrenos deste casal foi encontrado, segundo as fontes, um fragmento de uma lucerna de cronologia atribuída à época muçulmana pela sua tipologia formal (MARQUES, 2002, p. 51). Depois de informações cedidas pelo Sr. Jaime Marques, concluímos que se devia tratar de um fragmento de um candil de base plana, tipo “bico de pato”. Este fragmento foi recolhido nuns terrenos em frente da Fonte Velha.</p> <p>Também neste local, no Casal do Enxofre, foi possível encontrar a menção de uma moeda com cronologia atribuída à época Muçulmana, denominada de <i>Felo</i> (MARQUES, 2002, p. 51-52). Na deslocação ao local, foi possível observar que os terrenos mencionados na bibliografia, atualmente, se encontram com uma plantação de pinheiros e os terrenos remexidos para o feito da plantação dos mesmos. Encontram-se nesses terrenos fragmentos cerâmicos, mas muito fragmentados e rolados, o que não nos permite atribuir cronologia, nem associar diretamente à época Muçulmana.</p>
-----------	--

Bibliografia	MARQUES, Jaime Jorge (2002) - Ulme: Uma Vila: A História E Suas Tradições: Monografia. Ulme: Junta de Freguesia do Ulme.
--------------	--

Observações	Propriedade privada.
-------------	----------------------



Registo Cartográfico

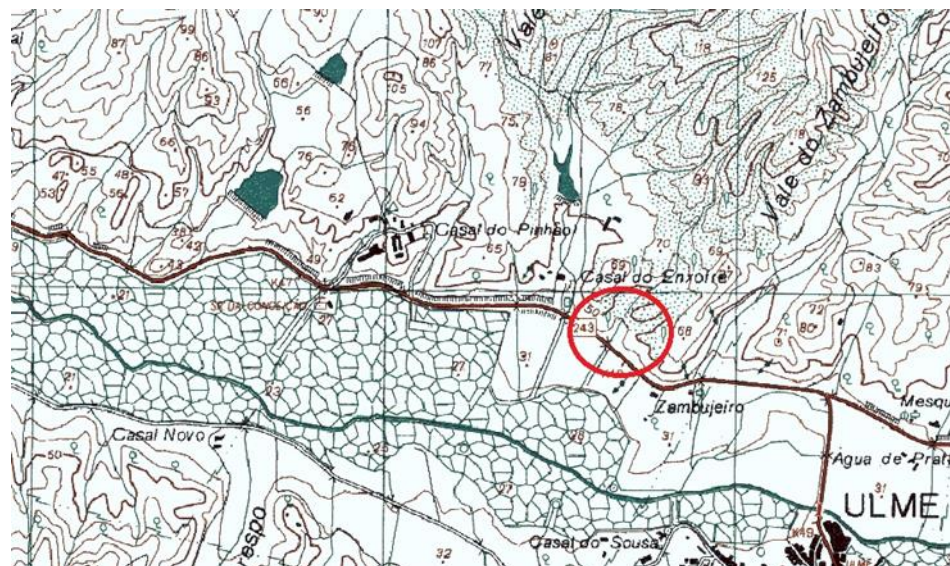


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2- Vista geral atual do local.

Ficha N°	75		
Designação	Ermida de Nossa Senhora da Conceição		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	Pinhão
CNS		IPA	23565
			Altitude (m) 27m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Medieval Muçulmano (?) / Moderno
Coordenada (N)	39°19'21.93"N	Coordenada (W)	8°26'47.93"W
Tipo de Sítio	Ermida	Estado de Conservação	Bom
Uso do Solo	Agrícola Baldio	Ameaças	Agentes Climáticos
Acessos	EN 243 (Chamusca-Ulme), ao km 47 virar para o lado esquerdo pela estrada de terra batida em direção do edifício.		

Descrição	<p>É apontado na bibliografia que este local poderá ter tido ocupação muçulmana, mas não é possível, atualmente, provar estas indicações através dos vestígios materiais. Toda a superfície se encontra muito calcada e batida, não apresentando cerâmica na superfície. Uma das razões de atribuírem este local a uma primeira ocupação muçulmana é a planta ortogonal que a ermida apresenta (MARQUES, 2002, p. 69).</p> <p>Este edifício é referido em 1624, sendo que já existia no séc.: XVI, antes desse período sabemos que já deveria existir este ou outro edifício de cariz religioso pois, durante umas obras de remodelação daquela área foi possível encontrar (...) <i>Estelas funerárias medievais (séc. XV/XVI), uma inscrição de que fizeram desenho (dado o que observamos no desenho da inscrição parece ser do séc. XIII), e nas imediações, foram descobertos restos de sepulturas</i> (MARQUES, 2002, pág.: 69).</p> <p>A ermida apresenta uma planta hexagonal, com uma abóboda de cúpula com um rebordo em cornija, com uma pequena sineira. A fachada frontal do edifício apresenta uma portal principal retangular, com uma pequena janela de forma redonda entre o portal e a cornija. Em frente ao portal encontra-se um pequeno pátio murado com o piso em tijoleira.</p>
-----------	--

Bibliografia	<p>MARQUES, Jaime Jorge (2002) - <i>Ulme: Uma Vila: A História E Suas Tradições: Monografia</i>. Ulme: Junta de Freguesia do Ulme; SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2001) - <i>História da Chamusca, das origens a 1643</i>. Volume I. Chamusca: C.M. Chamusca; TECEDDEIRO, Luís António Vaz (1999) – <i>A Religião pelo Concelho da Chamusca – Igrejas e Capelas</i>. Vol. III. Alpiarça: GARRIDO artes gráficas.</p>
--------------	--

Observações	Propriedade privada.
-------------	----------------------



Registo Cartográfico

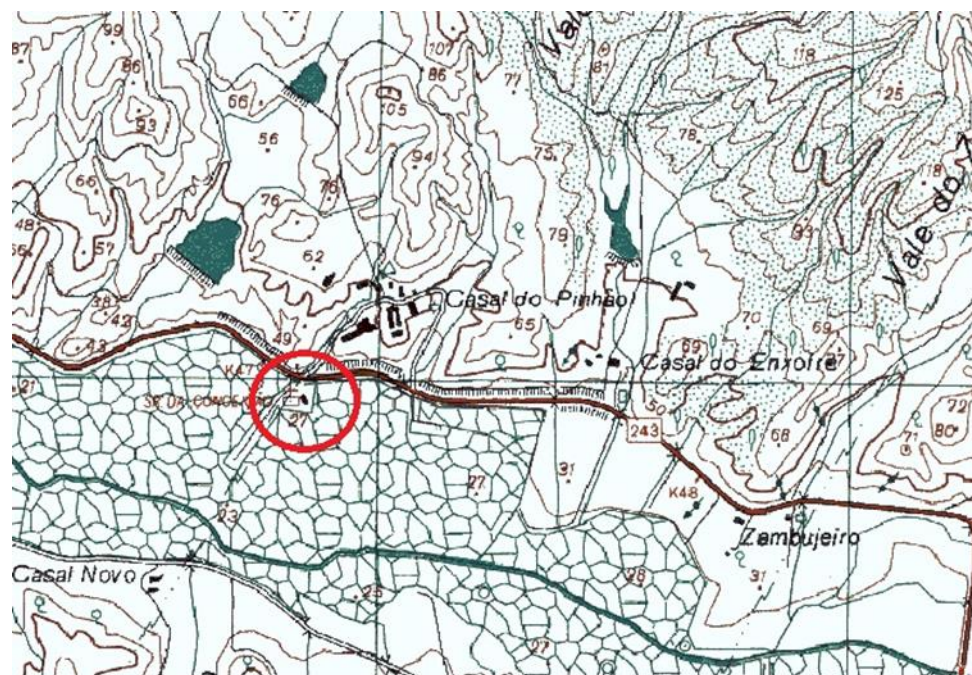


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2- Vista exterior do edifício.



Ficha N°	76		
Designação	Ermida de Santa Marta		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 73m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Moderno
Coordenada (N)	39°18'48.34"N	Coordenada (W)	8°25'55.61"W
Tipo de Sítio	Ermida	Estado de Conservação	Destruído
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Construção civil
Acessos	Santa Marta, Ulme (atual local onde se encontra o depósito da água).		

Descrição	<p>No alto de Santa Marta, no local onde se encontra atualmente o depósito de água, existia uma pequena ermida. Dessa ermida não se encontra quaisquer vestígio da mesma.</p> <p>Segundo as fontes escritas crê-se que a ermida seja do séc.: XV, mas uma das suas primeiras menções escritas é feita em 1637 (SAMOUCO, 2001, p. 225; MARQUES, 2002, p. 69).</p> <p>Relativamente ao edifício em si não temos qualquer descrição, mas quando se procedeu à construção do depósito de água o edifício já estava demolido, sendo apenas visível a base e os alicerces do mesmo.</p> <p>Foram encontradas nas remodelações da igreja de Santa Maria de Ulme no séc.: XX várias estelas funerárias e cabeceiras de sepulturas, apontando que tenham vindo da ermida de Santa Marta, por terem sido encontradas sepulturas na data da construção do depósito de água (MARQUES, 1989a).</p>
-----------	---

Bibliografia	<p>MARQUES, Jaime Jorge (1989a) - <i>Estelas Funerárias da Vila de Ulme – Chamusca</i>. Chamusca: C.M. Chamusca; MARQUES, Jaime Jorge (2002) - <i>Ulme: Uma Vila: A História E Suas Tradições: Monografia</i>. Ulme: Junta de Freguesia do Ulme; SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2001) - <i>História da Chamusca, das origens a 1643</i>. Volume I. Chamusca: C.M. Chamusca; TECEDDEIRO, Luís António Vaz (1999) – <i>A Religião pelo Concelho da Chamusca – Igrejas e Capelas</i>. Vol. III. Alpiarça: GARRIDO artes gráficas.</p>
--------------	--

Observações	
-------------	--

Registo Cartográfico

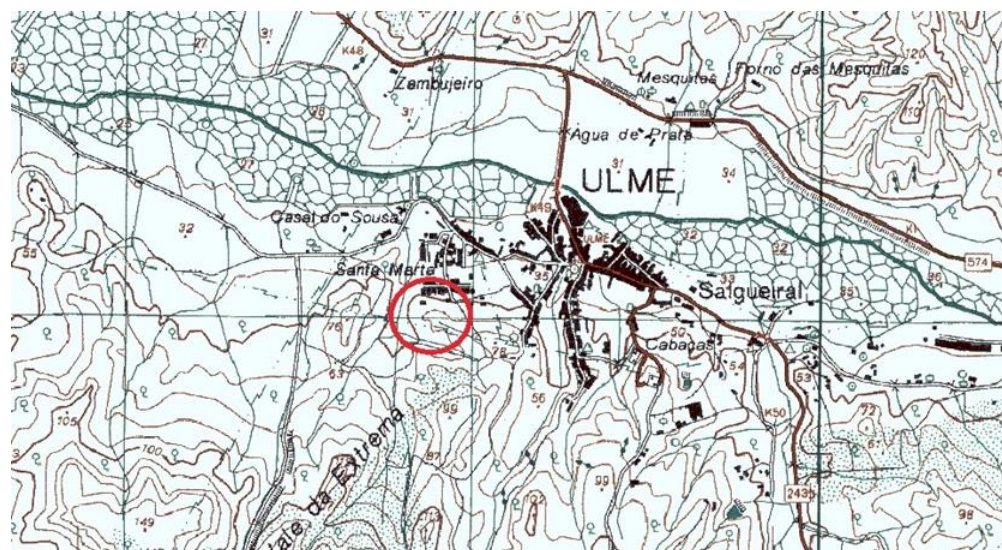


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2- Depósito de água implantado no local atualmente.

Ficha N°	77		
Designação	Igreja de Santa Maria de Ulme		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 35m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Moderno
Coordenada (N)	39°18'55.02"N	Coordenada (W)	8°25'46.35"W
Tipo de Sítio	Igreja	Estado de Conservação	Destruído
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Agentes Climáticos
Acessos	Dentro da vila de Ulme, onde se encontra atualmente a Igreja Paroquial de Santa Maria de Ulme construída nos inícios do séc.: XX.		

Descrição	<p>A primitiva igreja de Ulme remonta a meados séc.: XV, sendo mencionada numa sentença em 1442 (SAMOUCO, 2001, p. 223).</p> <p>Este edifício no séc.: XVII foi alvo de intervenções profundas, tendo sido praticamente substituída (MARQUES, 2002, p. 67).</p> <p>Temos, ainda, uma descrição do edifício no Relatório dos Párocos de 1758, realizado pelo Padre Cura Bento Pereira, onde é descrito que o edifício se encontrava em muito más condições e que necessitava de reparações urgentes, tendo solicitado fundos para esse mesmo fim (MARQUES, 1989b).</p> <p>Atualmente encontra-se no local a igreja construída nos anos 50 do séc.: XX.</p> <p>A planta do anterior edifício não deveria variar muito do edifício atual nem do que eram as igrejas de época moderna naquela zona, pois não possuímos uma descrição clara e concreta da estrutura do edifício. É composto por uma planta longitudinal de uma só nave.</p>
-----------	--

Bibliografia	<p>PDM da Chamusca (1995) (<a href="http://websig.cm-chamusca.pt/">http://websig.cm-chamusca.pt/</a>)</p> <p>MARQUES, Jaime Jorge (1989b) - <i>Ulme Nos Meados Do Séc. XVIII Ou O Relatório Dos Párocos De 1758</i>. Chamusca: C.M. Chamusca; MARQUES, Jaime Jorge (2002) - <i>Ulme: Uma Vila: A História E Suas Tradições: Monografia</i>. Ulme: Junta de Freguesia do Ulme; SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2001) - <i>História da Chamusca, das origens a 1643</i>. Volume I. Chamusca: C.M. Chamusca; TECEDDEIRO, Luís António Vaz (1999) – <i>A Religião pelo Concelho da Chamusca – Igrejas e Capelas</i>. Vol. III. Alpiarça: GARRIDO artes gráficas.</p>
--------------	---

Observações	
-------------	--

Registo Cartográfico

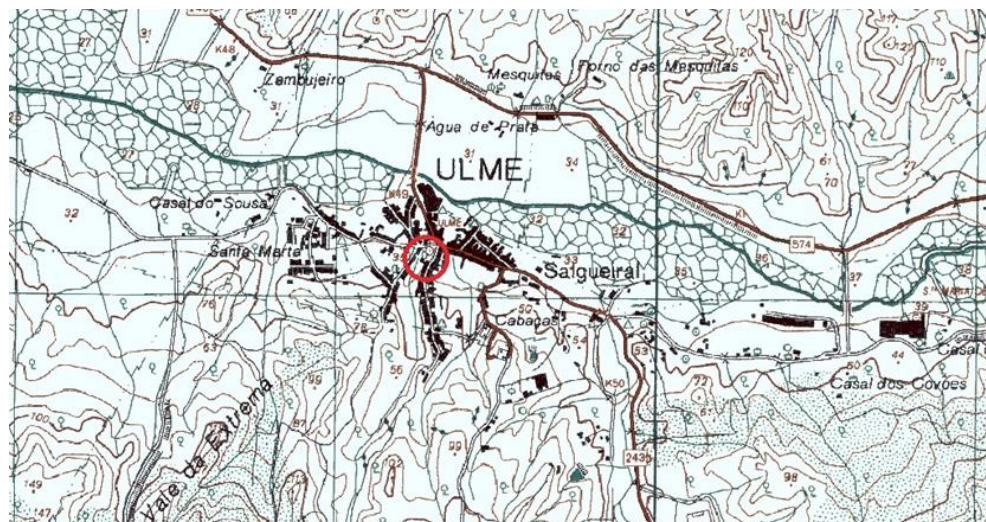


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2- Igreja do séc.: XX que assenta nos alicerces da igreja de época Moderna.

Ficha Nº	78				
Designação	Estela Funerária Nº1				
Distrito	Santarém		Concelho	Chamusca	
Freguesia/Lugar	Ulme		Topónimo		
CNS		IPA		Altitude (m)	35m
CMP 1:25 000 folha nº	342		P Cronológico	Medieval/ Moderno	
Coordenada (N)	39°18'55.02"N		Coordenada (W)	8°25'46.35"W	
Tipo de Sítio	Estela		Estado de Conservação	Bom	
Uso do Solo	Urbano		Ameaças	Outros	
Acessos	Igreja Paroquial de Santa Maria de Ulme, Ulme (onde se encontram expostas).				

Descrição	<p>Encontrado quando se deram os trabalhos de construção da atual Igreja Paroquial de Santa Maria de Ulme, presume-se que tenha vindo da Igreja de Santa Marta onde existia um grande número de sepulturas.</p> <p>Trata-se de um fragmento de uma estela em quadrado. No círculo inscrito, em baixo relevo, encontramos a estela em pentalfa. Na outra face um quadrado com 4 círculos.</p> <p>Estela em calcário com as seguintes medidas: 42,7cm de altura; 29 cm de comprimento; 10 cm de espessura (MARQUES, 1989a).</p>
-----------	---

Bibliografia	<p>MARQUES, Jaime Jorge (1989a) - <i>Estelas Funerárias da Vila de Ulme – Chamusca</i>. Chamusca: C.M. Chamusca.</p>
--------------	--

Observações	<p>Encontra-se exposta no Núcleo Museológico anexo à atual igreja de Ulme, catalogada na exposição com o N°7, cedida pelo Sr. Jaime Marques para esse efeito.</p>
-------------	---



Registo Cartográfico

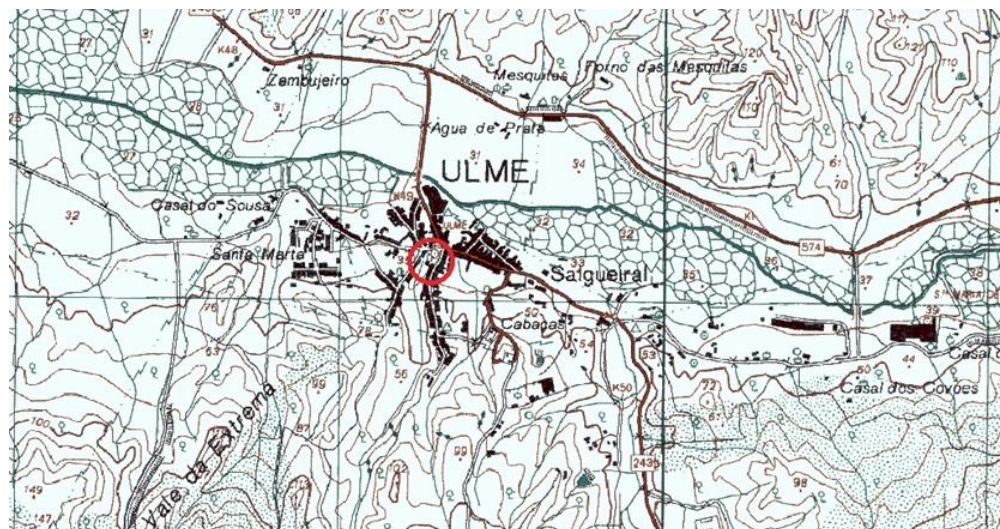


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2- Vista frontal da peça.

Ficha N°	79		
Designação	Estela Funerária N°2		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 35m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Medieval/ Moderno
Coordenada (N)	39°18'55.02"N	Coordenada (W)	8°25'46.35"W
Tipo de Sítio	Estela	Estado de Conservação	Bom
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Outros
Acessos	Igreja Paroquial de Santa Maria de Ulme, Ulme (onde se encontram expostas).		

Descrição	<p>Encontrado quando se deram os trabalhos de construção da atual Igreja Paroquial de Santa Maria de Ulme, presume-se que tenha vindo da Igreja de Santa Marta onde existia um grande número de sepulturas.</p> <p>Trata-se de um fragmento de uma estela em quadrado. Parece idêntica à anterior com os mesmos símbolos, quer numa quer noutra face. Esta estela contém um círculo inscrito, em baixo relevo, a estrela pentalfa em positivo. Na outra face um quadrado com quatro círculos. Esta estela foi aplicada como soleira de porta, pelo que lhe abriram uma cavidade onde girou a couceira.</p> <p>Estela em calcário com as seguintes medidas: 37,5 cm de altura; 23,5 cm de comprimento; 12,1 cm de espessura (MARQUES, 1989a).</p>
-----------	--

Bibliografia	<p>MARQUES, Jaime Jorge (1989a) - <i>Estelas Funerárias da Vila de Ulme – Chamusca</i>. Chamusca: C.M. Chamusca.</p>
--------------	--

Observações	<p>Encontra-se exposta no Núcleo Museológico anexo à atual igreja de Ulme, catalogada na exposição com o N°10, cedida pelo Sr. Jaime Marques para esse efeito.</p>
-------------	--



Registo Cartográfico

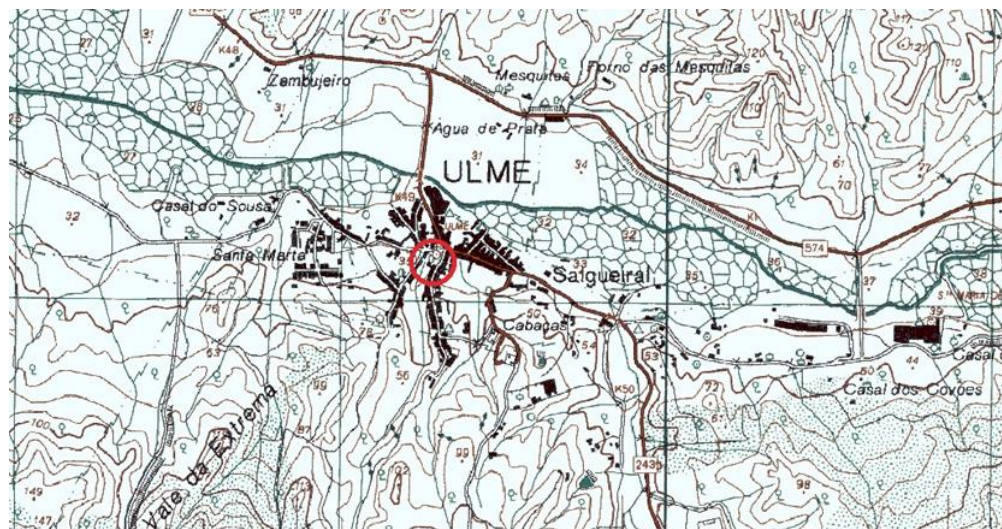


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico

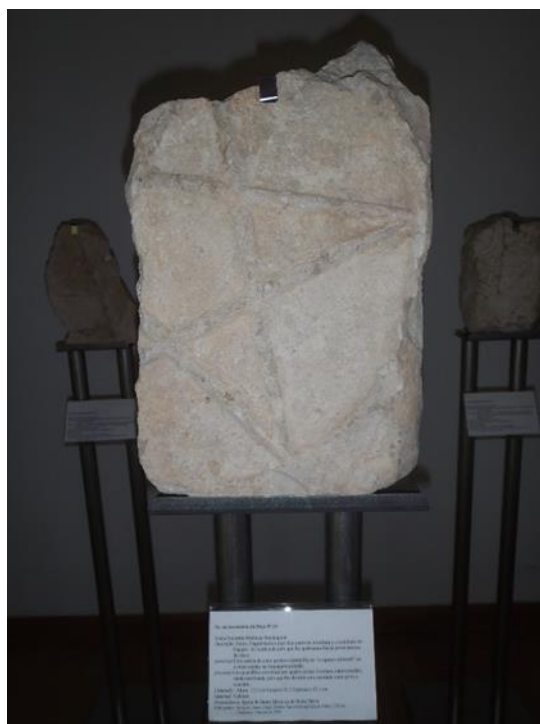


Figura 2- Vista frontal da peça.

Ficha N°	80		
Designação	Estela Funerária N°3		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 35m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Medieval/ Moderno
Coordenada (N)	39°18'55.02"N	Coordenada (W)	8°25'46.35"W
Tipo de Sítio	Estela	Estado de Conservação	Bom
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Outros
Acessos	Igreja Paroquial de Santa Maria de Ulme, Ulme (onde se encontram expostas).		

Descrição	<p>Encontrado quando se deram os trabalhos de construção da atual Igreja Paroquial de Santa Maria de Ulme, presume-se que tenha vindo da Igreja de Santa Marta onde existia um grande número de sepulturas.</p> <p>Trata-se de um fragmento de uma estela discoide, em que apenas numa das faces se encontra inscrita um círculo com a estrela de cinco pontas, o pentalfa, que está bem esculpido e espesso. Estela em calcário róseo com as seguintes medidas: 28,7 cm de altura; 16 cm de comprimento; 8 cm de espessura (MARQUES, 1989a).</p>
-----------	---

Bibliografia	<p>MARQUES, Jaime Jorge (1989a) - <i>Estelas Funerárias da Vila de Ulme – Chamusca</i>. Chamusca: C.M. Chamusca.</p>
--------------	--

Observações	<p>Encontra-se exposta no Núcleo Museológico anexo à atual igreja de Ulme, catalogada na exposição com o N°13, cedida pelo Sr. Jaime Marques para esse efeito.</p>
-------------	--

Registo Cartográfico

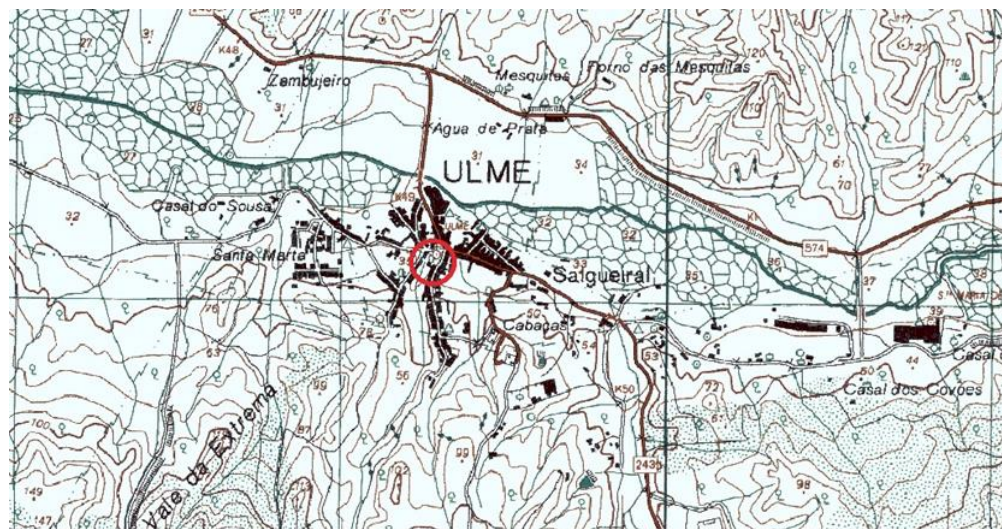


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2- Vista frontal da peça.

Ficha N°	81		
Designação	Estela Funerária N°4		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 35m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Medieval/ Moderno
Coordenada (N)	39°18'55.02"N	Coordenada (W)	8°25'46.35"W
Tipo de Sítio	Estela	Estado de Conservação	Bom
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Outros
Acessos	Igreja Paroquial de Santa Maria de Ulme, Ulme (onde se encontram expostas).		

Descrição	<p>Encontrado quando se deram os trabalhos de construção da atual Igreja Paroquial de Santa Maria de Ulme, presume-se que tenha vindo da Igreja de Santa Marta onde existia um grande número de sepulturas.</p> <p>Trata-se de um fragmento de uma estela discoide Bem esculpida numa das faces está um círculo inscrito, onde encontramos uma estela de cinco pontas, o pentalfa, este bem esculpido e espesso. Na outra face, encontramos um arado, uma carga, uma cruz românica e uma relha, tudo esculpido em negativo. Encontrada na parede da igreja, servindo de apoio a um ferro de cercadura no adro da Igreja.</p> <p>Estela em calcário com as seguintes medidas: 34,7 cm de altura; 23,5 cm de comprimento; 6,5 cm de espessura (MARQUES, 1989a).</p>
-----------	---

Bibliografia	MARQUES, Jaime Jorge (1989a) - <i>Estelas Funerárias da Vila de Ulme – Chamusca</i> . Chamusca: C.M. Chamusca.
--------------	--

Observações	Encontra-se exposta no Núcleo Museológico anexo à atual igreja de Ulme, catalogada na exposição com o N°6, cedida pelo Sr. Jaime Marques para esse efeito.
-------------	--



Registo Cartográfico

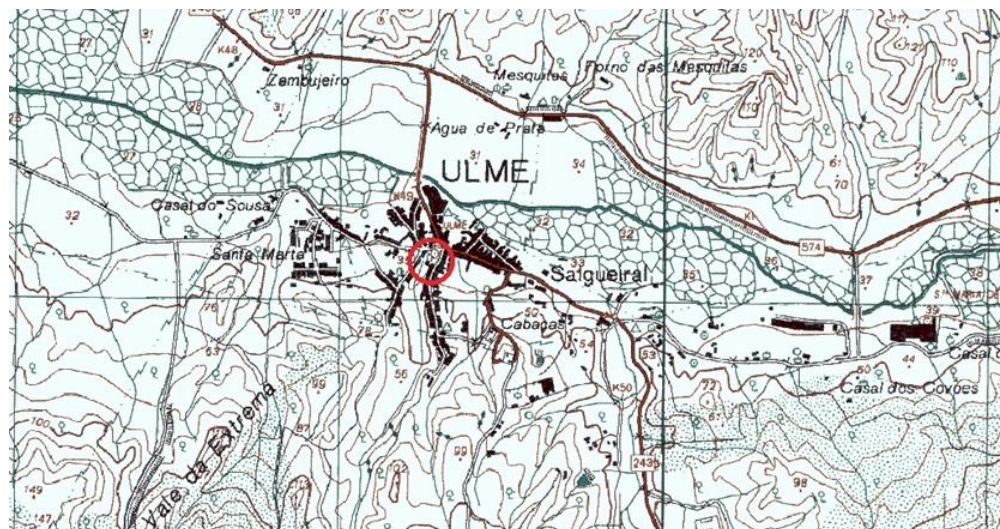


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2- Vista frontal da peça.

Ficha N°	82		
Designação	Estela Funerária N°5		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 35m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Medieval/ Moderno
Coordenada (N)	39°18'55.02"N	Coordenada (W)	8°25'46.35"W
Tipo de Sítio	Estela	Estado de Conservação	Bom
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Outros
Acessos	Igreja Paroquial de Santa Maria de Ulme, Ulme (onde se encontram expostas).		

Descrição	<p>Encontrado quando se deram os trabalhos de construção da atual Igreja Paroquial de Santa Maria de Ulme, presume-se que tenha vindo da Igreja de Santa Marta onde existia um grande número de sepulturas.</p> <p>Trata-se de um fragmento de uma estela quadrada, bem esculpida. Tem numa das faces dois triângulos sobrepostos (o hexalfa, variante do Signum Salmonis), que contém no centro uma estrela de cinco pontas, o pentalfa. Tudo isto em baixo relevo superior a 1cm. A estela foi cortada e como se observa na face foi reutilizada na soleira de uma porta, deste modo abriram-lhe uma cavidade onde girou a couceira. Na outra face, também em quadrado encontramos mais um quadrado em baixo relevo, no qual cada ângulo é substituído por um círculo, ao centro uma cruz radial.</p> <p>Estela em calcário com as seguintes medidas: 42 cm de altura; 38,5 cm de comprimento; 6,5 cm de espessura (MARQUES, 1989a).</p>
-----------	--

Bibliografia	MARQUES, Jaime Jorge (1989a) - <i>Estelas Funerárias da Vila de Ulme – Chamusca</i> . Chamusca: C.M. Chamusca.
--------------	--

Observações	Encontra-se exposta no Núcleo Museológico anexo à atual igreja de Ulme, catalogada na exposição com o N°5, cedida pelo Sr. Jaime Marques para esse efeito.
-------------	--

Registo Cartográfico

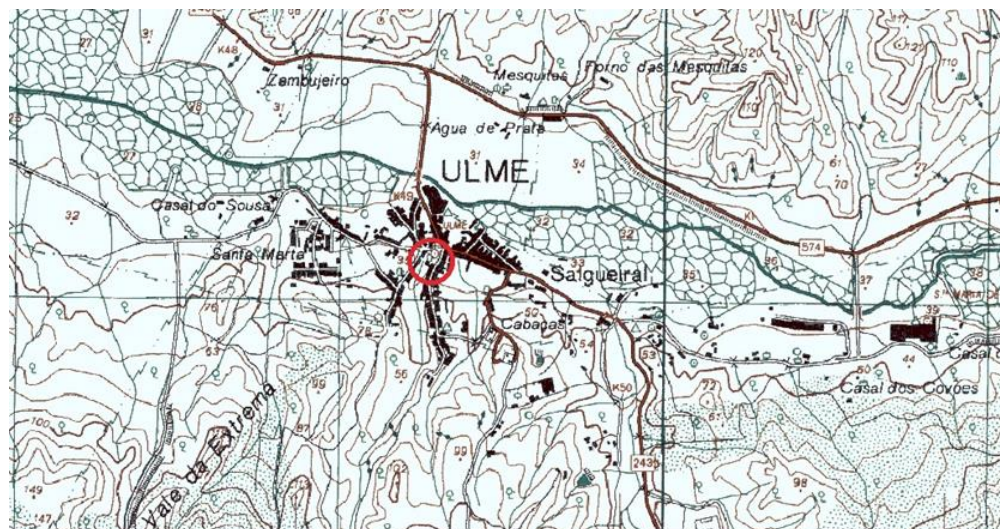


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2- Vista frontal da peça.



Ficha N°	83		
Designação	Estela Funerária N°6		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 35m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Medieval/ Moderno
Coordenada (N)	39°18'55.02"N	Coordenada (W)	8°25'46.35"W
Tipo de Sítio	Estela	Estado de Conservação	Bom
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Outros
Acessos	Igreja Paroquial de Santa Maria de Ulme, Ulme (onde se encontram expostas).		

Descrição	<p>Encontrado quando se deram os trabalhos de construção da atual Igreja Paroquial de Santa Maria de Ulme, presume-se que tenha vindo da Igreja de Santa Marta onde existia um grande número de sepulturas.</p> <p>Trata-se de um fragmento de uma estela discoide, bem esculpida. Contém numa das faces um círculo inscrito com uma estrela de cinco pontas, o pentalfa, também com um pequeno círculo inscrito. Na outra face, não se encontra qualquer traço.</p> <p>Estela em calcário com as seguintes medidas: 23,5 cm de altura; 15 cm de comprimento; 6 cm de espessura (MARQUES, 1989a).</p>
-----------	---

Bibliografia	MARQUES, Jaime Jorge (1989a) - <i>Estelas Funerárias da Vila de Ulme – Chamusca</i> . Chamusca: C.M. Chamusca.
--------------	--

Observações	Encontra-se exposta no Núcleo Museológico anexo à atual igreja de Ulme, catalogada na exposição com o N°14, cedida pelo Sr. Jaime Marques para esse efeito.
-------------	---

Registo Cartográfico

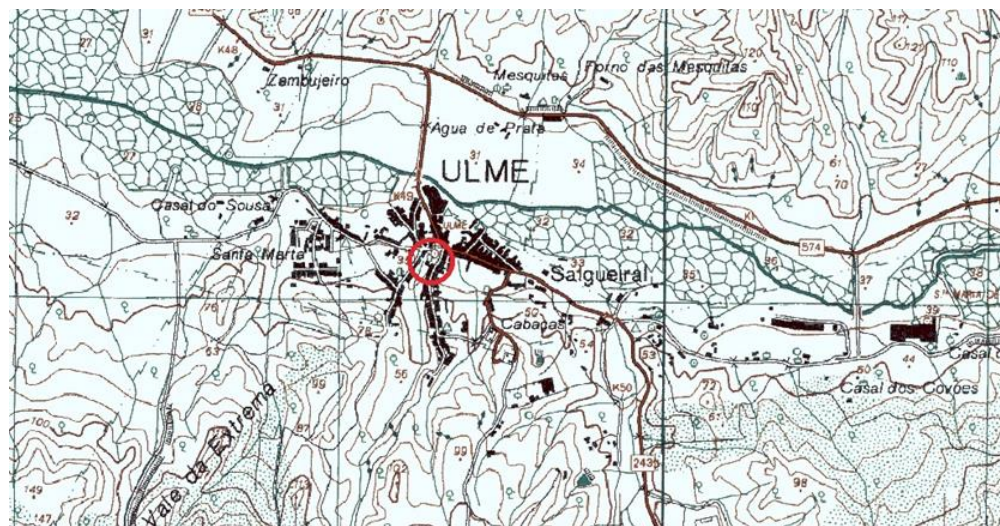


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico

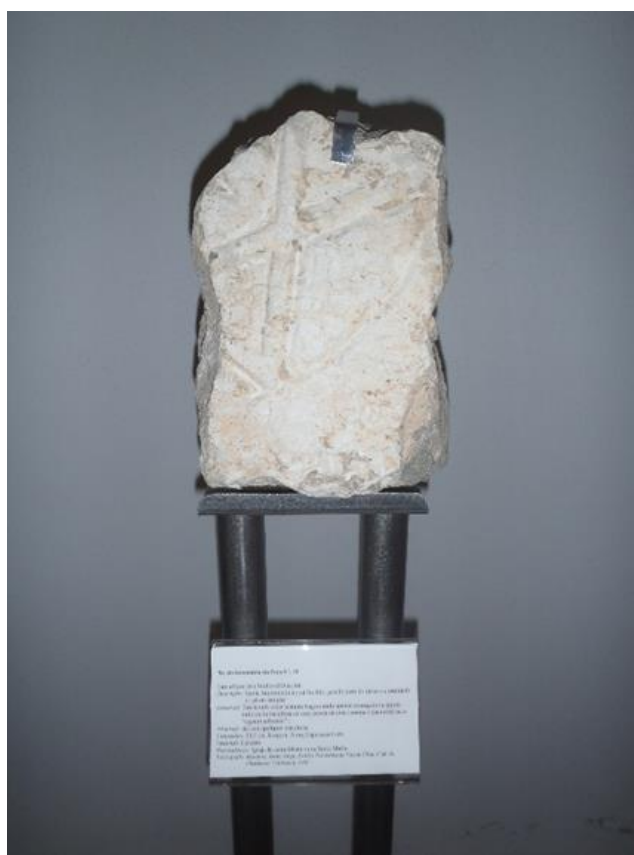


Figura 2- Vista frontal da peça.

Ficha N°	84		
Designação	Estela Funerária N°7		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 35m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Medieval/ Moderno
Coordenada (N)	39°18'55.02"N	Coordenada (W)	8°25'46.35"W
Tipo de Sítio	Estela	Estado de Conservação	Bom
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Outros
Acessos	Igreja Paroquial de Santa Maria de Ulme, Ulme (onde se encontram expostas).		

Descrição	<p>Encontrado quando se deram os trabalhos de construção da atual Igreja Paroquial de Santa Maria de Ulme, presume-se que tenha vindo da Igreja de Santa Marta onde existia um grande número de sepulturas.</p> <p>Trata-se de um fragmento de estela quadrada, bem esculpida. Contêm numa das faces uma cruz de braços iguais (tipo cruz grega). Está determinada por 4 semicírculos regulares, ao centro um ornato radial, uma estrela ou roseta de 8 pétalas. Na outra face, um semicírculo de traço duplo. Estela em calcário com as seguintes medidas: 23,2 cm de altura; 15 cm de comprimento; 7 cm de espessura (MARQUES, 1989a).</p>
-----------	--

Bibliografia	MARQUES, Jaime Jorge (1989a) - <i>Estelas Funerárias da Vila de Ulme – Chamusca</i> . Chamusca: C.M. Chamusca.
--------------	--

Observações	Encontra-se exposta no Núcleo Museológico anexo à atual igreja de Ulme, catalogada na exposição com o N°8, cedida pelo Sr. Jaime Marques para esse efeito.
-------------	--

Registo Cartográfico

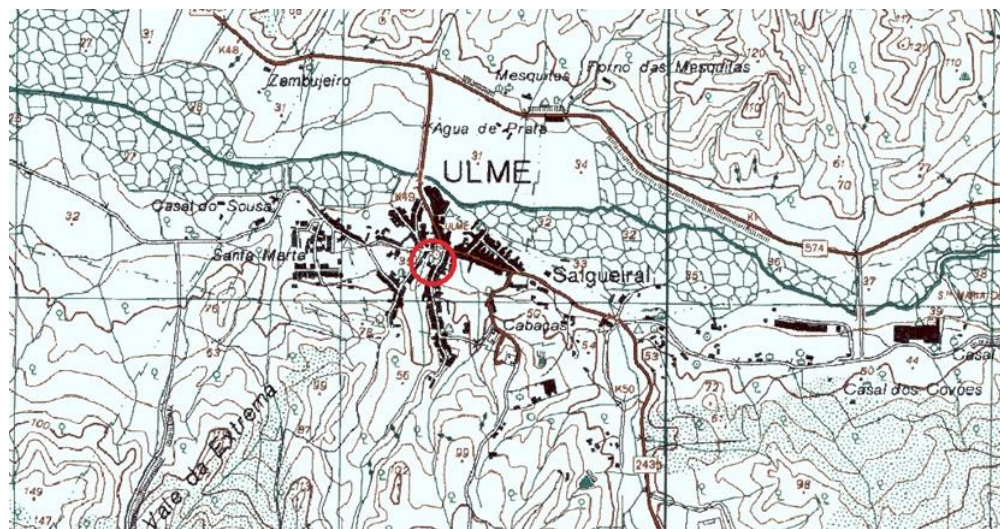


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2- Vista frontal da peça.

Ficha N°	85		
Designação	Estela Funerária N°8		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 35m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Medieval/ Moderno
Coordenada (N)	39°18'55.02"N	Coordenada (W)	8°25'46.35"W
Tipo de Sítio	Estela	Estado de Conservação	Bom
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Outros
Acessos	Igreja Paroquial de Santa Maria de Ulme, Ulme (onde se encontram expostas).		

Descrição	<p>Encontrado quando se deram os trabalhos de construção da atual Igreja Paroquial de Santa Maria de Ulme, presume-se que tenha vindo da Igreja de Santa Marta onde existia um grande número de sepulturas.</p> <p>Trata-se de uma estela quase completa, espigão toscamente trabalhado. Numa das faces apresenta uma concha bastante bem esculpida. Na outra face, podem verificar-se dois círculos, cada um com uma cruz de braços curvilíneos, a separar estes dois círculos encontramos o que consideramos ser a Cruz de Santo André.</p> <p>Estela em calcário com as seguintes medidas: 57,7 cm de altura; 24,7 cm de comprimento; 8,9 cm de espessura (MARQUES, 1989a).</p>
-----------	--

Bibliografia	MARQUES, Jaime Jorge (1989a) - <i>Estelas Funerárias da Vila de Ulme – Chamusca</i> . Chamusca: C.M. Chamusca.
--------------	--

Observações	Encontra-se exposta no Núcleo Museológico anexo à atual igreja de Ulme, catalogada na exposição com o N°15, cedida pelo Sr. Jaime Marques para esse efeito.
-------------	---



Registo Cartográfico

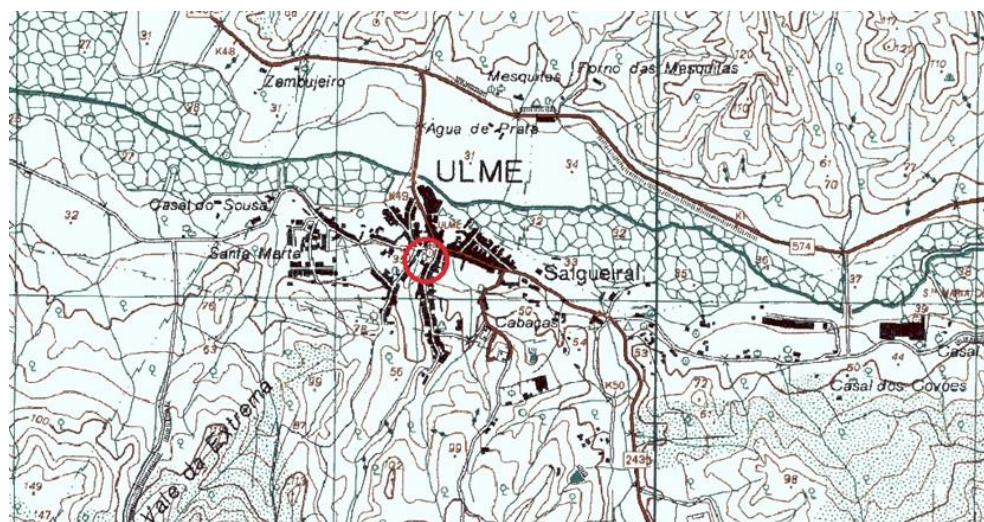


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2- Vista frontal da peça.

Ficha N°	86		
Designação	Estela Funerária N°9		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 35m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Medieval/ Moderno
Coordenada (N)	39°18'55.02"N	Coordenada (W)	8°25'46.35"W
Tipo de Sítio	Estela	Estado de Conservação	Bom
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Outros
Acessos	Igreja Paroquial de Santa Maria de Ulme, Ulme (onde se encontram expostas).		

Descrição	<p>Encontrado quando se deram os trabalhos de construção da atual Igreja Paroquial de Santa Maria de Ulme, presume-se que tenha vindo da Igreja de Santa Marta onde existia um grande número de sepulturas.</p> <p>Trata-se de uma estela quase completa, sem espigão. Numa das faces observamos uma cruz latina com alguns traços mal definidos. Na outra face, mais alguns traços que não conseguimos definir. Esta estela foi também reutilizada, tendo servindo como soleira de porta pelo que lhe abriram uma cavidade onde girou a couceira. Esta utilização fez com que as esculturas fossem gastas e daí a dificuldade na sua leitura, parecem-nos, no entanto, traços iniciais em cursivo séc.: XVI.</p> <p>Estela em calcário com as seguintes medidas: 29 cm de altura; 22,2 cm de comprimento; 8 cm de espessura (MARQUES, 1989a).</p>
-----------	--

Bibliografia	<p>MARQUES, Jaime Jorge (1989a) - <i>Estelas Funerárias da Vila de Ulme – Chamusca</i>. Chamusca: C.M. Chamusca.</p>
--------------	--

Observações	<p>Encontra-se exposta no Núcleo Museológico anexo à atual igreja de Ulme, catalogada na exposição com o N°4, cedida pelo Sr. Jaime Marques para esse efeito.</p>
-------------	---



Registo Cartográfico

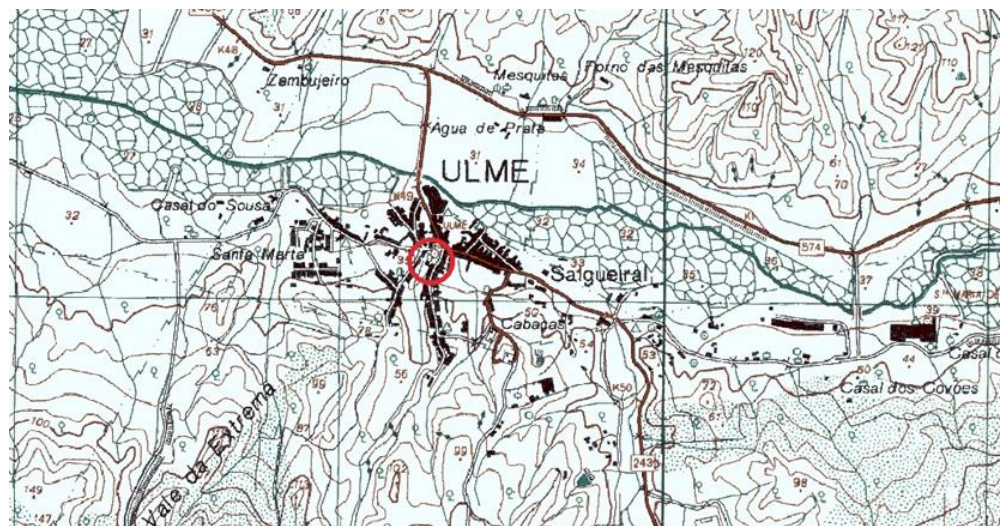


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2- Vista frontal da peça.

Ficha N°	87		
Designação	Estela Funerária N°10		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 35m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Medieval/ Moderno
Coordenada (N)	39°18'55.02"N	Coordenada (W)	8°25'46.35"W
Tipo de Sítio	Estela	Estado de Conservação	Bom
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Outros
Acessos	Igreja Paroquial de Santa Maria de Ulme, Ulme (onde se encontram expostas).		

Descrição	<p>Encontrado quando se deram os trabalhos de construção da atual Igreja Paroquial de Santa Maria de Ulme, presume-se que tenha vindo da Igreja de Santa Marta onde existia um grande número de sepulturas.</p> <p>Trata-se de uma estela quase completa, que é a maior da coleção. Numa das faces apresenta uma cruz latina com um pequeno círculo no centro, donde sai uma corrente composta por vários anéis. Na outra face, encontramos uma circunferência com decoração esculpida, donde saem 8 raios que se vão encontrar com outros tantos semicírculos. Esta estela parece ter sido o reaproveitamento de uma tampa de sepultura, estela esta em calcário (MARQUES, 1989a).</p>
-----------	---

Bibliografia	MARQUES, Jaime Jorge (1989a) - <i>Estelas Funerárias da Vila de Ulme – Chamusca</i> . Chamusca: C.M. Chamusca.
--------------	--

Observações	Encontra-se exposta no Núcleo Museológico anexo à atual igreja de Ulme, cedida pelo Sr. Jaime Marques para esse efeito.
-------------	---

Registo Cartográfico

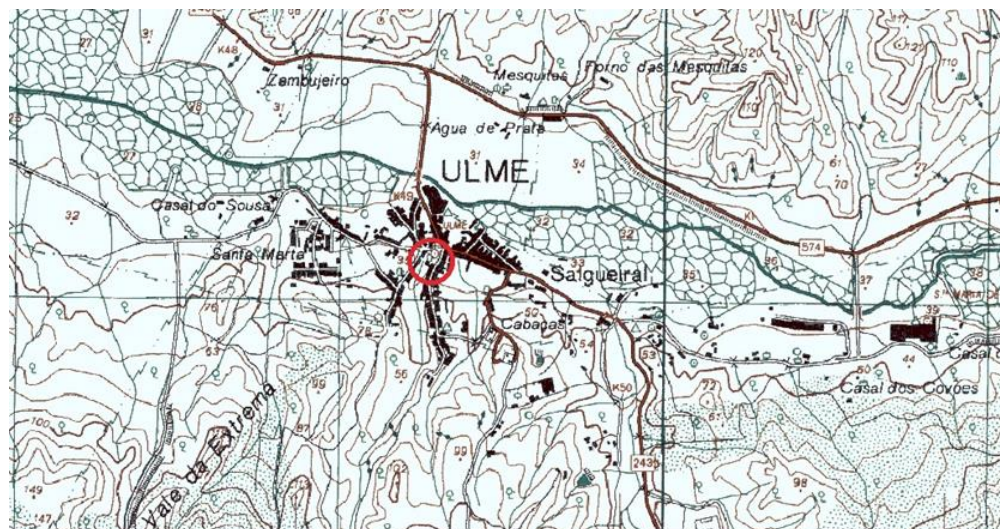


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2- Vista frontal da peça.

Ficha N°	88		
Designação	Estela Funerária N°11		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 35m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Medieval/ Moderno
Coordenada (N)	39°18'55.02"N	Coordenada (W)	8°25'46.35"W
Tipo de Sítio	Estela	Estado de Conservação	Bom
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Outros
Acessos	Igreja Paroquial de Santa Maria de Ulme, Ulme (onde se encontram expostas).		

Descrição	<p>Encontrado quando se deram os trabalhos de construção da atual Igreja Paroquial de Santa Maria de Ulme, presume-se que tenha vindo da Igreja de Santa Marta onde existia um grande número de sepulturas.</p> <p>Trata-se de uma estela também fragmentada. Face com reaproveitamento e desbaste da gravura, o que leva a difícil interpretação do emblema. Na outra face, encontramos uma cruz com um quadrado ao centro, enquanto a vertical superior e inferior terminam com flor de liz, muito estilizada e em relevo. Estela bastante bem trabalhada.</p> <p>Estela em calcário com as seguintes medidas: 34,5 cm de altura; 32,3 cm de comprimento; 7 cm de espessura (MARQUES, 1989a).</p>
-----------	---

Bibliografia	<p>MARQUES, Jaime Jorge (1989a) - <i>Estelas Funerárias da Vila de Ulme – Chamusca</i>. Chamusca: C.M. Chamusca.</p>
--------------	--

Observações	<p>Encontra-se exposta no Núcleo Museológico anexo à atual igreja de Ulme, catalogada na exposição com o N°9, cedida pelo Sr. Jaime Marques para esse efeito.</p>
-------------	---



Registo Cartográfico

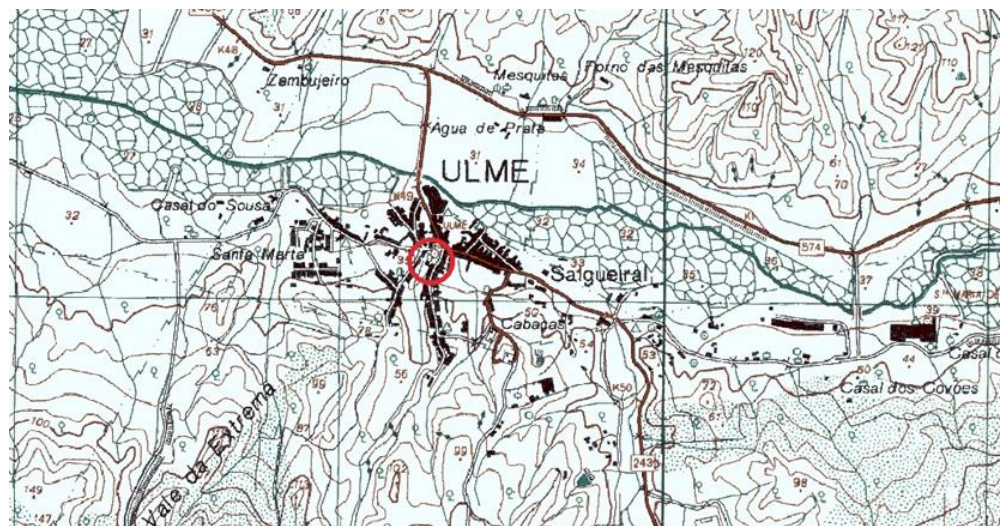


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico

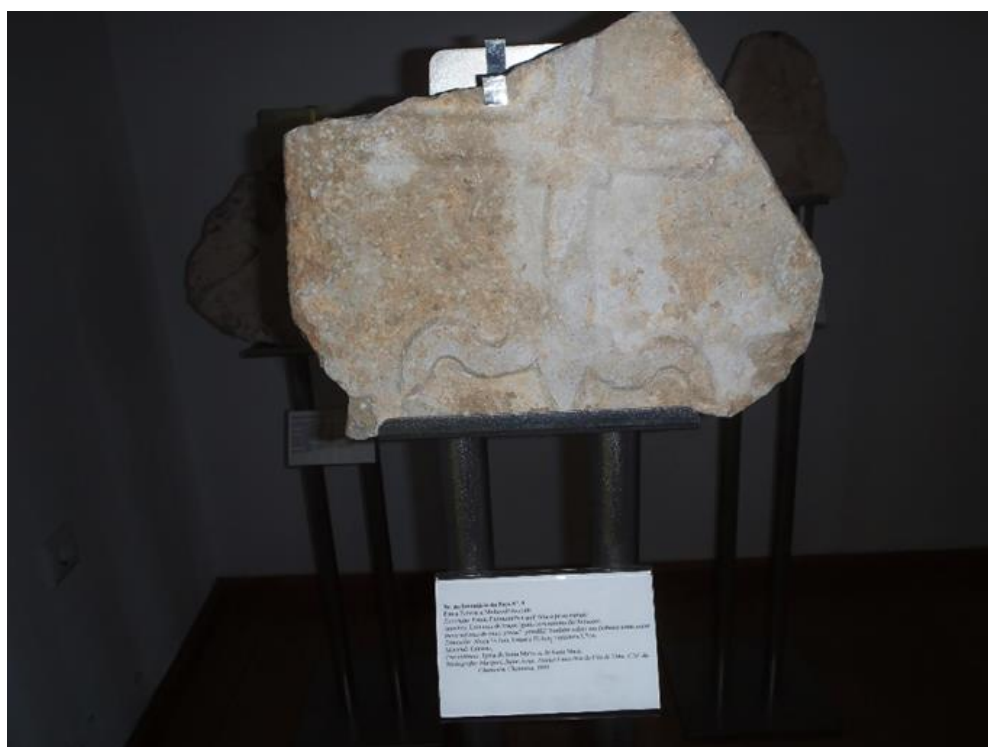


Figura 2- Vista frontal da peça.

Ficha N°	89		
Designação	Estela Funerária N°12		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 35m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Medieval/ Moderno
Coordenada (N)	39°18'55.02"N	Coordenada (W)	8°25'46.35"W
Tipo de Sítio	Estela	Estado de Conservação	Bom
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Outros
Acessos	Igreja Paroquial de Santa Maria de Ulme, Ulme (onde se encontram expostas).		

Descrição	<p>Encontrado quando se deram os trabalhos de construção da atual Igreja Paroquial de Santa Maria de Ulme, presume-se que tenha vindo da Igreja de Santa Marta onde existia um grande número de sepulturas.</p> <p>Trata-se de uma estela discoide bastante bem esculpida. Tem numa das faces a estrela de cinco pontas, pentalfa, em baixo relevo, contendo no centro uma pequena flor semelhante à flor do linho. Na outra face, encontramos a cruz da ordem de cristo, tendo ao centro ainda uma cruz de braços iguais (tipo grega). Todos estes símbolos encontram-se no interior de um círculo. Estela sem espigão.</p> <p>Estela em calcário com as seguintes medidas: 35 cm de altura; 32 cm de comprimento; 6 cm de espessura (MARQUES, 1989a).</p>
-----------	---

Bibliografia	MARQUES, Jaime Jorge (1989a) - <i>Estelas Funerárias da Vila de Ulme – Chamusca</i> . Chamusca: C.M. Chamusca.
--------------	--

Observações	Encontra-se exposta no Núcleo Museológico anexo à atual igreja de Ulme, catalogada na exposição com o N°2, cedida pelo Sr. Jaime Marques para esse efeito.
-------------	--

Registo Cartográfico

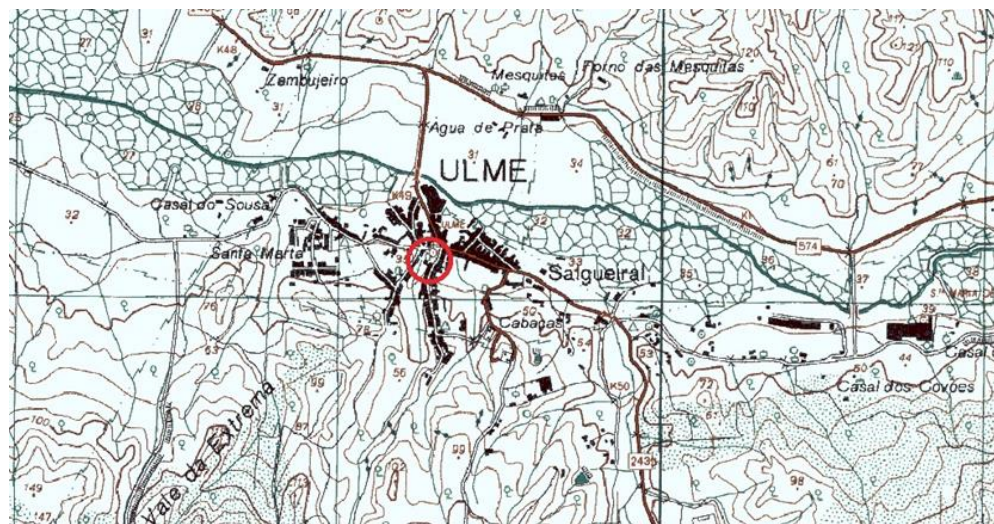


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2- Vista frontal da peça.



Ficha N°	90		
Designação	Estela Funerária N°13		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 35m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Medieval/ Moderno
Coordenada (N)	39°18'55.02"N	Coordenada (W)	8°25'46.35"W
Tipo de Sítio	Estela	Estado de Conservação	Bom
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Outros
Acessos	Igreja Paroquial de Santa Maria de Ulme, Ulme (onde se encontram expostas).		

Descrição	<p>Encontrado quando se deram os trabalhos de construção da atual Igreja Paroquial de Santa Maria de Ulme, presume-se que tenha vindo da Igreja de Santa Marta onde existia um grande número de sepulturas.</p> <p>Trata-se de uma estela discoide fragmentada, um pouco diferente das anteriores. Tem numa das faces dois triângulos sobrepostos (o hexalfa – variante do signum-salmonis, também conhecido por símbolo mosaico), ao centro contém uma cruz peltada. Na outra face, encontramos mais uma cruz da Ordem de cristo, contendo no centro uma cruz de braços iguais (tipo grega). Todos estes símbolos encontram-se no interior de um círculo e bastante bem trabalhados.</p> <p>Estela em calcário com as seguintes medidas: 33,2 cm de altura; 36,6 cm de comprimento; 7 cm de espessura (MARQUES, 1989a).</p>
-----------	--

Bibliografia	MARQUES, Jaime Jorge (1989a) - <i>Estelas Funerárias da Vila de Ulme – Chamusca</i> . Chamusca: C.M. Chamusca.
--------------	--

Observações	Encontra-se exposta no Núcleo Museológico anexo à atual igreja de Ulme, catalogada na exposição com o N°3, cedida pelo Sr. Jaime Marques para esse efeito.
-------------	--

Registo Cartográfico

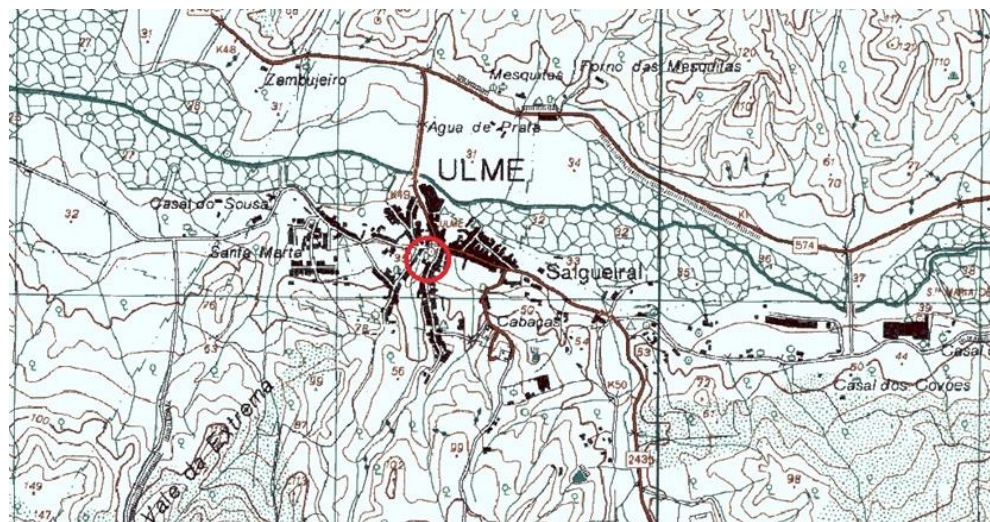


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2- Vista frontal da peça.

Ficha N°	91		
Designação	Estela Funerária N°14		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 35m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Medieval/ Moderno
Coordenada (N)	39°18'55.02"N	Coordenada (W)	8°25'46.35"W
Tipo de Sítio	Estela	Estado de Conservação	Bom
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Outros
Acessos	Igreja Paroquial de Santa Maria de Ulme, Ulme (onde se encontram expostas).		

Descrição	<p>Estela encontrada com os trabalhos realizados nos terrenos da ermida de Nossa Senhora da Conceição no Pinhão, sendo cedida pelo dono dos terrenos, Sr. Lopes da Costa. Passou a integrar a coleção de estelas funerárias que se encontram expostas no Núcleo Museológica da Igreja de Santa Maria de Ulme.</p> <p>Trata-se de um fragmento de uma estela que lhe falta quase a totalidade do disco, e parte do pé ou espigão. É possível observar que se encontra bem trabalhada.</p> <p>Estela com uma pequena haste flor estilizada, acompanhada por uma pequena folha. O reverso da estela não é muito perceptível, sendo só possível observar dois semicírculos.</p> <p>Estela em calcário com as seguintes medidas: 45 cm de altura; 32 cm de comprimento; 9,5 cm de espessura.</p>
-----------	---

Bibliografia	Peça Inédita.
--------------	---------------

Observações	Encontra-se exposta no Núcleo Museológico anexo à atual igreja de Ulme, catalogada na exposição com o N°12, cedida pelo Sr. Lopes da Costa.
-------------	---

Registo Cartográfico

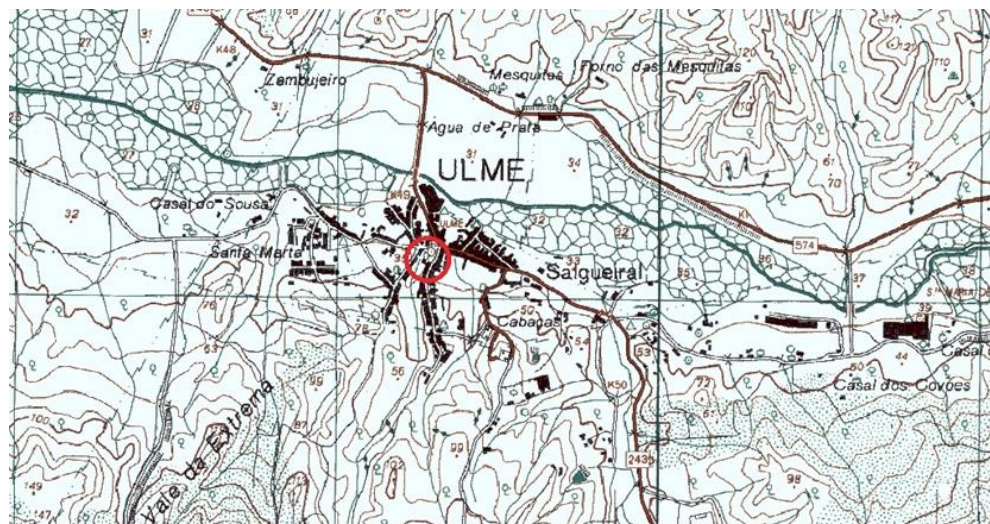


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2- Vista frontal da peça.

Ficha N°	92		
Designação	Inscrição Moderna		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 35m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Medieval/ Moderno
Coordenada (N)	39°18'55.02"N	Coordenada (W)	8°25'46.35"W
Tipo de Sítio	Estela	Estado de Conservação	Bom
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Outros
Acessos	Igreja Paroquial de Santa Maria de Ulme, Ulme (onde se encontram expostas).		

Descrição	<p>Encontra-se também exposto no Núcleo Museológico da Igreja Paroquial de Santa Maria de Ulme, uma inscrição com caracteres modernos que se encontra legendada dos finais do séc.: XV.</p> <p>Esta peça faz parte de um conjunto de fragmentos de lápides. Na sua maioria a leitura não nos é apresentada, mas tratam-se, efetivamente, de inscrições de apresentação, de súplicas, de louvor, de posse e sepulcral (MARQUES, 2002, p. 105-107).</p>
-----------	---

Bibliografia	<p>MARQUES, Jaime Jorge (2002) - <i>Ulme: Uma Vila: A História E Suas Tradições: Monografia</i>. Ulme: Junta de Freguesia do Ulme</p>
--------------	---

Observações	<p>Os restantes fragmentos deste tipo de inscrições encontram-se depositados na Igreja de Santa Maria de Ulme, mas não expostos.</p>
-------------	--



Registo Cartográfico

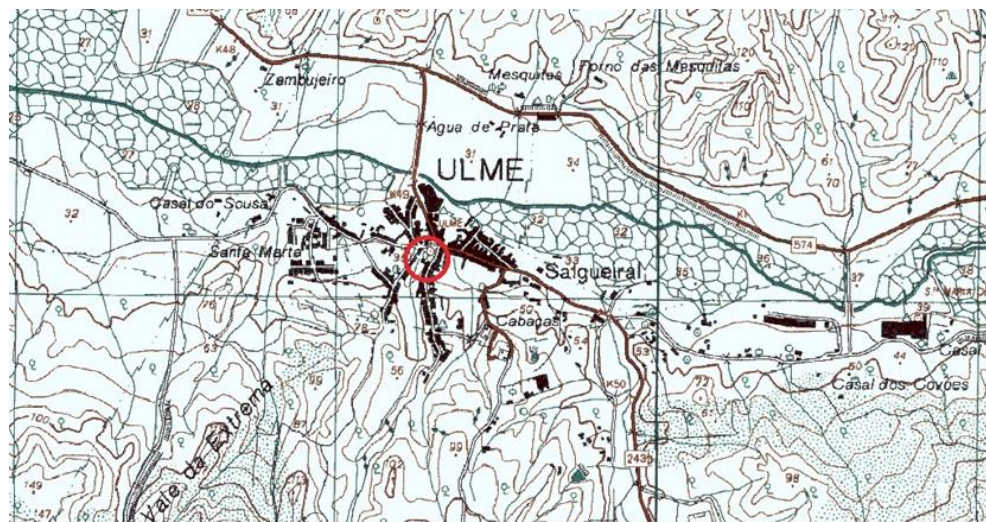


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2- Vista frontal da peça.



Ficha N°	93		
Designação	Celeiro Paroquial		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 35m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Moderno
Coordenada (N)	39°18'55.35"N	Coordenada (W)	8°25'45.31"W
Tipo de Sítio	Edifício	Estado de Conservação	Mau
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Agentes Climáticos
Acessos	Largo José Nicolau Ferreira, n° 14, Ulme.		

Descrição	<p>Foi possível identificar na verga de uma das portas que dá acesso ao estabelecimento <i>Taberna Pintassilgo</i> uma inscrição que faz alusão à existência de um celeiro paroquial. A tradução e leitura da inscrição é a seguinte, passando a citar (MARQUES, 2002, p. 193):</p> <p style="text-align: center;"><i>S IECELROMA~DOV FAZERORDOPRIOR OAO~PA LHABOTELHOQVALDEXASEVOS DREcPASEMP CO BRIGACAODE20 MISASEMCDAI</i></p> <p><i>Esta é a inscrição tal como está escrita, salvo a falta de alguns caracteres que não existem. Como se deve ler:</i></p> <p style="text-align: center;"><i>S IE/CELRO/MA~DOV/FAZER/O/RDO/PRIOR/ Mudança de linha OAO~/PALHA/BOTELHO/O/QVAL/DEXA/SEVO Mudança de linha DRE/PA/SEMP/CO/BRIGACAO/DE/20/MISAS/EM/CAD/AI Leitura actual: (E) STE CEL [EI] RO MANDOU FAZER O R [EVE] R [EN] DO PRIOR (J) OÃO PALHA BOTELHO O QUAL DE [I] XA [OS] SEUS D [I] RE [ITOS] PA [RA] SEMP [RE] CO [M] [A] [O] BRIGAÇÃO DE 20 MIS [S] AS EM CAD [A] A [NO]</i></p> <p>Este celeiro passou mais tarde para a pose da Casa das Rainhas. A inscrição data do séc.: XVII, pois João Palha Botelho foi prior em Ulme e faleceu em 1650 (MARQUES, 2002, p. 194). Atualmente, a inscrição encontra-se pintada de vermelho por cima e não é possível elaborar a sua leitura.</p>
-----------	--

Bibliografia	MARQUES, Jaime Jorge (2002) - <i>Ulme: Uma Vila: A História E Suas Tradições: Monografia</i> . Ulme: Junta de Freguesia do Ulme
--------------	---

Observações	
-------------	--

Registo Cartográfico

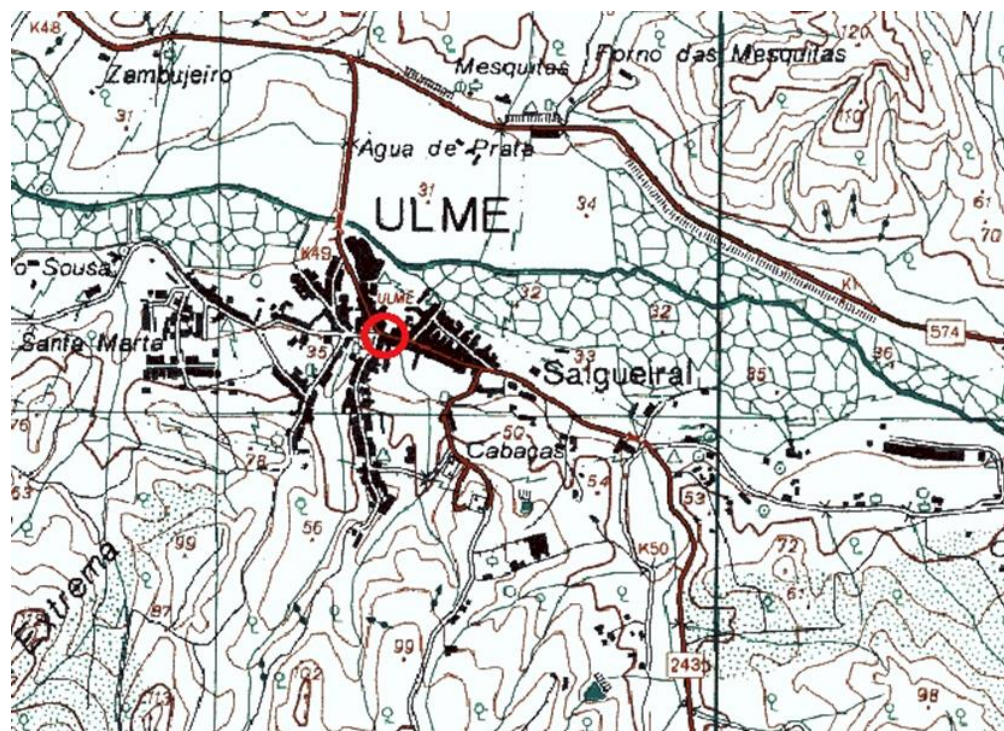


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2- Vista do edifício.



Figura 3- Pormenor do local onde se encontra a inscrição coberta com tinta vermelha.

Ficha N°	94		
Designação	Casa da Força		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	
CNS		IPA	25351
			Altitude (m) 35m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Moderno
Coordenada (N)	39°18'56.50"N	Coordenada (W)	8°25'45.75"W
Tipo de Sítio	Edifício	Estado de Conservação	Outros
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Agentes Climáticos
Acessos	Largo José Nicolau Ferreira, n.º 9 a 15, Ulme		

Descrição	<p>Segundo a população local e as fontes escritas (MARQUES, 2002), este edifício teria pertencido aos donatários de Ulme e Chamusca, os Silva (séc.: XV). Mais tarde foi reutilizado para a utilização de funções administrativas quando este local foi elevado a Vila em 1561. Foi lá que se instalou a Câmara Municipal de Ulme até ser extinta em 1855.</p> <p>Atualmente, o edifício é uma casa habitacional, completamente remodelada e reestruturada a fachada principal.</p> <p>É possível observar que o edifício apresenta uma planta de dois andares e numa das fachadas apresenta um brasão. Junto ao portão de metal que dá acesso a uma pequena escadaria de passagem ao andar de cima é possível ser observado uma pequena sineira e uma torre que se destacam em todo o edifício.</p>
-----------	--

Bibliografia	<p>MARQUES, Jaime Jorge (2002) - <i>Ulme: Uma Vila: A História E Suas Tradições: Monografia</i>. Ulme: Junta de Freguesia do Ulme</p>
--------------	---

Observações	Propriedade privada.
-------------	----------------------

Registo Cartográfico

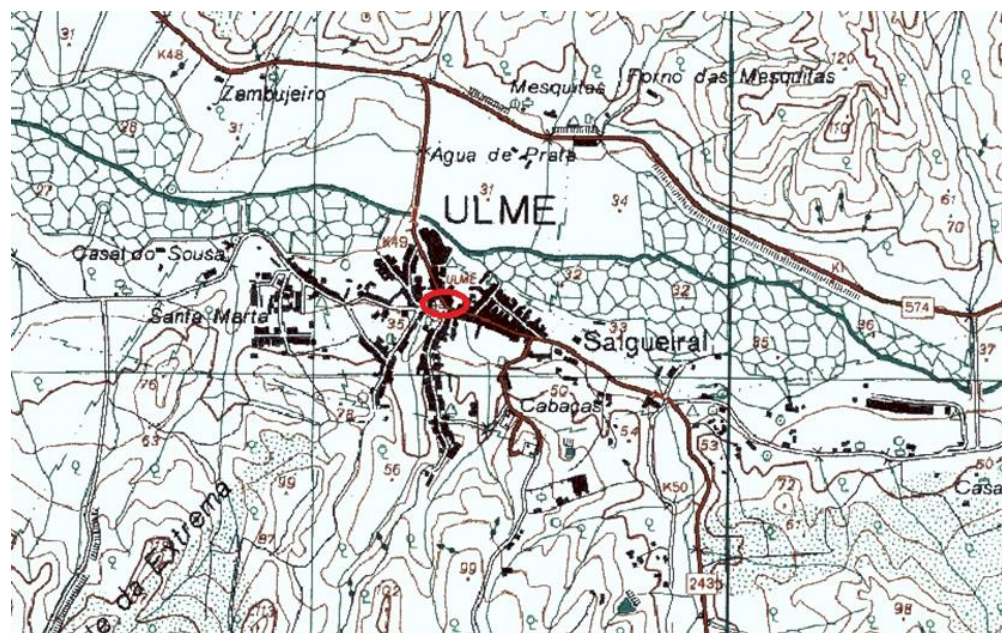


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2- Vista exterior do edifício.



Ficha N°	95		
Designação	Ermida das Balsas		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	
CNS		IPA	25358
			Altitude (m) 75m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Indeterminado/ Moderno (?)
Coordenada (N)	39°19'22.87"N	Coordenada (W)	8°22'30.31"W
Tipo de Sítio	Ermida	Estado de Conservação	Bom
Uso do Solo	Florestal	Ameaças	Agentes Climáticos
Acessos	EM 574 (Ulme-Semideiro), lugar Balsas.		

Descrição	<p>Este edifício existe no Casal das Balsas, situando-se a meia encosta. A data da sua construção não é conclusiva. A data da sua construção primitiva poderá remontar à época Moderna, devido à possibilidade da existência deste mesmo casal durante a modernidade, pois no séc.: XV na doação de Ulme a Rui Gomes da Silva estavam incluídos “<i>todos os seus sotos, honras, matas, herdades, casais, moinhos [...] pontes, rios, ribeiros, portos, pescarias</i>”, etc. (SAMOUÇO, 2001, p. 174).</p> <p>Atualmente, o casal das Balsas pertence à família Amaral Neto.</p> <p>A ermida apresenta uma planta longitudinal, de uma só nave com uma fachada frontal e com um portal trabalhado em pedra em arco ogival com arquivolta. Do lado esquerdo, no topo da mesma, é possível observar uma sineira com uma cruz de pedra. O rebordo da ermida é pintado com uma faixa azul. É possível encontrar embutido a meio da fachada principal uma pequena lapide com umas figuras esculpidas e com uma inscrição que faz alusão às almas. A sua leitura é difícil devido à falta de caracteres e ao desgaste da lápide.</p>
-----------	---

Bibliografia	<p>SAMOUÇO DA FONSECA J.J. (2001) - <i>História da Chamusca, das origens a 1643</i>. Volume I. Chamusca: C.M. Chamusca; TECEDDEIRO, Luís António Vaz (1999) – <i>A Religião pelo Concelho da Chamusca – Igrejas e Capelas</i>. Vol. III. Alpiarça: GARRIDO artes gráficas.</p>
--------------	--

Observações	Propriedade privada.
-------------	----------------------

Registo Cartográfico

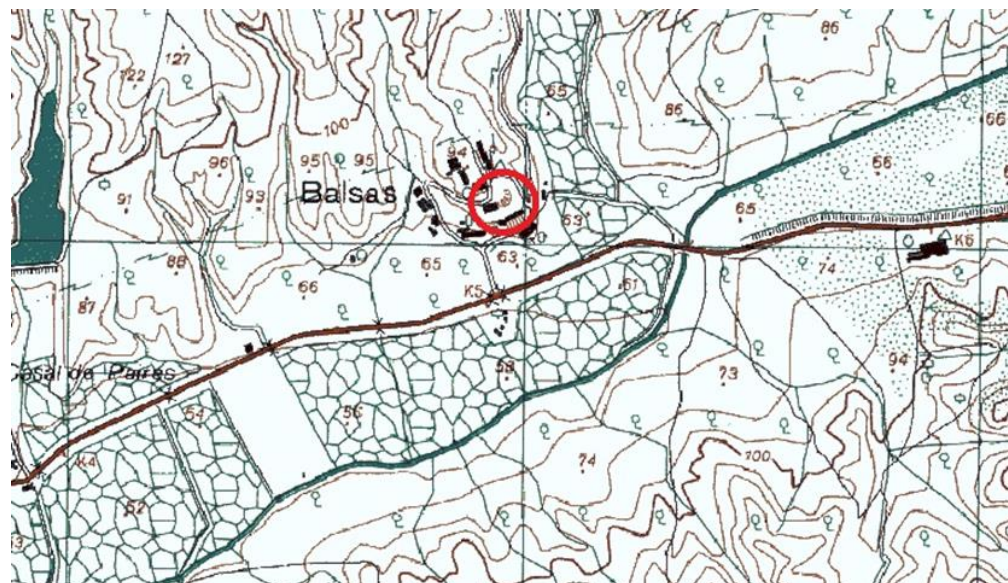


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2- Vista exterior da ermida.



Figura 3- Pormenor da placa embutida na fachada da ermida.



Ficha N°	96		
Designação	Ermida de Santa Margarida		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	Capela dos Pereiras
CNS		IPA	6311
			Altitude (m) 43m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Indeterminado/ Moderno (?)
Coordenada (N)	39°19'22.95"N	Coordenada (W)	8°28'31.21"W
Tipo de Sítio	Ermida	Estado de Conservação	Bom
Uso do Solo	Florestal	Ameaças	Agentes Climáticos
Acessos	EN 118 (Alpiarça-Chamusca), ao km 94 no cruzamento cortar à esquerda em direção a Ulme, entrando no primeiro desvio em terra batida à esquerda para o Casal do Pereiro.		

Descrição	<p>Este edifício existe no Casal dos Pereiras, situando-se no topo de um cabeço na sua plataforma. A data da sua construção não é conclusiva. A data da sua construção primitiva poderá remontar à época Moderna, devido à possibilidade da existência deste mesmo casal durante a modernidade, pois no séc.: XV na doação de Ulme a Rui Gomes da Silva estavam incluídos “<i>todos os seus soutos, honras, matas, herdades, casais, moinhos [...] pontes, rios, ribeiros, portos, pescarias</i>”, etc. (SAMOUCO, 2001, p. 174).</p> <p>Atualmente, o casal pertence à família Lopes da Costa e o acesso à ermida é feito pelo interior do casal, através de uma escadaria que sobe toda a encosta do cabeço até ao seu topo.</p> <p>A ermida apresenta uma planta longitudinal, de uma só nave, com uma pequena sacristia adossada. É possível observar, também, um alpendre adossado com piso em tijoleira, rodeado por um muro branco com um banco em pedra em ambos os lados do muro.</p> <p>A fachada principal é terminada por um frontão de volutas, com cunhais laterais que terminam no topo com uma cruz. O alpendre em frente ao portal é retangular, em pedra e apoiado em colunas de fuste redondo com capitéis toscanos.</p>
-----------	--

Bibliografia	<p>SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2001) - <i>História da Chamusca, das origens a 1643</i>. Volume I. Chamusca: C.M. Chamusca; TECEDDEIRO, Luís António Vaz (1999) – <i>A Religião pelo Concelho da Chamusca – Igrejas e Capelas</i>. Vol. III. Alpiarça: GARRIDO artes gráficas.</p>
--------------	--

Observações	Propriedade privada.
-------------	----------------------

Registo Cartográfico

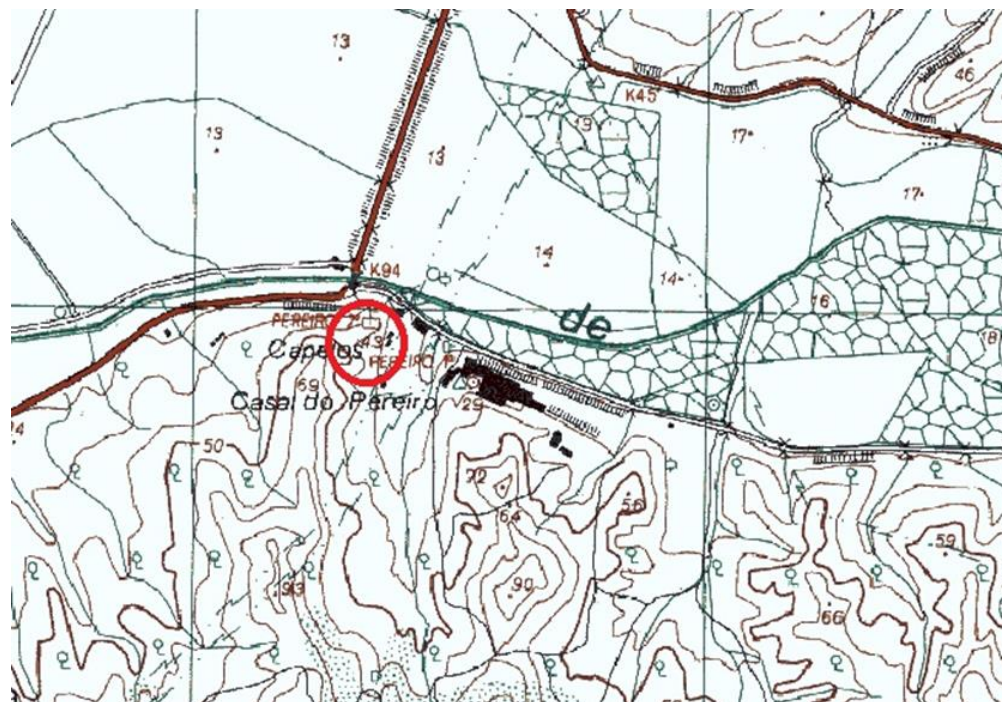


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2- Vista exterior da ermida.

Ficha N°	97		
Designação	Moinho do Carregal		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 17m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Indeterminado/ Moderno (?)
Coordenada (N)	39°19'34.51"N	Coordenada (W)	8°27'48.57"W
Tipo de Sítio	Moinho	Estado de Conservação	Destruído
Uso do Solo	Agrícola Baldio	Ameaças	Agricultura
Acessos	EN 243 (Chamusca-Ulme), entre o km 45 e 46, no lado oposto à entrada do lugar Carregal.		

Descrição	<p>Este engenho fazia parte do conjunto de engenhos hidráulicos localizados ao longo da Ribeira de Ulme. Os moinhos de rodízio implantados nas margens da Ribeira de Ulme são caracterizados pela sua antiguidade. Já eram conhecidos nos finais do séc.: XIV, tendo sido arrendados a Maria Pires (MARQUES, 2002, p. 123). Uma das menções a estes moinhos é feita nos finais séc.: XV, aquando da doação de Ulme a Rui Gomes da Silva, onde estavam incluídos “<i>todos os seus soutos, honras, matas, herdades, casais, moinhos [...] pontes, rios, ribeiros, portos, pescarias</i>”, etc. (SAMOUCO, 2001, p. 174).</p> <p>Este engenho já não se encontra no local tendo sido demolido, contudo, é possível observar vestígios através dos restos de tijolo no local, bem como o portal em pedra da porta do mesmo moinho.</p> <p>Relativamente à atribuição de uma cronologia da fundação do moinho, a partir da documentação consultada, não nos foi possível chegar a uma conclusão sobre a época em que este foi erguido. A documentação existente não é clara, nem precisa, no que diz respeito a esta matéria, no entanto, a partir da descrição da doação feita nos finais do séc.: XV é possível que este moinho fizesse parte dos doados.</p>
-----------	--

Bibliografia	<p>COELHO, António Matias (1995) – <i>Cadernos da Ascensão. A Água</i>. Chamusca: Câmara Municipal da Chamusca; SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2001) - <i>História da Chamusca, das origens a 1643</i>. Volume I. Chamusca: C.M. Chamusca; MARQUES, Jaime Jorge (2002) - <i>Ulme: Uma Vila: A História E Suas Tradições: Monografia</i>. Ulme: Junta de Freguesia do Ulme.</p>
--------------	--

Observações	Propriedade privada.
-------------	----------------------



Registo Cartográfico

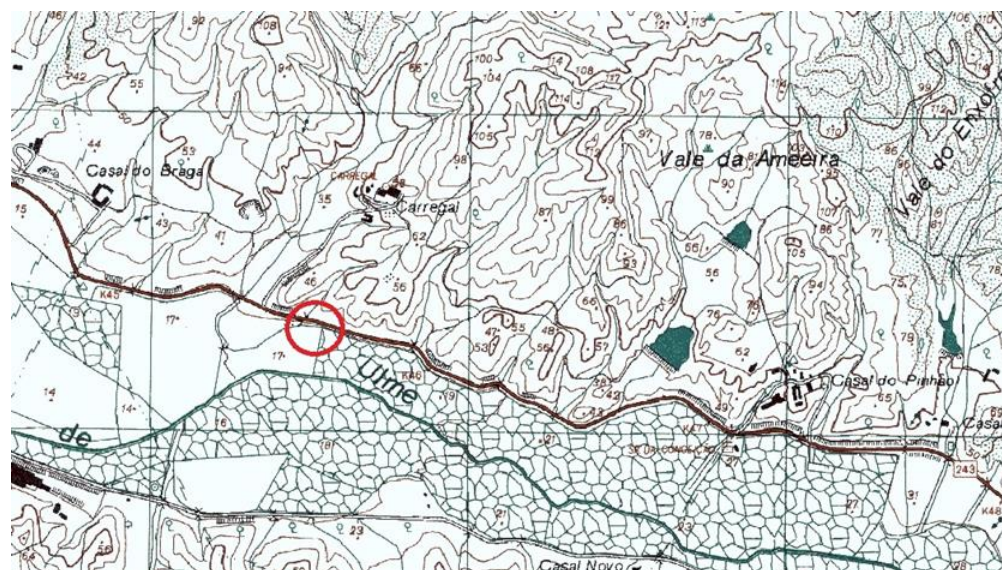


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2- Vista exterior da ermida.

Ficha N°	98		
Designação	Moinho da Laranjeira de Baixo		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 19m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Indeterminado/ Moderno (?)
Coordenada (N)	39°19'29.18"N	Coordenada (W)	8°27'26.49"W
Tipo de Sítio	Moinho	Estado de Conservação	Destruído
Uso do Solo	Agrícola Baldio	Ameaças	Agricultura
Acessos	EN 243 (Chamusca-Ulme), um pouco depois do km 46 do lado da ribeira, zona de candiais.		

Descrição	<p>Este engenho fazia parte do conjunto de engenhos hidráulicos localizados ao longo da Ribeira de Ulme. Os moinhos de rodízio implantados nas margens da Ribeira de Ulme são caracterizados pela sua antiguidade. Já eram conhecidos nos finais do séc.: XIV, tendo sido arrendados a Maria Pires (MARQUES, 2002, p. 123). Uma das menções a estes moinhos é feita nos finais séc.: XV, aquando da doação de Ulme a Rui Gomes da Silva, onde estavam incluídos “<i>todos os seus soutos, honras, matas, herdades, casais, moinhos [...] pontes, rios, ribeiros, portos, pescarias</i>”, etc. (SAMOUCO, 2001, p. 174).</p> <p>Este engenho já não se encontra no local tendo sido demolido.</p> <p>Relativamente à atribuição de uma cronologia da fundação do moinho, a partir da documentação consultada, não nos foi possível chegar a uma conclusão sobre a época em que este foi erguido. A documentação existente não é clara, nem precisa, no que diz respeito a esta matéria, no entanto, a partir da descrição da doação feita nos finais do séc.: XV é possível que este moinho fizesse parte dos doados.</p>
-----------	---

Bibliografia	<p>COELHO, António Matias (1995) – <i>Cadernos da Ascensão. A Água</i>. Chamusca: Câmara Municipal da Chamusca; SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2001) - <i>História da Chamusca, das origens a 1643</i>. Volume I. Chamusca: C.M. Chamusca; MARQUES, Jaime Jorge (2002) - <i>Ulme: Uma Vila: A História E Suas Tradições: Monografia</i>. Ulme: Junta de Freguesia do Ulme.</p>
--------------	--

Observações	Propriedade privada.
-------------	----------------------

Registo Cartográfico

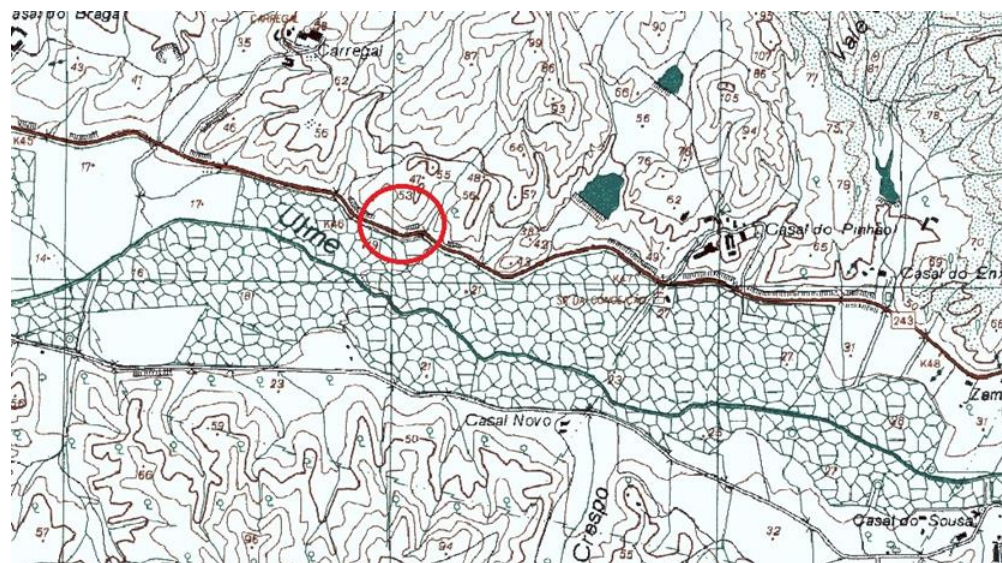


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Ficha N°	99		
Designação	Moinho do Pinhão		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 27m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Indeterminado/ Moderno (?)
Coordenada (N)	39°19'21.96"N	Coordenada (W)	8°26'46.01"W
Tipo de Sítio	Moinho	Estado de Conservação	Destruído
Uso do Solo	Agrícola Baldio	Ameaças	Agricultura
Acessos	EN 243 (Chamusca-Ulme), ao km 47 virar para o lado esquerdo pela estrada de terra batida em direção do edifício.		

Descrição	<p>Este engenho fazia parte do conjunto de engenhos hidráulicos localizados ao longo da Ribeira de Ulme. Os moinhos de rodízio implantados nas margens da Ribeira de Ulme são caracterizados pela sua antiguidade. Já eram conhecidos nos finais do séc.: XIV, tendo sido arrendados a Maria Pires (MARQUES, 2002, p. 123). Uma das menções a estes moinhos é feita nos finais séc.: XV, aquando da doação de Ulme a Rui Gomes da Silva, onde estavam incluídos “<i>todos os seus soutos, honras, matas, herdades, casais, moinhos [...] pontes, rios, ribeiros, portos, pescarias</i>”, etc. (SAMOUCO, 2001, p. 174).</p> <p>Este engenho já não se encontra no local tendo sido demolido. Localizava-se perto da ermida da Nossa Senhora da Conceição, embora, no local ainda seja possível observar uma eira.</p> <p>Relativamente à atribuição de uma cronologia da fundação do moinho, a partir da documentação consultada, não nos foi possível chegar a uma conclusão sobre a época em que este foi erguido. A documentação existente não é clara, nem precisa, no que diz respeito a esta matéria, no entanto, a partir da descrição da doação feita nos finais do séc.: XV é possível que este moinho fizesse parte dos doados.</p>
-----------	--

Bibliografia	<p>COELHO, António Matias (1995) – <i>Cadernos da Ascensão. A Água</i>. Chamusca: Câmara Municipal da Chamusca; SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2001) - <i>História da Chamusca, das origens a 1643</i>. Volume I. Chamusca: C.M. Chamusca; MARQUES, Jaime Jorge (2002) - <i>Ulme: Uma Vila: A História E Suas Tradições: Monografia</i>. Ulme: Junta de Freguesia do Ulme.</p>
--------------	--

Observações	Propriedade privada.
-------------	----------------------

Registo Cartográfico

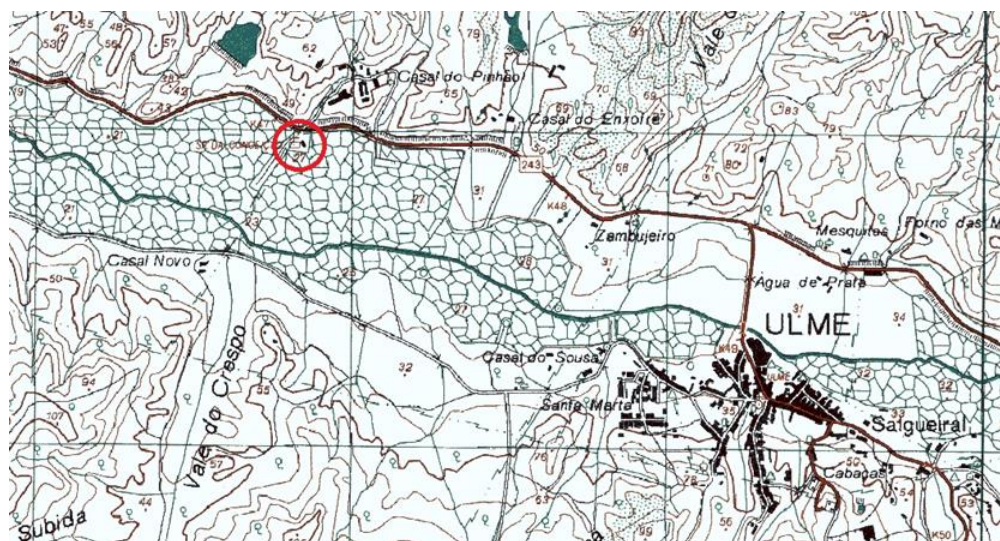


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico

Ficha N°	100		
Designação	Moinho da Rainha		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 32m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Indeterminado/ Moderno (?)
Coordenada (N)	39°18'57.28"N	Coordenada (W)	8°25'40.51"W
Tipo de Sítio	Moinho	Estado de Conservação	Destruído
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Construção civil
Acessos	Rua do Moinho, Ulme		

Descrição	<p>Este engenho fazia parte do conjunto de engenhos hidráulicos localizados ao longo da Ribeira de Ulme. Os moinhos de rodízio implantados nas margens da Ribeira de Ulme são caracterizados pela sua antiguidade. Já eram conhecidos nos finais do séc.: XIV, tendo sido arrendados a Maria Pires (MARQUES, 2002, p. 123). Uma das menções a estes moinhos é feita nos finais séc.: XV, aquando da doação de Ulme a Rui Gomes da Silva, onde estavam incluídos “<i>todos os seus soutos, honras, matas, herdades, casais, moinhos [...] pontes, rios, ribeiros, portos, pescarias</i>”, etc. (SAMOUCO, 2001, p. 174).</p> <p>Deste engenho ficou a toponímia deste local, a <i>Rua do Moinho</i>. Foi possível encontrar no fundo desta rua, na última casa à esquerda, partes das mós em pedra que deveriam pertencer ao moinho. Este moinho ficou designado por Moinho da Rainha, depois da atribuição de Ulme à Casa das Rainhas após 1640. Paralelamente a esta rua, situa-se a Rua do Forno, junto à EN 243 que passa no topo desta rua.</p> <p>Relativamente à atribuição de uma cronologia da fundação do moinho, a partir da documentação consultada, não nos foi possível chegar a uma conclusão sobre a época em que este foi erguido. A documentação existente não é clara, nem precisa, no que diz respeito a esta matéria, no entanto, a partir da descrição da doação feita nos finais do séc.: XV é possível que este moinho fizesse parte dos doados.</p>
-----------	--

Bibliografia	<p>COELHO, António Matias (1995) – <i>Cadernos da Ascensão. A Água</i>. Chamusca: Câmara Municipal da Chamusca; SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2001) - <i>História da Chamusca, das origens a 1643</i>. Volume I. Chamusca: C.M. Chamusca; MARQUES, Jaime Jorge (2002) - <i>Ulme: Uma Vila: A História E Suas Tradições: Monografia</i>. Ulme: Junta de Freguesia do Ulme.</p>
--------------	--

Observações	Propriedade privada.
-------------	----------------------

Registo Cartográfico

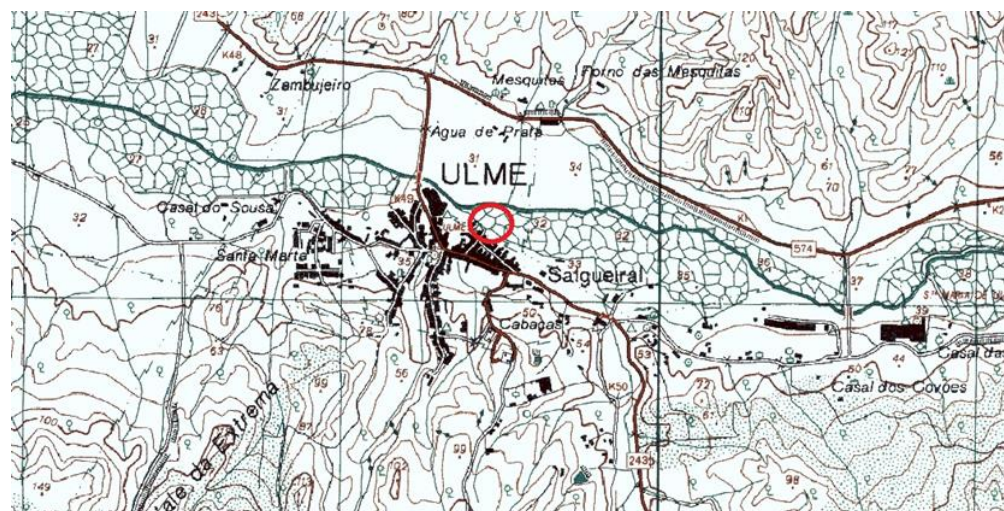


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2- Parte das traseiras do edifício que pertencia o moinho da Rainha.



Figura 3- Pormenor das mós deste moinho agora com outra utilidade.

Ficha N°	101		
Designação	Moinho do Meio		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	Moinhola do Meio
CNS		IPA	Altitude (m) 32m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Indeterminado/ Moderno (?)
Coordenada (N)	39°18'48.73"N	Coordenada (W)	8°24'51.35"W
Tipo de Sítio	Moinho	Estado de Conservação	Destruído
Uso do Solo	Agrícola Baldio	Ameaças	Agricultura
Acessos	EM 574 (Ulme-Semideiro), depois do km 1 virar à direita para uma ponte, atravessando a ponte localizava-se no lado esquerdo.		

Descrição	<p>Este engenho fazia parte do conjunto de engenhos hidráulicos localizados ao longo da Ribeira de Ulme. Os moinhos de rodízio implantados nas margens da Ribeira de Ulme são caracterizados pela sua antiguidade. Já eram conhecidos nos finais do séc.: XIV, tendo sido arrendados a Maria Pires (MARQUES, 2002, p. 123). Uma das menções a estes moinhos é feita nos finais séc.: XV, aquando da doação de Ulme a Rui Gomes da Silva, onde estavam incluídos “<i>todos os seus soutos, honras, matas, herdades, casais, moinhos [...] pontes, rios, ribeiros, portos, pescarias</i>”, etc. (SAMOUCO, 2001, p. 174).</p> <p>Deste moinho não foi possível encontrar vestígios, a não ser a sua localização dada pela população local. Este engenho era considerado pela população como a <i>Moinhola do Meio</i>, devido às dimensões mais reduzidas da estrutura.</p> <p>Relativamente à atribuição de uma cronologia da fundação do moinho, a partir da documentação consultada, não nos foi possível chegar a uma conclusão sobre a época em que este foi erguido. A documentação existente não é clara, nem precisa, no que diz respeito a esta matéria, no entanto, a partir da descrição da doação feita nos finais do séc.: XV é possível que este moinho fizesse parte dos doados.</p>
-----------	--

Bibliografia	<p>COELHO, António Matias (1995) – <i>Cadernos da Ascensão. A Água</i>. Chamusca: Câmara Municipal da Chamusca; SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2001) - <i>História da Chamusca, das origens a 1643</i>. Volume I. Chamusca: C.M. Chamusca; MARQUES, Jaime Jorge (2002) - <i>Ulme: Uma Vila: A História E Suas Tradições: Monografia</i>. Ulme: Junta de Freguesia do Ulme.</p>
--------------	--

Observações	Propriedade privada.
-------------	----------------------



Registo Cartográfico

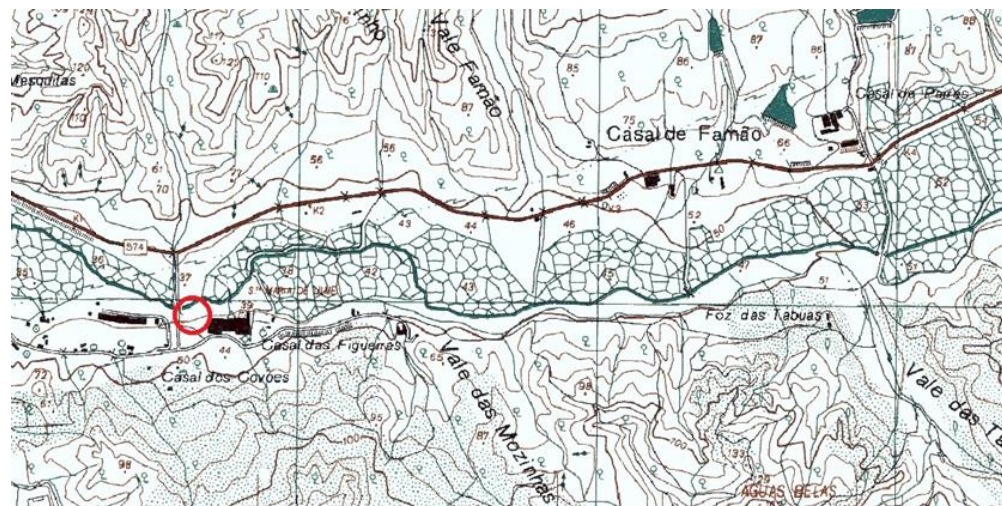


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Ficha N°	102		
Designação	Moinho das Figueiras		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 42m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Indeterminado/ Moderno (?)
Coordenada (N)	39°18'48.79"N	Coordenada (W)	8°24'27.78"W
Tipo de Sítio	Moinho	Estado de Conservação	Mau
Uso do Solo	Baldio	Ameaças	Vegetação
Acessos	EM 574 (Ulme-Semideiro), depois do km 1 virar à direita para uma ponte, atravessando a ponte seguindo por uma estrada de terra batida do lado esquerdo, Casal das Figueiras. Difícil acesso		

Descrição	<p>Este engenho fazia parte do conjunto de engenhos hidráulicos localizados ao longo da Ribeira de Ulme. Os moinhos de rodízio implantados nas margens da Ribeira de Ulme são caracterizados pela sua antiguidade. Já eram conhecidos nos finais do séc.: XIV, tendo sido arrendados a Maria Pires (MARQUES, 2002, p. 123). Uma das menções a estes moinhos é feita nos finais séc.: XV, aquando da doação de Ulme a Rui Gomes da Silva, onde estavam incluídos “<i>todos os seus souts, honras, matas, herdades, casais, moinhos [...] pontes, rios, ribeiros, portos, pescarias</i>”, etc. (SAMOUCO, 2001, p. 174).</p> <p>Deste moinho é possível encontrar, ainda, o seu edifício, mas muito degradado. Não foi possível chegar até ele por se encontrar vedado e devido à densa vegetação que se apoderou da parte do edifício, onde se encontravam os caboucos. É possível observar que o edifício de planta retangular, com paredes de alvenaria de pedra e tijolo, rebocadas e caiadas com um telhado de uma água. A água para este engenho era conduzida através de um canal ou açude para a entrada dos caboucos.</p> <p>Relativamente à atribuição de uma cronologia da fundação do moinho, a partir da documentação consultada, não nos foi possível chegar a uma conclusão sobre a época em que este foi erguido. A documentação existente não é clara, nem precisa, no que diz respeito a esta matéria, no entanto, a partir da descrição da doação feita nos finais do séc.: XV é possível que este moinho fizesse parte dos doados.</p>
-----------	---

Bibliografia	<p>COELHO, António Matias (1995) – <i>Cadernos da Ascensão. A Água</i>. Chamusca: Câmara Municipal da Chamusca; SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2001) - <i>História da Chamusca, das origens a 1643</i>. Volume I. Chamusca: C.M. Chamusca; MARQUES, Jaime Jorge (2002) - <i>Ulme: Uma Vila: A História E Suas Tradições: Monografia</i>. Ulme: Junta de Freguesia do Ulme.</p>
--------------	--

Observações	Propriedade privada.
-------------	----------------------

Registo Cartográfico

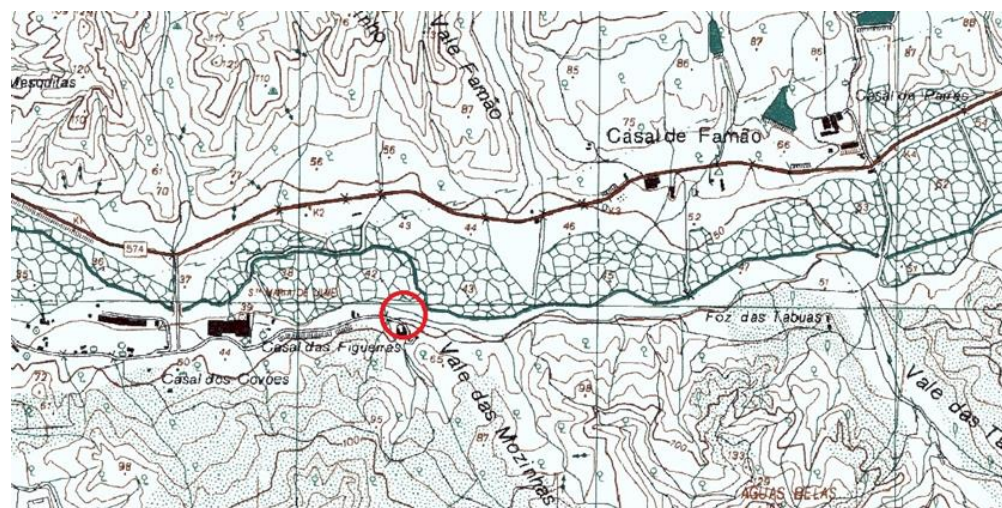


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2- Vista exterior do edifício do engenho.

Ficha N°	103		
Designação	Moinho das Famão		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	Foz das Tábuas
CNS		IPA	Altitude (m) 46m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Indeterminado/ Moderno (?)
Coordenada (N)	39°18'49.28"N	Coordenada (W)	8°23'58.25"W
Tipo de Sítio	Moinho	Estado de Conservação	Mau
Uso do Solo	Agrícola Baldio	Ameaças	Vegetação
Acessos	Casal da Figueiras, Ulme, seguindo por uma estrada de terra batida até às Foz das Tábuas. Difícil acesso.		

Descrição	<p>Este engenho fazia parte do conjunto de engenhos hidráulicos localizados ao longo da Ribeira de Ulme. Os moinhos de rodízio implantados nas margens da Ribeira de Ulme são caracterizados pela sua antiguidade. Já eram conhecidos nos finais do séc.: XIV, tendo sido arrendados a Maria Pires (MARQUES, 2002, p. 123). Uma das menções a estes moinhos é feita nos finais séc.: XV, aquando da doação de Ulme a Rui Gomes da Silva, onde estavam incluídos “<i>todos os seus soutos, honras, matas, herdades, casais, moinhos [...] pontes, rios, ribeiros, portos, pescarias</i>”, etc. (SAMOUÇO, 2001, p. 174).</p> <p>Deste moinho é possível encontrar, ainda, o seu edifício mas muito degradado. Não foi possível chegar até ele por se encontrar vedado e devido à densa vegetação que se apoderou, particamente, de todo o edifício. É possível observar apenas o telhado, de uma água e as paredes do edifício caiadas.</p> <p>Relativamente à atribuição de uma cronologia da fundação do moinho, a partir da documentação consultada, não nos foi possível chegar a uma conclusão sobre a época em que este foi erguido. A documentação existente não é clara, nem precisa, no que diz respeito a esta matéria, no entanto, a partir da descrição da doação feita nos finais do séc.: XV é possível que este moinho fizesse parte dos doados.</p>
-----------	---

Bibliografia	<p>COELHO, António Matias (1995) – <i>Cadernos da Ascensão. A Água</i>. Chamusca: Câmara Municipal da Chamusca; SAMOUÇO DA FONSECA J.J. (2001) - <i>História da Chamusca, das origens a 1643</i>. Volume I. Chamusca: C.M. Chamusca; MARQUES, Jaime Jorge (2002) - <i>Ulme: Uma Vila: A História E Suas Tradições: Monografia</i>. Ulme: Junta de Freguesia do Ulme.</p>
--------------	--

Observações	Propriedade privada.
-------------	----------------------



Registo Cartográfico

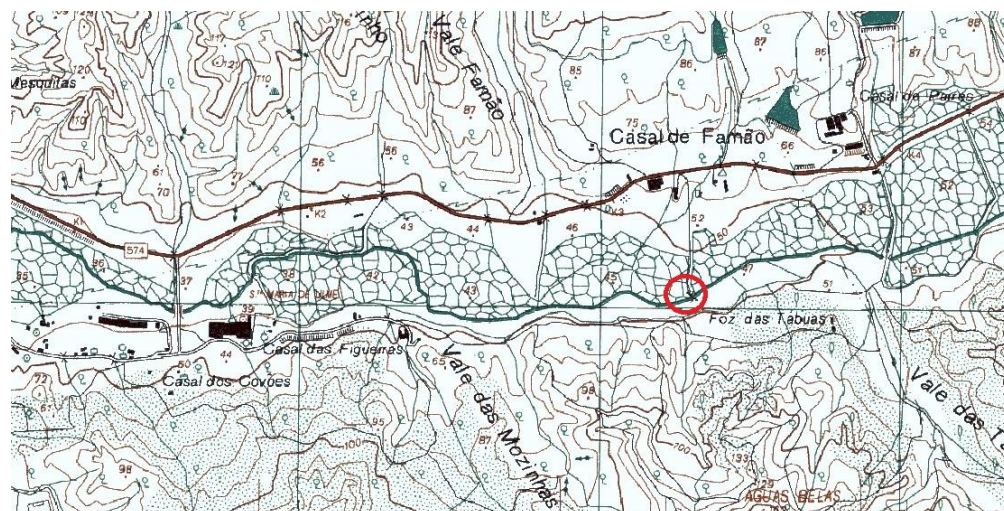


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2- Vista parcial do exterior do edifício.

Ficha N°	104		
Designação	Moinho de Paires		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m)   51m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Indeterminado/ Moderno (?)
Coordenada (N)	39°19'3.33"N	Coordenada (W)	8°23'14.16"W
Tipo de Sítio	Moinho	Estado de Conservação	Destruído
Uso do Solo	Agrícola	Ameaças	Agricultura
Acessos	EM 574 (Ulme-Semideiro), Casal de Paires, do lado direito junto à Ribeira de Ulme. Zona de Arrozaís		

Descrição	<p>Este engenho fazia parte do conjunto de engenhos hidráulicos localizados ao longo da Ribeira de Ulme. Os moinhos de rodízio implantados nas margens da Ribeira de Ulme são caracterizados pela sua antiguidade. Já eram conhecidos nos finais do séc.: XIV, tendo sido arrendados a Maria Pires (MARQUES, 2002, p. 123). Uma das menções a estes moinhos é feita nos finais séc.: XV, aquando da doação de Ulme a Rui Gomes da Silva, onde estavam incluídos “<i>todos os seus soutos, honras, matas, herdades, casais, moinhos [...] pontes, rios, ribeiros, portos, pescarias</i>”, etc. (SAMOUCO, 2001, p. 174).</p> <p>Deste engenho não foi possível encontrar vestígios a não ser a sua localização dada pela população local, este pertencia ao casal do mesmo nome que o engenho.</p> <p>Relativamente à atribuição de uma cronologia da fundação do moinho, a partir da documentação consultada, não nos foi possível chegar a uma conclusão sobre a época em que este foi erguido. A documentação existente não é clara, nem precisa, no que diz respeito a esta matéria, no entanto, a partir da descrição da doação feita nos finais do séc.: XV é possível que este moinho fizesse parte dos doados.</p>
-----------	--

Bibliografia	<p>COELHO, António Matias (1995) – <i>Cadernos da Ascensão. A Água</i>. Chamusca: Câmara Municipal da Chamusca; SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2001) - <i>História da Chamusca, das origens a 1643</i>. Volume I. Chamusca: C.M. Chamusca; MARQUES, Jaime Jorge (2002) - <i>Ulme: Uma Vila: A História E Suas Tradições: Monografia</i>. Ulme: Junta de Freguesia do Ulme.</p>
--------------	--

Observações	Propriedade privada.
-------------	----------------------

Registo Cartográfico

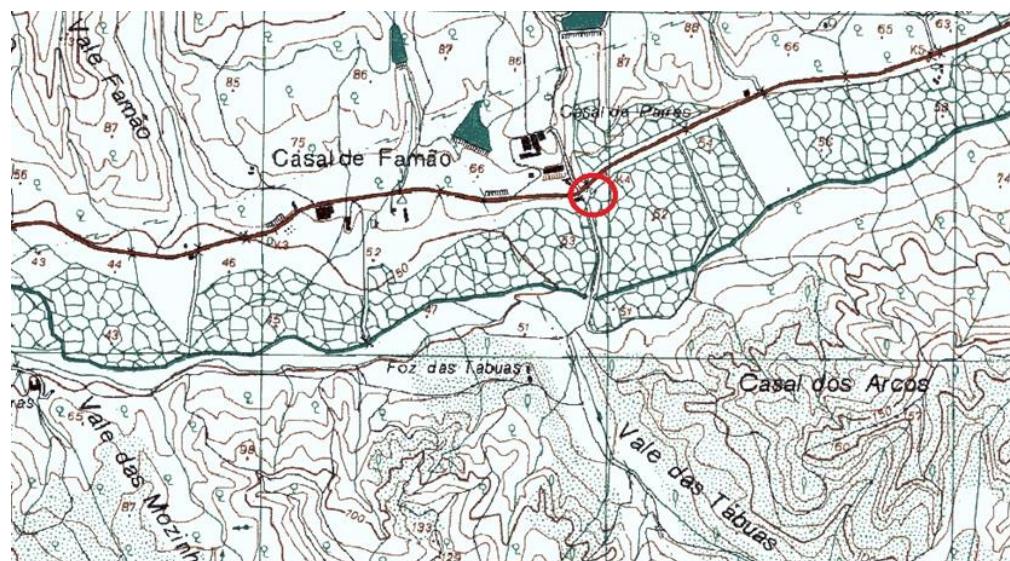


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Ficha N°	105		
Designação	Moinho das Balsas		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 52m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Indeterminado/ Moderno (?)
Coordenada (N)	39°19'18.05"N	Coordenada (W)	8°22'32.27"W
Tipo de Sítio	Moinho	Estado de Conservação	Destruído
Uso do Solo	Agrícola Baldio	Ameaças	Agricultura
Acessos	EM 574 (Ulme-Semideiro), lugar Balsas, do lado direito junto aos arrozais.		

Descrição	<p>Este engenho fazia parte do conjunto de engenhos hidráulicos localizados ao longo da Ribeira de Ulme. Os moinhos de rodízio implantados nas margens da Ribeira de Ulme são caracterizados pela sua antiguidade. Já eram conhecidos nos finais do séc.: XIV, tendo sido arrendados a Maria Pires (MARQUES, 2002, p. 123). Uma das menções a estes moinhos é feita nos finais séc.: XV, aquando da doação de Ulme a Rui Gomes da Silva, onde estavam incluídos “<i>todos os seus soutos, honras, matas, herdades, casais, moinhos [...] pontes, rios, ribeiros, portos, pescarias</i>”, etc. (SAMOUCO, 2001, p. 174).</p> <p>Deste engenho não foi possível encontrar vestígios a não ser a sua localização dada pela população local, este pertencia ao casal do mesmo nome que o engenho.</p> <p>Relativamente à atribuição de uma cronologia da fundação do moinho, a partir da documentação consultada, não nos foi possível chegar a uma conclusão sobre a época em que este foi erguido. A documentação existente não é clara, nem precisa, no que diz respeito a esta matéria, no entanto, a partir da descrição da doação feita nos finais do séc.: XV é possível que este moinho fizesse parte dos doados.</p>
-----------	--

Bibliografia	<p>COELHO, António Matias (1995) – <i>Cadernos da Ascensão. A Água</i>. Chamusca: Câmara Municipal da Chamusca; SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2001) - <i>História da Chamusca, das origens a 1643</i>. Volume I. Chamusca: C.M. Chamusca; MARQUES, Jaime Jorge (2002) - <i>Ulme: Uma Vila: A História E Suas Tradições: Monografia</i>. Ulme: Junta de Freguesia do Ulme.</p>
--------------	--

Observações	Propriedade privada.
-------------	----------------------

Registo Cartográfico

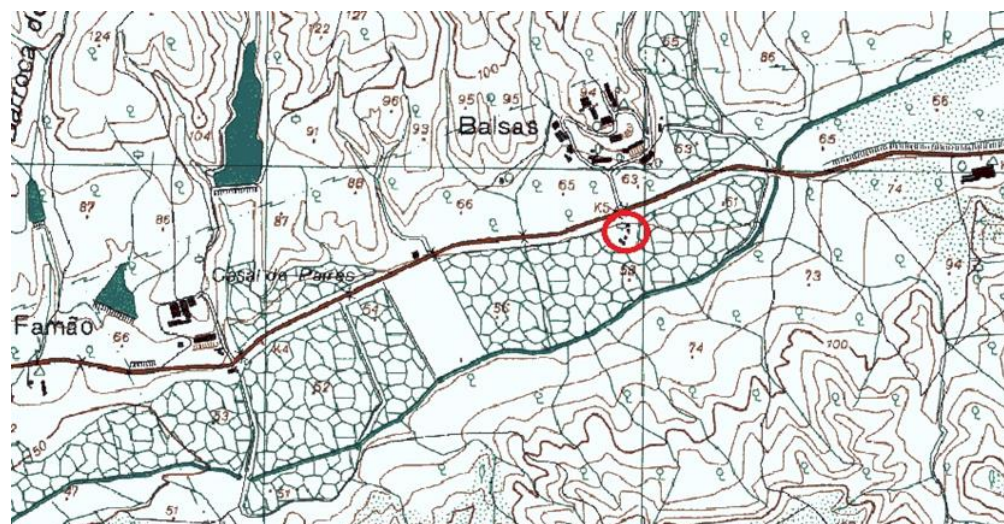


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico

Ficha N°	106		
Designação	Moinho da Laranjeira de Cima		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 72m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Indeterminado/ Moderno (?)
Coordenada (N)	39°19'41.69"N	Coordenada (W)	8°21'13.45"W
Tipo de Sítio	Moinho	Estado de Conservação	Mau
Uso do Solo	Agrícola Baldio	Ameaças	Vegetação
Acessos	EM 574 (Ulme-Semideiro), depois do km 6 perto do Casal da Laranjeira de Cima, junto à ribeira de Ulme, é visível da estrada municipal		

Descrição	<p>Este engenho fazia parte do conjunto de engenhos hidráulicos localizados ao longo da Ribeira de Ulme. Os moinhos de rodízio implantados nas margens da Ribeira de Ulme são caracterizados pela sua antiguidade. Já eram conhecidos nos finais do séc.: XIV, tendo sido arrendados a Maria Pires (MARQUES, 2002, p. 123). Uma das menções a estes moinhos é feita nos finais séc.: XV, aquando da doação de Ulme a Rui Gomes da Silva, onde estavam incluídos “<i>todos os seus souts, honras, matas, herdades, casais, moinhos [...] pontes, rios, ribeiros, portos, pescarias</i>”, etc. (SAMOUCO, 2001, p. 174).</p> <p>Deste engenho é possível encontrar, ainda, o seu edifício mas muito degradado, observando que o telhado já ruiu, restando apenas as paredes caiadas. Não foi possível chegar até ele por se encontrar vedado e devido à densa vegetação que se apoderou, particamente, de todo o edifício. Relativamente à atribuição de uma cronologia da fundação do moinho, a partir da documentação consultada, não nos foi possível chegar a uma conclusão sobre a época em que este foi erguido. A documentação existente não é clara, nem precisa, no que diz respeito a esta matéria, no entanto, a partir da descrição da doação feita nos finais do séc.: XV é possível que este moinho fizesse parte dos doados.</p>
-----------	--

Bibliografia	<p>COELHO, António Matias (1995) – <i>Cadernos da Ascensão. A Água</i>. Chamusca: Câmara Municipal da Chamusca; SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2001) - <i>História da Chamusca, das origens a 1643</i>. Volume I. Chamusca: C.M. Chamusca; MARQUES, Jaime Jorge (2002) - <i>Ulme: Uma Vila: A História E Suas Tradições: Monografia</i>. Ulme: Junta de Freguesia do Ulme.</p>
--------------	--

Observações	Propriedade privada.
-------------	----------------------

Registo Cartográfico

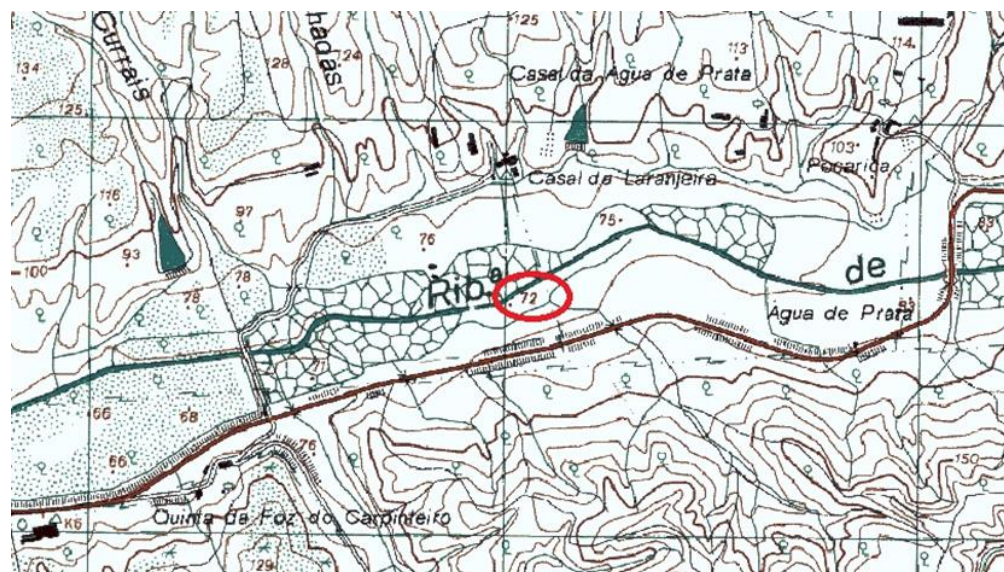


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2- Visível entre os canaviais o telhado e a chaminé do edifício.

Ficha N°	107		
Designação	Moinho da Estação		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 83m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Indeterminado/ Moderno (?)
Coordenada (N)	39°19'47.05"N	Coordenada (W)	8°19'54.07"W
Tipo de Sítio	Moinho	Estado de Conservação	Destruído
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Construção civil
Acessos	EM 574 (Ulme-Semideiro), lugar Estação, junto ao lado direito da estrada.		

Descrição	<p>Este engenho fazia parte do conjunto de engenhos hidráulicos localizados ao longo da Ribeira de Ulme. Os moinhos de rodízio implantados nas margens da Ribeira de Ulme são caracterizados pela sua antiguidade. Já eram conhecidos nos finais do séc.: XIV, tendo sido arrendados a Maria Pires (MARQUES, 2002, p. 123). Uma das menções a estes moinhos é feita nos finais séc.: XV, aquando da doação de Ulme a Rui Gomes da Silva, onde estavam incluídos “<i>todos os seus soutos, honras, matas, herdades, casais, moinhos [...] pontes, rios, ribeiros, portos, pescarias</i>”, etc. (SAMOUCO, 2001, p. 174).</p> <p>No lugar onde existiu o moinho, atualmente, existe uma casa de habitação. O moinho foi todo ele modificado para esse efeito, não tendo sido possível observar vestígios do mesmo na planta e arquitetura atual do edifício.</p> <p>Relativamente à atribuição de uma cronologia da fundação do moinho, a partir da documentação consultada, não nos foi possível chegar a uma conclusão sobre a época em que este foi erguido. A documentação existente não é clara, nem precisa, no que diz respeito a esta matéria, no entanto, a partir da descrição da doação feita nos finais do séc.: XV é possível que este moinho fizesse parte dos doados.</p>
-----------	---

Bibliografia	<p>COELHO, António Matias (1995) – <i>Cadernos da Ascensão. A Água</i>. Chamusca: Câmara Municipal da Chamusca; SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2001) - <i>História da Chamusca, das origens a 1643</i>. Volume I. Chamusca: C.M. Chamusca; MARQUES, Jaime Jorge (2002) - <i>Ulme: Uma Vila: A História E Suas Tradições: Monografia</i>. Ulme: Junta de Freguesia do Ulme.</p>
--------------	--

Observações	Propriedade privada.
-------------	----------------------



Registo Cartográfico

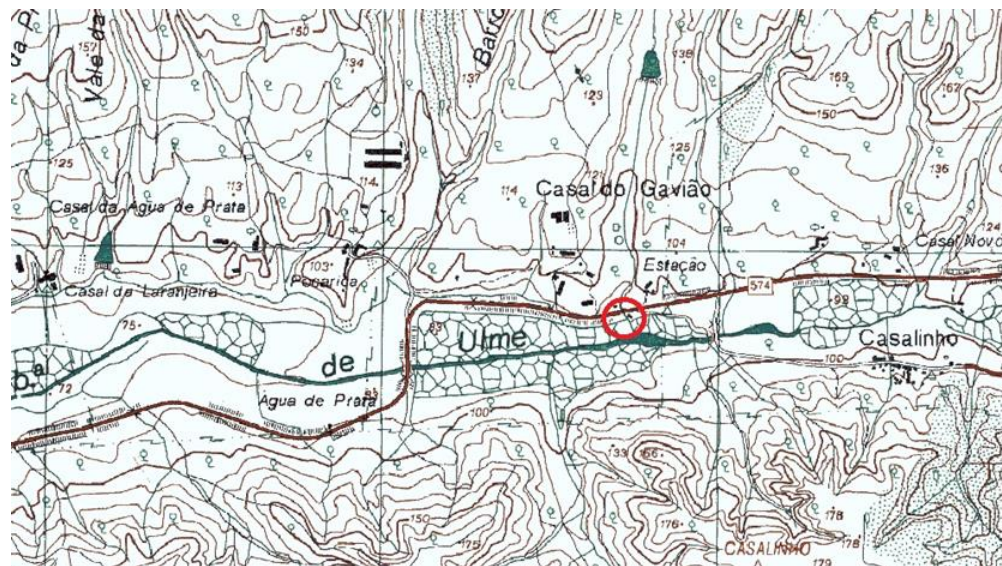


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2- Vista exterior do edifício onde se encontrava o engenho



Ficha N°	108		
Designação	Moinho do Casalinho I		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 100m
CMP 1:25 000 folha n°	343	P Cronológico	Indeterminado/ Moderno (?)
Coordenada (N)	39°19'45.55"N	Coordenada (W)	8°18'52.58"W
Tipo de Sítio	Moinho	Estado de Conservação	Mau
Uso do Solo	Agrícola Baldio	Ameaças	Vegetação
Acessos	EM 574 (Ulme-Semideiro), lugar Casalinho do lado mais Este da povoação, isolado das habitações mais próximas, a uns 200m da estrada de terra batida.		

Descrição	<p>Este engenho fazia parte do conjunto de engenhos hidráulicos localizados ao longo da Ribeira de Ulme. Os moinhos de rodízio implantados nas margens da Ribeira de Ulme são caracterizados pela sua antiguidade. Já eram conhecidos nos finais do séc.: XIV, tendo sido arrendados a Maria Pires (MARQUES, 2002, p. 123). Uma das menções a estes moinhos é feita nos finais séc.: XV, aquando da doação de Ulme a Rui Gomes da Silva, onde estavam incluídos “<i>todos os seus soutos, honras, matas, herdades, casais, moinhos [...] pontes, rios, ribeiros, portos, pescarias</i>”, etc. (SAMOUCO, 2001, p. 174).</p> <p>Do moinho é possível observar o telhado de uma água e as paredes caiadas. O local onde o edifício se encontrava estava rodeado por uma vedação e a vegetação densa, também, não permitiu a visualização total do edifício.</p> <p>Relativamente à atribuição de uma cronologia da fundação do moinho, a partir da documentação consultada, não nos foi possível chegar a uma conclusão sobre a época em que este foi erguido. A documentação existente não é clara, nem precisa, no que diz respeito a esta matéria, no entanto, a partir da descrição da doação feita nos finais do séc.: XV é possível que este moinho fizesse parte dos doados.</p>
-----------	--

Bibliografia	<p>COELHO, António Matias (1995) – <i>Cadernos da Ascensão. A Água</i>. Chamusca: Câmara Municipal da Chamusca; SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2001) - <i>História da Chamusca, das origens a 1643</i>. Volume I. Chamusca: C.M. Chamusca; MARQUES, Jaime Jorge (2002) - <i>Ulme: Uma Vila: A História E Suas Tradições: Monografia</i>. Ulme: Junta de Freguesia do Ulme.</p>
--------------	--

Observações	Propriedade privada com vedação.
-------------	----------------------------------

Registo Cartográfico

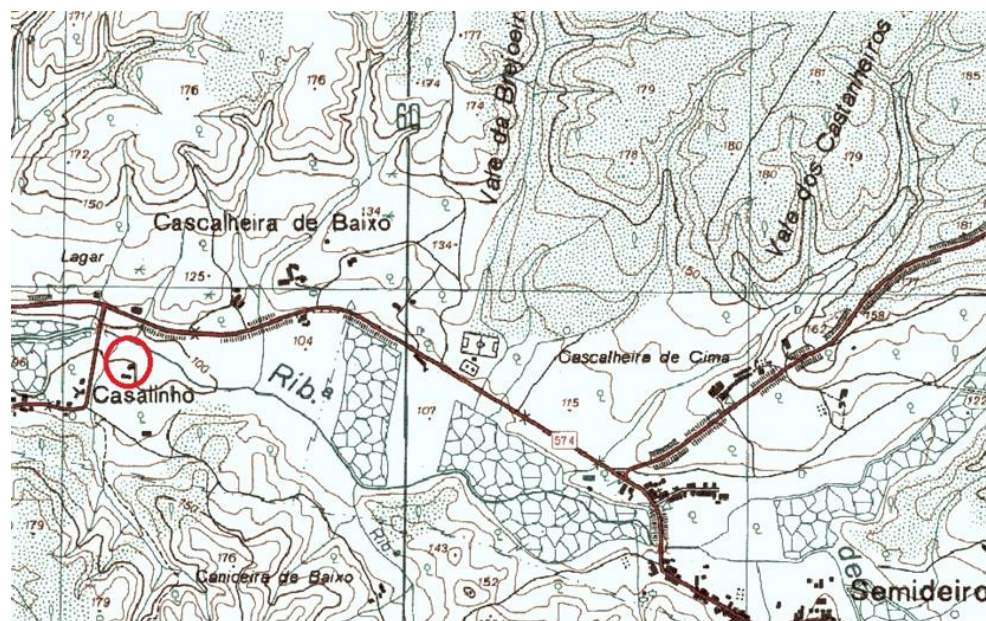


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 343.

Registo Fotográfico



Figura 2- Vista parcial do edifício onde se encontra o engenho.

Ficha N°	109		
Designação	Moinho do Casalinho II		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 104m
CMP 1:25 000 folha n°	342	P Cronológico	Indeterminado/ Moderno (?)
Coordenada (N)	39°19'48.30"N	Coordenada (W)	8°19'12.59"W
Tipo de Sítio	Moinho	Estado de Conservação	Bom
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Agentes Climáticos
Acessos	EM 574 (Ulme-Semideiro), lugar Casalinho do lado mais Oeste da povoação, isolado das habitações mais próximas, a uns 200m da estrada de terra batida.		

Descrição	<p>Este engenho fazia parte do conjunto de engenhos hidráulicos localizados ao longo da Ribeira de Ulme. Os moinhos de rodízio implantados nas margens da Ribeira de Ulme são caracterizados pela sua antiguidade. Já eram conhecidos nos finais do séc.: XIV, tendo sido arrendados a Maria Pires (MARQUES, 2002, p. 123). Uma das menções a estes moinhos é feita nos finais séc.: XV, aquando da doação de Ulme a Rui Gomes da Silva, onde estavam incluídos “<i>todos os seus soutos, honras, matas, herdades, casais, moinhos [...] pontes, rios, ribeiros, portos, pescarias</i>”, etc. (SAMOUCO, 2001, p. 174).</p> <p>Este moinho encontra-se desativado, no entanto, está em bom estado. A parte superior foi recuperada para habitação. No piso inferior é possível encontrar todo o sistema de moagem, desativado mas conservado. O edifício é de planta retangular, e no seu interior foi possível observar que o sistema de moagem foi alterado, da estrutura primitiva de madeira para a metálica já no séc.: XX. Conservando-se as mós de pedra, no total de 4 (duas em cada estrutura de moagem). No exterior, é possível observar que a água entra nos caboucos, em arcos de volta perfeita, através de um açude. Observámos, também, que a água corre depois para os dois <i>cubos</i> que ainda se encontram no local e depois para o <i>rodízio de penas</i>, este que se encontra subido e que fazia a <i>Pela</i> girar. O edifício é construído todo ele em tijolo e pedra, tendo as paredes rebocadas e caiadas.</p> <p>Relativamente à atribuição de uma cronologia da fundação do moinho, a partir da documentação consultada, não nos foi possível chegar a uma conclusão sobre a época em que este foi erguido. A documentação existente não é clara, nem precisa, no que diz respeito a esta matéria, no entanto, a partir da descrição da doação feita nos finais do séc.: XV é possível que este moinho fizesse parte dos doados.</p>
-----------	--

Bibliografia	<p>COELHO, António Matias (1995) – <i>Cadernos da Ascensão. A Água</i>. Chamusca: Câmara Municipal da Chamusca; SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2001) - <i>História da Chamusca, das origens a 1643</i>. Volume I. Chamusca: C.M. Chamusca; MARQUES, Jaime Jorge (2002) - <i>Ulme: Uma Vila: A História E Suas Tradições: Monografia</i>. Ulme: Junta de Freguesia do Ulme.</p>
--------------	--

Observações	Propriedade Privada. Edifício pertencente ao Sr. Eduardo Capitão.
-------------	---



Registo Cartográfico

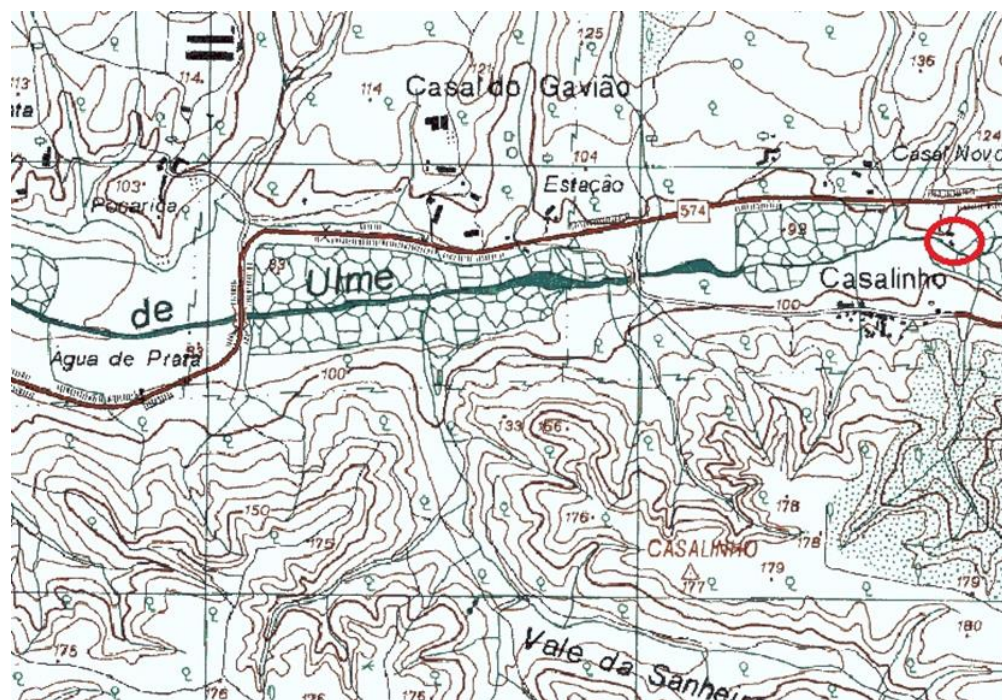


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 342.

Registo Fotográfico



Figura 2- Vista exterior do edifício.



Figura 3- Saída de água.



Figura 4- Interior do edifício com o engenho já adaptado no séc.: XX.

Ficha N°	110		
Designação	Moinho do Semideiro		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	Semideiro
CNS		IPA	Altitude (m) 110m
CMP 1:25 000 folha n°	343	P Cronológico	Indeterminado/ Moderno (?)
Coordenada (N)	39°19'26.63"N	Coordenada (W)	8°17'42.32"W
Tipo de Sítio	Moinho	Estado de Conservação	Bom
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Agentes Climáticos
Acessos	Rua dos Moinhos, Semideiro, Ulme.		

Descrição	<p>Este engenho fazia parte do conjunto de engenhos hidráulicos localizados ao longo da Ribeira de Ulme. Os moinhos de rodízio implantados nas margens da Ribeira de Ulme são caracterizados pela sua antiguidade. Já eram conhecidos nos finais do séc.: XIV, tendo sido arrendados a Maria Pires (MARQUES, 2002, p. 123). Uma das menções a estes moinhos é feita nos finais séc.: XV, aquando da doação de Ulme a Rui Gomes da Silva, onde estavam incluídos “<i>todos os seus soutos, honras, matas, herdades, casais, moinhos [...] pontes, rios, ribeiros, portos, pescarias</i>”, etc. (SAMOUCO, 2001, p. 174).</p> <p>Este moinho encontra-se desativado, mas em bom estado, sendo que foi todo ele recuperado para habitação conservando o moinho de planta retangular.</p> <p>No exterior é possível observar que a água entra nos caboucos, em arcos de volta perfeita, através de um açude que é visível, encontrando-se recuperado e em bom estado, tendo sido colocado junto a um dos muros uma mó em pedra. No local, ainda, é possível observar que a água corre para os dois <i>cubos</i> e depois passa para o <i>rodízio de penas</i>, que fazia a <i>Pela</i> girar. Espalhados no local é possível encontrar, também, outra mó encostada à porta da casa.</p> <p>Relativamente à atribuição de uma cronologia da fundação do moinho, a partir da documentação consultada, não nos foi possível chegar a uma conclusão sobre a época em que este foi erguido. A documentação existente não é clara, nem precisa, no que diz respeito a esta matéria, no entanto, a partir da descrição da doação feita nos finais do séc.: XV é possível que este moinho fizesse parte dos doados.</p>
-----------	--

Bibliografia	<p>COELHO, António Matias (1995) – <i>Cadernos da Ascensão. A Água</i>. Chamusca: Câmara Municipal da Chamusca; SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2001) - <i>História da Chamusca, das origens a 1643</i>. Volume I. Chamusca: C.M. Chamusca; MARQUES, Jaime Jorge (2002) - <i>Ulme: Uma Vila: A História E Suas Tradições: Monografia</i>. Ulme: Junta de Freguesia do Ulme.</p>
--------------	--

Observações	Propriedade Privada.
-------------	----------------------

Registo Cartográfico

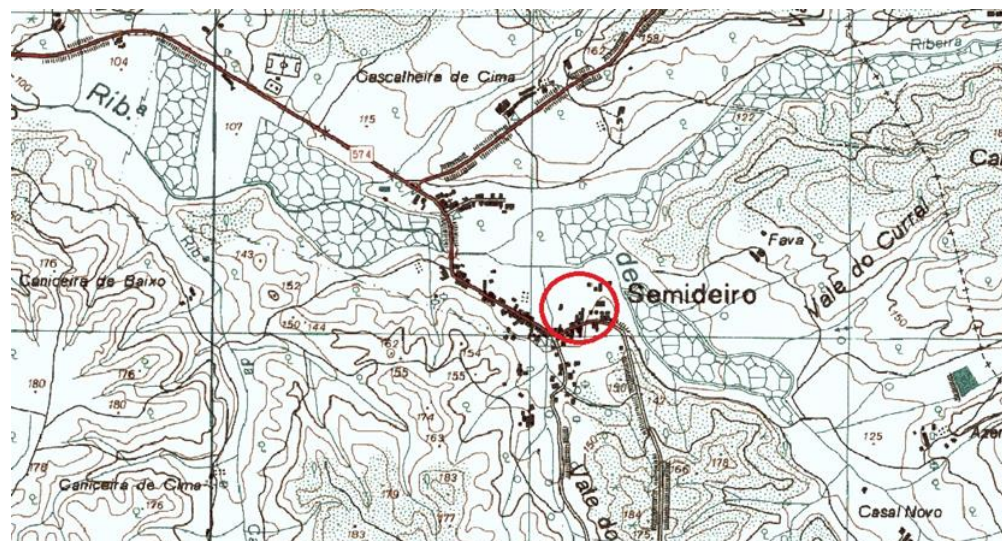


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 343.

Registo Fotográfico



Figura 2- Vista exterior do edifício.



Figura 3- Vista traseira do edifício com as sidas de água.



Figura 4- Pormenor do cubo e da saída de água.



Ficha N°	111		
Designação	Moinho da Fava		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	Moinhola da Fava
CNS		IPA	Altitude (m) 123m
CMP 1:25 000 folha n°	343	P Cronológico	Indeterminado/ Moderno (?)
Coordenada (N)	39°19'15.27"N	Coordenada (W)	8°17'16.91"W
Tipo de Sítio	Moinho	Estado de Conservação	Destruído
Uso do Solo	Agrícola	Ameaças	Agricultura
Acessos	No fim da EM 574 (Ulme-Semideiro), no Semideiro seguindo em estrada de terra batida em direção ao Casal Novo, zona de arrozais.		

Descrição	<p>Este engenho fazia parte do conjunto de engenhos hidráulicos localizados ao longo da Ribeira de Ulme. Os moinhos de rodízio implantados nas margens da Ribeira de Ulme são caracterizados pela sua antiguidade. Já eram conhecidos nos finais do séc.: XIV, tendo sido arrendados a Maria Pires (MARQUES, 2002, p. 123). Uma das menções a estes moinhos é feita nos finais séc.: XV, aquando da doação de Ulme a Rui Gomes da Silva, onde estavam incluídos “<i>todos os seus soutos, honras, matas, herdades, casais, moinhos [...] pontes, rios, ribeiros, portos, pescarias</i>”, etc. (SAMOUCO, 2001, p. 174).</p> <p>Deste moinho nada resta a não ser a localização do sítio, conseguida junto da população local, o moinho ou <i>moinhola</i> foi demolido em zona atual de arrozais.</p> <p>Relativamente à atribuição de uma cronologia da fundação do moinho, a partir da documentação consultada, não nos foi possível chegar a uma conclusão sobre a época em que este foi erguido. A documentação existente não é clara, nem precisa, no que diz respeito a esta matéria, no entanto, a partir da descrição da doação feita nos finais do séc.: XV é possível que este moinho fizesse parte dos doados.</p>
-----------	--

Bibliografia	<p>COELHO, António Matias (1995) – <i>Cadernos da Ascensão. A Água</i>. Chamusca: Câmara Municipal da Chamusca; SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2001) - <i>História da Chamusca, das origens a 1643</i>. Volume I. Chamusca: C.M. Chamusca; MARQUES, Jaime Jorge (2002) - <i>Ulme: Uma Vila: A História E Suas Tradições: Monografia</i>. Ulme: Junta de Freguesia do Ulme.</p>
--------------	--

Observações	Propriedade Privada.
-------------	----------------------

Registo Cartográfico

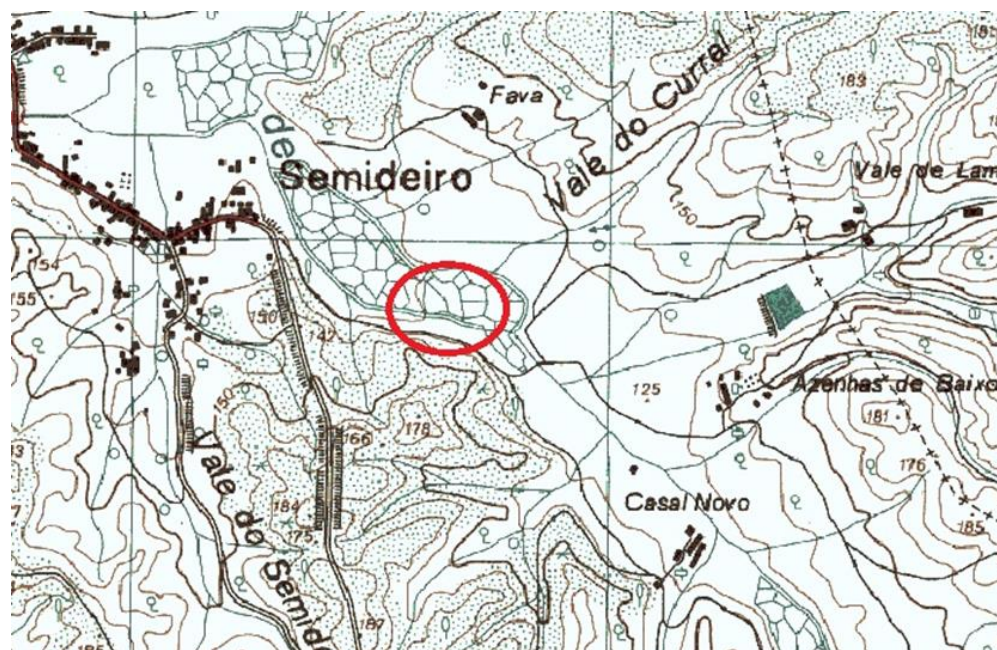


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 343.

Registo Fotográfico

Ficha N°	112		
Designação	Moinho do Casal Novo		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Ulme	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 125m
CMP 1:25 000 folha n°	343	P Cronológico	Indeterminado/ Moderno (?)
Coordenada (N)	39°19'0.16"N	Coordenada (W)	8°16'48.17"W
Tipo de Sítio	Moinho	Estado de Conservação	Regular
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Agentes Climáticos
Acessos	No fim da EM 574 (Ulme-Semideiro), no Semideiro seguindo em estrada de terra batida em direção ao Casal Novo, edifício dentro do casal.		

Descrição	<p>Este engenho fazia parte do conjunto de engenhos hidráulicos localizados ao longo da Ribeira de Ulme. Os moinhos de rodízio implantados nas margens da Ribeira de Ulme são caracterizados pela sua antiguidade. Já eram conhecidos nos finais do séc.: XIV, tendo sido arrendados a Maria Pires (MARQUES, 2002, p. 123). Uma das menções a estes moinhos é feita nos finais séc.: XV, aquando da doação de Ulme a Rui Gomes da Silva, onde estavam incluídos “<i>todos os seus soutos, honras, matas, herdades, casais, moinhos [...] pontes, rios, ribeiros, portos, pescarias</i>”, etc. (SAMOUCO, 2001, p. 174).</p> <p>Seguindo as indicações da população local, tentamos chegar ao moinho que fica no casal, mas como se tratava de propriedade privada não nos foi possível chegar junto ao edifício. Foi possível constatar que as paredes se encontram caiadas, o telhado é de uma água e o edifício é de planta retangular. Este edifício é o que se encontra mais perto da ribeira.</p> <p>Relativamente à atribuição de uma cronologia da fundação do moinho, a partir da documentação consultada, não nos foi possível chegar a uma conclusão sobre a época em que este foi erguido. A documentação existente não é clara, nem precisa, no que diz respeito a esta matéria, no entanto, a partir da descrição da doação feita nos finais do séc.: XV é possível que este moinho fizesse parte dos doados.</p>
-----------	---

Bibliografia	<p>COELHO, António Matias (1995) – <i>Cadernos da Ascensão. A Água</i>. Chamusca: Câmara Municipal da Chamusca; SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2001) - <i>História da Chamusca, das origens a 1643</i>. Volume I. Chamusca: C.M. Chamusca; MARQUES, Jaime Jorge (2002) - <i>Ulme: Uma Vila: A História E Suas Tradições: Monografia</i>. Ulme: Junta de Freguesia do Ulme.</p>
--------------	--

Observações	Propriedade Privada.
-------------	----------------------

Registo Cartográfico

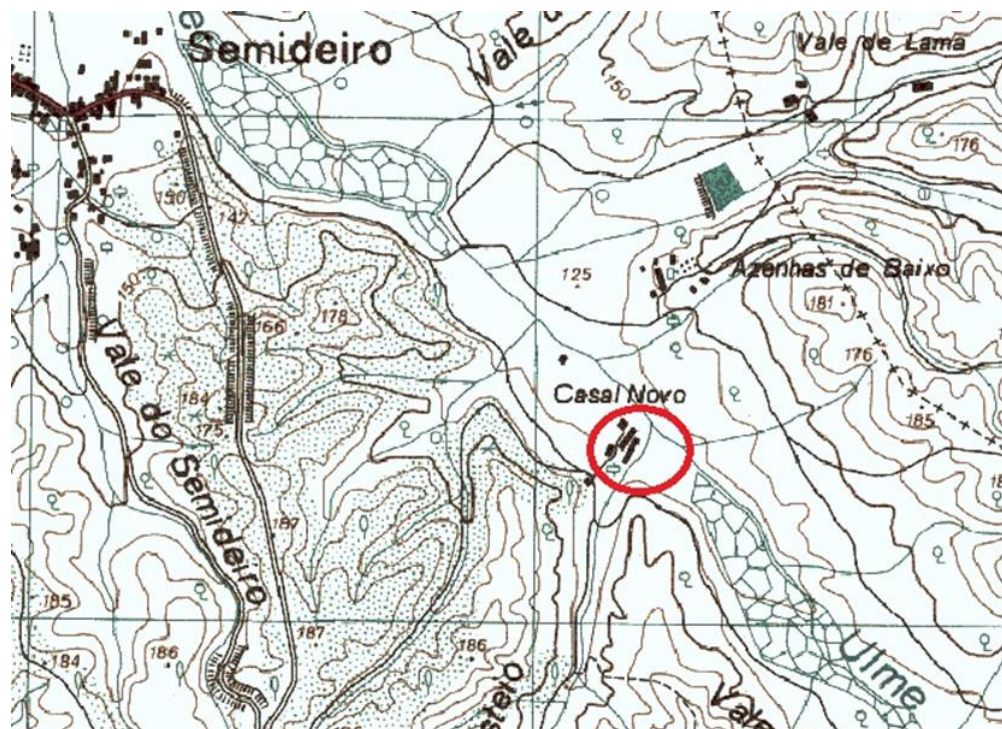


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 343.

## Registo Fotográfico

# **Freguesia de Vale de Cavalos**





Ficha N°	113		
Designação	Alto das Obras		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Vale de Cavalos	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 29m
CMP 1:25 000 folha n°	353	P Cronológico	Romano
Coordenada (N)	39°17'36.36"N	Coordenada (W)	8°31'11.77"W
Tipo de Sítio	Vestígios Diversos	Estado de Conservação	Outros
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Construção civil
Acessos	Alto das Obras, Vale de Cavalos, Chamusca.		

Descrição	<p>Um pequeno cabeço que se destaca na paisagem por fazer a transição entre a lezíria e o lugar de Vale de Cavalos.</p> <p>Foi possível identificar este local, segundo a bibliografia, como o sítio onde ao ser implantada uma conduta de água para o abastecimento público entre vários furos efetuados pela população naquele local, foi efetuada a visualização e descoberta de parte de uma estrutura, que foi identificada como sendo uma conduta atribuída à época Romana, devido aos materiais usados e à sua forma. (SAMOUCO, 2001, p. 23) Deste achado apenas possuímos uma fotografia, pois a conduta atual passa por cima da antiga, não sendo possível apurar se alguma parte da estrutura ficou conservada.</p> <p>Através de informações recolhidas junto da população local, foi possível perceber que no Alto das Obras, ao longo dos anos, sempre se encontraram vestígios de superfície que facilmente são atribuídos aos <i>Romanos</i> como fragmentos cerâmicos e moedas.</p> <p>Atualmente, toda a plataforma do cabeço se encontra com habitações e os terrenos em volta agricultados. Não foram observados vestígios relevantes no local. Na zona agricultada em redor, é possível encontrar cerâmica de construção mas muito rolada e fragmentada, não permitindo atribuir com segurança uma cronologia concreta.</p>
Bibliografia	SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2001) - História da Chamusca, das origens a 1643. Volume I. Chamusca: C.M. Chamusca.
Observações	Propriedade Privada.

Registo Cartográfico

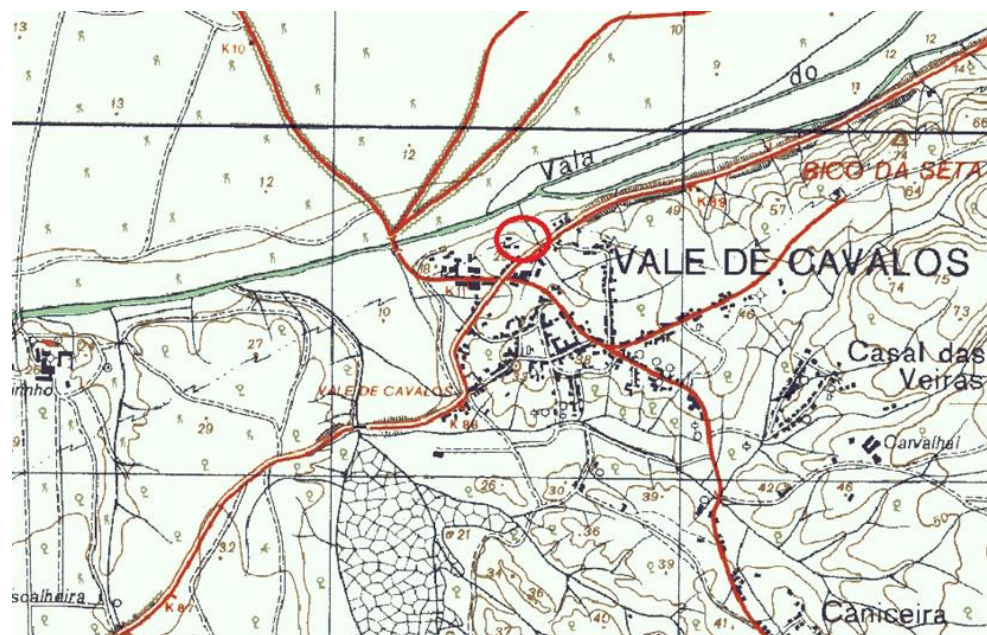


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 353.

Registo Fotográfico



Figura 2- Fotografia da conduta de água atribuída à época Romana. In SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2001) - História da Chamusca, das origens a 1643. Volume I. Chamusca: C.M. Chamusca. P. 23.

Ficha N°	114		
Designação	Casa da Silvina Martinho		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Vale de Cavalos	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 18m
CMP 1:25 000 folha n°	353	P Cronológico	Romano
Coordenada (N)	39°17'33.53"N	Coordenada (W)	8°31'21.13"W
Tipo de Sítio	Vestígios de Superfície	Estado de Conservação	Outros
Uso do Solo	Agrícola Baldio	Ameaças	Construção civil
Acessos	Rua dos Trabalhadores, Vale de Cavalos, Chamusca		

Descrição	<p>Nos terrenos pertencentes a uma habitação, que é conhecida pela população como a <i>casa da Silvina Martinho</i>, segundo a população local era possível encontrar vários vestígios de "<i>cacos velhos do tempo dos romanos naqueles campos</i>". A habitação e os terrenos da mesma situam-se na ponta mais a sul do Alto da Obras, já no fim no do cabeço.</p> <p>Na deslocação ao local, não foi possível observar vestígios nos terrenos apontados pois encontram-se murados, sendo propriedade privada.</p>
-----------	--

Bibliografia	Local inédito.
--------------	----------------

Observações	Propriedade Privada.
-------------	----------------------

Registo Cartográfico

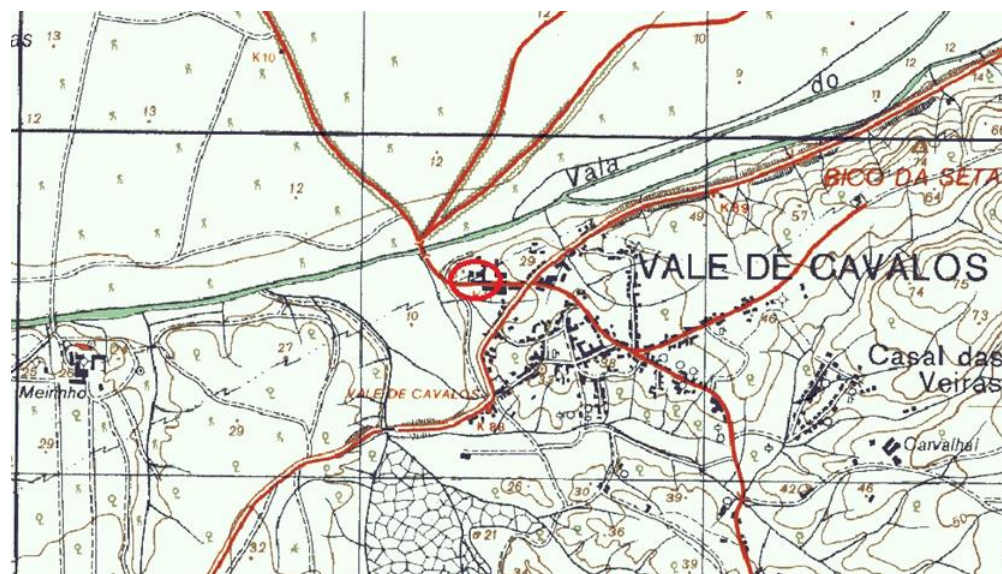


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 353.

Registo Fotográfico

Ficha N°	115		
Designação	Meirinho		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Vale de Cavalos	Topónimo	
CNS	15251	IPA	Altitude (m) 27m
CMP 1:25 000 folha n°	353	P Cronológico	Romano
Coordenada (N)	39°17'21.20"N	Coordenada (W)	8°31'34.56"W
Tipo de Sítio	Vestígios Diversos	Estado de Conservação	Regular
Uso do Solo	Agrícola Baldio	Ameaças	Agricultura
Acessos	EN 118 (Alpiarça-Chamusca), ao Km 87 virar à esquerda seguindo pela antiga EN 118. Acesso feito por um portão que dá acesso à Quinta.		

Descrição	<p>O sítio trata-se de uma plataforma virada a nordeste no cimo de um pequeno vale. Este local encontra-se referenciado na bibliografia pelo aparecimento de uma sepultura atribuída à época Romana em 1925, devido ao espólio que continha no seu interior (SAMOUCO, 2001, p. 22).</p> <p>O local encontra-se, também, referenciado no <i>Portal do Arqueólogo</i>, através de uma descoberta casual efetuada pelo arqueólogo António Faustino de Carvalho, que durante uma visita particular à região, no ano 2000, identificou na Quinta do Meirinho vestígios de superfície remontantes à época Romana, com a visualização de cerâmica de construção e comum romana. Na deslocação ao local foi observado que no topo da plataforma é possível encontrar cerâmica de construção romana, nomeadamente <i>tegulae</i> e imbrices, relativamente bem conservadas e com alguma dimensão. Foi possível, também, identificar alguma cerâmica comum apesar de esta se apresentar fragmentada, mas em boas condições. No mesmo local observou-se que o terreno é lavrado, mas não com muita frequência, tendo em seu redor uma plantação de vinha.</p>
-----------	--

Bibliografia	<p>SAMOUCO DA FONSECA J.J. (2001) - <i>História da Chamusca, das origens a 1643</i>. Volume I. Chamusca: C.M. Chamusca.</p> <p>Processo S - 15251</p>
--------------	---

Observações	Propriedade privada.
-------------	----------------------



Registo Cartográfico

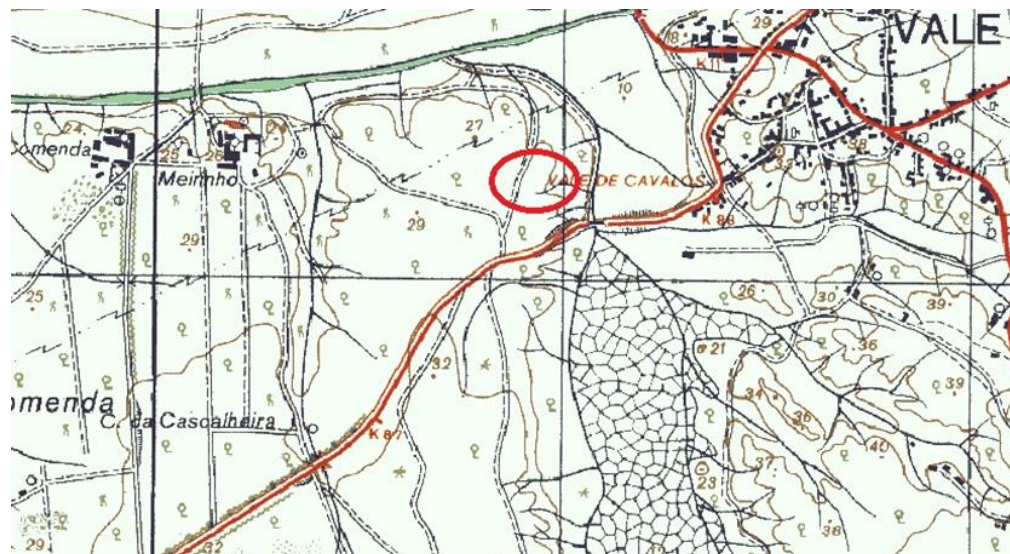


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 353.

Registo Fotográfico



Figura 2- Vista geral atual do sítio.



Ficha N°	116		
Designação	Marco Miliário ao Imperador Tácio I		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Vale de Cavalos	Topónimo	Quinta do Outeiro/Quinta Nova
CNS		IPA	Altitude (m) 11m
CMP 1:25 000 folha n°	353	P Cronológico	Romano
Coordenada (N)	39°17'49.05"N	Coordenada (W)	8°33'25.24"W
Tipo de Sítio	Marco	Estado de Conservação	Outros
Uso do Solo	Agrícola	Ameaças	Outros
Acessos	Zona de fronteira entre o Concelho de Alpiarça e o Concelho da Chamusca dividido pela Ribeira de Ulme ou Ribeira de Alpiarça. Sem acesso por estrada, propriedade privada.		

Descrição	<p><b>IMP</b> (eratori) / <b>CAESARI</b> / <b>M</b> (arco) / <b>CLAUDIO</b> / <b>TACITO</b> / <b>PIO</b> · <b>F</b> (elici) · <b>IN</b> / <b>VICTO</b> / <b>AVG</b> · <b>PONTIF</b> (ici) / <b>M</b> (aximo) · <b>TRIB</b> (unica) / <b>POTESTA</b> / <b>TIS</b> · <b>II</b> (secunde) <b>CO</b> [N] <b>S</b> (uli) / <b>P</b> (atri) · <b>P</b> (atraie) ·</p> <p>Ao Imperador César Marco Cláudio Tácito Pio Félix Invicto Augusto, pontífice máximo, no seu 2.º Poder tribunício, cônsul, Pai da Pátria.</p> <p>Este marco miliário foi encontrado em zona de fronteira do concelho de Alpiarça com o concelho da Chamusca, na Ribeira do Ulme (ou Ribeira de Alpiarça), o que leva a que este marco seja tanto atribuído a um concelho como a outro.</p> <p>Este marco já havia sido referenciado por André de Resende (I, 1593, p.166).</p> <p>Encarnação (IRPC 665) e Jaime Marques (1987, p. 9) afirmam tratar-se de um marco miliário pertencente à via <i>Olisipo – Emerita</i>, que passava por <i>Scallabis</i> que se encontra referenciada no <i>Itinerarium Antonini Augusti</i>, e que cruzava em algumas zonas o concelho atual da Chamusca. O miliário refere-se ao Imperador Tácito que nos finais de 275 d.C., mais propriamente a 10 de dezembro, assumiu o 2.º poder tribunício e só em janeiro de 276 d.C. é que é nomeado cônsul pela 2.ª vez. Com isto, Encarnação afirma que <i>a rigor, a epígrafe deveria mencionar COS · DES · II</i> (ENCARNAÇÃO, 1984, p. 725).</p> <p>Este miliário faz parte de cerca de uma dezena encontrada por toda a península e é dedicado a Tácito (ENCARNAÇÃO, 1984, p. 725).</p>
-----------	---

Bibliografia	<p>IRPC = ENCARNAÇÃO (d'), José (1984) – <i>Inscrições Romanas do Conventus Pacensis</i>. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra. p. 725. (Cita-se pelo número da inscrição); MARQUES, Jaime Jorge (1987) – <i>As inscrições romanas do concelho</i>. Chamusca: C.M. Chamusca; RESENDE, André de (1593) - <i>Libri quatuor De antiquitatibus Lusitaniae</i>.</p> <p>[Disponível em <a href="http://purl.pt/15210/4/res-3068-v_PDF/res-3068-v_PDF_24-C-R0150/res-3068-v_0000_Obra%20Completa_t24-C-R0150.pdf">http://purl.pt/15210/4/res-3068-v_PDF/res-3068-v_PDF_24-C-R0150/res-3068-v_0000_Obra%20Completa_t24-C-R0150.pdf</a> - Consultado a 08/05/2015]</p>
--------------	--

Observações	Sobre este miliário apenas temos a leitura que nos é dada através dos vários autores. Não se conhece o seu paradeiro e não foi possível encontrar qualquer imagem ou fotografia do mesmo.
-------------	---

Registo Cartográfico

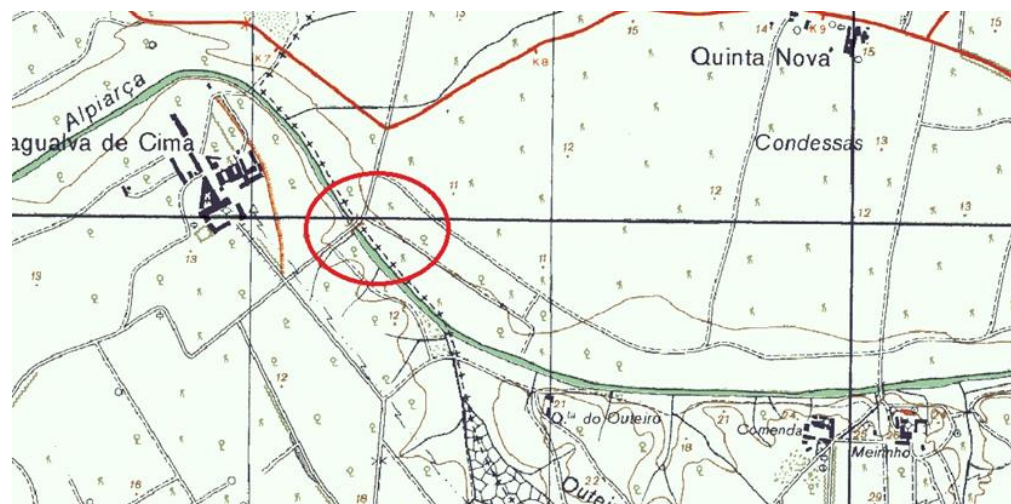


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 353.

Registo Fotográfico

Ficha N°	117		
Designação	Marco Miliário ao Imperador Tácio II		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Vale de Cavalos	Topónimo	Quinta do Outeiro/Quinta Nova
CNS		IPA	Altitude (m) 11m
CMP 1:25 000 folha n°	353	P Cronológico	Romano
Coordenada (N)	39°17'49.05"N	Coordenada (W)	8°33'25.24"W
Tipo de Sítio	Marco	Estado de Conservação	Outros
Uso do Solo	Agrícola	Ameaças	Outros
Acessos	Zona de fronteira entre o Concelho de Alpiarça e o Concelho da Chamusca dividido pela Ribeira de Ulme ou Ribeira de Alpiarça. Sem acesso por estrada, propriedade privada.		
Descrição	<p><b>IMP</b> (eratori) / <b>CAESARI</b> / <b>CLAVDI/O TACITO</b> / <b>PIO</b> · <b>F</b> (elici) · <b>IN</b> / <b>VICTO</b> / <b>AVQ</b> (usto) / <b>PONT</b> (ifici) · <b>M</b> (aximo) / <b>TRIB</b> (unicia) · <b>PO</b> / <b>TESTATIS</b> [sic] · <b>II</b> (secunda) / <b>CO</b> (n) <b>S</b> (uli) · <b>PRO</b> / [<b>CO</b> (n) <b>S</b> (uli)] / [...]</p> <p>Ao Imperador César Cláudio Tácito Pio Félix Invicto Augusto, pontífice máximo, no 2.º Poder tribunício, cônsul, procônsul ...</p> <p>Este marco miliário foi encontrado em zona de fronteira do concelho de Alpiarça com o concelho da Chamusca, na Ribeira do Ulme (ou Ribeira de Alpiarça), o que leva a que este marco seja tanto atribuído a um concelho como a outro.</p> <p>Este miliário foi encontrado juntamente com o anterior e mencionado pelos mesmos autores nas mesmas obras. Não existe grande variação entre este miliário e o anterior sendo que apenas <i>diverge na omissão do praenomen M (arco) e, no final, em vez de P · P vem PRO (consuli), que é, de facto, mais corrente.</i> (IRCP 666)</p>		
Bibliografia	IRPC = ENCARNÇÃO (d'), José (1984) – <i>Inscrições Romanas do Conventus Pacensis</i> . Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra. p. 725. (Cita-se pelo número da inscrição); MARQUES, Jaime Jorge (1987) – <i>As inscrições romanas do concelho</i> . Chamusca: C.M. Chamusca.		
Observações	Sobre este miliário apenas temos a leitura que nos é dada através dos vários autores. Não se conhece o seu paradeiro e não foi possível encontrar qualquer imagem ou fotografia do mesmo.		

Registo Cartográfico

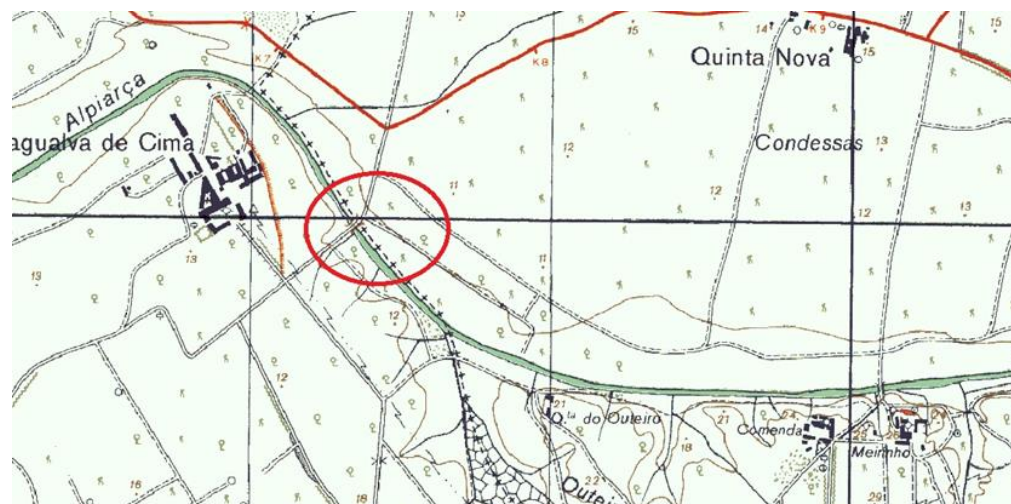


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 353.

Registo Fotográfico

Ficha N°	118		
Designação	Marco Miliário ao Imperador Tácio III		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Vale de Cavalos	Topónimo	Quinta do Outeiro/Quinta Nova
CNS		IPA	Altitude (m) 11m
CMP 1:25 000 folha n°	353	P Cronológico	Romano
Coordenada (N)	39°17'49.05"N	Coordenada (W)	8°33'25.24"W
Tipo de Sítio	Marco	Estado de Conservação	Outros
Uso do Solo	Agrícola	Ameaças	Outros
Acessos	Zona de fronteira entre o Concelho de Alpiarça e o Concelho da Chamusca dividido pela Ribeira de Ulme ou Ribeira de Alpiarça. Sem acesso por estrada, propriedade privada.		
Descrição	<p>[... <b>INJ/VICTO</b> / <b>AVG</b> (usto) / <b>P</b> (ontifici) · <b>M</b> (aximo) / <b>TRIB</b> (unicina) / <b>PO</b> [<b>T</b> (estate)...]</p> <p>... Invicto, Augusto, pontífice máximo, no... Poder tribunício...</p> <p>Este fragmento de uma parte final de um miliário que foi, encontrado em zona de fronteira do concelho de Alpiarça com o concelho da Chamusca, na Ribeira do Ulme (ou Ribeira de Alpiarça), o que leva a que este marco seja tanto atribuído a um concelho como a outro. Encarnação (IRCP 667) sugere a <i>atribuição da mesma proveniência e do mesmo imperador (Tácito, 276)</i>. Este miliário encontra-se nas mesmas circunstâncias que os dois miliários aqui apresentados.</p>		
Bibliografia	IRPC = ENCARNAÇÃO (d'), José (1984) – <i>Inscrições Romanas do Conventus Pacensis</i> . Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra. p. 725. (Cita-se pelo número da inscrição); MARQUES, Jaime Jorge (1987) – <i>As inscrições romanas do concelho</i> . Chamusca: C.M. Chamusca.		
Observações	Sobre este miliário apenas temos a leitura que nos é dada através dos vários autores. Não se conhece o seu paradeiro e não foi possível encontrar qualquer imagem ou fotografia do mesmo.		

Registo Cartográfico

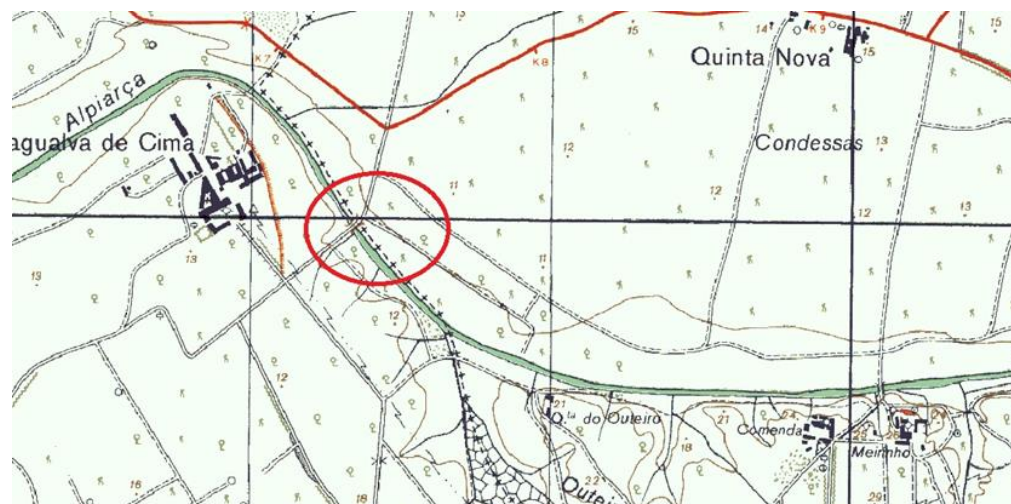


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 353.

Registo Fotográfico



Ficha N°	119		
Designação	Igreja Matriz de Vale de Cavalos/ Igreja do Divino Espírito Santo		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Vale de Cavalos	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 33m
CMP 1:25 000 folha n°	353	P Cronológico	Moderno
Coordenada (N)	39°17'27.39"N	Coordenada (W)	8°31'11.65"W
Tipo de Sítio	Igreja	Estado de Conservação	Bom
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Agentes Climáticos
Acessos	Rua da Igreja, Vale de Cavalos, Chamusca.		

Descrição	<p>Segundo a bibliografia, o edifício primitivo remonta ao séc.: XVII, sendo que (...) <i>a dedicação da igreja de Vale de Cavalos ao Divino Espírito Santo remonta quase de certeza à primeira metade do século XVII, apesar de se terem realizado obras de beneficiação em datas posteriores (datas que são assinaladas no próprio edifício: 1726 e 1750).</i> (LÁZARO, 2009, p. 118)</p> <p>O edifício de planta longitudinal é composto por uma nave, com uma torre do lado esquerdo com duas janelas com molduras em pedras, terminando com um arco de volta perfeita. A fachada principal é composta com um portal retangular em pedra, encontrando-se sobre a ombreira da porta principal um lintel com a inscrição 1739.</p> <p>Por cima da porta principal, apresenta uma cornija onde assenta uma janela com moldura em pedra, também ela terminada com um arco de volta perfeita. A fachada posterior é rematada por empena triangular. Todo a igreja apresenta um rebordo pintado a cinza.</p> <p>Com a realização de obras no pátio do lado direito da igreja, no âmbito da Casa Mortuária, temos a informação que foram descobertas várias sepulturas junto à igreja e por todo o largo, mas não existiu acompanhamento dessa mesma obra.</p>
-----------	---

Bibliografia	<p>PDM da Chamusca (1995) (<a href="http://websig.cm-chamusca.pt/">http://websig.cm-chamusca.pt/</a>)</p> <p>LÁZARO, Alice (2009) – <i>Vila de Rei com Val de Cavalos – A Charneca</i>. Lisboa: Edições Cosmos; TECEDDEIRO, Luís António Vaz (1999) – <i>A Religião pelo Concelho da Chamusca – Igrejas e Capelas</i>. Vol. III. Alpiarça: GARRIDO artes gráficas.</p>
--------------	--

Observações	
-------------	--

Registo Cartográfico

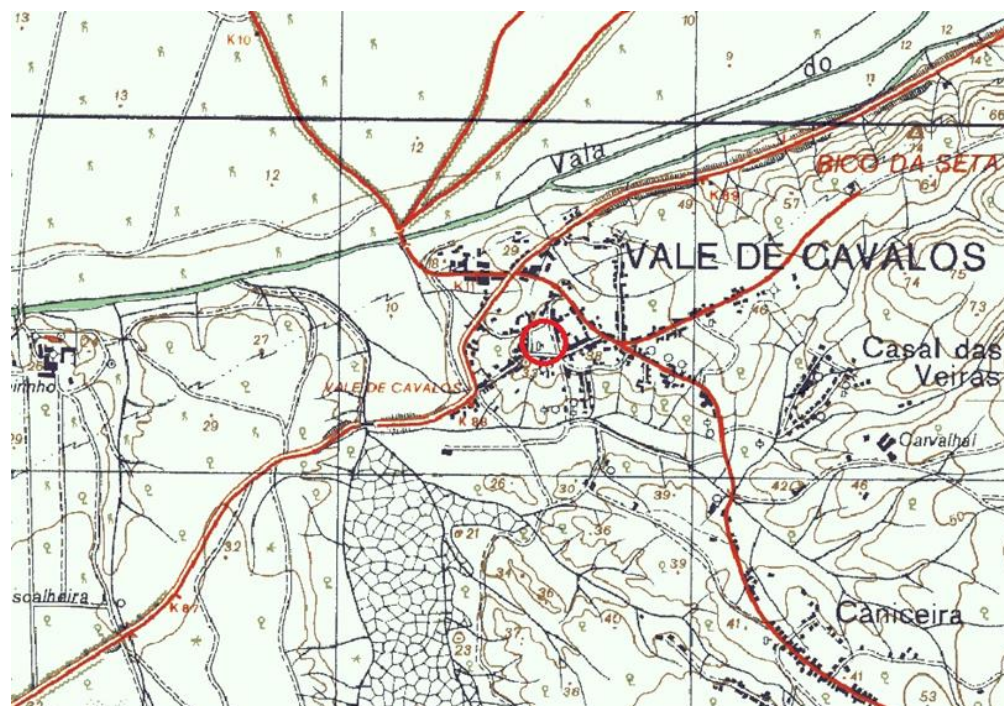


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 353.

Registo Fotográfico



Figura 2- Vista exterior da igreja.



Figura 3- Pormenor da data inscrita por cima da porta principal da igreja.

Ficha N°	120		
Designação	Nossa Senhora dos Remédios		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Vale de Cavalos	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 18m
CMP 1:25 000 folha n°	353	P Cronológico	Indeterminado/ Moderno (?)
Coordenada (N)	39°17'37.54"N	Coordenada (W)	8°31'12.91"W
Tipo de Sítio	Fonte	Estado de Conservação	Bom
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Agentes Climáticos
Acessos	Travessa da Fonte da Nossa Senhora dos Remédios, Vale de Cavalos, Chamusca		

Descrição	<p>Localiza-se no fundo do cabeço do Alto das Obras, virado para a lezíria. Segundo a população local e seguindo a bibliografia (LÁZARO, 2009), é atribuído aquele local a zona mais antiga de Vale de Cavalos, existindo lendas em redor da fonte que ali se encontra.</p> <p>Neste local já não é possível observar muito da arquitetura da antiga fonte, que seria possivelmente de época Moderna. Foram realizadas obras de melhoramento do local que modificaram por completo o sítio.</p> <p>Este local localiza-se muito próximo do lugar onde foram encontrados os vestígios da, possível, conduta de água romana.</p> <p>Podemos relatar a existência daquela fonte desde a época Moderna, mas não é possível atribuir uma cronologia mais concreta.</p>
-----------	---

Bibliografia	LÁZARO, Alice (2009) – <i>Vila de Rei com Val de Cavalos – A Charneca</i> . Lisboa: Edições Cosmos.
--------------	---

Observações	
-------------	--

Registo Cartográfico

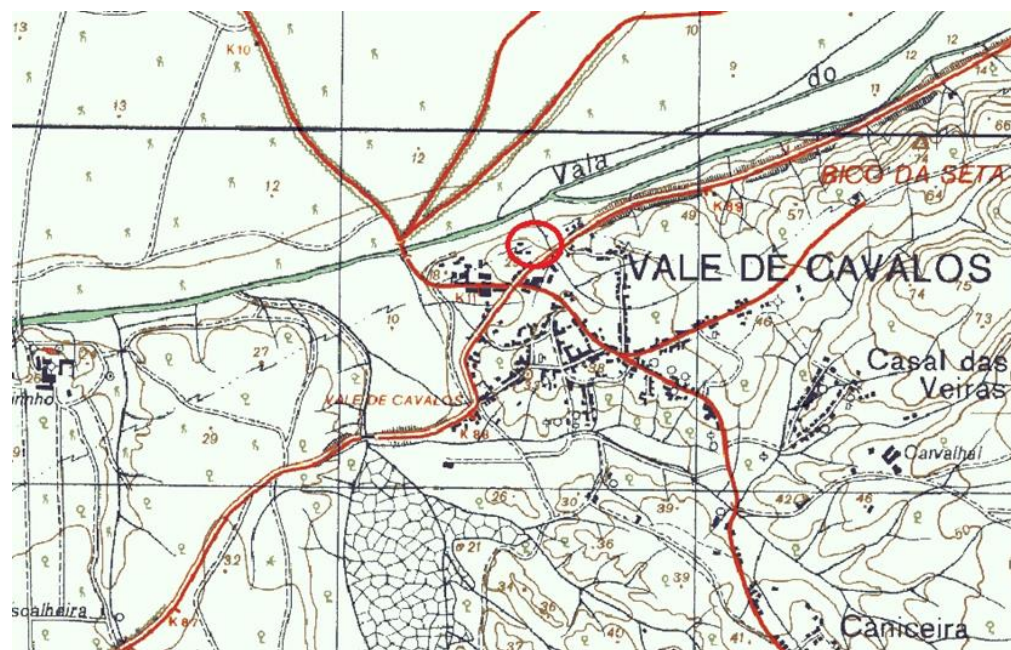


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 353.

Registo Fotográfico



Figura 2- Estrutura reabilitada da fonte dos Remédios.

Ficha N°	121		
Designação	Moinho de Vale Carros		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Vale de Cavalos	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 18m
CMP 1:25 000 folha n°	354	P Cronológico	Indeterminado/ Moderno (?)
Coordenada (N)	39°16'7.14"N	Coordenada (W)	8°29'29.46"W
Tipo de Sítio	Moinho	Estado de Conservação	Destruído
Uso do Solo	Agrícola Baldio	Ameaças	Agricultura
Acessos	Seguir pela EM em direção à Caniceira, desviando depois em direção a Vale Carros.		

Descrição	<p>Este engenho fazia parte do conjunto de moinhos de rodízio que se encontravam instalados nas margens da Ribeira do Couto. A existência de engenhos naquela ribeira está descrita numa Carta Régia de 1402 (séc.: XV) que demonstra a presença destes engenhos já na época Moderna (LÁZARO, 2009, p. 49-50).</p> <p>O Moinho de Vale Carros foi demolido, não sendo possível observar quaisquer vestígios do mesmo, segundo a população de Vale de Cavalos e por nós verificado.</p> <p>Relativamente à atribuição de uma cronologia da fundação do moinho, a partir da documentação consultada, não nos foi possível chegar a uma conclusão sobre a época em que este foi erguido. A documentação existente não é clara, nem precisa, no que diz respeito a esta matéria, no entanto, a partir da descrição da existência de moinhos naquela ribeira no séc.: XV, é possível que este já existisse e fosse utilizado ao longo do tempo.</p>
-----------	--

Bibliografia	<p>COELHO, António Matias (1995) – <i>Cadernos da Ascensão. A Água</i>. Chamusca: Câmara Municipal da Chamusca; LÁZARO, Alice (2009) – <i>Vila de Rei com Val de Cavalos – A Charneca</i>. Lisboa: Edições Cosmos.</p>
--------------	--

Observações	Propriedade privada.
-------------	----------------------



Registo Cartográfico

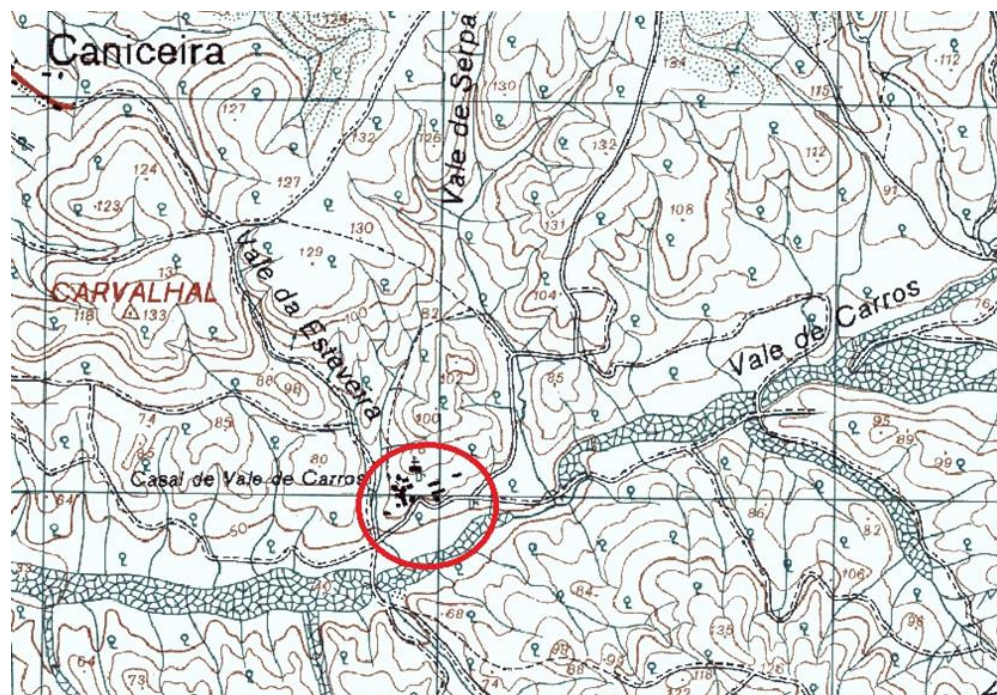


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 354.

Registo Fotográfico



Ficha N°	122		
Designação	Moinho do Couto		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Vale de Cavalos	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 24m
CMP 1:25 000 folha n°	353	P Cronológico	Indeterminado/ Moderno (?)
Coordenada (N)	39°16'32.96"N	Coordenada (W)	8°30'53.59"W
Tipo de Sítio	Moinho	Estado de Conservação	Destruído
Uso do Solo	Agrícola Baldio	Ameaças	Agricultura
Acessos	Seguir pela EM em direção à Caniceira, desviando depois em direção ao Casal do Couto.		

Descrição	<p>Este engenho fazia parte do conjunto de moinhos de rodízio que se encontravam instalados nas margens da Ribeira do Couto. A existência de engenhos naquela ribeira está descrita numa Carta Régia de 1402 (séc.: XV) que demonstra a presença destes engenhos já na época Moderna (LÁZARO, 2009, p. 49-50).</p> <p>O Moinho do Couto foi demolido, não sendo possível observar quaisquer vestígios do mesmo, segundo a população de Vale de Cavalos e por nós verificado.</p> <p>Relativamente à atribuição de uma cronologia da fundação do moinho, a partir da documentação consultada, não nos foi possível chegar a uma conclusão sobre a época em que este foi erguido. A documentação existente não é clara, nem precisa, no que diz respeito a esta matéria, no entanto, a partir da descrição da existência de moinhos naquela ribeira no séc.: XV, é possível que este já existisse e fosse utilizado ao longo do tempo.</p>
-----------	--

Bibliografia	<p>COELHO, António Matias (1995) – <i>Cadernos da Ascensão. A Água</i>. Chamusca: Câmara Municipal da Chamusca; LÁZARO, Alice (2009) – <i>Vila de Rei com Val de Cavalos – A Charneca</i>. Lisboa: Edições Cosmos.</p>
--------------	--

Observações	Propriedade privada.
-------------	----------------------

Registo Cartográfico

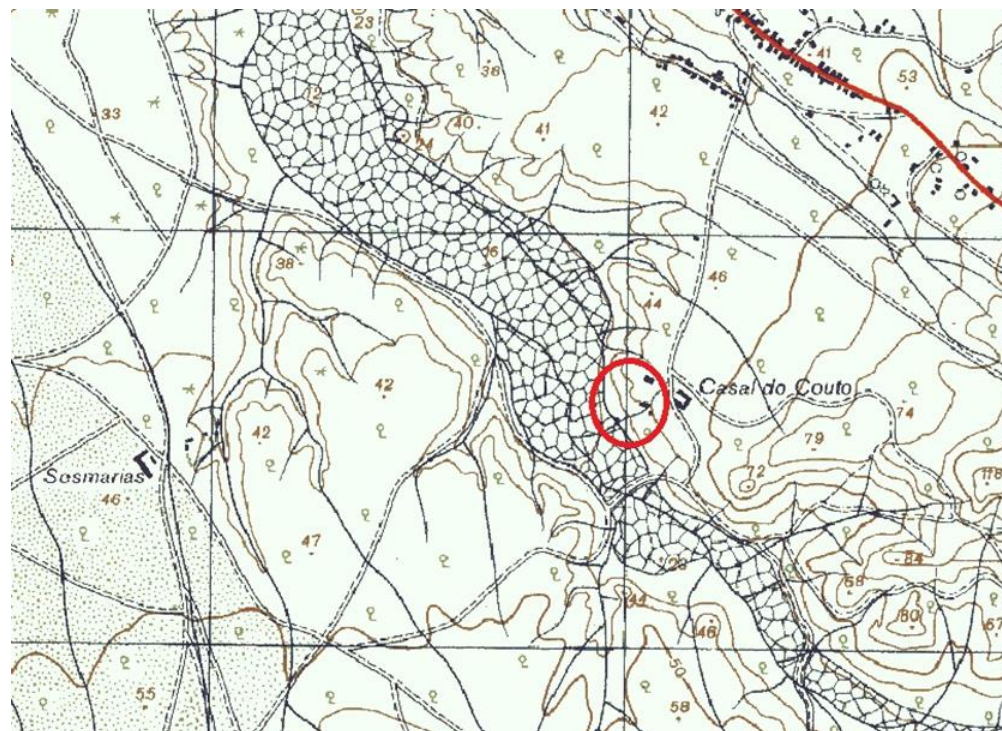


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 353.

Registo Fotográfico

Ficha N°	123		
Designação	Moinho da Francisca		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Vale de Cavalos	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 40m
CMP 1:25 000 folha n°	353	P Cronológico	Indeterminado/ Moderno (?)
Coordenada (N)	39°17'1.66"N	Coordenada (W)	8°30'57.90"W
Tipo de Sítio	Moinho	Estado de Conservação	Destruído
Uso do Solo	Agrícola Baldio	Ameaças	Agricultura
Acessos	Seguir pela EM em direção à Caniceira, desviando depois em direção ao Casal do Couto.		

Descrição	<p>Este engenho fazia parte do conjunto de moinhos de rodízio que se encontravam instalados nas margens da Ribeira do Couto. A existência de engenhos naquela ribeira está descrita numa Carta Régia de 1402 (séc.: XV) que demonstra a presença destes engenhos já na época Moderna (LÁZARO, 2009, p. 49-50).</p> <p>O Moinho da Francisca foi demolido, não sendo possível observar quaisquer vestígios do mesmo segundo a população de Vale de Cavalos. O moinho foi apelidado de Moinho da Francisca, por ser este o nome da última moleira deste engenho. Possivelmente teria outro nome mas este perdeu-se no tempo. Também não foi possível a localização exata do engenho.</p> <p>Relativamente à atribuição de uma cronologia da fundação do moinho, a partir da documentação consultada, não nos foi possível chegar a uma conclusão sobre a época em que este foi erguido. A documentação existente não é clara, nem precisa, no que diz respeito a esta matéria, no entanto, a partir da descrição da existência de moinhos naquela ribeira no séc.: XV, é possível que este já existisse e fosse utilizado ao longo do tempo.</p>
-----------	--

Bibliografia	<p>COELHO, António Matias (1995) – <i>Cadernos da Ascensão. A Água</i>. Chamusca: Câmara Municipal da Chamusca; LÁZARO, Alice (2009) – <i>Vila de Rei com Val de Cavalos – A Charneca</i>. Lisboa: Edições Cosmos.</p>
--------------	--

Observações	Propriedade privada.
-------------	----------------------

Registo Cartográfico

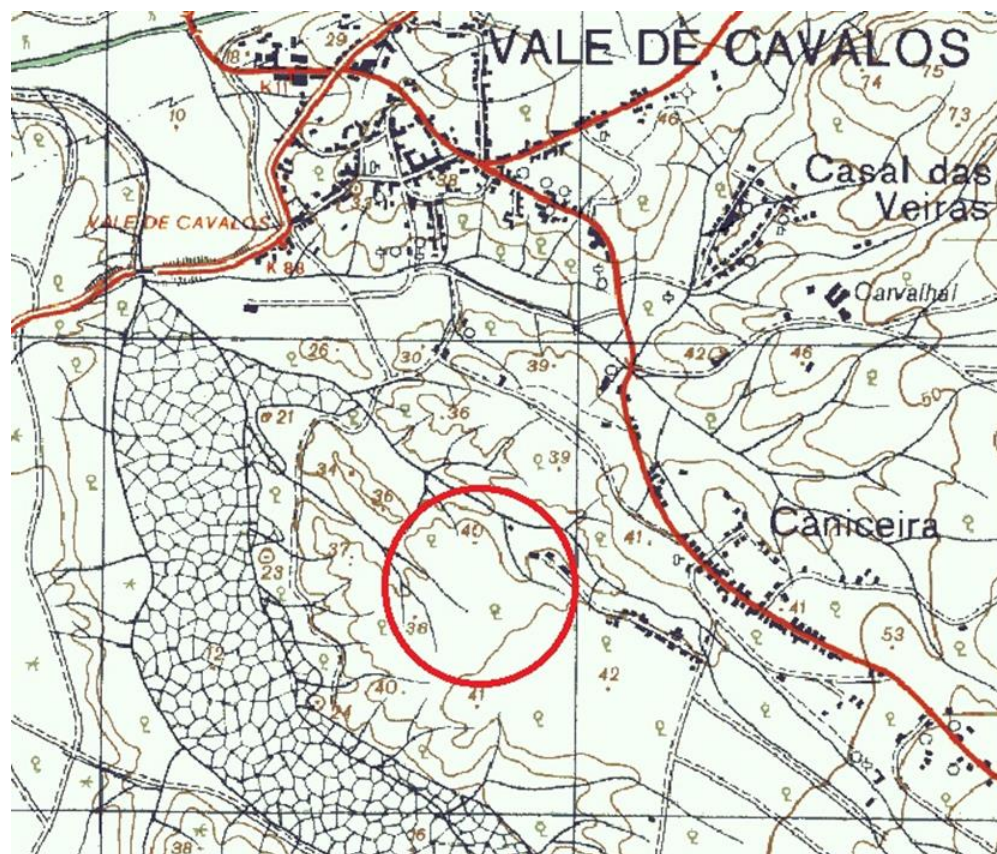


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 353.

Registo Fotográfico

Ficha N°	124		
Designação	Moinho Encarnado		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Vale de Cavalos	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 10m
CMP 1:25 000 folha n°	353	P Cronológico	Indeterminado/ Moderno (?)
Coordenada (N)	39°17'18.02"N	Coordenada (W)	8°31'19.90"W
Tipo de Sítio	Moinho	Estado de Conservação	Destruído
Uso do Solo	Agrícola Baldio	Ameaças	Agricultura
Acessos	EN 118 (Alpiarça-Chamusca), virar à direita por um caminho de terra batida ao Km 88 situava-se perto do arrozal.		

Descrição	<p>Este engenho fazia parte do conjunto de moinhos de rodízio que se encontravam instalados nas margens da Ribeira do Couto. A existência de engenhos naquela ribeira está descrita numa Carta Régia de 1402 (séc.: XV) que demonstra a presença destes engenhos já na época Moderna (LÁZARO, 2009, p. 49-50).</p> <p>O Moinho Encarnado foi demolido, não sendo possível observar quaisquer vestígios do mesmo, segundo a população de Vale de Cavalos e por nós verificado.</p> <p>Relativamente à atribuição de uma cronologia da fundação do moinho, a partir da documentação consultada, não nos foi possível chegar a uma conclusão sobre a época em que este foi erguido. A documentação existente não é clara, nem precisa, no que diz respeito a esta matéria, no entanto, a partir da descrição da existência de moinhos naquela ribeira no séc.: XV, é possível que este já existisse e fosse utilizado ao longo do tempo.</p>
-----------	---

Bibliografia	COELHO, António Matias (1995) – <i>Cadernos da Ascensão. A Água</i> . Chamusca: Câmara Municipal da Chamusca; LÁZARO, Alice (2009) – <i>Vila de Rei com Val de Cavalos – A Charneca</i> . Lisboa: Edições Cosmos.
--------------	---

Observações	Propriedade privada.
-------------	----------------------



Registo Cartográfico

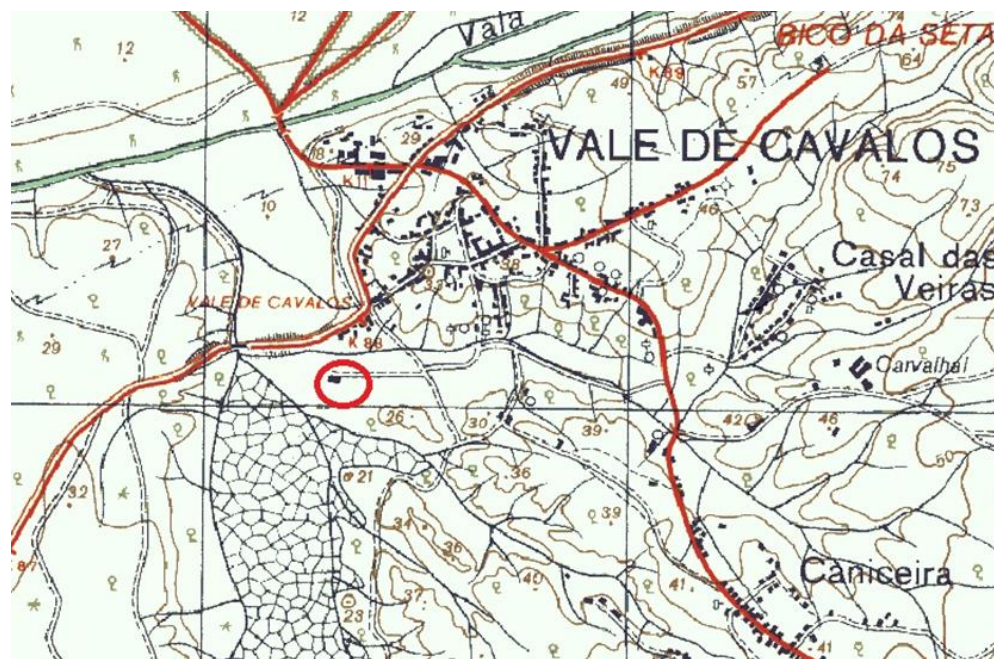


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 353.

Registo Fotográfico



# **União das Freguesias de Parreira e Chouto**



Ficha N°	125		
Designação	Igreja da Nossa Senhora da Conceição		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Chouto	Topónimo	
CNS		IPA	25361
			Altitude (m) 117m
CMP 1:25 000 folha n°	354	P Cronológico	Moderno
Coordenada (N)	39°16'18.48"N	Coordenada (W)	8°21'7.87"W
Tipo de Sítio	Igreja	Estado de Conservação	Destruído
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Agentes Climáticos
Acessos	Largo da Feira, Chouto, Chamusca.		

Descrição	<p>Esta igreja foi mencionada no Inquérito Nacional elaborado na sequência do Terramoto de 1775. O inquérito desta paróquia foi elaborado pelo Padre Manuel da Costa Temudo. A menção a este edifício foi a única que o padre achou relevante referir no inquérito. Foi possível concluir que este edifício já existia antes do séc.: XVIII (COELHO, 1985, p. 3).</p> <p>O edifício é de planta longitudinal, de uma só nave e modesto. Tendo a sacristia do lado esquerdo. A fachada principal é composta com um portal em pedra simples retangular, com uma janela por cima do mesmo, também, ela retangular e com uma moldura de pedra simples. Do lado direito é possível observar que se encontra uma torre sineira, com o sino no meio da torre. A fachada superior é rematada com um frontão de volutas simples, terminando no topo com uma cruz.</p>
-----------	--

Bibliografia	<p>PDM da Chamusca (1995) (<a href="http://websig.cm-chamusca.pt/">http://websig.cm-chamusca.pt/</a>)</p> <p>COELHO, António Matias (1985) – <i>Chouto – Algumas notas históricas</i>. Chamusca: Câmara Municipal de Chamusca. TECEDEIRO, Luís António Vaz (1999) – <i>A Religião pelo Concelho da Chamusca – Igrejas e Capelas</i>. Vol. III. Alpiarça: GARRIDO artes gráficas.</p>
--------------	--

Observações	
-------------	--

Registo Cartográfico

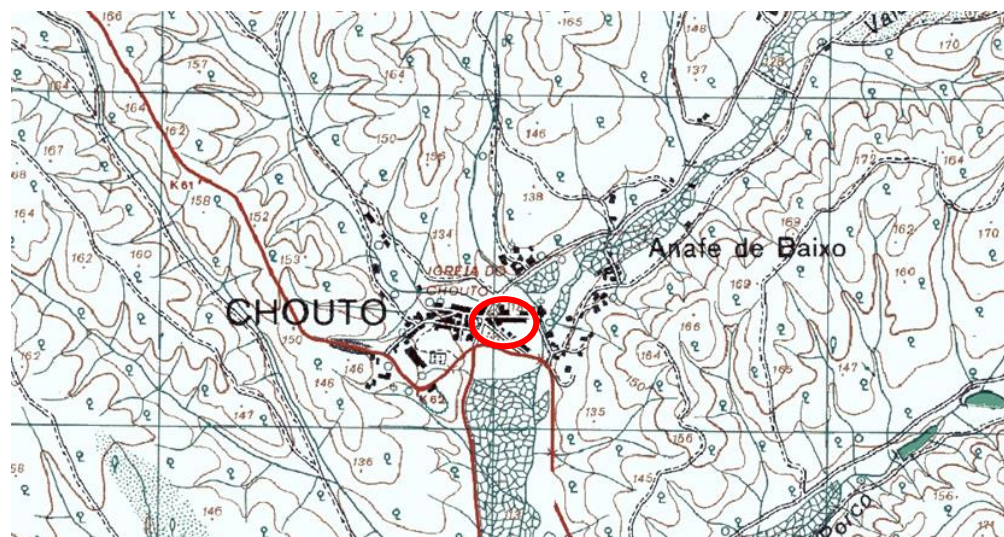


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 354.

Registo Fotográfico



Figura 2- Vista exterior frontal da Igreja.

Ficha N°	126		
Designação	Capela do Vale da Lama		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Parreira	Topónimo	Vale da Lama da Rosa
CNS		IPA	25365
			Altitude (m) 75m
CMP 1:25 000 folha n°	366	P Cronológico	Indeterminado/ Moderno (?)
Coordenada (N)	39°10'56.50"N	Coordenada (W)	8°23'10.47"W
Tipo de Sítio	Capela	Estado de Conservação	Regular
Uso do Solo	Baldio	Ameaças	Agentes Climáticos
Acessos	EM 557 (Paços Velhos-Parreira), Casal do Vale da Lama da Rosa, Parreira, Chamusca. Acesso por terra batida.		

Descrição	<p>Neste casal situado no vale da Ribeira de Muge, é possível encontrar um pequeno edifício religioso. Com a autorização do dono do terreno, Sr. Oliveira, foi possível uma análise do mesmo.</p> <p>Uma pequena capela de uma só nave, com um pequeno e modesto altar e uma pequena sala do lado esquerdo, a sacristia.</p> <p>Na fachada principal observa-se um portal em pedra retangular, onde assenta no seu topo uma cornija, que suporta uma estrutura triangular em pedra com uma cruz desenhada no centro do triângulo.</p> <p>A fachada superior rematada por empena triangular, com dois cunhais triangulares nas pontas, sendo que no topo, ao centro, encontra-se assente numa cornija uma sineira retangular, com uma abertura em arco de volta perfeito com uma cruz no topo.</p> <p>A capela encontra-se rodeada por um pequeno pátio, murado com chão de tijoleira.</p> <p>Não foi possível obter uma cronologia concreta para este edifício, por falta de estudos e bibliografia desta área do concelho. Contudo, é possível que date dos finais da época moderna, seguindo o padrão do panorama do resto do concelho, mas apenas se trata de uma hipótese.</p>
-----------	--

Bibliografia	TECEDEIRO, Luís António Vaz (1999) – <i>A Religião pelo Concelho da Chamusca – Igrejas e Capelas</i> . Vol. III. Alpiarça: GARRIDO artes gráficas.
--------------	--

Observações	Propriedade privada.
-------------	----------------------

Registo Cartográfico

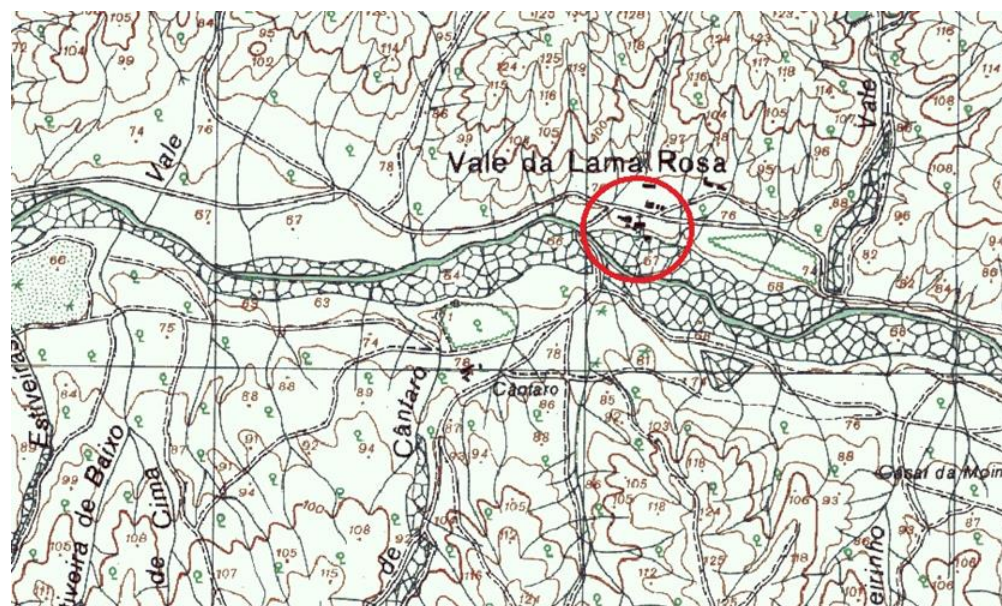


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 366.

Registo Fotográfico



Figura 2- Vista exterior frontal da capela.



Ficha N°	127		
Designação	Moinho das Folgas		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Chouto	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 120m
CMP 1:25 000 folha n°	355	P Cronológico	Indeterminado/ Moderno (?)
Coordenada (N)	39°14'2.68"N	Coordenada (W)	8°15'9.11"W
Tipo de Sítio	Moinho	Estado de Conservação	Outros
Uso do Solo	Agrícola	Ameaças	Agricultura
Acessos	EN 243 (Chouto-Bemposta), ao Km 74 cortar em direção às Folgas pela EM.		

Descrição	<p>Este engenho fazia parte do conjunto de moinhos de rodízio que se encontravam instalados nas margens da Ribeira de Muge.</p> <p>O Moinho das Folgas localiza-se no casal com o mesmo nome. Não nos foi possível chegar até ao engenho, por se encontrar dentro de propriedade privada, sabemos apenas que ainda não foi demolido.</p> <p>Através da atribuição de uma cronologia da fundação do engenho, a partir da documentação consultada, não nos foi possível chegar a uma conclusão sobre a época em que este foi erguido. A documentação existente não é clara nem precisa no que diz respeito a esta matéria, no entanto a partir da integração do Chouto e suas terras na <i>Casa do Infante</i> (séc.: XVII) é provável que este já existisse, ou fosse edificado nessa época e fosse utilizado ao longo do tempo, como é o caso dos Moinhos da Ribeira de Ulme. Contudo, não passa de uma mera hipótese.</p>
-----------	--

Bibliografia	COELHO, António Matias (1995) – <i>Cadernos da Ascensão. A Água</i> . Chamusca: Câmara Municipal da Chamusca.
--------------	---

Observações	Propriedade privada.
-------------	----------------------

Registo Cartográfico

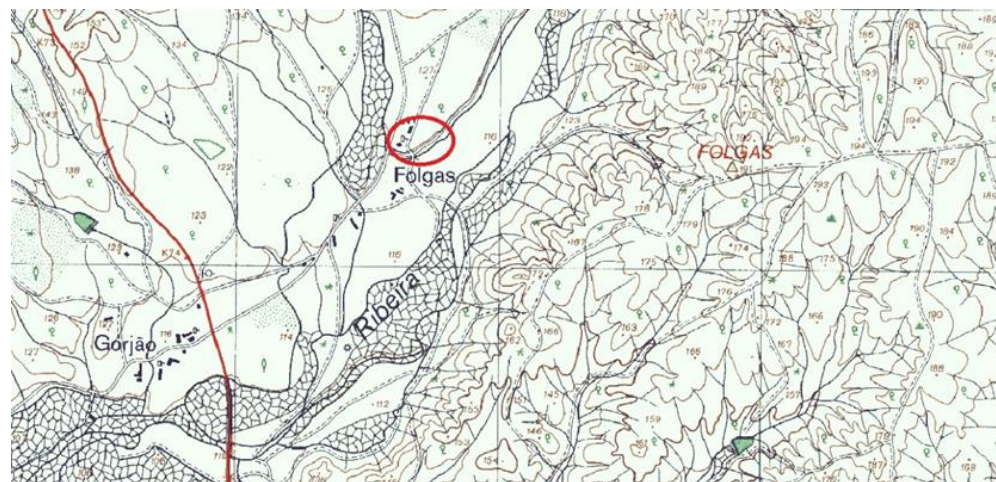


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 355.

Registo Fotográfico



Figura 2- Vista exterior parcial do edifício.

Ficha N°	128		
Designação	Moinho de Martingil		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Chouto	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 94m
CMP 1:25 000 folha n°	367	P Cronológico	Indeterminado/ Moderno (?)
Coordenada (N)	39°13'1.13"N	Coordenada (W)	8°17'25.36"W
Tipo de Sítio	Moinho	Estado de Conservação	Em Perigo
Uso do Solo	Agrícola Baldio	Ameaças	Vegetação
Acessos	EN 243 (Chouto-Bemposta), ao Km 74 cortar em direção às Folgas pela EM.		

Descrição	<p>Este engenho fazia parte do conjunto de moinhos de rodízio que se encontravam instalados nas margens da Ribeira de Muge.</p> <p>O Moinho de Martingil encontra-se em grande estado de degradação. Deparamo-nos com um edifício muito degradado, já sem telhado, de planta retangular de construção em tijolo e pedra, tendo as paredes rebocadas e caídas. No exterior do edifício, foi possível encontrar uma das mós em pedra coberta quase na sua totalidade por vegetação. Observámos, também, um cabouco, de arco de volta perfeita com o cubo ainda no local. No interior, foi possível observar que o chão abateu na zona do cabouco por este ser de ripas de madeira, tendo destruído a estrutura de moagem, também, de madeira. Encontrámos mais mós no interior do edifício, sendo que uma delas estava dentro de água, ainda, com o veio inserido.</p> <p>Através da atribuição de uma cronologia da fundação do engenho, a partir da documentação consultada, não nos foi possível chegar a uma conclusão sobre a época em que este foi erguido. A documentação existente não é clara nem precisa no que diz respeito a esta matéria, no entanto a partir da integração do Chouto e suas terras na <i>Casa do Infante</i> (séc.: XVII) é provável que este já existisse, ou fosse edificado nessa época e fosse utilizado ao longo do tempo, como é o caso dos Moinhos da Ribeira de Ulme. Contudo, não passa de uma mera hipótese.</p>
Bibliografia	COELHO, António Matias (1995) – <i>Cadernos da Ascensão. A Água</i> . Chamusca: Câmara Municipal da Chamusca.
Observações	Propriedade privada. Estado muito avançado de degradação.

Registo Cartográfico

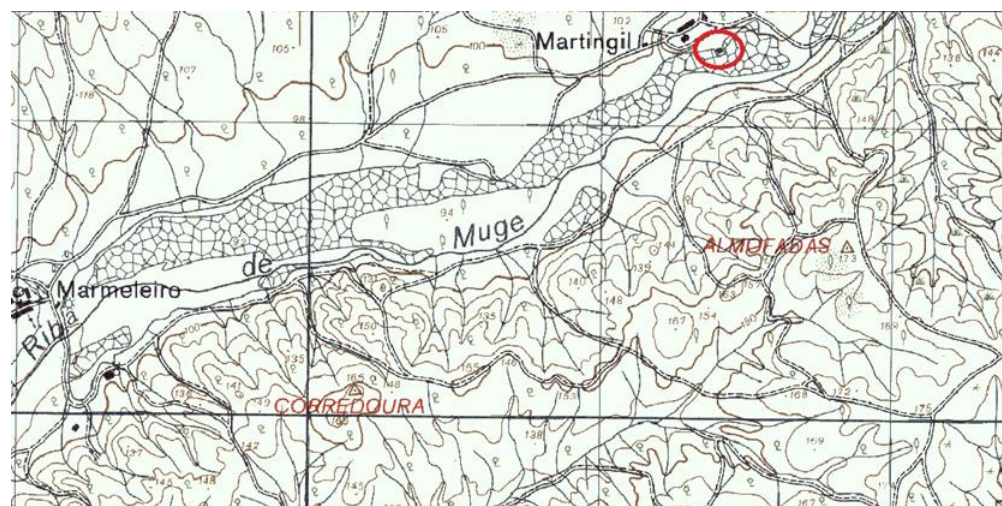


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 367.

Registo Fotográfico



Figura 2- Vista exterior do edifício.



Figura 3- Vista interior do edifício, já sem cobertura.



Figura 4- Vista do piso onde é visível o seu abatimento.

Ficha N°	129		
Designação	Moinho do Marmeleiro		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Chouto	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 94m
CMP 1:25 000 folha n°	367	P Cronológico	Indeterminado/ Moderno (?)
Coordenada (N)	39°12'31.51"N	Coordenada (W)	8°18'58.57"W
Tipo de Sítio	Moinho	Estado de Conservação	Mau
Uso do Solo	Agrícola Baldio	Ameaças	Vegetação
Acessos	EN 243 (Chouto-Bemposta), ao Km 74 cortar em direção ao Marmeleiro pela EM.		

Descrição	<p>Este engenho fazia parte do conjunto de moinhos de rodízio que se encontravam instalados nas margens da Ribeira de Muge.</p> <p>O Moinho do Marmeleiro encontra-se num estado avançado de degradação. Deparamo-nos com um edifício muito degradado, de planta retangular, de construção de em tijolo e pedra, com telhado de duas águas, tendo as paredes rebocadas e caiadas. No exterior, observaram-se dois caboucos, de arco de volta perfeita, muito cobertos pela alta vegetação. No interior, foi possível verificar que o chão começa a abater na zona dos caboucos, por ser de ripas de madeira, restando apenas duas mós em pedra e dois caixilhos de madeira que faziam parte do sistema de moagem. Através da atribuição de uma cronologia da fundação do engenho, a partir da documentação consultada, não nos foi possível chegar a uma conclusão sobre a época em que este foi erguido. A documentação existente não é clara nem precisa no que diz respeito a esta matéria, no entanto a partir da integração do Chouto e suas terras na <i>Casa do Infante</i> (séc.: XVII) é provável que este já existisse, ou fosse edificado nessa época e fosse utilizado ao longo do tempo, como é o caso dos Moinhos da Ribeira de Ulme. Contudo, não passa de uma mera hipótese.</p>
-----------	--

Bibliografia	COELHO, António Matias (1995) – <i>Cadernos da Ascensão. A Água</i> . Chamusca: Câmara Municipal da Chamusca.
--------------	---

Observações	Propriedade privada. Perigo de abatimento do piso.
-------------	--



Registo Cartográfico

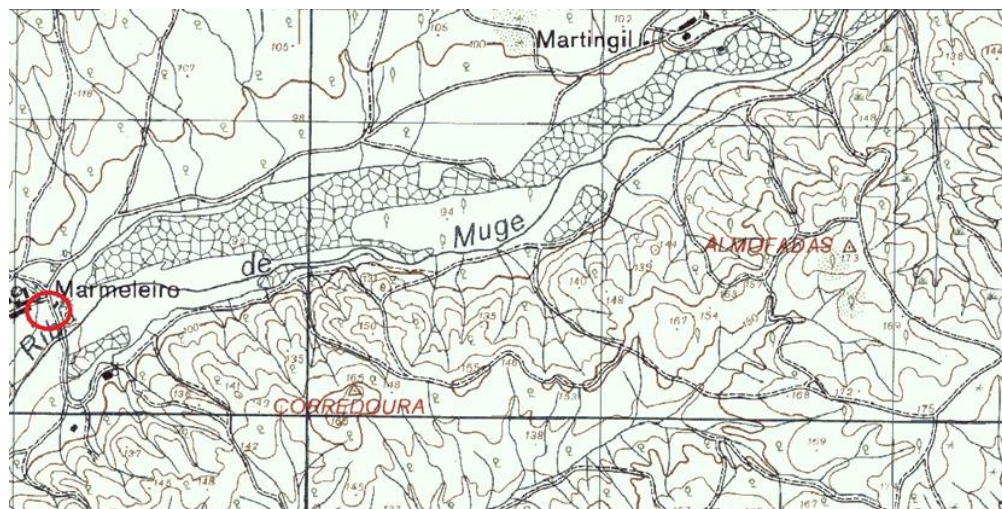


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 367.

Registo Fotográfico



Figura 2- Vista exterior frontal do edifício.



Figura 3- Vista exterior traseira do edifício.



Figura 4- Vista do interior do edifício.



Ficha N°	130		
Designação	Moinho das Talasnas		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Chouto	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 86m
CMP 1:25 000 folha n°	366	P Cronológico	Indeterminado/ Moderno (?)
Coordenada (N)	39°11'39.50"N	Coordenada (W)	8°20'17.69"W
Tipo de Sítio	Moinho	Estado de Conservação	Destruído
Uso do Solo	Pastoreio	Ameaças	Gado
Acessos	EN 243 (Chouto-Bemposta), ao Km 74 cortar em direção as Talasnas pela EM.		

Descrição	<p>Este engenho fazia parte do conjunto de moinhos de rodízio que se encontravam instalados nas margens da Ribeira de Muge.</p> <p>O Moinho das Talasnas, atualmente, encontra-se em ruínas e todo ele coberto de vegetação, segundo os caseiros do Casal de Talasnas.</p> <p>Através da atribuição de uma cronologia da fundação do engenho, a partir da documentação consultada, não nos foi possível chegar a uma conclusão sobre a época em que este foi erguido. A documentação existente não é clara nem precisa no que diz respeito a esta matéria, no entanto a partir da integração do Chouto e suas terras na <i>Casa do Infante</i> (séc.: XVII) é provável que este já existisse, ou fosse edificado nessa época e fosse utilizado ao longo do tempo, como é o caso dos Moinhos da Ribeira de Ulme. Contudo, não passa de uma mera hipótese.</p>
-----------	--

Bibliografia	COELHO, António Matias (1995) – <i>Cadernos da Ascensão. A Água</i> . Chamusca: Câmara Municipal da Chamusca.
--------------	---

Observações	Propriedade privada e com vedação pela existência de gado bravo no local.
-------------	---

Registo Cartográfico

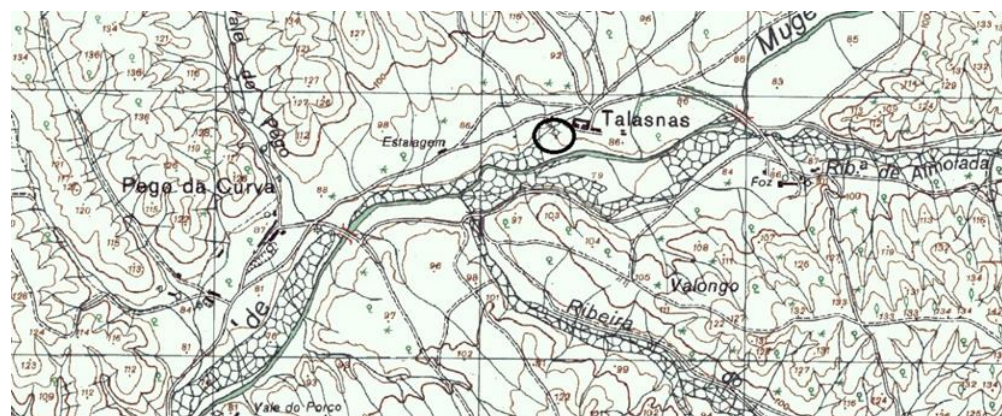


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 366.

Registo Fotográfico

Ficha N°	131		
Designação	Moinho do Pego da Curva		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Chouto	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 81m
CMP 1:25 000 folha n°	366	P Cronológico	Indeterminado/ Moderno (?)
Coordenada (N)	39°10'48.77"N	Coordenada (W)	8°21'52.25"W
Tipo de Sítio	Moinho	Estado de Conservação	Destruído
Uso do Solo	Pastoreio	Ameaças	Gado
Acessos	EN 243 (Chouto-Bemposta), ao Km 74 cortar em direção ao Pego da Curva pela EM.		

Descrição	<p>Este engenho fazia parte do conjunto de moinhos de rodízio que se encontravam instalados nas margens da Ribeira de Muge.</p> <p>O Moinho do Pego da Curva, atualmente, encontra-se em ruínas e todo ele coberto de vegetação, segundo os caseiros do Casal de Talasnas.</p> <p>Através da atribuição de uma cronologia da fundação do engenho, a partir da documentação consultada, não nos foi possível chegar a uma conclusão sobre a época em que este foi erguido. A documentação existente não é clara nem precisa no que diz respeito a esta matéria, no entanto a partir da integração do Chouto e suas terras na <i>Casa do Infante</i> (séc.: XVII) é provável que este já existisse, ou fosse edificado nessa época e fosse utilizado ao longo do tempo, como é o caso dos Moinhos da Ribeira de Ulme. Contudo, não passa de uma mera hipótese.</p>
-----------	--

Bibliografia	COELHO, António Matias (1995) – <i>Cadernos da Ascensão. A Água</i> . Chamusca: Câmara Municipal da Chamusca.
--------------	---

Observações	Propriedade privada e com vedação pela existência de gado bravo no local.
-------------	---

Registo Cartográfico

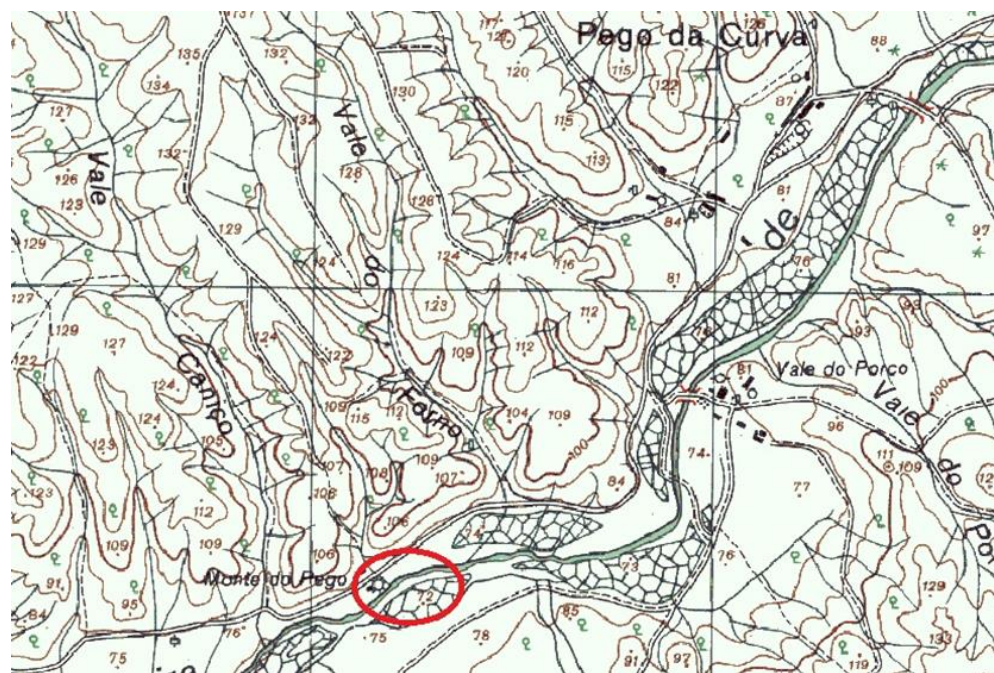


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 366.

Registo Fotográfico

Ficha N°	132		
Designação	Moinho de Vale Flores		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Parreira	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 53m
CMP 1:25 000 folha n°	366	P Cronológico	Indeterminado/ Moderno (?)
Coordenada (N)	39°10'46.91"N	Coordenada (W)	8°26'46.94"W
Tipo de Sítio	Moinho	Estado de Conservação	Mau
Uso do Solo	Agrícola	Ameaças	Agricultura
Acessos	EM 557 (Paços Velhos-Parreira), Moinho de Vale Flores, Parreira, Chamusca. Acesso por terra batida.		

Descrição	<p>Este engenho fazia parte do conjunto de moinhos de rodízio que se encontravam instalados nas margens da Ribeira de Muge.</p> <p>No local com o nome de Moinho de Vale Flores existiram dois moinhos. Atualmente, só existe um deles, por ter sido demolido o outro.</p> <p>No moinho que ainda existe, observa-se um edifício de planta retangular, de construção em tijolo e pedra, tendo as paredes rebocadas e caiadas, com um telhado de duas águas.</p> <p>No exterior, foi possível observar dois caboucos, de arco de volta perfeita, que foram tapados e dos quais saem, atualmente, tubos de irrigação dos campos.</p> <p>No interior, foi possível observar que o edifício é utilizado como arrecadação, encontrando-se restos de uma das estruturas de moagem com as respetivas mós em pedra.</p> <p>Através da atribuição de uma cronologia da fundação do engenho, a partir da documentação consultada, não nos foi possível chegar a uma conclusão sobre a época em que este foi erguido. A documentação existente não é clara nem precisa no que diz respeito a esta matéria, no entanto a partir da integração do Chouto e suas terras na <i>Casa do Infante</i> (séc.: XVII) é provável que este já existisse, ou fosse edificado nessa época e fosse utilizado ao longo do tempo, como é o caso dos Moinhos da Ribeira de Ulme. Contudo, não passa de uma mera hipótese.</p>
-----------	---

Bibliografia	COELHO, António Matias (1995) – <i>Cadernos da Ascensão. A Água</i> . Chamusca: Câmara Municipal da Chamusca.
--------------	---

Observações	Propriedade privada.
-------------	----------------------

Registo Cartográfico

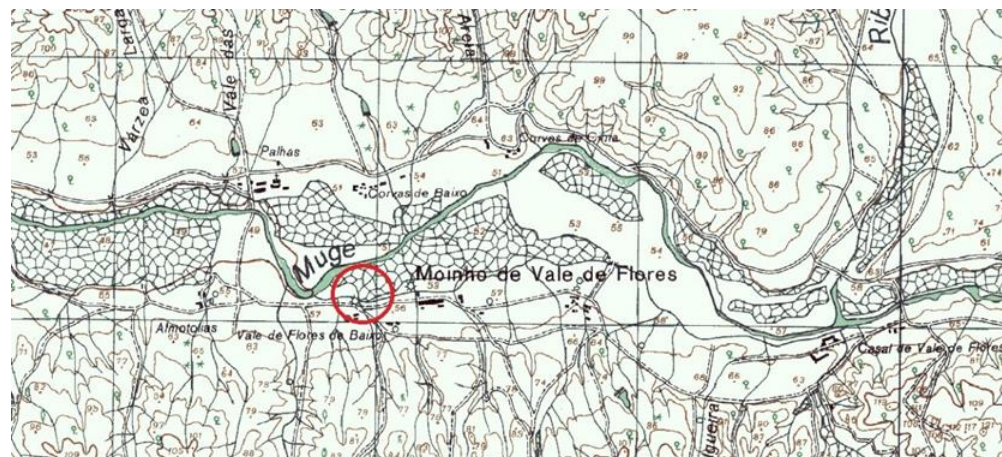


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 366.

Registo Fotográfico



Figura 2- Vista exterior do edifício.



Figura 3- Pormenor das saídas de águas com atualmente tubos de rega



Figura 4- Interior do edifício.



Ficha N°	133		
Designação	Moinho do João Oliveira		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Chouto	Topónimo	Gaviãozinho
CNS		IPA	Altitude (m) 108m
CMP 1:25 000 folha n°	354	P Cronológico	Indeterminado/ Moderno (?)
Coordenada (N)	39°14'59.98"N	Coordenada (W)	8°20'32.06"W
Tipo de Sítio	Moinho	Estado de Conservação	Destruído
Uso do Solo	Baldio	Ameaças	Vegetação
Acessos	EN 243 (Chouto-Bemposta), no cruzamento entre o Km 64 e 65, depois de passar o Gaviãozinho cortar à esquerda, e seguir em direção ao Casal do Boavista.		
Descrição	<p>Este engenho fazia parte do conjunto de moinhos de rodízio que se encontravam instalados nas margens da Ribeira do Gavião.</p> <p>O nome do Moinho do João Oliveira ficou na toponímia por ser o nome do último moleiro que lá trabalhou. Segundo a população teve outros nomes, mas que se perderam no tempo. Este moinho foi demolido não há muitos anos, segundo a população.</p> <p>Através da atribuição de uma cronologia da fundação do engenho, a partir da documentação consultada, não nos foi possível chegar a uma conclusão sobre a época em que este foi erguido. A documentação existente não é clara nem precisa no que diz respeito a esta matéria, no entanto a partir da integração do Chouto e suas terras na <i>Casa do Infante</i> (séc.: XVII) é provável que este já existisse, ou fosse edificado nessa época e fosse utilizado ao longo do tempo, como é o caso dos Moinhos da Ribeira de Ulme. Contudo, não passa de uma mera hipótese.</p>		
Bibliografia	COELHO, António Matias (1995) – <i>Cadernos da Ascensão. A Água</i> . Chamusca: Câmara Municipal da Chamusca.		
Observações	Propriedade privada.		

Registo Cartográfico

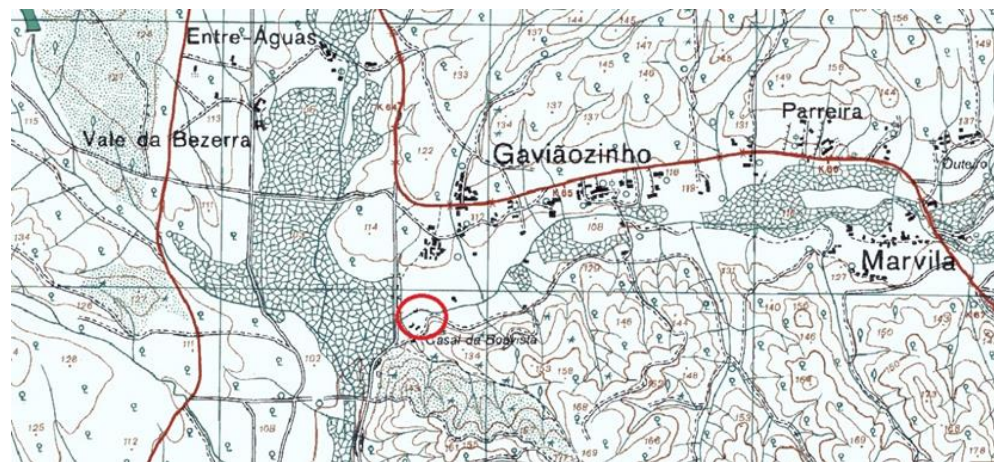


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 354.

Registo Fotográfico

Ficha N°	134		
Designação	Moinho do Geraldo		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Chouto	Topónimo	Giraldo
CNS		IPA	Altitude (m) 108m
CMP 1:25 000 folha n°	354	P Cronológico	Indeterminado/ Moderno (?)
Coordenada (N)	39°13'54.80"N	Coordenada (W)	8°21'47.08"W
Tipo de Sítio	Moinho	Estado de Conservação	Mau
Uso do Solo	Agrícola Baldio	Ameaças	Vegetação
Acessos	EM 557 (Paços Velhos-Parreira), Geraldo, Chouto, Chamusca.		

Descrição	<p>Este engenho fazia parte do conjunto de moinhos de rodízio que se encontravam instalados nas margens da Ribeira do Chouto.</p> <p>No Moinho do Geraldo é possível observar um edifício de planta retangular, de construção em tijolo e pedra, tendo as paredes rebocadas e caiadas, com um telhado de duas águas.</p> <p>No exterior, foi possível observar dois caboucos, de arco de volta perfeita que se encontram, praticamente, na sua totalidade cobertos por vegetação muito densa.</p> <p>Não foi possível aceder ao interior do moinho porque a vegetação era muito densa.</p> <p>Em redor do edifício observaram-se mós de pedras, tendo ainda uma delas o veio introduzido.</p> <p>Através da atribuição de uma cronologia da fundação do engenho, a partir da documentação consultada, não nos foi possível chegar a uma conclusão sobre a época em que este foi erguido.</p> <p>A documentação existente não é clara nem precisa no que diz respeito a esta matéria, no entanto a partir da integração do Chouto e suas terras na <i>Casa do Infante</i> (séc.: XVII) é provável que este já existisse, ou fosse edificado nessa época e fosse utilizado ao longo do tempo, como é o caso dos Moinhos da Ribeira de Ulme. Contudo, não passa de uma mera hipótese.</p>
-----------	--

Bibliografia	COELHO, António Matias (1995) – <i>Cadernos da Ascensão. A Água</i> . Chamusca: Câmara Municipal da Chamusca.
--------------	---

Observações	Propriedade privada.
-------------	----------------------

Registo Cartográfico

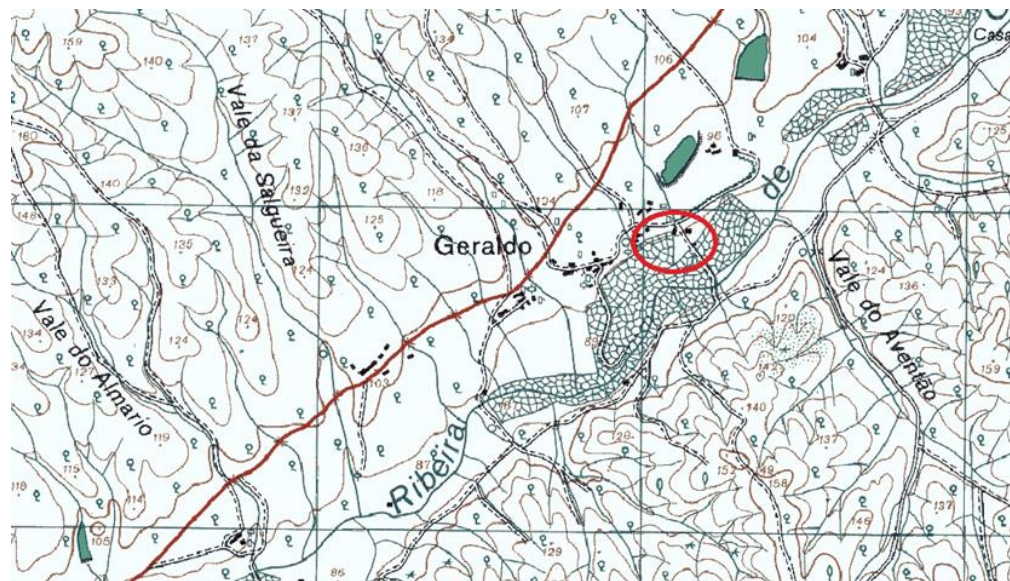


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 366.

Registo Fotográfico



Figura 2- Vista do edifício coberto por vegetação.



Figura 3- Vista frontal do edifício coberto por vegetação.



Figura 4- Vista traseira do edifício coberto por vegetação.

Ficha N°	135		
Designação	Moinho da Parreira		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Parreira	Topónimo	
CNS		IPA	Altitude (m) 77m
CMP 1:25 000 folha n°	366	P Cronológico	Indeterminado/ Moderno (?)
Coordenada (N)	39°12'51.81"N	Coordenada (W)	8°23'36.74"W
Tipo de Sítio	Moinho	Estado de Conservação	Regular
Uso do Solo	Urbano	Ameaças	Vegetação
Acessos	Travessa do Moinho, Parreira, Chamusca.		

Descrição	<p>Este engenho fazia parte do conjunto de moinhos de rodízio que se encontravam instalados nas margens da Ribeira do Chouto. ,</p> <p>No Moinho da Parreira é possível observar um edifício de planta retangular, de construção em tijolo e pedra, tendo as paredes rebocadas e pintadas de vermelho, com duas janelas viradas para a fachada principal, como para a traseira do edifício. Salientamos que já no séc.: XX foi feito um anexo do lado esquerdo do edifício, para que fosse inserido um motor para mover um dos três engenhos de moagem. Todo o edifício é coberto por um telhado de duas águas, estando o tanque ou represa exterior, que continha a água, seco e com muita vegetação.</p> <p>No exterior, foi possível observar três caboucos, de arco de volta perfeita com os respetivos cubos ainda no local, bem como os rodízios de <i>penas</i> de cada cubo.</p> <p>No interior, foi possível encontrar três sistemas de moagem particamente completos, com a <i>moega</i>, <i>quelha</i>, <i>chamadouro</i> e <i>tremenhado</i>. O sistema de moagem mais à esquerda encontra-se todo ele já adaptado para ser utilizado com o motor, contendo na parte inferior duas rodas dentadas que se encontram ligadas por um veio com uma roda de engrenagem, com um cinto apoiado noutra roda de engrenagem, mais pequena, no motor que faz a transmissão de energia de um eixo para o outro.</p> <p>Através da atribuição de uma cronologia da fundação do engenho, a partir da documentação consultada, não nos foi possível chegar a uma conclusão sobre a época em que este foi erguido. A documentação existente não é clara nem precisa no que diz respeito a esta matéria, no entanto a partir da integração do Chouto e suas terras na <i>Casa do Infante</i> (séc.: XVII) é provável que este já existisse, ou fosse edificado nessa época e fosse utilizado ao longo do tempo, como é o caso dos Moinhos da Ribeira de Ulme. Contudo, não passa de uma mera hipótese.</p>
-----------	---

Bibliografia	COELHO, António Matias (1995) – <i>Cadernos da Ascensão. A Água</i> . Chamusca: Câmara Municipal da Chamusca.
--------------	---

Observações	Segundo informações recolhidas junto do Presidente da Junta de Freguesia, existe um projeto de recuperação deste moinho por parte da Junta de Freguesia da União das freguesias de Parreira e Chouto.
-------------	---



Registo Cartográfico

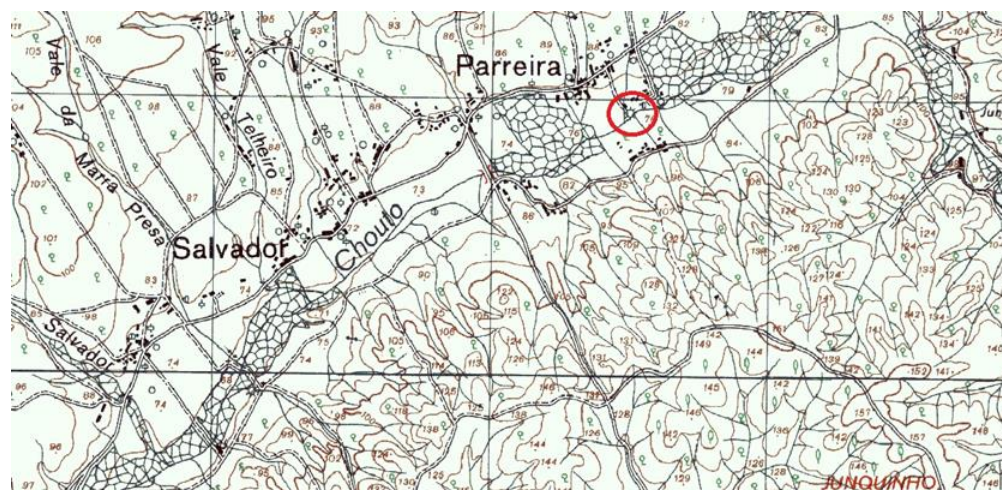


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 366.

Registo Fotográfico



Figura 2- Vista frontal do edifício.



Figura 3- Vista traseira do edifício com as saídas de água.



Figura 4- Vista do interior do edifício.



Ficha N°	136		
Designação	Moinho do Salvador		
Distrito	Santarém	Concelho	Chamusca
Freguesia/Lugar	Parreira	Topónimo	Salvador
CNS		IPA	Altitude (m) 71m
CMP 1:25 000 folha n°	366	P Cronológico	Indeterminado/ Moderno (?)
Coordenada (N)	39°12'28.05"N	Coordenada (W)	8°24'22.56"W
Tipo de Sítio	Moinho	Estado de Conservação	Destruído
Uso do Solo	Agrícola Baldio	Ameaças	Agentes Climáticos
Acessos	EM 557 (Paços Velhos-Parreira), Salvador, Parreira, Chamusca.		

Descrição	<p>Este engenho fazia parte do conjunto de moinhos de rodízio que se encontravam instalados nas margens da Ribeira do Chouto.</p> <p>Do Moinho do Salvador apenas temos a base da estrutura do edifício, tendo sido o restante edifício demolido/caído com o passar do tempo. Devido à vegetação que se apoderou do resto da estrutura, apenas é possível observar que este continha planta retangular de construção de em tijolo e pedra, com paredes rebocadas e caiadas. Os caboucos, de arco de volta perfeita encontram-se, praticamente, na sua totalidade cobertos por vegetação muito densa.</p> <p>Através da atribuição de uma cronologia da fundação do engenho, a partir da documentação consultada, não nos foi possível chegar a uma conclusão sobre a época em que este foi erguido. A documentação existente não é clara nem precisa no que diz respeito a esta matéria, no entanto a partir da integração do Chouto e suas terras na <i>Casa do Infante</i> (séc.: XVII) é provável que este já existisse, ou fosse edificado nessa época e fosse utilizado ao longo do tempo, como é o caso dos Moinhos da Ribeira de Ulme. Contudo, não passa de uma mera hipótese.</p>
-----------	--

Bibliografia	COELHO, António Matias (1995) – <i>Cadernos da Ascensão. A Água</i> . Chamusca: Câmara Municipal da Chamusca.
--------------	---

Observações	Propriedade privada.
-------------	----------------------

Registo Cartográfico

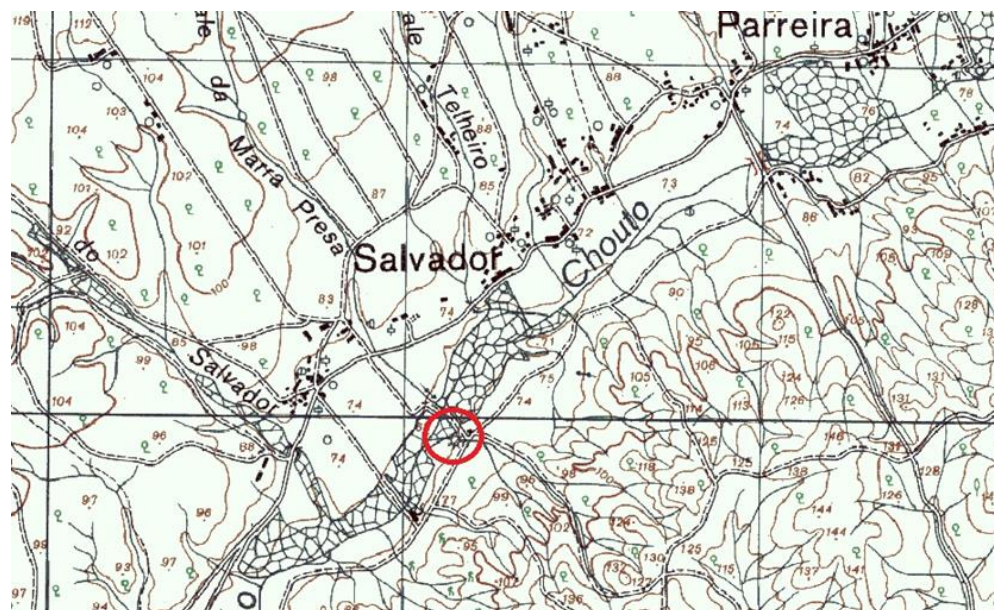


Figura 1 – Localização do sítio no excerto da CMP n.º 366.

Registo Fotográfico



Figura 2- Ruínas do moinho do Salvador.

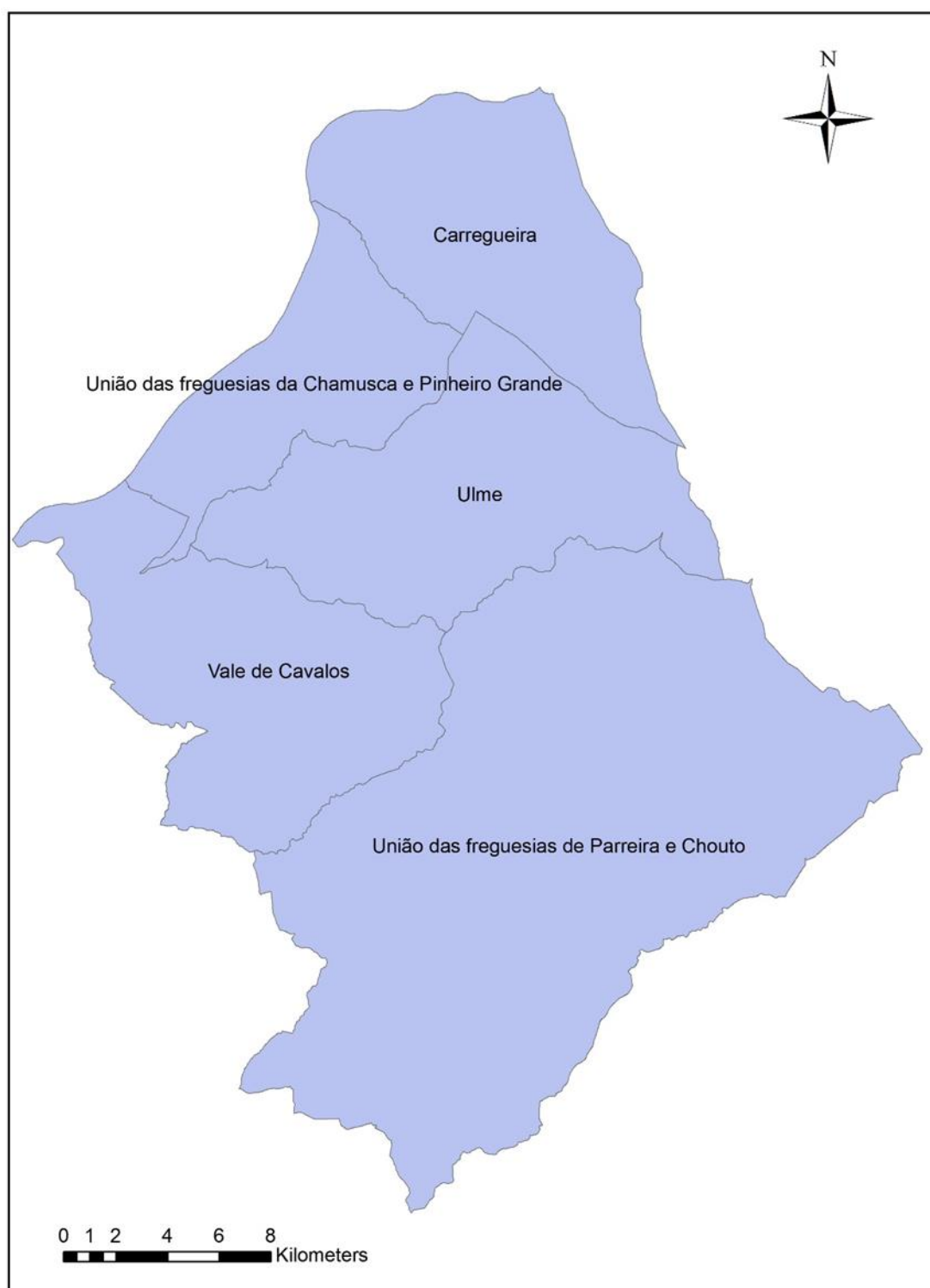
# ANEXO III

## Cartografia<sup>42</sup>

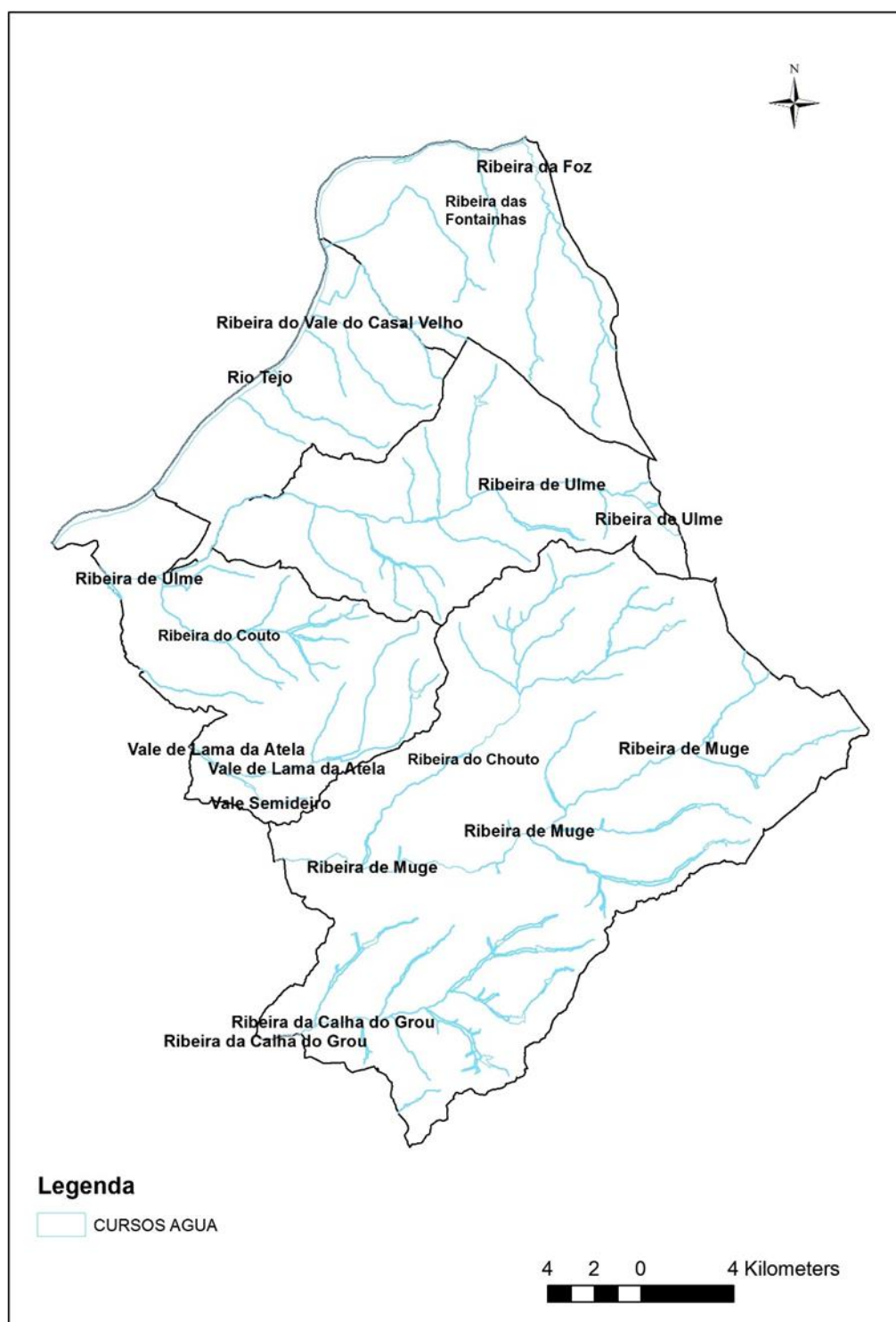
---

<sup>42</sup> Todos os mapas apresentados neste trabalho foram elaborados no programa *ArcGIS 10* e foram adaptados exclusivamente para este trabalho.



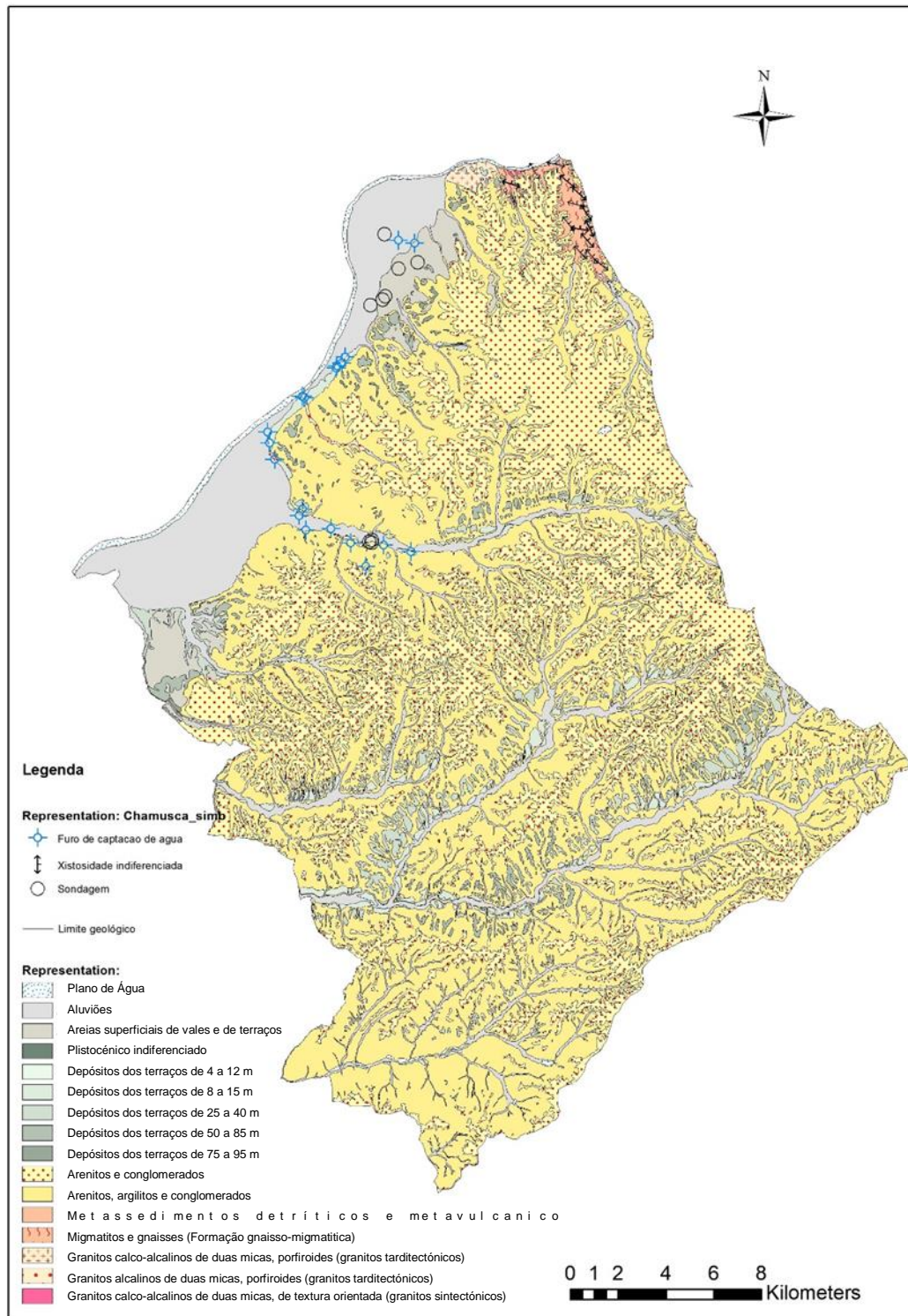


**Mapa 1** – Limites geográficos das freguesias do concelho da Chamusca.

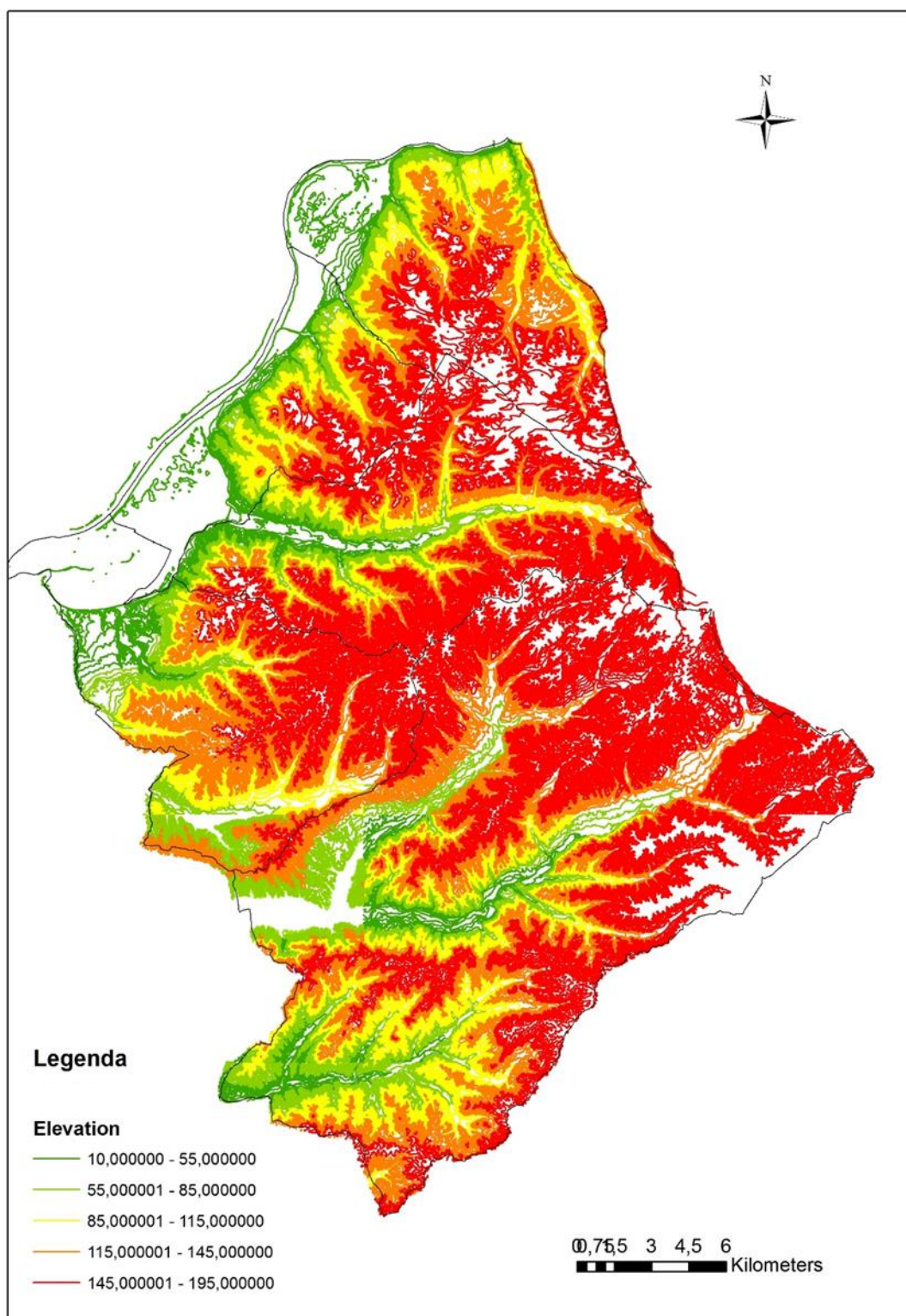


**Mapa 2** – Principais cursos de água do concelho da Chamusca.



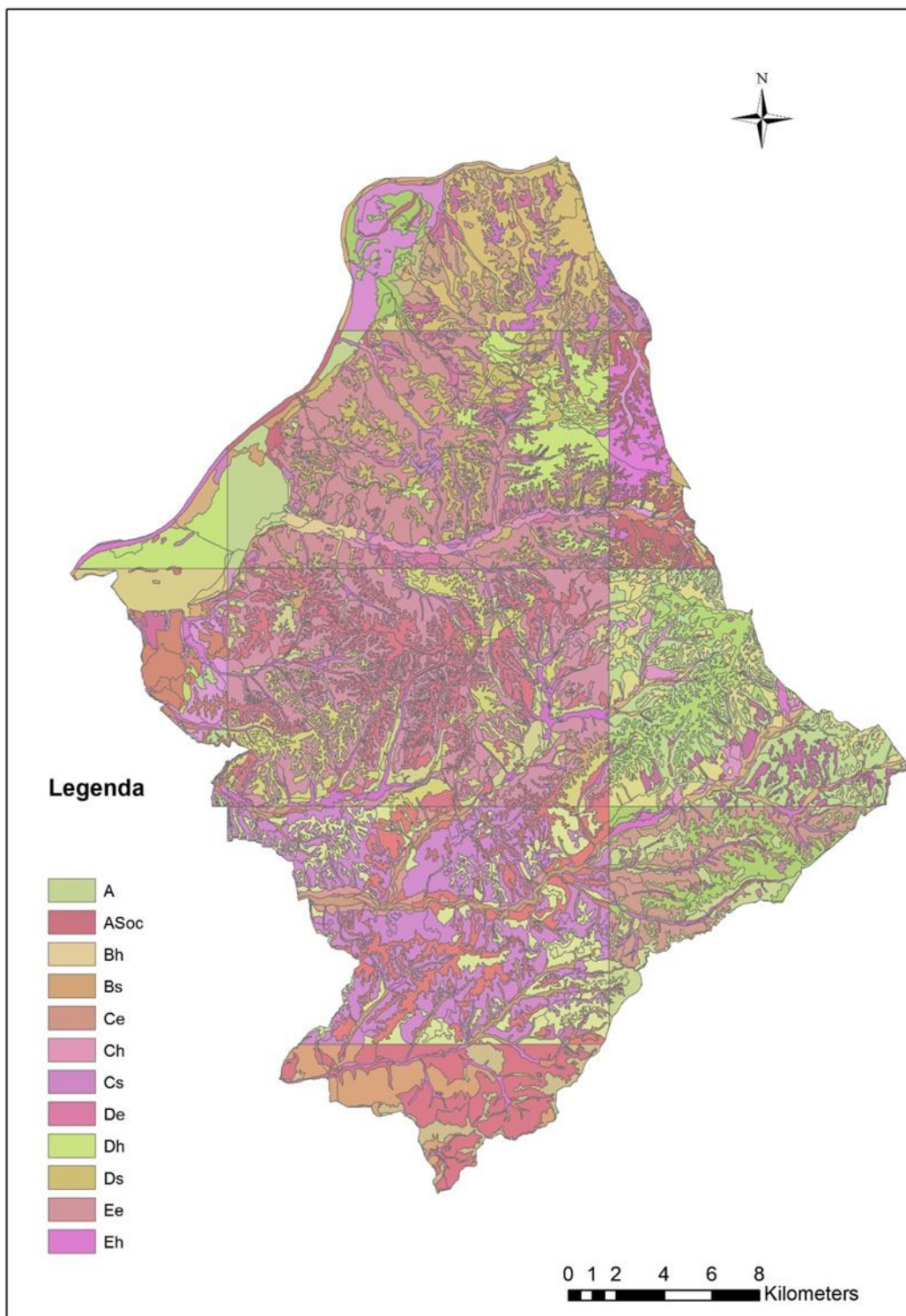


**Mapa 3** – Carta geológica do concelho da Chamusca.



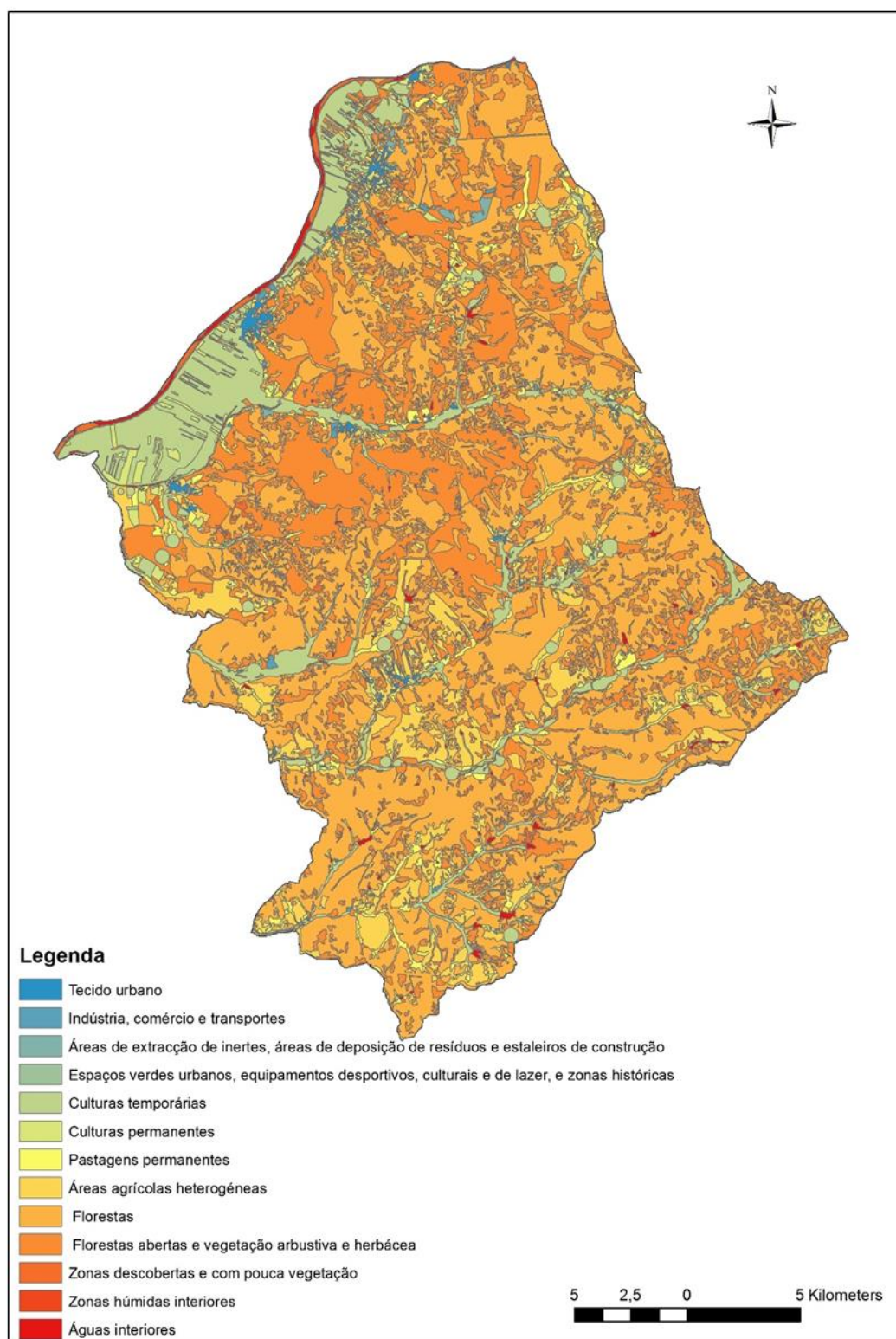
**Mapa 4** – Hipsometria do território do concelho da Chamusca.



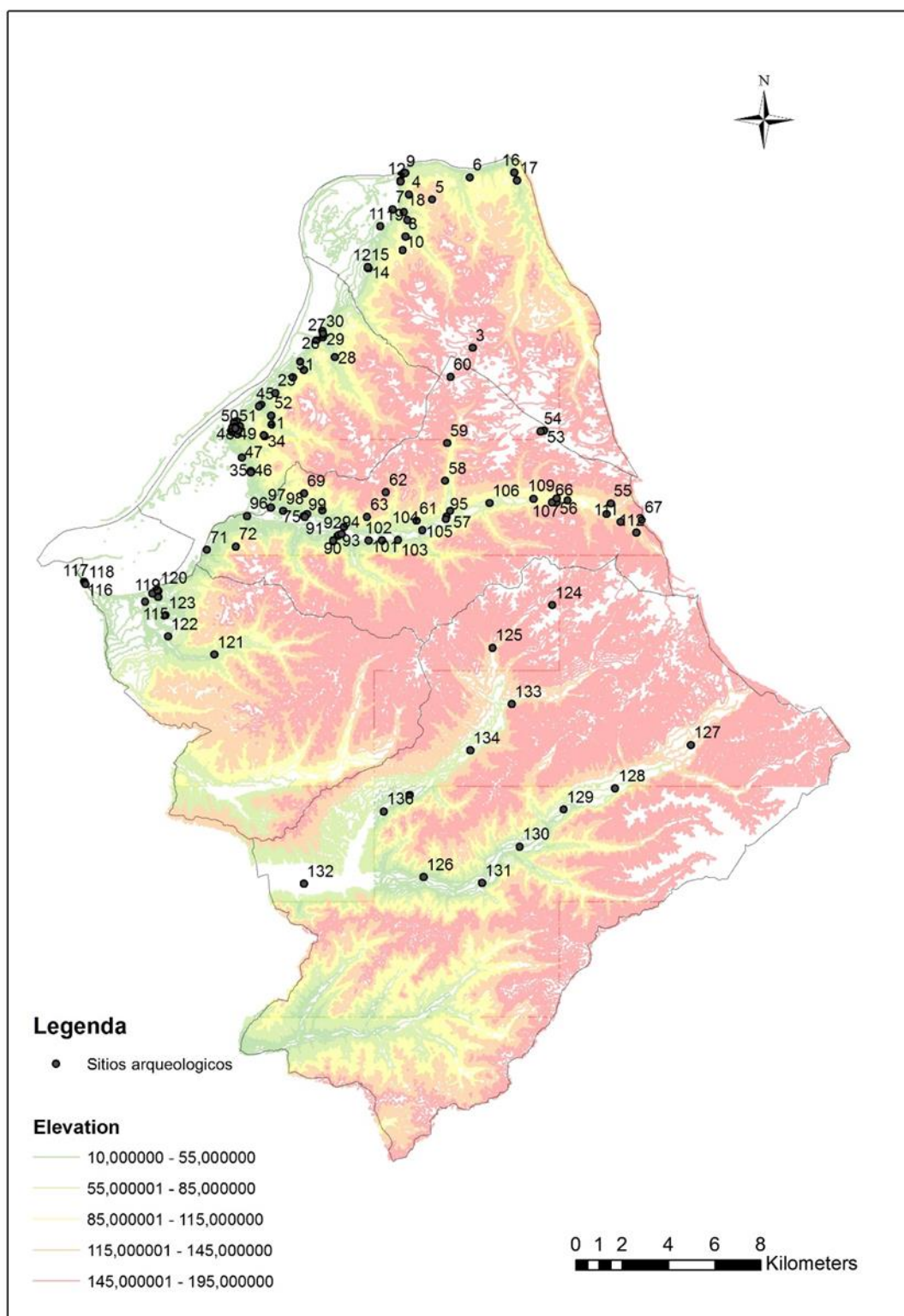


**Mapa 5** – Carta de capacidade de uso dos solos no concelho da Chamusca.

<b>Explicação da Legenda da Carta de Classes de Capacidade de Uso do Solo segundo a Direção Geral de Agricultura</b>	
Classe	Características principais
A	- Poucas ou nenhuma limitações
	- Sem riscos de erosão ou com riscos ligeiros
	- Suscetível de utilização agrícola intensiva
B	- Limitações moderadas
	- Riscos de erosão no máximo moderados
	- Suscetível de utilização agrícola moderadamente intensiva
C	- Limitações acentuadas
	- Riscos de erosão no máximo elevados
	- Suscetível de utilização agrícola pouco intensiva
D	- Limitações severas
	- Riscos de erosão no máximo elevados a muito elevados
	- Não suscetível de utilização agrícola, salvo casos muito especiais
	- Poucas ou moderadas limitações para pastagens, exploração de matos e exploração florestal
E	- Limitações muito severas
	- Riscos de erosão muito elevados
	- Não suscetível de utilização agrícola
	- Severas a muito severas limitações para pastagens, matos e exploração florestal
	- Ou servindo apenas para vegetação natural, floresta de proteção ou de recuperação
	- Ou não suscetível de qualquer utilização
<b>Subclasses:</b>	
e - erosão e escoamento superficial	
h - excesso de água	
s - limitações do solo na zona radicular	

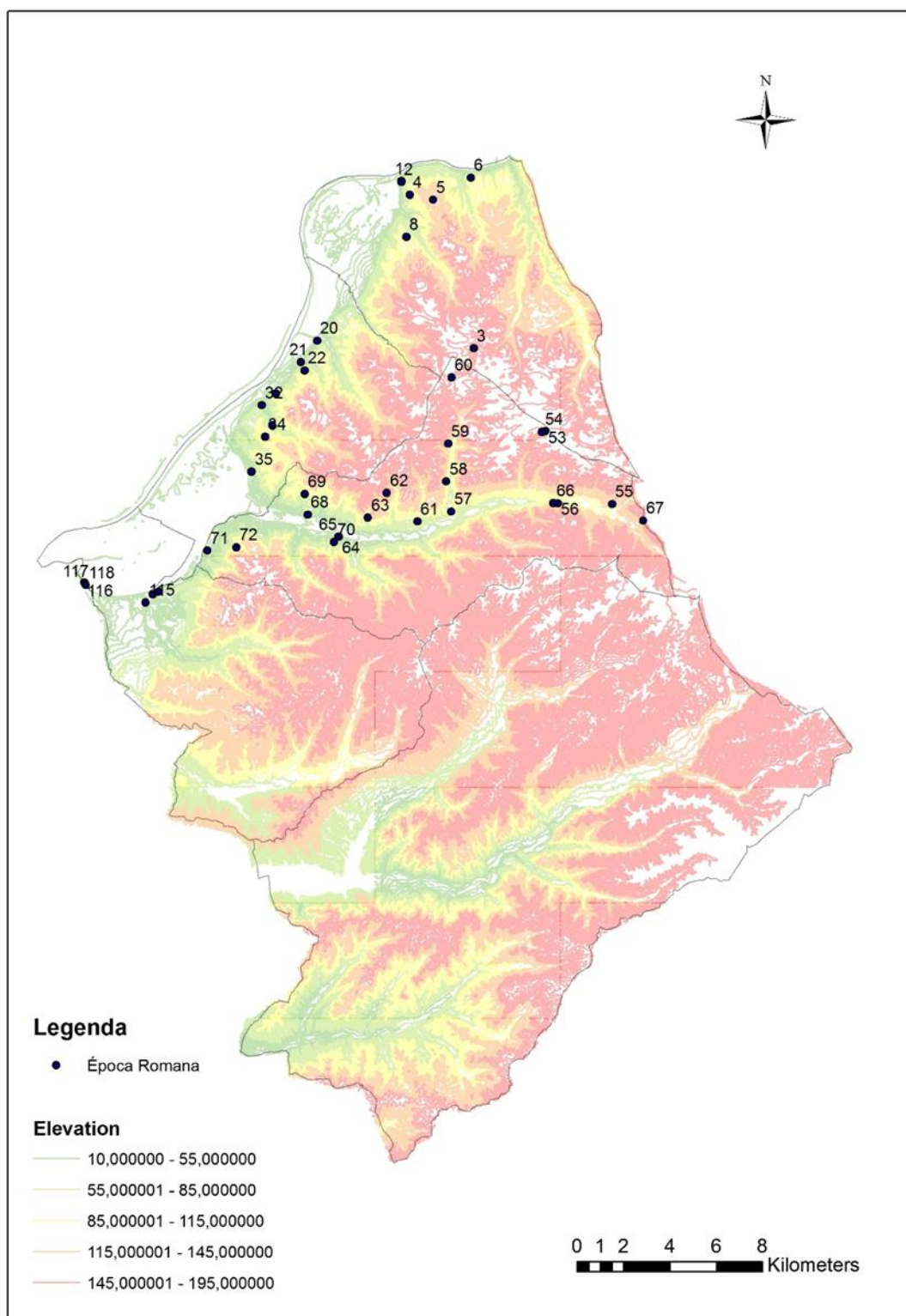


**Mapa 6** – Carta de ocupação do solo no concelho da Chamusca.

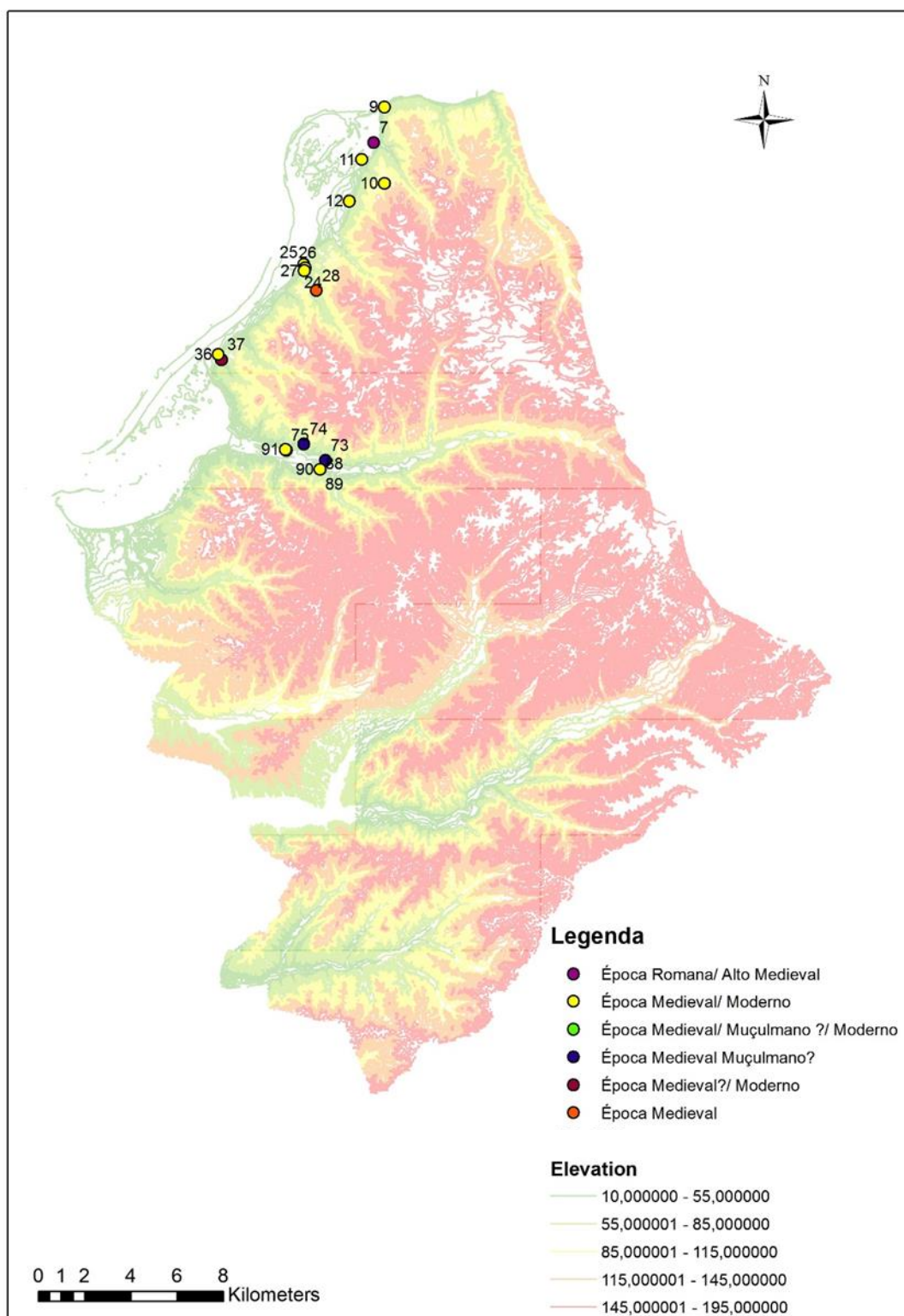


**Mapa 7** – Localização dos Sítios Arqueológicos no concelho da Chamusca entre a Época Romana e a Época Moderna.

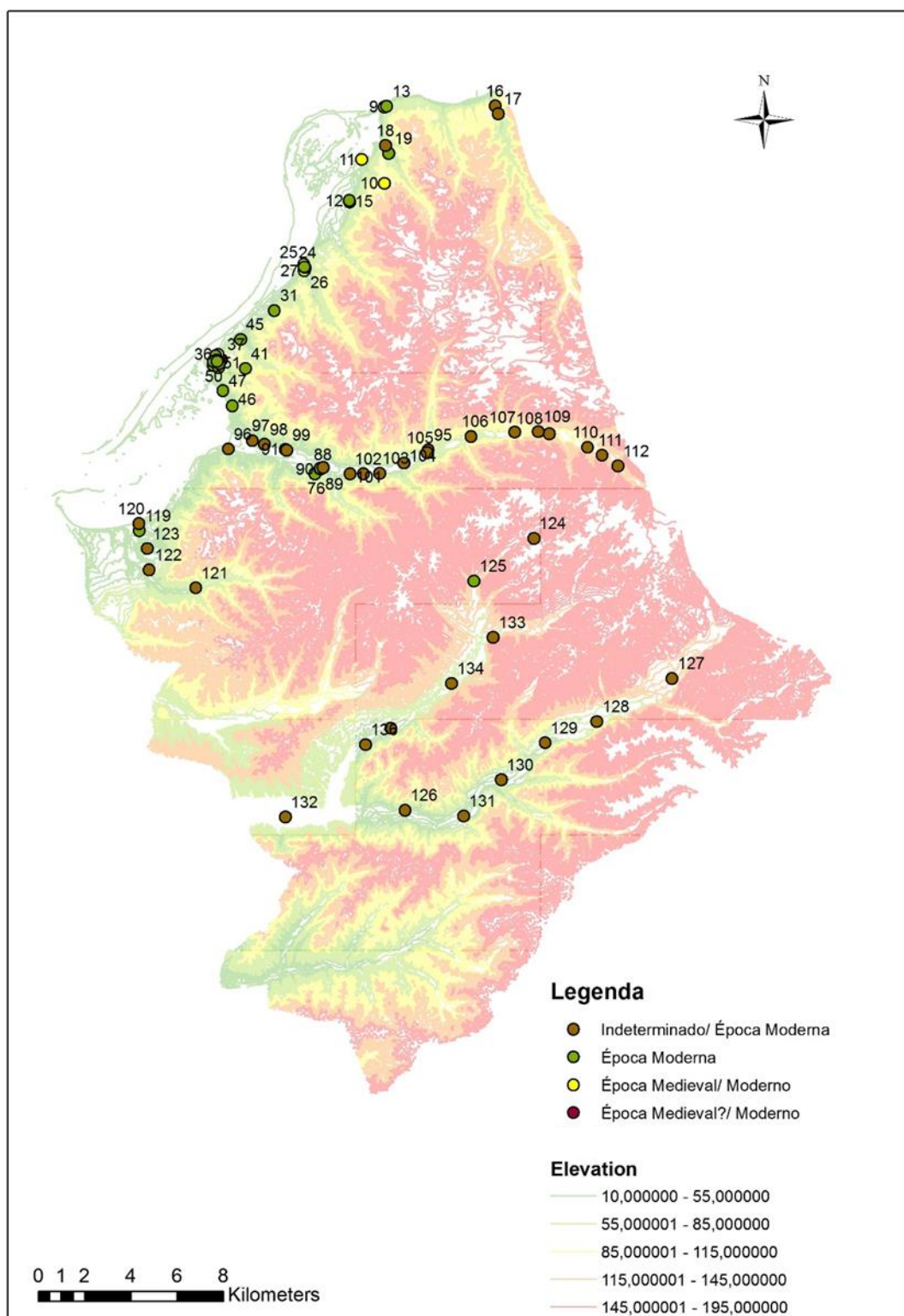




**Mapa 8** - Localização dos Sítios Arqueológicos no concelho da Chamusca da Época Romana.



**Mapa 9** - Localização dos Sítios Arqueológicos no concelho da Chamusca da Época Medieval.



**Mapa 10** - Localização dos Sítios Arqueológicos no concelho da Chamusca da Época Moderna.

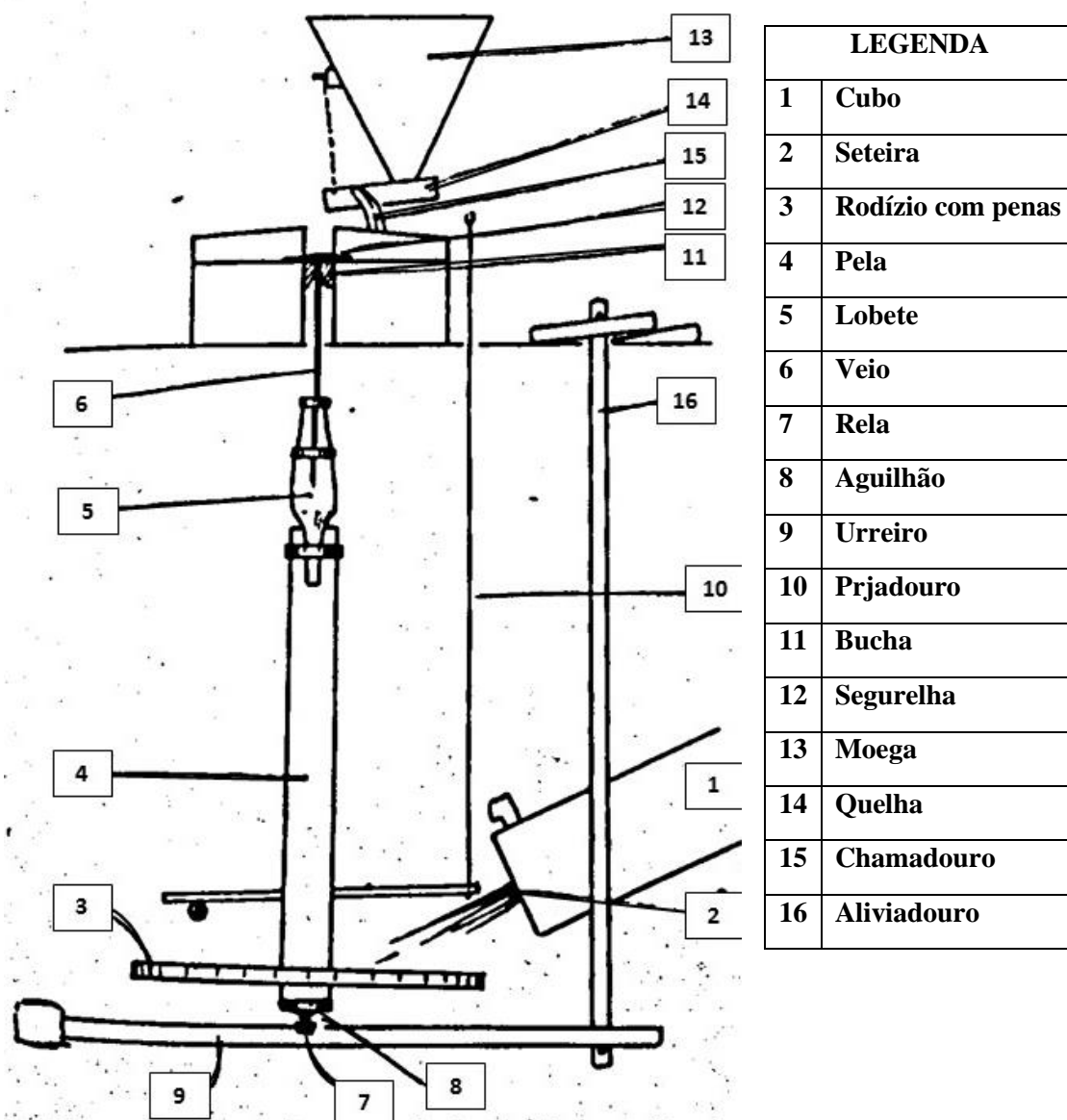


# ANEXO IV

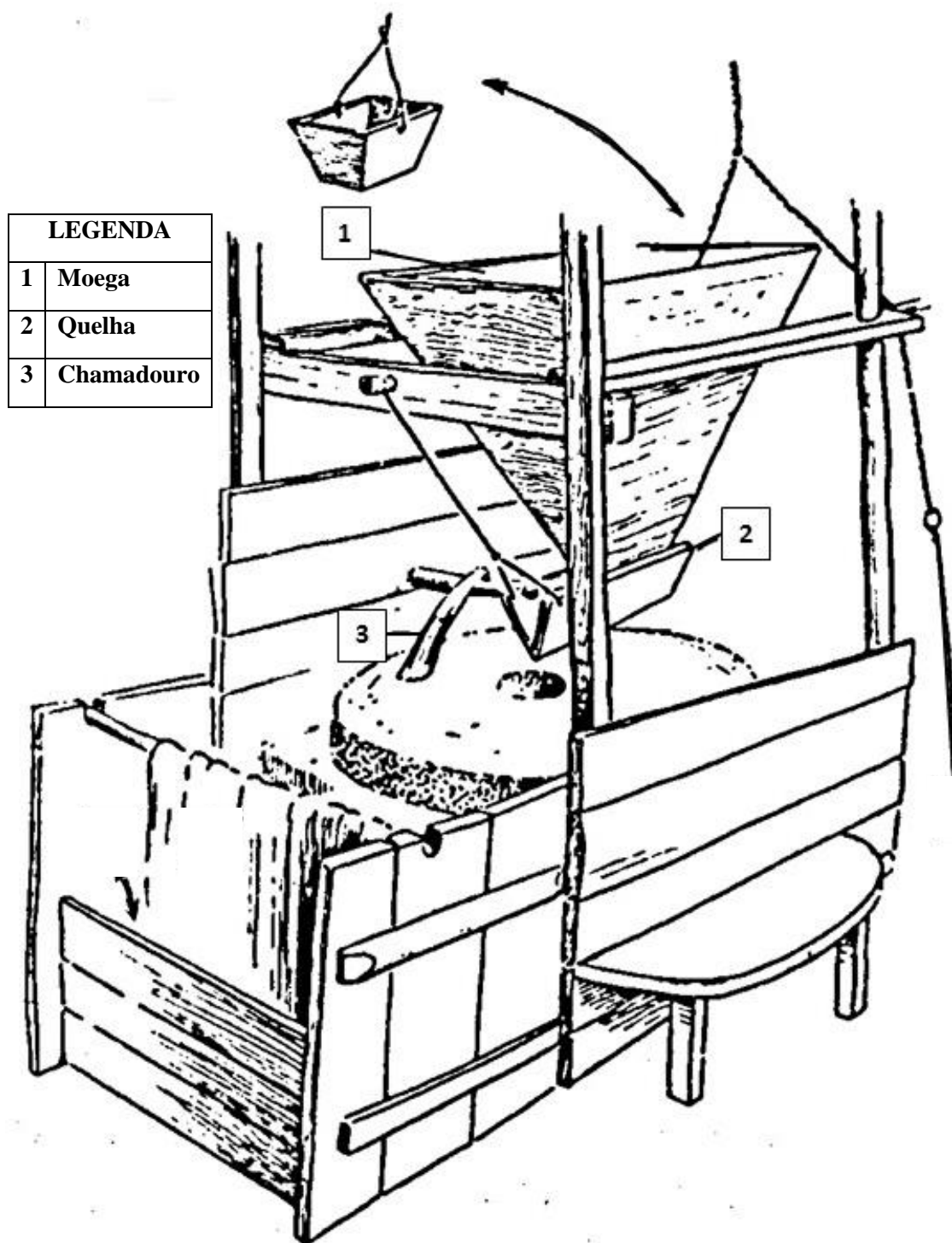
## Gráfico



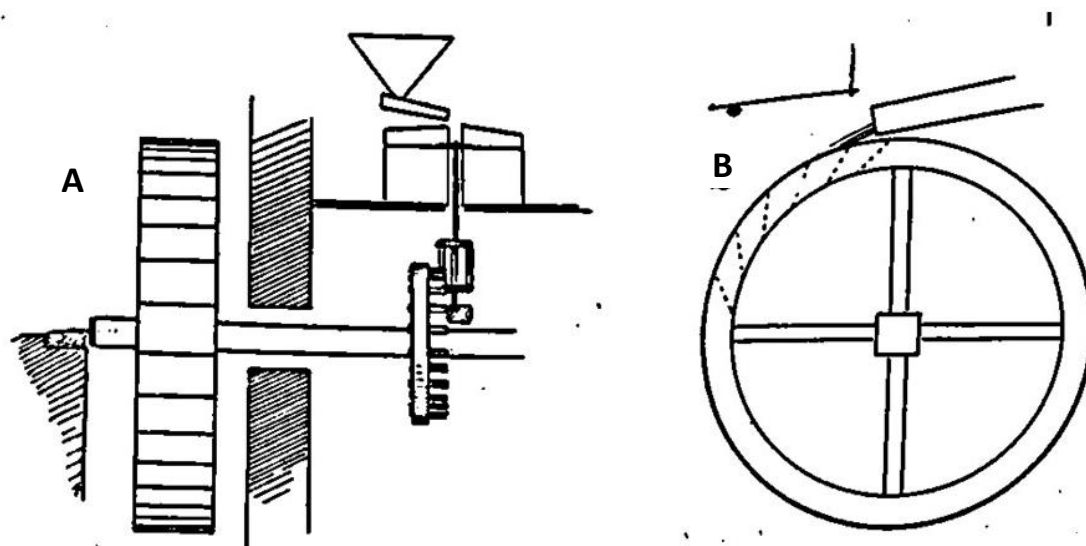




**Figura 1** – Representação esquemática do funcionamento de um moinho de rodízio (adaptado segundo DIAS ET AL, 1959, p. 10).



**Figura 2** – Representação esquemática do funcionamento de moagem (adaptado segundo DIAS ET AL, 1959, p. 15).



**Legenda:**

**A** – Desenho esquemático de uma azenha

**B** – Roda de azenha de copos (propulsão superior)

**Figura 3** - Representação esquemática do funcionamento de uma azenha (adaptado segundo DIAS ET AL, 1959, p. 51).

